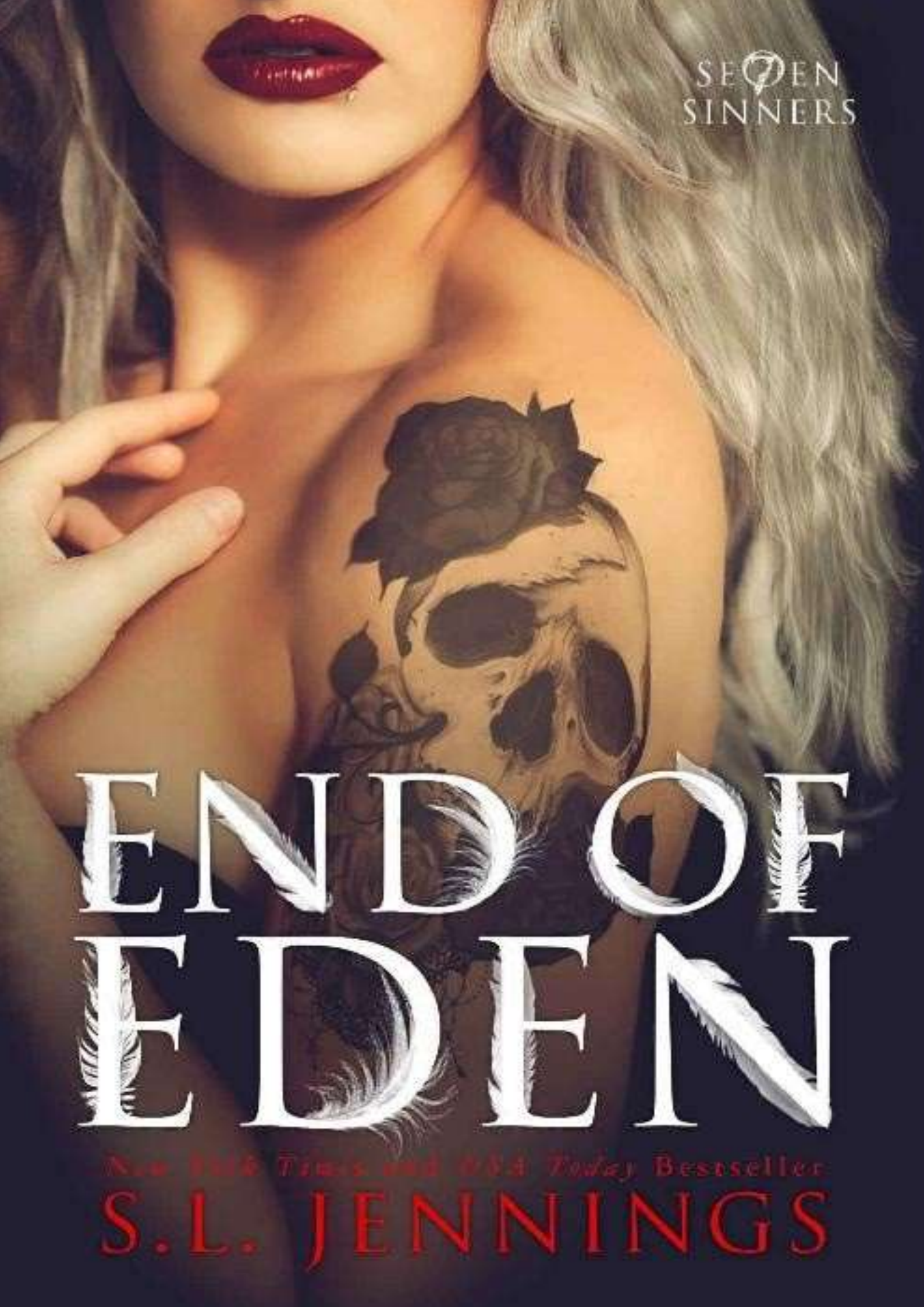




SEVEN
SINNERS

END OF EDEN

New York Times and USA Today Bestseller

S.L. JENNINGS





POISON

PEGASUS

DISPONIBILIZAÇÃO: MERLIN CAT E SORYU MONTEIRO

TRADUÇÃO: CAILLEACH, SRª STORN E MIRSY

REVISÃO INICIAL: SYN LOKER

REVISÃO FINAL: DEMÉTRIA

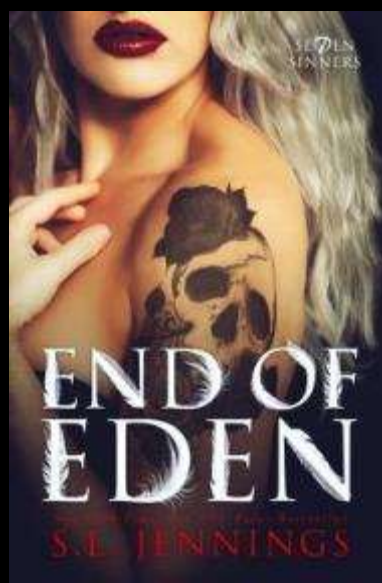
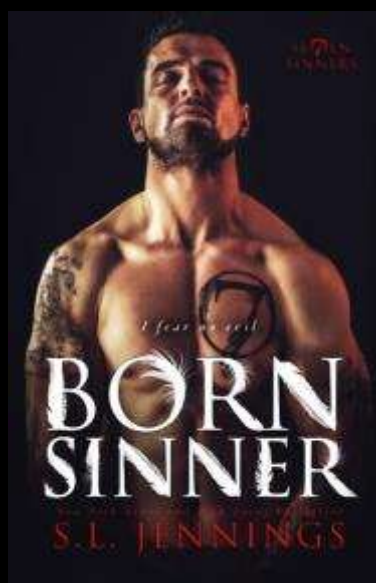
LEITURA FINAL: HÉCATE, JADIS E CIRCE

FORMATAÇÃO: CIRCE



SEVEN SINNERS

S. L. JENNINGS





Eu pensei que conhecia o inferno.

Pensei que tinha vivido no inferno durante todos os anos que passei na Terra - abandonada, esquecida e carregando um segredo tão perigoso que não só me tornou o alvo número 1 do Se7en, mas também me transformou em uma arma mortal, uma ameaça para todo humano que cruzasse meu caminho.

Mas eu estava errada.

Para sobreviver aos planos de Lúcifer, e a sua sede inextinguível de poder, eu tive que entregar minha humanidade. Tive que perder uma parte de mim mesma para encontrar meu caminho de volta para ele.

De volta para o demônio que me salvou, apenas para me destruir logo em seguida.

De volta a Legion.

Mas, mesmo o mal supremo tem seus limites, e os verdadeiros inimigos nunca mostram seus rostos devastadoramente bonitos.

Esqueça o fogo e o enxofre. Eles não são merda nenhuma em comparação com o que está por vir.

Limites centenários serão quebrados. Alianças improváveis serão forjadas. E sangue inocente será derramado. Sangue que manchará minhas mãos pelo resto dos meus dias mortais.

Eu pensei que conhecia o inferno.

Mas eu estava errada.

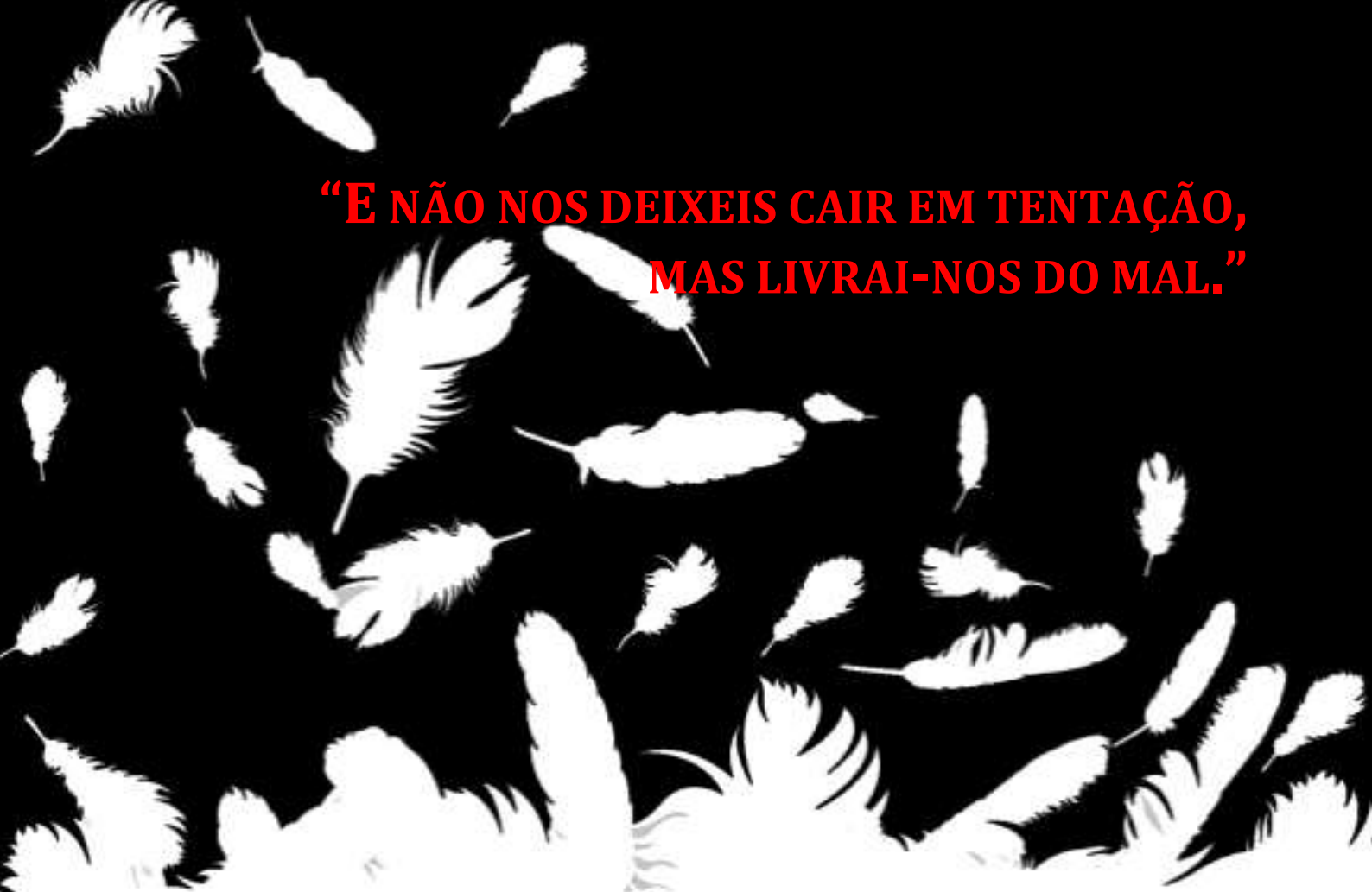
O inferno está chegando.

E o inferno é apenas o começo.



Esse grimório contém:
ELIXIR SOBRENATURAL
Indicado para revigorar
criaturas convalescentes.





**“E NÃO NOS DEIXEIS CAIR EM TENTAÇÃO,
MAS LIVRAI-NOS DO MAL.”**

— Tem certeza que isso vai funcionar?

Legion olha para a adaga na palma da mão, o rubi vermelho no punho aquecendo-se contra sua pele. É uma reação natural aos de sua espécie. O Redentor é uma das suas relíquias mais sagradas. Poucas armas têm o poder de realmente matar demônios. Esta é a única na posse do Se7en, e uma que eles mantiveram escondida por centenas de anos.

— Eu não tenho outra escolha, — responde ele, com a voz rouca quebrando sob a tensão de sua ansiedade. Já tinham se passado vários minutos desde que Eden foi tirada dele. Não. Não tirada. Ela se foi. Ela segurou na mão dele e o deixou. Ela fez sua escolha, e ela não olhou para trás... nem sequer disse adeus.

Merda.

Os minutos continuavam passando. E ele sentia que estava enlouquecendo.

Ele não temia por sua morte voluntária. Ele não dava a mínima em ter que voltar para o inferno para recuperá-la. Ele mataria qualquer um que ficasse em seu caminho, e ninguém iria detê-lo. Porra, eles nem sequer

tentariam. Havia uma razão para que ele fosse reverenciado como um dos demônios mais letais da história, e hoje, ele era grato por essa horrível mancha em sua reputação.

Legion assistia enquanto seus amigos — seus irmãos — lutavam para silenciar seus protestos. Eles sabiam que oporem-se era inútil. E agora que Dorian, o Rei das Trevas, apareceu, esbarrando em seus alarmes e quase sendo decapitado no processo, eles sabiam que Legion iria esgotar todos os esforços e recursos para correr em auxílio a Eden. Mesmo à custa de sua alma irreparável. Mesmo à custa de sua própria vida.

Ele afasta os olhos do punhal na palma da mão, seus olhos prateados cegos pela névoa de raiva e ira. Voltar ao inferno poderia potencialmente significar guerra. E quando o fogo se transformasse em brasas e a fumaça se dissipasse, restariam apenas dois: ele e Lúcifer. E apenas um deles renasceria das cinzas.

Ele caiu do céu, e sobreviveu.

Ele fugiu do inferno, e sobreviveu.

Ele lutou contra o Chamado, contra a Aliança e contra o tormento de cada alma perdida que tomou, e ele sobreviveu a toda essa merda com a cabeça erguida.

Mas perder Eden... para o Diabo, para o mal supremo... isso era algo que ele não seria capaz de sobreviver. Porque ele se recusa a viver um dia — uma porra de minuto — na Terra sem ela.

Legion se volta para Dorian, fixando seu olhar azul pálido naquele cético como aço quente derretido, e acena com a cabeça uma vez.

— Eu tenho certeza, bruxo. Me mande de volta para o inferno.





Estou no inferno.

Em todos os sentidos da palavra.

Mas o que eu espero, o que foi enraizado em mim desde que eu era criança, através de livros, filmes e dos ensinamentos da minha mãe, não é o que me rodeia.

Eu estou de pé em um corredor escuro de rica madeira esculpida, as paredes decoradas com obras de arte clássicas de todos os cantos da terra. Meus olhos incultos digitalizam o grande espaço, observando o que será minha nova casa. Sou teimosa demais para acreditar que isso é algo além de uma ilusão. Um truque cruel, fabricado pelo próprio Diabo, para me fazer acreditar que isso é normal, até mesmo luxuoso. Mas não vou deixar meus olhos me enganarem.

—Bem-vinda, Eden. — Fios sedosos libertam minha mão, e eu dou um passo para trás. Ele me observa atentamente, de perto, com as íris salpicadas de escuridão. —Não é o que você esperava?

Dou de ombros enfaticamente. —Não é quente.

—Não para você, não. Eu quero que você fique confortável aqui.

Me viro para olhar para ele, sem medo de sua beleza sobrenatural. O medo é inútil agora. —Por quê?

Lúcifer encolhe os ombros, meu adversário todo poderoso fingindo indiferença. —Você não é uma prisioneira aqui; sua alma mortal ainda está intacta. E eu lhe disse, Eden... quero protegê-la. Eu quero estar com você.

Seu olhar quase parece sincero. Mas eu sou sábia o suficiente para vê-lo como nada além de um idiota sexy.

—Tanto faz. Olho para longe, meus olhos caindo em uma pintura de um bando de caras velhos com espadas.

—A Ronda Noturna. Rembrandt. É o original. Todos eles são, — diz Lúcifer, seguindo o meu olhar. Sua voz é orgulhosa, como se ele estivesse falando de um filho amado. Como se eu pudesse acreditar que ele é mesmo capaz de sentir qualquer coisa parecida com amor. —Eu me considero um colecionador de coisas raras e bonitas.

As manchas coloridas parecem pulsar na tela, me atraindo para a vida escura cercada por moldura dourada. É estranho, o contrário de qualquer pintura que já vi. Como se houvesse uma alma pulsando bem abaixo dos tons suaves.

Olho para longe.

Talvez se eu não estivesse tão vazia, talvez se eu pudesse me importar, eu a consideraria interessante o suficiente para julgá-la espetacular. Ou, pelo menos, encontraria a beleza escondida dentro da peça centenária. Mas ela só me parece comum. Tudo isso, na verdade. As obras de arte, as tapeçarias, os móveis... são todos frios e incolores.

Deixei-me sentir uma vez. Deixei-me atrair por Legion e seu passado atormentado. Eu me deixei transformar em uma daquelas pessoas que tinha jurado nunca ser: a irremediavelmente estúpida, ingênua e despreocupada garotinha. O tipo de pessoa que se perde ao primeiro gosto de um bom pau após algumas doces palavras sussurradas no escuro. Uma *dessas* meninas. Eu costumava odiar essas meninas. Até mesmo dei-me o trabalho de deixá-las saber disso. Mas elas não se importavam. Elas eram populares e bonitas. Elas usavam roupas de grife e gastavam o dinheiro do papai. Elas não deram a mínima para a estranha com roupas e sapatos de segunda mão. Insultos de

uma pobre delinquente não tinham nenhum peso. Mas as minhas palavras... minhas palavras...

Balancei minha cabeça, dissipando as memórias da minha mente. Há muito tempo me arrependo do passado. Mas, considerando que a linha entre o certo e o errado é tão turva que não posso nem reconhecê-la, pelo que realmente tenho que me sentir arrependida? Sou exatamente quem deveria ser.

Lúcifer se mexe ao meu lado, quase nervoso. Estranho. Ele tinha tanta merda para falar há alguns minutos.

Ele solta um suspiro resignado. —O jantar será servido em algumas horas. Espero que você se junte a mim.

Eu olho para ele, minha expressão tediosa. —Não estou com fome.

—Então você vai se sentar e me assistir comer. — E fácil assim o arroubo e a arrogância se foram, substituídos por uma leve irritação. —Não foi um pedido. — Uma tempestade se forma naqueles olhos cor de crepúsculo e a temperatura na sala aumenta pelo menos vinte graus. —Eden, você está aqui como minha convidada, e eu quis dizer o que eu disse: não tenho planos de machucá-la. Mas você vai jogar pelas minhas regras. Não se engane, eu não sou Legion. Não acho seu jeito desafiador bonito.

Ele solta um suspiro, liberando a tensão em seus ombros juntamente com a temperatura alta, e então sorri. Seus lábios estão gotejando veneno. —Agora, vamos tentar de novo. O jantar será servido em algumas horas. Você vai jantar ao meu lado. Saskia a acomodará em seus aposentos e atenderá às suas necessidades.

Ele acena uma mão, e de algum local desconhecido uma mulher maliciosa de cabelos escuros aparece. Com a cabeça baixa, ela se aproxima com passos tímidos e excitantes. Medo. Esta mulher está tremendo de medo.

—Saskia, certifique-se de que Eden esteja preparada e vestida adequadamente. E tenha certeza que ela esteja confortável em todos os momentos. Tudo o que ela desejar, estará a sua disposição.

—Sim, Mestre, — a pequena fêmea responde. Sua voz é... estranha. Como se ela estivesse se esforçando para falar através de uma garganta fechada. É o som que se faz quando se está à beira de um grito.



Como se ele estivesse sufocando-a com um torno invisível, que esmaga sua traqueia por dentro.

Eu posso sentir o sangue escoar do meu rosto, mas escondo minha reação e me viro para segui-la. Ela não diz nada enquanto me guia de um corredor para outro, enorme. Faço uma anotação mental para não lhe perguntar nada a menos que seja absolutamente necessário.

Nós viramos uma esquina, e minha boca seca.

Há um homem casualmente encostado na parede, impassivelmente observando suas cutículas. Vestido de preto da cabeça aos pés, ele é a combinação perfeita e, para complementar, seu cabelo preto como breu cai sobre sua testa de uma forma deliberadamente desgrenhada. Ele é ligeiramente mais alto que a média, tem ombros largos e queixo quadrado.

Saskia dá passos lentos em direção ao estranho, seu pequeno corpo tremendo com a abordagem. Eu tenho bom senso suficiente para saber que deveria considerar sua linguagem corporal como uma pista: ele é perigoso.

— Vou levá-la a partir daqui Saskia, — o homem diz, sem desviar o olhar de suas unhas.

A mulher vacila, sussurrando com um tremor. — Mas... mas o Mestre disse...

— Seu mestre não vai se importar, nem um pouco. A menos que você queira incomodá-lo e pedir permissão primeiro. Por que não vamos encontrá-lo e investigar isso juntos, pequena?

— Não, — Saskia responde rapidamente, a voz embargada pela tensão. — Não, isso não será necessário. Perdoe-me. — Ela então se vira para mim, seus olhos escuros arregalados de susto, e me dá um aviso silencioso. — Simplesmente diga meu nome quando precisar. Estarei de volta em breve para ajudá-la a se lavar e se vestir. — E então ela desaparece pelo corredor pelo qual acabamos de passar, seus passos rápidos ecoando pelo espaço.

O homem se afasta da parede e, sem uma palavra, começa a andar. Não me atrevo a segui-lo. — Bem... você vem? Ou prefere ficar aqui no corredor?

Peso minhas opções, apenas para descobrir que não tenho nenhuma. Então, com um acesso de raiva frustrada e um rolar de olhos, sigo atrás dele.



—Onde você está me levando? — Faço o melhor para não demonstrar meu medo: medrosos seriam comidos vivos aqui.

—Seu quarto.

Não, com você eu não vou, penso.

Mas, enquanto olho ao redor enquanto passamos porta após porta nesta prisão-palácio, percebo que não tenho escolha a não ser segui-lo. Eu nunca encontraria meu caminho para fora deste labirinto.

Além disso, não há nada que ele possa fazer comigo que já não tenha sido feito. Fui espancada, humilhada, enganada. Não há nenhuma palavra para o que eu sinto... nenhum nível de raiva ou mágoa que consegue resumir a dor intensa em meu peito.

Então eu engulo tudo, encarando tudo isso com uma boa dose de desapego. Emoção não tem lugar aqui. Não para o que está reservado para mim.

Ele para em frente a uma porta que se parece com todas as outras - madeira pesada e polida, maçanetas em ouro - e a abre, esperando que eu entre. Olho para dentro, esperando ver uma cruz de St Andrew¹, correntes e couro. Mas o que encontro é uma grande cama envolta no que parecem ser caros lençóis violetas e marfins. Um armário e uma cômoda encostados contra a parede oposta, enquanto obras de arte caras, para as quais não dou a mínima, decoram as paredes. Sem janelas. Não há necessidade delas aqui em baixo, de qualquer maneira.

O homem entra no quarto como se fosse dono do ar dentro dele, passando por mim e dirigindo-se até uma mesa redonda com uma tigela de frutas frescas. Há também uma garrafa com um líquido âmbar em cima da madeira escura, que ele pega. É nesse momento que dou uma boa olhada nele. E realmente, realmente desejo não tê-lo feito.

Seu rosto é esculpido em alabastro², e desenhado de forma exclusiva. Suas maçãs do rosto são definidas, seu nariz é reto e fino, e seus lábios são

¹ Uma cruz na forma de um "x" (ou seja, a bandeira da Escócia) usado em situações de escravidão. O sujeito é anexado, esgueirado para a cruz e posteriormente torturado. Hoje em dia ligada também a práticas BDSM.

² É um nome aplicado a dois minerais distintos: o gesso (sulfato de cálcio) e a calcite (carbonato de cálcio). O 1º é o alabastro dos dias atuais; o 2º é o alabastro dos antigos. Os dois tipos são distintos entre si pela dureza: o alabastro de gesso é macio, enquanto o alabastro de calcite é bem mais duro.

absurdamente sensuais. Ele é, sem dúvida, muito bonito. Mas não é isso que me para, me congelando no lugar.

São os olhos dele.

Eu conheço esses olhos. É como se já os tivesse visto antes, observado-os bem no âmago de sua sedutora escuridão.

Atravesso o limiar e fecho a porta atrás de mim, medindo meus passos. Ele enche dois copos, mas não me oferece um deles até que tome o seu e sirva outra dose.

—Obrigada, — digo quando ele me passa um dos copos sem se preocupar em virar o olhar azul cristalino na minha direção. Ele tinha acabado de me mostrar que era seguro beber, e essa era toda a garantia que eu precisava.

—Quer me dizer por que está aqui? — Sua voz é fria, mas há um tremor de alegria nela. Tomo um gole do licor forte, saboreando o sabor ácido, porém doce, em minha língua.

—O que você quer dizer?

—Olhe ao seu redor, Eden. Este não é exatamente o Sandals Resort³.

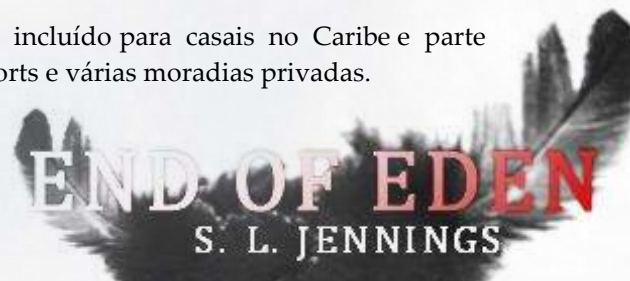
Eu engulo. —Como você sabe meu nome?

Ele tem a coragem de sorrir para mim, como se sua diversão fosse uma bênção. E eu odeio admitir que é. Ele é absolutamente natural, justamente por ser tão involuntariamente bonito.

Ah, a história da minha vida. Em um mundo de segredos e mentiras, dor e miséria, estou constantemente cercada por criaturas assustadoramente deslumbrantes, ricas em mitos e fantasias. O Seten. Bruxos. E até mesmo Lúcifer, em todo seu terror glorioso. Há tanta beleza dentro dessa mancha feia e escura de perversidade... como se ainda precisasse de outro motivo para lembrar o que eu sou: patética e tragicamente humana.

—Você realmente acredita que acabou aqui por acaso? Era só uma questão de tempo. Mas, para ser honesto, esperava que você tivesse um pouco mais de auto-respeito. Pena.

³ Sandals Resorts é um operador jamaicano de resorts com tudo incluído para casais no Caribe e parte da Sandals Resorts International (SRI), empresa-mãe de Sandals Resorts e várias moradias privadas.



Seu sorriso se torna selvagem... letal. Se eu fosse tentar adivinhar, o estranho brilho de seus olhos é mais animal do que humano. Talvez seja um dom. Talvez ele rasgue minha garganta e me poupe de tudo o que está planejado para mim aqui em baixo.

—A esperança é para os fracos, — retruco com frieza antes de tomar outro gole do licor âmbar. A queimadura em minha garganta não é nada, já que não me permito senti-la. —E você está errado.

—Então você acha que é forte. — Ele bufa sardonicamente. —Bom. Vai precisar ser muito forte se quiser sobreviver por tempo suficiente para cair fora daqui inteira.

—E se eu não for?

Ele dá de ombros, levando o copo de cristal aos lábios. —Então estamos todos fodidos. E muitos de nós terão morrido por nada.

Ele engole o resto de sua bebida e bate o copo em cima da mesa, enviando uma onda de choque tenso ao redor da sala. O estalo salta pelas paredes antes de se estabelecer entre nós em pegajosas moléculas cansadas. A ansiedade é tão espessa que eu posso senti-la... saboreá-la.

—Eu nunca vou sair daqui, — encontro-me sussurrando essas cinco pequenas palavras de uma maneira desdenhosa.

—Não, deste jeito você não vai. — Ele me encara, avaliando meu corpo de cima a baixo, e me fazendo lembrar da minha aparência desgrenhada.

Apenas algumas horas atrás, eu estava cruzando as ruas lamacentas de Chicago com um sorriso estúpido grudado em meu rosto, olhando para o homem... para o demônio... Por quem eu tinha me permitido apaixonar-me. Em seguida, em um flash claro de vingança e metal retorcido, o jaguar de Legion se chocou com a frente de um carro blindado. Pelo menos foi isso o que Lúcifer disse depois que nos arrancou do meio dos destroços e nos amarrou dentro daquele quarto de concreto. Meu quarto. O quarto dos meus pesadelos, onde eu torturo e mutilo minha irmã adotiva e outros inocentes. Tudo para fazer Lúcifer feliz. Tudo para saciar a violência escura dentro de mim que anseia por carnificina...

Mas não: eu troquei aquela escuridão pela vida da minha irmã. Meu ato altruísta final sobre a Terra.



Eu queria que pudesse ter sido apenas isso — altruísmo. Mas verdade seja dita, minha escuridão não foi páreo para a dor que senti depois de descobrir que eu não era nada mais que um peão para o Se7en. E eu servi bem ao meu propósito. Checkmate.

Agora aqui estou: a cativa voluntária do Inferno.

O estranho escuro anda até o guarda-roupa e, mesmo sem sacudir um dedo, ele o abre, mostrando uma série de paetês, rendas e seda, tudo absurdamente caro, sem dúvida. Ele pega um vestido cor de rubi brilhante e o estende para mim.

— E o que eu vou fazer com isso?

— Que diabos você acha? — Ele responde com um brilho sinistro nos olhos. — Use-o.

— E por que eu deveria?

— Porque o nosso amigo gosta de coisas bonitas. E agora, você é seu brinquedo mais intrigante. Vamos mantê-lo assim apenas por um pouco mais de tempo. Ele não reage bem ao tédio.

Não posso discutir com isso. Ainda assim, não entendo por que... porque é que este estranho homem atraente está me ajudando? O que significa isso tudo para ele?

Bebo o que sobrou da minha bebida e largo o copo antes de ir até onde ele está parado, ostentando um ar de confiança tão potente que é quase palpável. Ergo meu queixo em desafio e fixo meu olhar treinado em seus olhos deslumbrantes da cor de águas-marinhas, antes de pegar o pedaço de seda vermelha e lantejoulas de sua mão.

— Não tente entrar em minha mente. — Ele bate um dedo em sua têmpora. — Não vai funcionar, e provavelmente te matará.

Estreito meu olhar com irritação. — E quem você deveria ser? Minha fada madrinha malvada?

Ele levanta uma sobrancelha escura. — Pode-se dizer isso. Mas eu estava esperando que pudéssemos começar sendo... amigos. — A palavra *amigos* rasteja pela minha espinha, deixando um rastro de frio cortante por onde passa.

— Então... quem é você? — A pergunta é marcada pela exigência.



Ele sorri, sua beleza antinatural me desarmando, e avança, fechando a curta distância entre nós. O frio mentolado de sua respiração beija meu rosto antes de deslizar pelo meu peito. —Você já sabe quem eu sou, Eden, — ele responde, seu sorriso se transformando em algo muito mais sedutor do que aquilo que estou preparada para encarar. —Sou Nikolai Skotos. Mas você pode me chamar de Niko.

—Você.

—Eu.

Seus olhos são como agulhas em minha pele, e eu tremo em minhas botas sujas de sangue. Eu não sinto qualquer dor, mas os tremores poderiam ser efeito do choque, ou do líquido âmbar atualmente agitando meu estômago. Eu sou suficientemente inteligente para não confiar em meu próprio corpo agora. Dou um passo para trás, recuando de seu olhar especulativo, e largo o vestido brilhante em uma poltrona próxima.

—Então você é... aquele que L deve encontrar.

Ele acena, seu rosto etéreo ostentando uma máscara de malícia calculada. Amigo ou inimigo, este homem tem maldade correndo por suas veias. —Eu sou. E você me encontrou. Ou devo dizer, eu te encontrei. Você é uma felizarda.

—Sou?

—Acho que sim. — Ele caminha para outro armário de madeira pesada, que contém filas e filas de sapatos. Todos de salto, e de todas as alturas e estilos, de sandálias de tiras até sapatos *foda-me*. Um zumbido baixo irradia de seu peito enquanto ele contempla as opções apresentadas, fixando-se em um

par dourado e cintilante incrustado com strass. O sapato é obsceno, o que não me surpreende.

Ele os coloca na cadeira ao lado do vestido antes de parar diante de mim, deixando-me pouco espaço para respirar, muito menos para desafiá-lo.

— Eu não vou vestir isso, — proclamo desafiadoramente.

— Bem, você obviamente não pode ir para o jantar assim. — Ele levanta, uma sobrancelha divertida. — Com certeza *Carrie*⁴ chique não está na moda.

— Bem, novidades: não vou a esse jantar. — Eu cruzo meus braços na frente do meu peito, resistindo à vontade de bater meu pé como uma criança petulante.

Nikolai dá um passo ameaçador para frente, ocupando o pouco espaço pessoal que tinha deixado. Prendo a respiração, o ar de repente gelado o suficiente para paralisar meus pulmões.

— Sim. Você vai. Eu não poderia me importar menos com o que você quer; suas emoções humanas e mesquinhas não importam mais. Não aqui.

Engraçado. Elas não pareciam ter importância na Terra também.

Apesar da verdade de suas palavras e da máscara de malícia em seu rosto, levanto meu queixo e sustento seu olhar. — Você pode estar certo sobre isso, mas o inferno vai congelar antes de eu me comportar como uma convidada durante um jantar com o Diabo. Eu escolhi vir para cá, assim como estou escolhendo lhe dizer, bem como a qualquer outra pessoa que tentar me controlar, para *se foder*.

Ele não recua. Nem sequer se encolhe. E então, quando eu estou pronta para me afastar de sua careta ameaçadora, ele me desarma completamente brindando-me com um sorriso brilhante e cheio de dentes.

— O que há comigo e com teimosas meninas bonitas? — Ele murmura, sacudindo a cabeça e dando um passo para trás. Eu finalmente me permito respirar. — Aqui está o negócio, E. Eu quero mantê-la viva e um pouco sã, apesar de seus protestos contrários a autopreservação. E, para fazer isso, você tem que ouvir o que eu digo e fazer o que eu pedir.

— E por que você faria isso? — Questiono, cruzando os braços na frente do meu peito outra vez.

⁴ Alusão ao filme *Carrie*, a estranha.



—Porque eu jurei proteger uma menina não muito diferente de você. E pretendo manter essa promessa. Eu morri por isso uma vez, e o faria novamente.

Contemplo suas palavras e a paixão que pisca em suas feições. Ele quer dizer exatamente isso.

—Gabriella.

Ele me dá um único aceno. —Há uma razão pela qual ela gostou de você. Você a lembrou de si mesma.

—O que você sabe sobre isso? — Eu sinto a tensão em meus ombros aliviando um pouco. A Rainha das Trevas me mostrou bondade e humildade num momento em que eu estava vulnerável. E, considerando seu imenso poder, não posso imaginar qualquer motivo que pudesse fazer Nikolai comprometer seu vínculo com ela.

Ele dá de ombros com tristeza. —Imagine ver todos que você ama atrás de um painel de vidro embaçado e não ser capaz de chegar até eles. Essa é a minha situação... singular.

—Situação singular? Estamos no inferno, — digo inexpressiva.

—Não exatamente. Ele caminha para uma cadeira vazia e senta-se, seus movimentos ágeis e graciosos. A semelhança com seu irmão, Dorian, é estranha, e é difícil olhar para ele e não ver belos vislumbres do Rei das Trevas. Honestamente, isso me dá uma sensação de conforto.

Eu sento em frente a ele, meu corpo afundando no estofado de pelúcia. — Importa-se em explicar?

Aqueles olhos pálidos se tornam vidrados e seus dedos elegantes desenham círculos sobre a mesa enquanto sua mente voa. —Eu estou aqui... mas não estou. É complicado.

—Experimente.

—Em alguma outra hora. Temos companhia.

Meus olhos correm pela sala quando duas batidas na porta quebram o silêncio de curta duração.

—Entre, Saskia, — Niko anuncia. A menina de cabelos escuros cambaleia para dentro com os olhos colados no chão, e dobra os joelhos numa mesura.



—Sr. Skotos. Senhora Eden. Estou aqui para ajudá-la a se preparar para o jantar.

—Isso não vai ser necessário...

—Isso seria adorável, Saskia, — Nikolai corta. Ele fixa seu olhar em mim, todos os traços de alegria apagados. —Deixe-a ajudá-la. Ela sabe o que é necessário.

—E o que exatamente é necessário?

—Mais tarde. Apenas... ouça, — ele adverte, suas palavras curtas e baixas. —Observe. Mas guarde suas palavras para si mesma. E aconteça o que acontecer, não se esqueça do porquê você está aqui.

Ele levanta e segue para a porta, deixando-me sozinha com a pequena criada de fala mansa. Ela parece tão frágil em sua simplicidade. Está vestindo um robe comprido fechado com uma corda vermelha trançada, e o fato de que não me olha nos olhos me deixa ainda mais autoconsciente sobre a minha aparência esfarrapada.

Saskia retira-se para o banheiro anexo e, segundos depois, ouço água corrente. Um cheiro familiar chega ao quarto, flutuando em nuvens de vapor. Um nó do tamanho de uma bola de beisebol se aloja na minha garganta, e pisco para conter as lágrimas.

—Tem alguma coisa errada, Senhora? — Saskia pede, aparecendo de repente ao meu lado.

Balanço minha cabeça, ainda que minhas palavras contradigam minhas ações. —Esse cheiro... o que é?

—Jasmim da meia noite, — ela responde timidamente antes de observar meu rosto com olhos temerosos. —Se... se você não gostar, eu posso...

—Não. Não, está bom. Obrigada.

Levanto meu corpo cansado da cadeira e cambaleio de volta para ela. Minha cabeça está nebulosa, meus ouvidos estão zumbindo e minha visão está turva por uma névoa preta e distorcida. Eu respiro pelo nariz e sinto cheiro de algo estranhamente metálico, como ferrugem.

—Você está bem? — Saskia murmura, seu tom gutural atado com alarme.

—Eu acho que sim. Apenas um pouco tonta, — ofego.



— Eu vou buscar-lhe um pouco de água.

Eu observo com olhos vidrados quando Saskia corre para o banheiro, seu robe arrastando pela madeira. Uma camada de suor frio irrompe em minha pele pegajosa. Eu lambo meus lábios secos, lutando para acalmar a batida acelerada do meu coração. Quando foi a última vez que eu comi? Eu não posso sequer ter certeza de quanto tempo se passou desde que fui transportada do mundo mortal para este submundo oco. Mas, a última refeição que me lembro de ter desfrutado foi com...

Lilith.

Um dia de garotas de mentira, quando ela tentou me vender uma amizade falsa regada a sorvete e filmes de meninas. E eu acreditei nela. Isso é o que torna tudo tão ruim. Eu confiei naquelas lágrimas falsas e sorrisos fabricados. Eu comi suas doces declarações de sacarina como se fossem açúcar de verdade. Depois de me afastar da minha irmã e de tudo que eu conhecia, ela era a única coisa que parecia familiar, e eu me agarrei a ela numa tentativa desesperada de afastar minha solidão e medo.

Nunca mais.

Eu nunca mais serei essa estúpida e confiante garota novamente.

Com pensamentos de sua traição agitando meu estômago vazio, pego uma maçã da tigela de frutas frescas à minha frente. Mas, assim que a levo aos lábios, Saskia aparece na minha frente e bate-a para longe da minha mão.

— Ei, o que...?

Dedos ossudos apertam meu pulso com uma força surpreendente. A expressão em seu rosto pálido é feroz enquanto ela balança a cabeça.

— Saskia, me solte.

Ela faz o que eu exijo, e leva um único dedo aos lábios firmemente franzidos, pedindo meu silêncio. Em seguida, ela aponta para a maçã no chão e balança a cabeça novamente.

Não coma a maçã.

Claro. Em um mundo onde nada é o que parece, a verdade parece rastejar para tornar-se uma lenda. Eu não sou única *Eden* venenosa. E o meu fruto proibido pode vir a ser o mais mortífero de todos.



Saskia sai para colher algumas uvas de uma videira e as entrega para mim, balançando a cabeça. Eu mantenho meus olhos treinados sobre ela enquanto mastigo lentamente, forçando-as pela minha garganta ressecada. Ela poderia estar mentindo sobre a segurança das uvas, mas o que eu poderia fazer para desafiá-la? Ela acabou de salvar minha vida, e não precisava tê-lo feito.

Após longos momentos de espera por uma morte que nunca chega, a sigo para o banheiro para tomar banho. A água está quente, mas é calmante para minhas articulações doloridas. Uma vez que a sujeira e o sangue seco são lavados do meu corpo, percebo que minhas lesões estão completamente desaparecidas. Não curadas, apenas... sumidas. Como se nunca tivessem existido. Talvez eu tenha imaginado tudo. Talvez a sensação do vidro quebrado e do asfalto sob meu rosto devastado fosse apenas uma ilusão. Talvez o eco de dor da traição em meu peito seja apenas uma artimanha, e em breve eu vou acordar, mergulhada em um mar de seda cinza com perfume de terra molhada e essa mesma fragrância de jasmim que cerca minha pele.

O sentimento é bom, mas tolo, e eu o tiro da minha mente, permitindo que a tristeza rastejante escorra pelo ralo junto com a água do banho tingida de ferrugem.

O torpor vem mais fácil do que esperado enquanto me visto e me preparo para a noite à frente. A distração em prender o cabelo e vestir o vestido de lantejoulas de alguma forma eclipsa a agonia devastadora do meu coração estilhaçado, e sou grata por ter permitido que Saskia me ajudasse. O vestido é exatamente do meu tamanho, sem surpresa, e até mesmo a maquiagem que ela usa em minha pele é da minha tonalidade. Sombra escura e brilhante e riscos grossos de delineador adornam minhas pálpebras, enquanto um suave blush escova minhas bochechas. É tudo muito Garfield Park⁵ depois de escurecer, mas não me atrevo a protestar, mesmo quando ela desliza os sapatos dourados de quinze centímetros adornados com strass em meus pés. Estou aqui para desempenhar um papel. Prostituta. Cativa. Mártir. Tudo parece a mesma coisa para mim agora.

⁵ É um dos maiores e mais impressionantes conservatórios da nação. Muitas vezes referido como "arte da paisagem sob o vidro", o conservatório ocupa aproximadamente dois hectares dentro, onde milhares de espécies de plantas estão em exibição em oito salas nesta magnífica instalação.

—Tudo feito, — Saskia anuncia, sua voz tingida com orgulho. Olho no espelho e franzo a testa. Eu fui transformada em uma mulher sexy, uma criatura perversa envolta em imoralidade. Portanto, exatamente o contrário da vixen⁶ vestida de branco que fui para o Observador. Naquela ocasião, minha inocência anticonvencional era um mistério — uma provocação. Mas aqui, minha roupa promete depravação do pior tipo, lasciva. Aqui eu sou o pecado encarnado.

Eu fui virada do avesso, e minhas entranhas perversas foram enfeitadas com pedras vermelho-sangue. Olho para longe, incapaz de tolerar a visão no espelho, porque sei que ele vai gostar. E uma parte de mim também gosta, muito. Aquela parte única de mim que ele despedaçou em um banheiro enquanto Legion nos ouvia do outro lado da porta.

Prostituta. Esta noite eu serei sua prostituta.

—Vamos acabar com isso, — murmuro, movendo-me para sair do quarto. Saskia segue a poucos passos atrás.

—Mantenha o seu queixo para cima, — ela sussurra antes que minha mão possa girar a maçaneta. —Não deixe que eles farejem seu medo, ou vão comê-la viva. E você vai querer que eles façam isso.

Concordo com a cabeça uma vez, engulo cada reserva, cada gota de modéstia que me resta, e abro a porta. O corredor está vazio, para meu alívio, mas não sinto como se estivéssemos sozinhas. A sensação de mil olhos rastejando por todo o meu corpo é esmagadora enquanto percorro o longo corredor cavernoso com passos calculados. Silenciosamente imploro para o tremor em meus joelhos parar. Saskia fica logo atrás, e quando eu vacilo em meus saltos de prostituta, ela coloca a palma da mão reconfortante no meu antebraço.

—Suave, — ela sussurra. —Eles estão assistindo.

—Quem? — Meus olhos arregalados correm freneticamente ao redor da sala, em busca de qualquer sinal de movimento. Saskia simplesmente aponta seu olhar escuro para as paredes adornadas, confirmando o que eu tinha sentido no momento em que minha atenção foi arrebatada por aquela pintura antiga. As paredes estão vivas. E estão me observando.

⁶ Raposa fêmea, uma mulher rancorosa ou briguenta.



A viagem até a sala de jantar parece interminável, embalada apenas pelo som do meu coração batendo rapidamente e o assobio do manto de Saskia preenchendo o espaço. Mas, quando chegamos a um conjunto de pesadas portas de madeira tão altas quanto o teto abobadado, o pânico se apodera das minhas articulações e eu faço uma pausa, incapaz de me mover para frente.

— Há algo de errado, Senhora? — Pergunta Saskia, seus olhos penetrantes procurando por danos em meu rosto. De perto, vejo que eles não são apenas escuros, mas pretos, suas pupilas muito grandes para um ser humano. Um rastro de gelo congela minha espinha.

— Não. Nada, — minto. Eu não tenho a voz ou a humildade de dizer-lhe que estou com medo. Não tenho nenhuma ideia do que está me esperando do outro lado dessas portas. E, em meu coração partido, rebelde e teimoso, sou inteligente o suficiente para saber que estou completamente sozinha aqui. Não há nenhuma cavalaria vindo me salvar. Não há escapatória dos monstros que provavelmente habitam além desta parede. Mesmo a compulsão mental de Adriel é inútil aqui.

Não sobrou nada para garantir minha fé. Nem o Se7en. Nem algum poder oculto.

Nem mesmo o meu estúpido coração mortal.

Respiro fundo e expiro o medo paralisante que liga minhas articulações e músculos.

Então, eu abro a porta.

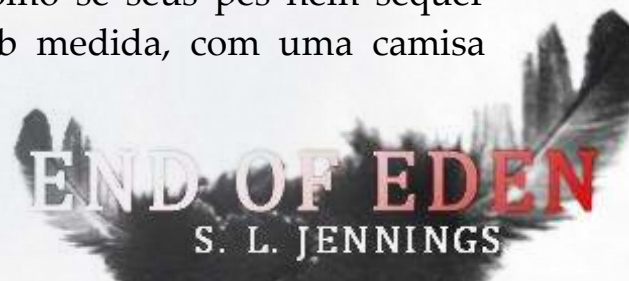
E vejo vermelho.

Cintilantes joias cor de sangue adornam o chão. Carmesim mancha as paredes adornadas de obras de arte, juntamente com tapeçarias de ouro. Uma mesa, feita da mesma madeira pesada e polida de meus aposentos, está posicionada no meio do grande espaço, e sentados em torno dela estão cinco dos rostos mais marcantes que eu já vi.

E na ponta da mesa está o mais lindo de todos.

Lúcifer.

— Ah, Eden, meu amor, — ele canta, levantando-se com entusiasmo. Seus passos largos em minha direção são fluidos, como se seus pés nem sequer tocassem o chão. Ele veste um terno preto sob medida, com uma camisa



combinando. Dois dos botões estão abertos, expondo uma provocante visão de pele lisa. Ele é exatamente como eu sonhei desde que completei dezoito anos: tudo o que me encanta e me ofende.

Ele aponta para a mesa acenando a mão elegantemente. —Por favor, venha se juntar a nós. Nós estivemos morrendo de vontade de vê-la. E posso dizer, você parece arrebatadora hoje à noite. Eu sabia que quando tirasse aqueles trapos terríveis você se pareceria cem por cento melhor.

Eu olho além dele e noto Niko, meu único candidato a amigo no ambiente. Ele me dá um aceno sutil, e eu ouço seu aviso sussurrado em minha cabeça. Preciso manter Lúcifer calmo. Preciso cumprir meu papel, para o bem de todos nós. E mesmo que eu ainda não confie nele — inferno, eu não confio em *ninguém* — acredito que ele quer me manter viva. Mesmo que não seja para o meu benefício.

Eu me forço a segui o Demônio, roboticamente colocando um pé na frente do outro. Há três mulheres jovens na mesa, cochichando e rindo umas com as outras enquanto me aproximo. Suas roupas são semelhantes as minhas, adornadas com strass, rendas e lantejoulas, só que com menos tecido. Talvez essa seja a regra por aqui: quanto mais nua você estiver, mais perto você chega à mesa do Diabo. Se for esse o caso, vou trocar minhas vestes extravagantes por um hábito de freira.

—Você deve se lembrar de Sandra, Christina e Amanda, — diz ele, apontando para as mulheres que estão rindo baixinho do outro lado da enorme mesa. —Elas não pararam de perguntar sobre você desde aquela noite na festinha de Irin. Por um breve momento, senti um pouco de inveja.

Eu engulo. As garotas. E ele. Todos nós juntos naquele maldito banheiro.

Como pude ser tão estúpida? Abrir-me daquele jeito para ele, para *elas*. O que diabos há de errado comigo? Eram completos estranhos, mas eu estive mais do que feliz em tirar minha calcinha para eles.

Ou não?

Eu engulo o embaraço e me sento na cadeira que Lúcifer puxou para mim. A que está ao lado da dele. Estamos todos ocupando apenas um quarto da mesa, e sem ninguém sentado ao meu outro lado, me pergunto se estamos esperando mais alguém para o jantar.



Lúcifer senta em sua luxuosa cadeira de encosto alto à cabeceira e sorri. — Eu não gosto de sentir ciúmes. Uma emoção humana tão estranha, não é? Uma que não me tem serventia. Então resolvi nunca mais sentir isso novamente. Eu espero que você não se importe com a disposição dos assentos. As meninas preferem ficar juntas em todos os momentos, o que as torna amigas de cama muito interessantes, como você sabe.

Balanço minha cabeça: isso é tudo que ele receberia de mim.

—Bom! E perdoe minhas maneiras. Eden, aquele belo rapaz ali é Nikolai Skotos, meu convidado, por enquanto. Acho que vocês dois já se encontraram?

Como se o som de seu nome ligasse um interruptor interno e extinguisse toda a bondade de seus olhos, as características etéreas de Niko se transformam em algo mais sombrio, mais sedutor. A beleza dele permanece, mas há algo doentio e sinistro em seu desdém.

Ele preguiçosamente olha para mim do outro lado da mesa e solta um suspiro exasperado. —Eu acho que sim. Todas elas têm a mesma aparência para mim. Nós já transamos?

—Oh, Nikolai! — Lúcifer gargalha com uma salva de palmas. —Seu cachorro! Não, não. Esta é Éden. A garota humana da qual lhe falei. A que eu espero tornar minha noiva.

Niko olha para baixo para estudar suas unhas, aparentemente mais interessado em suas cutículas do que em mim. —Noiva? O que te leva a fazer isso? Certamente você não perdeu o apetite por variedade, meu amigo.

Lúcifer vira o olhar para mim, seus olhos em constante mudança brilhando com carinho falso. —Ah, mas Eden é especial. E quando você já experimentou muitos sabores como eu, é obrigado a adquirir gosto por iguarias raras.

Niko pisca suas íris azuis claras para mim e encolhe os ombros. —Se você diz. Eu prefiro provar todos os deliciosos prazeres desta vida. — Ele então se estica e aperta Amanda, que grita de alegria. —Mas não se preocupe: minha fome é voraz o suficiente por nós dois.

—Ha! Falando em fome... — Lúcifer acena com uma mão e espera a equipe de serviçais sair de alguma porta escondida, segurando fumegantes pratos de alimentos de cheiro delicioso e garrafas de vinho. Um pequeno

prato de crostini⁷ coberto com camarão e revestido com algum tipo de molho perfumado é colocado na minha frente, e meu copo é servido com vinho tinto delicioso.

—Crostini de camarão com pesto de ervilha inglesa, regados com óleo de trufas, — Lúcifer orgulhosamente anuncia. — Bom apetite.

Mesmo que meu corpo esteja cheio de medo, meu estômago ronca. Curvo a cabeça para rezar — um hábito rapidamente adquirido por viver com o Se7en. Entretanto, uma ingestão aguda de respiração me para antes de eu fechar os olhos.

—Oh querida, — gargalha Lúcifer. —Isso não é necessário. Ele não pode ouvi-la aqui em baixo, e mesmo se pudesse, iria ignorá-la, juntamente com todas as outras orações não respondidas. Mas fique à vontade, não vamos dissuadi-la dos rituais tradicionais.

Eu ergo minha cabeça em desafio, apesar de suas abafadas gargalhadas de diversão. Eu me recuso a ser o entretenimento da noite, e definitivamente não vou deixá-los se divertir às minhas custas.

—Então Eden, você achou suas acomodações agradáveis? — Pergunta Lúcifer, pegando um dos muitos garfos que estavam diante de si. Logo em seguida, o resto da mesa pega seus garfos também.

Foda-se.

—Elas são boas, — respondo com dificuldade.

Ele lentamente mastiga e engole, aqueles olhos incandescentes nunca se afastando dos meus. —Você está convidada a adicionar seus próprios toques pessoais. Basta dizer a Saskia o que precisa, que será seu.

Ele faz uma pausa, como se estivesse à espera de alguma grande demonstração de gratidão. Eu simplesmente redireciono minha atenção para meu prato intocado.

E é assim que permanecemos por quase seis pratos: ele falando e eu ignorando. A comida parece e cheira divinamente, mas além de algumas mordidas e de dois copos de vinho, eu tenho muito pouco interesse em satisfazer sua missão de ser um anfitrião perfeito. Eu só quero dar o fora desta sala, me levantar e me livrar dessa obscena ostentação, e me trancar em algum

⁷ Crostini é um aperitivo italiano composto por pequenas fatias de pão grelhado ou torrado e coberturas.

lugar. Eu sei que tenho um papel a desempenhar, mas não posso fazê-lo. Não enquanto as feridas da minha realidade ainda estão frescas e escorrendo em meu coração.

—Se isso é tudo, — começo calmamente enquanto o pessoal tira os pratos de sobremesa, — Vou voltar para o meu quarto.

—Não. Você não vai.

Eu olho para cima e me concentro na expressão severa de Lúcifer, recusando-me a recuar do fogo em seu olhar. Talvez meu silêncio tenha chegado a ele. Bom. Mostrei a ele que não vou ser seu fantoche patético.

—Eden, eu passei por grandes esforços para adquiri-la, e enquanto o seu conforto é de extrema importância, compreenda quem está no comando aqui. Vai fazer bem a você lembrar que minha bondade é uma novidade. Trate-a como tal.

Eu engulo minha ansiedade, deixando-a deslizar pela minha garganta apertada e rolar até meu estômago, agora apenas meio vazio.

—E se eu não fizer?

Um traço vulgar de maldade e loucura arrasta-se em seu rosto, e ele se inclina para frente em sua cadeira, apoiando os cotovelos sobre a mesa. Já não ouço o riso nauseante de suas prostitutas, nem mesmo o som de suas respirações excitadas, famintas por carnificina. —Reze para o seu precioso Todo-Poderoso para que você nunca tenha que descobrir. — Ele lentamente se inclina para trás em seu assento, seus olhos ainda presos nos meus. —Agora, se você acabou de agir como uma criança, há algo que eu gostaria que você visse.

Eu contemplo minhas próximas palavras cuidadosamente.

Eu poderia acabar com tudo aqui. Eu poderia cuspir na cara dele e mandá-lo se foder. O que mais ele possivelmente poderia fazer contra mim? Me torturar? Me matar? Não há garantia de que ele não fará isso tudo uma vez que consiga realizar seus desejos. Então, o que eu poderia perder?

Uma pontada de angústia ecoa em meu peito. Eu não posso fazer isso comigo mesma. Não posso nem por um segundo acreditar que L iria arriscar sua vida e o Se7en para vir me resgatar. Ele fez sua escolha e, no final, não fui eu. Nunca fui eu. Era sempre a missão, Adriel, e até mesmo Lilith. Ele tinha

tantas razões para não me escolher que eu fui apenas estúpida e cega em sequer considerar que ele poderia achar válido lutar por mim. Eu sou apenas uma mancha cinza e esquecida em seu céu cheio de estrelas.

Eu olho para a beleza e o esplendor do mal, e me pergunto se somos tão diferentes afinal. Ele foi expulso e abandonado por aquele que o havia criado. Será que a culpa por sua alma corrupta é realmente dele, quando tudo que ele queria era ser ouvido e aceito por sua singularidade? Eu não posso culpá-lo por não ser a imagem perfeita da moralidade, quando eu também não sou. E quem pode dizer que Deus já não virou as costas para mim também? Onde ele estava enquanto eu estive lutando para sobreviver a cada maldito dia desde que minha mãe me arrancou de seu ventre em uma tentativa de me abortar?

Nós olhamos um para o outro por meio minuto antes de eu dizer: — Ótimo. Mostre-me.

O sorriso de Lúcifer é parte deslumbrante e parte desarmante. —O prazer será todo meu. Tenho guardado essa surpresa por algum tempo, e agora... agora você poderá ter uma ideia da profundidade da minha devoção.

Eu engulo de forma audível.

Não faço ideia de com que acabei de concordar..





TRÊS

—Surpresa?

—Sim, — Lúçifer sorri, descansando no veludo de sua cadeira de encosto alto. —Pense nisso como um presente de ‘Bem-vinda ao lar’. — Ele levanta rapidamente um dedo e serviçais correm para encher nossos copos.

—Eu não preciso de nenhum presente.

—Pensei que fosse dizer isso. Mas, confie em mim... este é um presente muito delicioso. Você consegue adivinhar o que é?

Eu aperto meus punhos em meu colo. Não aguento mais esses jogos. Eu fiz o que ele queria. Vendi minha alma, meu corpo, para salvar um mundo que me havia abandonado há muito tempo.

Disse a mim mesma que não beberia mais, mas se tiver que sentar aqui por mais tempo, vou precisar de ajuda alcoólica. Eu ergo a mão e pego meu copo de vinho recém preenchido entre meus dedos, e tomo todo o seu conteúdo. Um rosnado de desaprovação mascarado por uma tosse soa do outro lado da mesa. Felizmente, Lúçifer é demasiadamente egocêntrico para notar.

—Não. Então, por que você não segue em frente? Mostre-me, — eu desafio depois de lambe os restos de Cabernet dos meus lábios. Cruzo os

braços na frente do meu peito para abafar meu coração que bate forte, tremendo de medo.

Lúcifer bate palmas duas vezes, sinalizando que é hora do show. Quando ouço gritos abafados acompanhados de aplausos vindos das prostitutas demoníacas à mesa, bile sobe pela minha garganta.

Não olhe, eu digo a mim mesma.

Não reaja. Nem sequer respire.

Mas eu falho, e imediatamente quero arrancar meus olhos das órbitas.

Um homem e uma mulher, de vinte e poucos anos, são empurrados para o meio da sala por dois guardas de pele escamosa vestidos de couro preto e correntes BDSM. Eles são desumanamente grandes e cheios de músculos salientes do tamanho de pedras irregulares, mas suas cabeças são peculiarmente pequenas. A pele negra e escamosa brilha como o chão encerado, e os seus olhos são uma sombra doentia de amarelo icterícia. Eu engulo reflexivamente, rezando para não vomitar o filé e o vinho tinto.

Os cativos, petrificados, vestem roupas sujas, tem cabelos emaranhados com sujeira e os rostos molhados de lágrimas e suor. O cheiro pungente de urina e vômito invade minhas narinas.

—Eden, meu amor, você se lembra desses dois, não é? Do seu antigo bairro?

Eu forço meus olhos horrorizados a se afastarem da cena diante de mim, e volto-me para a voz violentamente sedutora, mesclada com uma onda de diversão.

—Por que você está fazendo isso?

—Porque você merece. Porque *eles* merecem.

—Isso é realmente necessário? — Pergunta Niko, fingindo tédio. Se não fosse por suas juntas brancas agarrando a borda da mesa, ele pareceria esmagadoramente desinteressado na cena vil.

—É, — responde Lúcifer, sem se preocupar em olhar para ele. — Além disso, nós merecemos um pouco de diversão por aqui, você não acha?

Ele então acena a mão, ordenando que os dois prisioneiros se aproximem. As duas bestas gigantescas os empurram para perto da mesa de jantar, e eu

prendo minha atenção. Eles estão paralisados, tremendo violentamente sobre o chão de pedra vermelho-sangue. Eu não quero admitir, mas sim, eu os conheço. Eles parecem completamente não familiares, mas ainda assim, há algo sobre eles...

—Zachary Finch, — Lúcifer começa. —O astro atleta, mulhereiro e homofóbico mais notório da Paul Robeson High School. Eden, querida, não foi onde você estudou?

Meus olhos o observam como duas fendas estreitas de desgosto. —O que você está fazendo?

—Pelo que eu descobri, — Lúcifer continua seu discurso, ignorando completamente minha pergunta. —Nosso Zachary também inventou um rumor vicioso a seu respeito, quando espalhou que você estava tendo um caso picante com sua irmã, Mary. Ele falou a todos que quisessem ouvir sobre as lésbicas incestuosas que ele supostamente flagrou fodendo em uma festa numa noite qualquer. Claro, isso foi depois que ele tentou forçá-la na referida festa, depois que você respondeu com um joelho em sua masculinidade menos do que impressionante. Não é verdade, Zachary? Conte-nos como você tentou estuprar Eden e, em seguida, sujar sua reputação com mentiras.

—Por favor, — o agora magro menino choraminga, seus soluços nauseantes ficando mais e mais patéticos. Há quanto tempo ele está aqui? Ele parece desnutrido e doente. —Eu não sei o que você quer de mim. Por favor, sinto muito.

—Sim, — pensa Lúcifer, sua boca sensual envolvida na malícia de suas palavras. Suas vagabundas gemem de excitação ao som de sua voz. —Você sente, Zachary. Sente muito, na verdade. Mas não sente tanto quanto ainda vai sentir.

Ele então vira sua beleza brutal para menina que está ao lado de Zachary, uma loira de aparência frágil que chora em silêncio em suas mãos sujas.

—Olhe para mim, amor. — A voz dele é uma carícia suave, mas a autoridade está sempre presente em seu tom. A menina obedece, lágrimas enchendo seus aterrorizados olhos verdes. —Ah, assim é melhor. Agora, você gostaria de se apresentar para a sala ou eu deveria fazer as honras?

Ela soluça mais duramente em resposta, chorando apelos ininteligíveis de misericórdia. Seu desespero parece despertar as prostitutas ávidas ainda mais, juntamente com a sede de Lúcifer pelo sadismo.

—Muito bem, então, minha querida. Eu vou fazer as honras. Danielle McCullough, — ele começa, apertando os dedos elegantes à frente de seu peito. —O que eu poderia dizer para verdadeiramente resumir esta criatura preciosa diante de nós? — De repente, ele levanta de súbito, assustando a todos. Nem mesmo um sopro pode ser ouvido na sala rochosa. Os presos sujos se agitam violentamente, e o cheiro forte de urina aumenta ainda mais.

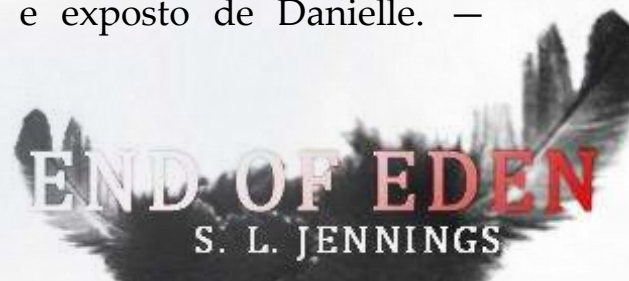
Lúcifer caminha até o par, o que faz os guardas escamosos darem um passo para trás. Eles são pelo menos uma cabeça mais altos que o demônio, mas sua proximidade os intimida à submissão.

—Eu conheço o seu tipo, — ele zomba duramente, seus lábios apenas há uma polegada da menina, cujas lágrimas formaram listras em sua pele. —O tipo que ataca os fracos. O tipo que se alimenta da miséria alheia para seu próprio prazer pessoal. Você riu e zombou de Eden na escola. Você começou pintando-a como um pária, uma aberração, e quando se cansou dela, foi atrás de sua irmã. Não é verdade, Danielle? Conte-nos como você e suas lacaias mal-intencionadas jogavam tampões usados em Mary nos corredores. Ou quando você colocou merda de cachorro em seu armário. Você estava alguns anos à frente de Eden, então pegar Mary sozinha foi fácil. Você foi calculista e cruel sempre que sabia que ela estava mais vulnerável, e não sentiu um pingo de remorso por isso. Não. Você se sentiu encorajada... no direito. Como ela ousava, uma órfã pobre, respirar o mesmo ar que você?

—Por favor! — Danielle chora, ranho e lágrimas caindo sobre seus pés descalços. —Eu sinto muito. Por favor, não me machuque. Eu não tinha a intenção.

—Você *não tinha* intenção?! — Lúcifer rosna. Ele então pega um punhado de seu cabelo gorduroso e puxa, forçando seu olhar a encarar o dele. Todos, com exceção de Niko e eu, suspiram de prazer. —Você não pode ficar aqui e mentir na minha cara. Você quis fazer aquilo, e você faria novamente. Não é? Você faria ambas pagarem por existir.

Em um ato chocante de sedução doente, ele mergulha a cabeça para esfregar o nariz ao longo do pescoço suado e exposto de Danielle. —



Mmmmm, sim, você faria. Eu posso cheirar a maldade em você. Só em falar sobre isso agora você já ficou excitada.

Ele a empurra tão rapidamente que ela tropeça de volta para o guarda, que mais ou menos a mantém na vertical. Eu deveria me sentir mal por ela. Deveria me sentir mal por ambos. Mas depois de lembrar aqueles anos tumultuados sob seu domínio de crueldade, tudo o que sinto é raiva. Raiva pelo que fizeram. Raiva por não fazê-los sofrer com as minhas próprias mãos.

Lembro-me de tudo. E as feridas ainda jorram sangue fresco, como se Lúcifer tivesse acabado de abrir os pontos do meu passado cheio de cicatrizes. Eu tinha que ficar bem... tinha que ficar quieta e permanecer longe de problemas se quisesse ficar com minha irmã. Se não, eu seria enviada de volta para a casa de passagem. Eu já tinha a reputação de ser uma criança problemática, e um passo fora da linha significava que eu iria perder a única pessoa que importava para mim.

Então eu fiquei quieta. Mantive minha cabeça baixa. Eu queria ser invisível, de modo que minha irmã e eu pudéssemos permanecer juntas. Eu poderia ter forçado a minha vontade sobre eles. Poderia ter entrado em suas mentes e os manipulado com o ódio que tinham tão generosamente desencadeado em mim. Mas eu tinha medo de ser pega. E estava com medo de não ser capaz de parar.

Não me atrevo a respirar até Lúcifer sentar-se novamente, e casualmente se virar para mim, seus olhos como a sombra de um céu perverso brilhando de emoção. —O que você diz, Eden? Devemos nos divertir? Isso te agradaria, meu amor?

Levanto meu queixo para responder, e capturo um movimento com o canto do meu olho. Os guardas... essas brutais criaturas nojentas, que não são totalmente serpentes nem completamente homens, começam a se despir, arrancando suas cintas de couro. Montes bulbosos de músculos flexionam sob escamas negras e esverdeadas quando eles deixam seus paus monstruosos à mostra, bombeando-os em suas mãos com garras da raiz às pontas. Com olhos horrorizados eu olho para Niko, que reflete meu nojo. Abro a boca para vomitar minha repulsa, mas ele balança a cabeça apenas uma fração, dizendo-me para acalmar o protesto borbulhando em minha garganta.

Os sons dos gritos quando a roupa suja é arrancada de seus corpos é suficiente para trazer lágrimas aos meus olhos. Abaixo a cabeça e aperto os

olhos com força, recusando-me a tomar parte no que sei que inevitavelmente vem a seguir. O tilintar de correntes, o tapa na pele, as gargalhadas femininas enquanto saliva é cuspidada em palmas sujas. Eu sei o que vai acontecer, e sou impotente em evitar que aconteça. E talvez um pequeno pedaço depravado de mim não queira...

Eu afasto o pensamento da minha cabeça.

Não. Não, isso é errado. Não importa quem eles são ou o que eles fizeram, ninguém merece isso.

Eu quase vomito todo o meu jantar sobre a mesa de madeira esculpida quando os gritos ressoam através da sala. Os grunhidos de satisfação dos guardas enquanto rasgam a carne e as mancham com sangue e pecado são insuportáveis. Como eles podem encontrar prazer nesta tortura? Como podem ficar excitados com os gritos indefesos de suas vítimas?

Dedos suaves acariciam minha bochecha e eu grito, afastando-me do toque suave. A respiração de Lúcifer é quente e sedutora em meu ouvido antes dele sussurrar: —Ah-ah-ah. Não se esconda, Eden. Assista. Veja como eles se contorcem e gritam como vermes patéticos na sujeira. Veja o medo em seus olhos dando lugar ao prazer que seus corpos não podem negar. Olhe comigo, amor. Tire alegria da fraqueza deles, assim como eles tiraram alegria da sua tristeza.

Ele agarra meu queixo, forçando minha cabeça para cima. Eu tento resistir ao impulso de olhar para a cena grotesca à frente, mas não consigo. Eu sou fraca. Estou cansada. Não há mais vontade de lutar em mim.

Os guardas estupradores forçaram tanto Zachary quanto Danielle a ficarem de joelhos, e estão bombeando rapidamente dentro deles. Seus golpes são viciosos, cruéis, e fazem com que minhas entranhas se agitem com bile. Há tanta dor em seus rostos. Tanto pesar e vergonha e desesperança em exposição, enquanto uma plateia jovial ri e zomba, bebendo vinho.

—Não chore por eles, querida, — sussurra Lúcifer, ainda segurando meu queixo. —Eles não merecem suas lágrimas. Você acha que eles iriam minimamente se importar se fosse você quem estivesse sendo rasgada uma e outra vez? Você acha que eles iriam se lamentar por isso?

Eu balanço minha cabeça, um soluço dolorido escapando da minha garganta. —Eu não me importo. Ninguém merece passar por isso.



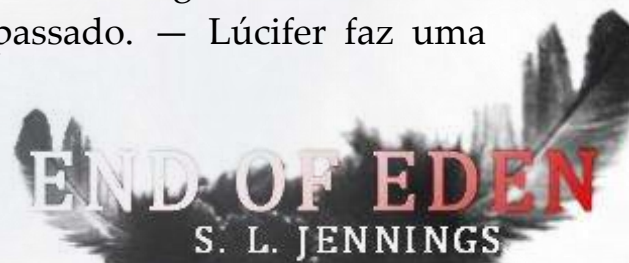
—É aí que você se engana, meu amor. — Ele apoia as costas em seu assento, e graciosamente dobra uma perna sobre seu joelho. —Nosso amigo Zachary é um pedófilo. Ah, sim. E sabe qual é a razão pela qual ele atormentava muitos de seus colegas gays? Ele tem uma propensão por meninos, e meninos tão jovens quanto a tenra idade de três anos. Verdadeiramente um doente fodido de coração. Eu encontrei-o no ato, também. Ele tinha acabado de devastar uma pequena criança até ela sangrar e morrer devido a brutalidade. E, por medo, Zachary começou a rezar pedindo ajuda. Para azar dele, porém, nosso Pai misericordioso tinha coisas mais importantes para fazer, e eu fui o único a responder seu chamado.

O sangue foge do meu rosto quando eu olho para ele, lendo a sinceridade pintada nitidamente em seu rosto. Não preciso perguntar se é verdade. Eu acredito nele. Um pedaço de merda como Zachary seria capaz de tais atos horríveis.

—Você me olha e vê um monstro. Mas não fui eu quem permitiu que essas inúmeras crianças sofressem. Não fui eu quem o deixou livremente torturar e mutilar e sodomizar mais de uma vez. Se não fosse pela minha interferência, ele ainda estaria lá fora, estuprando bebês, Eden. Eu o impedi para sempre. E agora ele está recebendo apenas uma amostra do que fez para suas jovens vítimas.

Não há palavras em qualquer idioma que possam refutar suas afirmações, então eu apenas aceno. Ele tem razão. Zachary foi e é um predador. Não importa quantas vezes ele seja estuprado, nunca sentirá um grama da dor que causou.

—E a menina... você logo vai entender por que eu fiz o que tinha que fazer, — explica Lúcifer. —Você vê, o bullying não parou após o ensino médio. Danielle dedicou sua vida a insultar e humilhar os outros. Ela controlava sites de mídia social, visando jovens meninas sugestionáveis, não muito diferentes de você e sua irmã mais nova. Ela as atacou, lhes enviou ameaças de violência e as incitou a tirar suas próprias vidas. E, em um ato desesperado de malícia, criou uma armadilha que resultou em fotos nuas de uma menor de idade, fotos que foram enviadas a todos os alunos, pais e membros do corpo docente de sua escola. Uma garota de 12 anos, que estava apenas procurando amor e aceitação de seus semelhantes, igual a caloura órfã que ela aterrorizou diariamente na escola no passado. — Lúcifer faz uma



pausa, olhando fixamente para o filme odioso se desenrolando ao vivo a alguns pés de distância. —E ela conseguiu o que queria. Aquela menina de doze anos tirou a própria vida... quando envolveu um cinto em volta do pescoço, amarrou-o a um ventilador de teto e pulou. Sua mãe a encontrou depois da escola, juntamente com uma nota de suicídio amassada a seus pés.

—Oh meu Deus, — eu suspiro, cobrindo minha boca com dedos trêmulos.

—Pergunte onde Ele estava, — Lúcifer silenciosamente exige, voltando seu olhar em mim. —Pergunte por que Ele não a parou. Outros eram mais dignos, mais merecedores de Sua graça? Eu não vou mentir: sinto um prazer enorme em distribuir punições àqueles suficientemente tolos para merecê-las. Mas as vítimas eram inocentes, Eden. Crianças inocentes. E Ele ficou parado e não fez nada.

—Então, assista com olhos vingativos enquanto a justiça é feita. Reconforte-se com o fato de que eu não vou deixar que esses cretinos fujam após cometer estupro e assassinato. O que eles fizeram... o que teriam continuado a fazer... não ficará impune.

Seduzida pela sinceridade de suas palavras, eu viro minha cabeça, contrariando cada instinto dentro de mim, e assisto. E quando os gritos morrem e se transformam em meras lamúrias, e rastros vermelhos de sangue escorrem pelas coxas de Zachary e Danielle, eu não me encolho nem fecho os olhos. Eu testemunho a degradação de ambos em nome de todas as crianças abusadas e torturadas. Ninguém assistiu enquanto as vítimas eram feridas e sangravam. Ninguém sofreu por elas em suas agonias. Então, eu vou assumir tudo, e observar a dor de seus algozes em homenagem a suas vidas destroçadas. E vou encontrar paz e alegria no fato de que ninguém mais vai sofrer nas mãos desses bandidos.

Quando eles desabam no chão, finalmente inconscientes, os corpos flácidos de ambos são arrastados para longe, sua sujeira e sangue escorrendo pelo chão de pedra vermelha. A conversa casual recomeça como se nada tivesse acontecido, dando lugar a insidiosa culpa. O que eu fiz? Como eu permiti isso? E por que... por que eu senti prazer em presenciar tal abuso?

O que está acontecendo comigo?



—Perdoe-me, mas devo atender a algumas questões prementes, —Lúcifer anuncia, levantando e abotoando o paletó. —Eden, se você quiser companhia pelo resto da noite, por favor, não hesite em usar tudo que minha casa tem a oferecer. Christina, Amanda, Sandra... tenho certeza que todas ficariam mais do que felizes em ocupar seu tempo.

Olho para as prostitutas do Diabo, encontrando-as se contorcendo em expectativa. Seus olhos estão vidrados e suas bochechas rosadas... elas estão excitadas? Pela carnificina que acabaram de testemunhar?

Permito-me um rápido olhar para Niko que, mais uma vez, balança a cabeça apenas uma mera fração.

—Não. — Eu digo ao nosso torcido anfitrião, ganhando beicinhos seguidos por gemidos desapontados das mulheres. —Não, eu estou cansada. Gostaria de ir para a cama.

—Faça como quiser. Mas... aqui não é a Terra, Eden. Ninguém vai negar-lhe os desejos do seu corpo. Contanto que você se lembre a quem pertence.

Eu quero dizer a ele que não pertenço a ninguém além de mim mesma. Mas será que isso é verdade? Durante esta exibição de carnificina, enquanto ele sussurrava palavras sinceras em meu ouvido, falando sobre fazer justiça para todas as vidas inocentes que foram perdidas, eu estava inteiramente sob seu feitiço. Fui cativada pelas promessas que saíam de seus lábios sensuais. E não foi um truque. Eu não estava encenando nenhum jogo fodido. Eu *queria* que eles se machucassem. Eu *queria* ver as marcas da vingança. E enquanto eu permaneço aqui, com o cheiro de sangue e bile ainda frescos em minhas narinas, estou lutando para me recompor. Mas honestamente... será que é isso que eu realmente quero?

Eu me equilibro sobre minhas pernas fracas e saio sem dizer uma única palavra, dando uma foda sobre a etiqueta social. Não posso olhar para Niko e ver o fantasma de decepção em seu rosto. Não consigo me importar com essas três meninas, nem me lembrar de quão incrível foram suas línguas lambendo meu corpo. E não consigo pensar no momento que acabei de compartilhar com a encarnação do pecado, nem em como suas palavras sinceras e seu olhar solene me deixaram sentindo... menos sozinha.



Saskia está esperando por mim do outro lado das pesadas portas de madeira. E durante todo o caminho até meu quarto, eu me pergunto se ela pode sentir o cheiro do mal que escoia dos meus poros.



QUATRO

Quando finalmente levanto meu corpo exausto do chão do banheiro, Saskia já se foi. Eu a tinha dispensado quando chegamos, mas ela se demorou arrumando o quarto já intocado enquanto me dava espaço para vomitar a podridão da minha alma.

Parei na frente do espelho, mas baixeí meus olhos. Eu não podia olhar para mim mesma, não depois dos horrores que vi. Mas, principalmente, tinha medo de não reconhecer a pessoa me olhando de volta. A pessoa que se deleitou com aquela depreciação... que testemunhou um estupro sem dizer uma palavra.

Depois de me esfregar com força da cabeça aos pés com a água escaldante da banheira gigante que ficava no banheiro, coloquei a camisola de seda que Saskia deixou preparada para mim. Havia também um jarro de água fresca sobre a mesa, do qual ansiosamente bebi, acabando com seu conteúdo em tempo recorde.

Embora parecesse que eu não dormia a anos, e minhas pernas estivessem tão fracas que eu mal conseguia ficar de pé, eu não queria dormir. Esta não era a minha casa. Não era a minha cama. E mesmo que eu estivesse nesta mesma exata situação menos de vinte e quatro horas atrás, há um erro específico

sobre este quarto que não me deixa fechar os olhos. E esse sentimento gela meu sangue enquanto ouço uma batida na porta.

— Quem é? — Pergunto.

— Sua fada madrinha do mal.

Rolo meus olhos, mas me apresso em abrir a porta para Niko entrar. Ele se inclina contra a moldura, sorrindo daquela maneira sinistra que faz seus pálidos olhos azuis brilharem sob a luz fraca. No entanto, a crueldade artificial de mais cedo foi apagada, pelo que sou grata. Foi tudo apenas um ato, semelhante ao que eu mesma estava encenando. No entanto, as linhas de fantasia e realidade se turvaram no momento em que olhei para Lúcifer e vi algo além de maldade pura.

— Um aviso teria sido bom, — digo como saudação uma vez que ele fecha a porta atrás de si. — Você sabia? Que ele os tinha trazido aqui, e o que tinha planejado fazer com eles?

Ele solta um suspiro pesado antes de ir para a mesa e nos servir da bebida alcoólica cor de âmbar. — Não. Eu não sabia. E mesmo que eu soubesse, não havia nada que pudesse dizer para lhe preparar para esse grau de insensibilidade. — Ele estende um copo para mim, mas eu recuso com um aceno de cabeça.

— Não, obrigada.

— Tem certeza? Isso pode ajudá-la a lidar... ajudá-la a esquecer. Você não deve querer aquele tipo de merda se fixando em seu cérebro, caminhando para dentro de você como um parasita. — Seus olhos percorrem meu corpo da cabeça aos pés antes de colocar o copo em cima da mesa. — Mas talvez isso já tenha acontecido.

Eu me afasto. — Eu não sei do que você está falando.

— Não? Isso é estranho, porque pareceu que você estava acreditando naquela besteira e tragando-a como se fosse algodão doce. Eden, ele é um enganador. E se você acha que pode experimentar o que aconteceu esta noite e sair ilesa, você está brincando com fogo. Ninguém é tão bom ator.

Eu me viro para encará-lo com o cenho franzido, cruzando os braços na frente do meu peito. — Sério? Porque você teve um desempenho muito convincente também. É quase como se fosse uma segunda natureza para você.



E se ele é tão perigoso quanto você diz que é, por que *você* não parece mais cauteloso sobre vir aqui e me avisar? Quem vai dizer que este quarto não está grampeado? Ou talvez você esteja apenas armando para mim?

—Porque com o cisco patético de magia que me resta, eu protejo este quarto. Suas palavras estão seguras aqui. — Ele passa a mão pelo cabelo preto e liso com exasperação, e balança a cabeça. —Olha, Eden. Eu sei que você está lutando para acreditar em mim, mas não temos tempo para duvidas agora. Acredite ou não, eu quero mantê-la segura. E, para fazer isso, tenho que dizer e fazer coisas que realmente não quero. Entenda-me quando digo que entendo por que você está se sentindo em conflito sobre o que aconteceu esta noite. Um monte de merda que ele disse faz sentido, realmente faz. Mas você tem que lembrar qual é o seu principal objetivo. E, para conseguir te afastar disso, ele vai apertar todos os botões certos, e manipular a sua dor. Ele vai usá-la, e assim que acabar com você, vai te descartar. Ele não é seu amigo. Não é de Legion que estamos falando aqui. Ele não está aqui para salvá-la de si mesma.

—Oh. E ele não me usou e jogou fora? Quer saber, talvez eu precise dessa bebida. — Eu ando até ele, pego o copo sobre a mesa e bebo tudo em um grande gole. Meu estômago grita em protesto, mas não me importo.

—É isso que você acha? Que ele queria que isso acontecesse?

—Eu não sei o que pensar. Mas sei que Lúcifer não é o único mentiroso. — Eu viro minha cabeça para esconder a mágoa e a raiva florescendo em meu rosto. Não posso deixá-lo ver o quanto a menção do nome de L me dilacera.

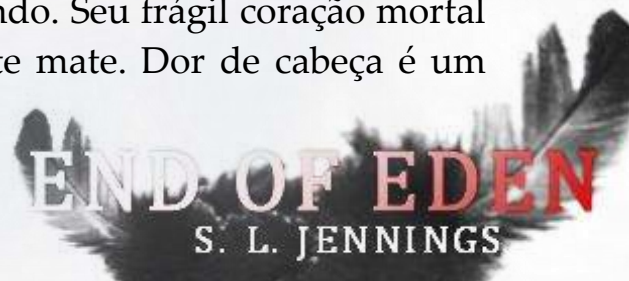
Sinto Niko se aproximar de mim, seu perfume de brisa fresca do oceano me cercando. Gentilmente, ele pega minhas bochechas e vira meu rosto para olhar para ele. E então... ele se encolhe. —Oh merda, — ele franze a testa. — Você não vai chorar, não é?

Eu me afasto de suas mãos e corro para o outro lado da sala, longe de seu olhar condescendente. —Não. Estou bem.

—Tem certeza? Você não parece bem.

—Eu já disse que estou bem!

—Bom. Porque lágrimas são como um imã aqui. Fique chateada, sinta toda a raiva que quiser, mas não demonstre vulnerabilidade. — Eu o ouço soltar um suspiro atrás de mim. —Olha, eu entendo. Seu frágil coração mortal está quebrado. Mas não deixe que essa merda te mate. Dor de cabeça é um



corte de papel em comparação ao tipo de inferno que será desencadeado na Terra se você perder a perspectiva. Desculpe, mas... você precisa superar isso, florzinha.

— Vou lhe dizer mais uma vez: Eu. Estou. Bem. Agora chega desse assunto, — digo inexpressiva, extinguindo toda a emoção da minha voz.

— Se você diz. Mas se quiser chorar, faça aqui. Não deixe que eles te ouçam. Não deixe que eles te vejam.

— Quem são *eles*? — Eu questiono, atirando-lhe um olhar cético.

Nikolai levanta um dedo aos lábios e aponta para as paredes. — As paredes, as pinturas... estão vivas.

Vivas? Como assim... *vivas*?

Que porra é essa?

Eu sabia ter sentido algo enquanto olhava para aquela pintura de Rembrandt, como se as cores pulsassem com uma força escura. E ao andar pelo corredor até a sala de jantar... eu as senti. Mesmo que o corredor estivesse completamente vazio, senti como se nós não só estivéssemos sendo vigiadas, mas também sendo devoradas, pouco a pouco, por olhinhos redondos que esperavam um mínimo vacilo em meus passos. Saskia estava dizendo a verdade.

Eu sabia por que eles estavam me assistindo... esperando. A presença negra que tremia sob as telas pertencia aquele que me trouxe aqui. Aquele que quer me rasgar e me infectar com o mesmo mal que sopra fogo dentro destas paredes.

— Chorar é para aqueles que sentem dor. E eu não sinto mais nada. — Levanto meu queixo, sentindo-me sóbria. Nikolai está certo. Eu preciso superar, e me lembrar pelo que estou aqui. — Agora diga-me tudo o que preciso saber. Como posso lutar contra ele?

— Lutar? Eu só quero você sobreviva a ele.

— Foda-se sobreviver.

Nikolai levanta uma sobrancelha. — Você não está pronta para isso.

— Eu estou aqui, não estou? Diga-me.

— E quanto a Legion?



Eu mordo o eco da dor que agita meu peito, recusando-me a reconhecê-lo.
—O que tem ele?

—E se ele vier atrás de você? E você sabe que ele vai tentar. Você ainda vai ser digna de ser salva se tentar lutar contra o Diabo?

—Eu não era digna antes. O que faz você pensar que vou ser agora?

Eu observo atentamente enquanto ele considera minhas palavras por um segundo. —Você sabe, uma vez que algumas portas são abertas, não podem mais ser fechadas. E quando você se permite ser totalmente imersa neste submundo, não há como voltar atrás. Alguns males não podem ser extintos.

Eu fecho a distância entre nossos corpos tensos, quase colocando-nos peito a peito. —Eu não fiz nada além de lutar para sobreviver durante minha inteira e miserável existência. Agora eu não tenho mais nada a perder... mais nada pelo que viver. Então, se é assim que eu vou acabar, que assim seja. Mostre-me como ser como você, inflexível, insensível. Me ensine o que preciso saber para que possa arruinar esse filho da puta e acabar com ele para sempre.

Ele balança a cabeça uma vez, em seguida, caminha para encher nossos copos. —Sim, eu vejo por que Gabriella gosta de você, — ele comenta com um sorriso nos lábios.

—Por quê? — Eu pego o copo de sua mão estendida e tomo um gole.

—Você é uma pequena criatura viciosa. Assim como ela.



Nós passamos a maior parte das três horas seguintes sentados de pernas cruzadas na minha cama gigante e bebendo da garrafa de álcool, enquanto Nikolai transferia cada gota de informação que recolheu durante sua estadia no inferno. Abafo meus suspiros e escondo minha tensão enquanto ele descreve as ideias de entretenimento noturno de Lúcifer. Considerando o que aconteceu no jantar, eu não deveria estar surpresa, mas seus gostos vão muito mais longe e são muito mais escuros do que o estupro. Bestialidade. Mutilação. E, claro, assassinato a sangue frio. E, toda vez que foi convidado para algum show de horrores, Nikolai apenas vestiu seu sorriso sinistro e desempenhou seu papel, aplacando a busca sádica de Lúcifer por admiração.

—Então, o que... vocês dois têm algum tipo de amizade meio psicótica acontecendo? Por que ele deixou você entrar?

Niko dá de ombros. —Eu acho que ele vê algo em mim que o faz lembrar o que tinha com o irmão que perdeu... Legion. Eles eram próximos, você sabe. Mais próximos do que ninguém que ele já conheceu. Eles governaram o submundo juntos. Além disso, eu sou um bom parceiro. Quem *não gostaria* de me manter por perto?

Eu rolo os olhos para essa última parte, e continuo nossa discussão. —E L o deixou. Ele trocou o mal pelo bem. — Tomo um gole para queimar essa única letra de seu nome da minha língua.

—Isso deixou Lúcifer louco. Ele é como um menino, sempre em busca de aceitação. O cara tem alguns problemas de abandono graves. E desde que eu não estou amarrado a qualquer lugar, pareço ser uma aposta segura. Uma distração, sem o risco de ele ser abandonado novamente.

—Espere... O que significa você não estar *amarrado* a qualquer lugar?

Niko prende a respiração, e eu vejo quando seus olhos ficam tristes. —Eu não estou no inferno, nem no céu. Estou em algum lugar no meio dos dois, incapaz de seguir em frente. Estou amarrado pelos dois lados, o bem e o mal, cada um deles segurando uma parte permanente minha.

Meu olhar amplia quanto o significado de suas palavras afunda. —Você está no limbo.

Ele balança a cabeça. —E, mesmo que isso pode soar como uma coisa legal, não é. Eu preferia queimar aqui pela eternidade do que me sentir tão... perdido.

Sento-me sobre meus joelhos, ansiosa por ouvir mais. —Porque você não pode seguir em frente?

Nikolai levanta o rosto para que eu possa ver a emoção pintada tão dolorosamente em de sua pele de alabastro. —Eu morri pelas mãos de meu pai, Stavros, ao dar minha vida por Gabriella. Mas antes que ela o ferisse em retaliação, ele foi capaz de amarrar sua vida à minha, como se soubesse que Dorian faria qualquer coisa em seu poder para me trazer de volta. Então, ao fazer isso, ele assegurou que uma nova vida fosse possível para ele também.

—Seu próprio pai te matou? — Minha voz é apenas um sussurro falho.



—No dia do casamento de Dorian e Gabriella, logo depois de matar minha mãe. E você achando que sua família fosse *divertidamente* disfuncional. — Ele ri obscuramente, mas nenhum humor atinge seus olhos. —Stavros governa o Oitavo Reino, aquele reservado para os criados por magia negra. Se eu for libertado do meu purgatório, vou ser banido para lá.

—O Oitavo Reino? Então, espere... há algo mais além... disso? — Eu pergunto, acenando com a mão ao redor da sala. Mas eu já deveria saber. Este não é o inferno. É apenas uma cela de detenção.

Niko balança a cabeça. —Muito mais. Há um reino para cada perversa criatura do mal, seres humanos incluídos. Meu pai já foi o bruxo mais poderoso do mundo. Lúcifer o permitia se divertir como quisesse em troca de sua lealdade.

—Mas você não é uma criatura do mal e perversa, certo? É por isso que está no limbo. — Sinto que estou fazendo muitas perguntas, mas não entendo. Depois de tudo o que ele me disse... depois de tudo que ele está fazendo para tentar me ajudar... como ele poderia ser merecedor de um destino tão sombrio? Ter que viver em agonia sob o domínio do homem que o matou?

—Eu estou no limbo por uma única razão, apenas uma. A mesma pela qual eu dei minha vida. Amor.

Ele engasga tentando engolir antes de olhar para mim, seu olhar azul gelo cheio de algo que não posso descrever. Admiração. Nostalgia. A emoção em seus olhos é tão intensa que eu posso sentir sua onda de energia em cima de mim, tornando seu calor palpável.

—Uma vez, eu fui um homem diferente. Alguém impetuoso e cruel... eu era um monstro. Mas eventualmente encontrei alguém que me salvou da desolação de minha alma, e me forçou a abrir meu coração. Ela era boa, ela era tudo. Ela era dia no meu mundo de noite perpétua. Ela me salvou... e eu a perdi.

—Ela morreu? — Eu odeio até mesmo ter que perguntar isso.

Ele balança a cabeça. —Ela trocou sua vida pela minha. E eu fiz o mesmo muitos anos depois.

Compreensão me atinge. —Gabriella.



Outro aceno. —Esse sempre foi o seu destino, o nosso destino. Tudo acontece por uma razão. Por que você foi escolhida pelo anjo Adriel... por que o Se7en te acolheu... está tudo conectado a algo muito maior.

—E o que é isso?

Uma linha suave se forma entre suas sobrancelhas. —Não sei. Ainda não sei. Mas, seja o que for, você tem que acreditar que tudo está predestinado por um bem maior. Algo além de você e eu, ou até mesmo do céu e do inferno.

Eu procuro as palavras certas para preencher o silêncio tenso que segue suas palavras, mas nada que eu possa dizer será suficiente. Ele experimentou tanta perda, tanta dor, e ainda assim aqui está ele, me dizendo para não desistir. Oferecendo esperança quando tudo que eu quero fazer é me afogar em minha miséria. No momento em que aceitei a mão de Lúcifer naquele frio porão úmido, pensei que fosse o fim. Eu *quis* que tudo isso acabasse. E sei que teria permitido que a raiva e o desespero tomassem conta de mim se não o tivesse encontrado. Teria me conformado com o destino que Lúcifer tinha me atribuído. Talvez até mesmo tivesse sucumbido aos seus avanços, seduzida pela promessa de distanciamento frio.

Exaustão e mais algumas bebidas batem como bigornas de duas toneladas sobre as minhas pálpebras, e eu nem sequer percebo que me afastei até sentir o calor suave de um cobertor sendo colocado em cima de mim, e lábios frios pressionando minha testa. Nem sequer tive força suficiente para sussurrar *boa noite*. Mas, quando acordo em um sobressalto de um sono pesado, horas depois, sei que Nikolai se foi.

O quarto está silencioso e mortal.

Mas eu não estou sozinha.



Leva apenas uma fração de segundo para afastar o sono dos meus olhos e substituí-lo por pânico gelado. Sento-me, me preparando para saltar da cama, mas antes que possa me mexer, uma mão quente, quase gentil, aperta meu cotovelo.

— Eu não queria assustá-la. Podemos conversar?

Eu forço meu olhar no dele, encarando as brilhantes íris roxas e azuis com medo e receio. — O que você quer? — Eu cuspo, minha voz cheia de sono e desconfiança.

— Só conversar, se estiver tudo bem. — Lúcyfer levanta as mãos passivamente. — Você estava dormindo, e eu me encontrei estranhamente fascinado por essa tranquilidade. Como é? — Ele se instala em cima da cama, sem convite, apoiando os caros sapatos de couro no edredom creme.

Eu posso jogar esse jogo de duas maneiras: posso obedecer meu primeiro instinto, que é correr, me esconder e vomitar ameaças vazias que só vão intensificar este jogo de gato e rato, ou posso seguir o conselho de Niko e jogar junto. Lúcyfer é um verdadeiro narcisista. Ele precisa acreditar que é tudo sobre ele. O meu medo, meu ódio, meu desejo... ele quer governar todos eles. Ele quer puxar minhas cordas puídas e me fazer me revelar diante de si.

—Como é o quê? — Eu pergunto, escondendo o susto do meu rosto.

—Dormir, — responde Lúcifer. Cerrando os olhos, ele inclina a cabeça para um lado como se estivesse estudando uma doença rara, uma criatura fascinante, e complementa: —Sonhar.

Eu me remexo desconfortavelmente sob seu olhar especulativo. —Você não sabe?

—Não. São funções humanas. Não tem nenhuma utilidade para mim.

Eu franzo a testa. Legion dormia. A memória do meu rosto apoiado em seu peito nu enquanto seu coração cantarolava uma canção de ninar ainda perdura nos cantos empoeirados da minha mente. Ele parecia tão calmo, tão humano, em seu sono. Eu quis existir naquele espaço com ele para sempre. E, pensar que isso pode ter sido uma mentira, francamente machuca. Ele é mais parecido com Lúcifer do que eu quero acreditar. Honestamente, eles são exatamente os mesmos.

—Então... nenhum de vocês dorme? Nunca?

Seu olhar percorre as linhas de questionamento esculpidas em meu rosto. —Aqui não. Na Terra, estamos sujeitos a um tipo de vulnerabilidade que se assemelha a mortalidade. Exigimos sustento, descanso. Nós nos tornamos suscetíveis a lesões e, em alguns casos, a doenças. Apesar de sermos muito mais fortes e mais resistentes a essas irritações, escolhi não correr esse risco.

Isso desperta meu interesse. Fico de joelhos, ainda mantendo uma distância saudável entre nós. Apenas algumas horas atrás, eu tinha me sentado ao lado dele, deixando-me seduzir pelas mentiras que caíam de seus lábios diretamente em meus ouvidos. A sensação de seus dedos ainda está gravada em minha bochecha. Mas agora, com o brilho suave das velas pintando sombras douradas em todo seu rosto, sua presença parece sufocante. Como se cada um dos meus sentidos despertasse em sua presença, apenas para ser sufocado pelo seu poder esmagador.

É um truque, digo a mim mesma. Um sintoma de sua proximidade.

Assim como naquela noite, no banheiro do Observador. Assim como ontem à noite, quando o deixei convencer meu coração vingativo a ter prazer com dor dos outros.



Afasto esses pensamentos da minha cabeça. Como seria fácil ser vítima de seu charme e influência escura. Sabendo disso, tenho que ficar vigilante. Tenho que reconhecer a diferença entre quem eu realmente sou e o pequeno monstro interior que está tentando fazer-se meu dono.

— Em todo caso, — ele começa, depois que deixo de falar e permito que ambos vivenciemos alguns momentos de tensão espessa. — Percebo que você é, de fato, um ser humano, e eu não seria um cavalheiro se não a verificasse depois das festividades do jantar. Perdoe-me por não acompanhá-la até seu quarto.

— Tudo bem, — comento, recusando-me a mostrar-lhe a verdade que ele procura desesperadamente. Seus lábios curvam-se com um toque de alegria desonesta, como se ele pudesse sentir o cheiro da mentira em mim.

— Bom. Eu não quero que você se sinta... — Seus dentes mordem seu lábio inferior, perfurando-o com a pequena pressão. — ...desconfortável. Você sabe disso, não é, Eden?

Eu forço meus olhos a desviarem de seus lábios e respondo. — Como eu deveria saber?

— Olhe ao seu redor, — ele responde com um aceno de mão. — Os melhores móveis. Os alimentos mais deliciosos. Os tecidos mais exuberantes. Quero que você se afogue em luxo, que esteja completamente imersa em todas as coisas agradáveis. Eu sei que isto é bem diferente do que você está acostumada, mas acredite em mim quando digo que você merece o melhor. E, enquanto você estiver comigo, você vai ter o melhor.

— Enquanto eu estiver com você. — Franzo meus lábios em uma linha plana.

— Sim, — ele concorda. — Eu te esperei desde antes de você nascer, Eden. Quando a senti dentro do útero de sua mãe, você não pode imaginar a alegria pura que tomou conta de mim, por saber que nós estaríamos juntos em breve.

Meu rosto empalidece e minha boca fica seca. — Você estava esperando por mim? Desde que eu era um feto? — Meu tom indignado o faz vacilar, mas eu insisto, minha língua inflamada com desgosto. — Que tipo de merda doentia é essa? Como isso te faz melhor que Zachary?

Lúcifer graciosamente fica de pé, sem se abalar com minhas acusações. — Meu interesse em você não foi concebido a partir da luxúria, Eden. Eu te

asseguro. O que você é, é... muito especial para mim. E te encontrar tem sido um assunto da maior importância durante séculos.

—O que eu *sou*? — Reluto. —O que você quer dizer?

—A mais rara e mais bela de todas as joias, meu amor. Uma que deve ser satisfeita com a maior honra e admiração por tanto tempo quanto eu possa reinar. É por isso que eu escolhi você, Eden. Não Adriel, não Lilith. Eu escolhi *você*.

Lúcifer rola para o lado para me encarar, fechando a distância entre nós. Seu aroma é mortal e inebriante, como flores violetas de beladona. Seus lábios são carnudos, e eu ainda posso saboreá-los em meus sonhos, assim como seu cabelo escuro, que uma vez senti como seda entre meus dedos. Seus olhos cintilam com brilho, como se eles fossem os guardiões de pequenas galáxias anos luz além de ambos os nossos mundos.

Eu gostaria que fosse possível odiá-lo mais do que já o faço. Isso faria com que negar minha atração insana por ele fosse muito mais fácil.

Essa coisa entre nós, está feia criatura desesperada que não morre, me assombra desde aquela noite na mansão do Observador. Eu senti sua oscilação de energia dentro de mim com cada curso. Senti-me cada vez mais forte, mais desinibida. Como se nada pudesse me atingir nem me domar.

Mas, esse sentimento, juntamente com nossa ilusão erótica, se quebrou no momento em que a voz de Legion se fez ouvir. Foi então que eu voltei à realidade, coberta de vergonha e tristeza, e por boas razões. Eu não tinha acabado apenas de dançar com o Diabo. Na verdade, eu tinha montado seu pau com tanta força que o fogo do inferno explodiu dentro do meu ventre e pingou pecado fundido, que escorreu pelas paredes do banheiro.

E agora aqui estou eu, pensando sobre aquela noite e sobre a maneira indescritível que ele me fez sentir. E me perguntando se o sexo seria ainda melhor agora que estamos aqui... juntos...

—Então... devemos foder agora, ou devo deixá-la continuar pensando a respeito? — Seu sorriso divertido zomba de mim antes dele levantar uma sobrancelha perfeita.

—Você, seu filho da puta, — eu cuspo duramente, percebendo o que ele tinha feito. —Você... você me fez pensar em toda essa merda!



—Não. Quero dizer, sim, eu te dei uma cutucada nessa direção, mas sua mente impertinente fez o resto. — Ele cautelosamente apoia seu queixo em uma palma. —Por favor, entretenha-me com mais. Sua memória daquela noite é bastante cativante. Devo ter causado uma boa impressão.

—Idiota, — murmuro, puxando as cobertas até o queixo. Eu gostaria de sair da cama, mas então ele veria, através do pijama de seda fina, quão duro os meus mamilos estão, e eu realmente não acho que é possível inflar seu ego ainda mais.

Ele ri, profundamente e sem vergonha, seu queixo inclinando-se para o lado, seus olhos fechados e sua boca sensual aberta. Ele é tão livre com seu corpo e seus movimentos, como se moderação e cautela não existissem no seu mundo. Era tão diferente de Legion, que existia em um estado constante de controle. Exceto quando estava comigo... me segurando firme sob um véu de luar, beijando-me profundamente e freneticamente, como se eu fosse desaparecer em seus braços, me enchendo com sua raiva e caos até me fazer queimar e brilhar como o sol.

Essas foram as únicas vezes que eu senti que realmente o vi, que realmente o conheci. Mas ainda assim, ele continuava um estranho para mim.

Solto um suspiro pesado e afasto as memórias que continuam tentando rastejar em minha mente. Lúcifer lê a frustração em meu rosto e cuidadosamente estende a mão para tocar uma mecha de cabelo solto, enrolando-a ao redor de seus dedos. Eu me mantenho estática.

—Ele não gostava de você, você sabe disso, — diz ele, sua voz quase um sussurro. —Ele a manteve enjaulada como um animal, desfilou com você como se fosse um pedaço de carne, e quando teve que decidir entre salvar sua vida ou a missão do Se7en, ele os escolheu. Ele não te escolheu, Eden. Ele praticamente a empurrou em meus braços.

—E você não teve nada a ver com isso? — Pergunto friamente. —Você não pegou minha irmã como refém e ameaçou fazer mal a ela e aos outros?

Seus dedos param de girar e ele deixa sua mão cair. —Ela é uma inocente. Eu não teria feito mal a ela. E mesmo agora, ela não tem lembranças daquela noite. Eu só precisava chamar sua atenção. Precisava que você parasse de lutar contra nós por tempo suficiente para fazê-la ver que seu salvador não é um santo. Ele é um hipócrita.



Com expressão séria, Lúcifer salta para fora da cama. —Vista-se. Eu gostaria de levá-la para tomar café da manhã e, em seguida, fazer uma excursão pela minha casa. Quero que você esteja confortável aqui. Quero que minha casa seja a sua casa.

Resisto ao impulso irresistível de revirar os olhos. —Por quê?

Ele se inclina para frente, pressionando o punho no colchão. Seus olhos salpicados de estrelas luminosas me olham com sinceridade. —Porque fui honesto sobre minhas intenções com você. Você pode não me amar, e talvez nunca ame. Mas minha esperança é abrir seu coração para mim, mesmo que seja apenas uma pequena parte dele. Apenas uma rachadura, isso é tudo que eu peço. Só então você vai saber a grandeza do que sinto por você.

Suas palavras despencam para o fundo do meu estômago enquanto o vejo endireitar-se e caminhar até a porta do quarto. —Estarei esperando no corredor, e eu nunca espero por ninguém. Você está aqui há menos de vinte e quatro horas, e eu já estou fazendo as suas vontades. E você nem sequer teve que se infiltrar na minha mente para isso.

No momento em que a porta fecha atrás dele, eu salto da cama. Estou ofegante após ficar quase sem respirar durante a última meia hora. Eu não posso tomar café da manhã com ele. Já é ruim o suficiente ele entrar no meu quarto sem ser convidado, e me observar dormir. Merda, será que ele sempre vai fazer isso? Onde ele irá aparecer a seguir? No banheiro?

Engulo o grito de frustração borbulhando em minha garganta. Como ele ousa! Ele não tem o direito de invadir meu espaço pessoal e acabar com o pequeno núcleo de segurança que achei que tivesse. Eu deveria saber que ele seria incapaz de manter o mínimo de decência e decoro. E, sabe de uma coisa? Ele precisa ouvir isso. Foda-se me curvar e morder como todos os outros ao seu redor. Niko disse que Lúcifer não se dá bem com o tédio. Bem, para sua sorte, ele tinha acabado de acender um fogo de artifício.

Apressadamente me lavo e visto a coisa mais modesta que encontro no guarda-roupa: uma saia de tule ridícula, preta e comprida, e uma camiseta branca lisa. Todos os sapatos são perversamente berrantes, então tenho que me contentar com um par de sapatilhas de ballet vermelhas. Elas provavelmente são os chinelos dessa casa, mas prefiro ser amaldiçoada a caminhar por todo este palácio em saltos.



Não me incomodo com muita maquiagem, e opto por amarrar meu cabelo em um coque bagunçado; não estou aqui para deslumbrá-lo com meus encantos femininos. Ele tem sorte de eu ter civilidade suficiente para pelo menos escovar os dentes. Entretanto, quando saio do quarto com as pernas trêmulas, poder-se-ia pensar que estou saindo das páginas da Vogue francesa.

—Uau... estou sem palavras.

—O quê? — Franzo a testa, olhando para minha roupa. Não é meu melhor trabalho, mas merda... tive que trabalhar com o que me foi dado.

—Nada, você é apenas... — Lúcifer balança a cabeça antes de dar um passo para frente e tocar os dedos em um cacho solto do meu cabelo. —Essa cor combina com você.

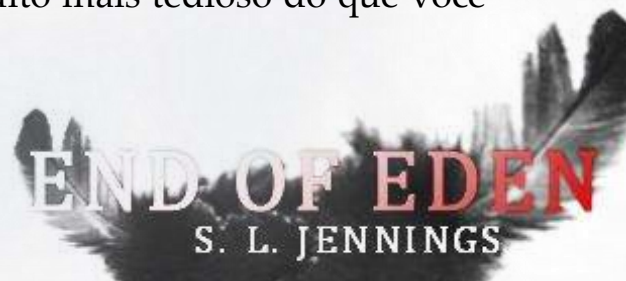
—Acho que tenho que lhe agradecer por isso.

—Acho que você tem razão, — ele responde com um sorriso nos lábios. Ele então dá um passo para trás abruptamente e aperta as mãos atrás das costas. —Venha. Eu pedi ao chef para preparar algo especial. Não é sempre que tenho o prazer de tomar café a esta hora, especialmente com uma beleza tão atraente.

Sigo seus passos vagarosos, ficando ao seu lado, mas mantenho uma distância saudável entre nossos corpos. Seus passos são fáceis, como se ele estivesse andando sobre uma nuvem. O corredor está estranhamente silencioso, mas o sentimento assustador de estar sendo observada é mais forte do que nunca. Como se todo o submundo estivesse aberto para nós em delírio. Cruzo os braços na frente do meu peito, esperando que o gesto abafe a rápida batida do meu coração.

—Eu pensei que você pudesse fazer o que quisesse? — Pergunto, mantendo meu olhar à frente, pois não quero ter nenhum vislumbre das pinturas. Eu posso senti-las, posso até mesmo perceber flashes de movimento com minha visão periférica, mas cada vez que olho para as obras antigas elas estão completamente imóveis, congeladas em sua poesia perpétua.

—Ah, como diz o ditado, não há descanso para os ímpios. Há sempre muito para fazer: almas para reivindicar, forçados para afiar, chifres para lustrar. — Ele olha para mim pelo canto do olho, apenas a tempo de pegar minha careta. —Estou brincando. Governar é muito mais tedioso do que você esperaria. Muita burocracia.



Nós viramos, andando na direção oposta à sala de jantar enfeitada com pedras vermelho- sangue. Freneticamente procuro quaisquer sinais de familiaridade, mas logo percebo que estamos andando para uma ala diferente. Onde ele está me levando?

—Meus aposentos, — Lúcifer diz, arrancando a questão da minha mente.

Olho para cima e franzo a testa para ele. —Você está lendo meus pensamentos?

—Eu não preciso. Você é muito fácil de ler. Não que eu esteja reclamando. Mas com um dom como o seu, eu seria mais cauteloso com suas expressões. Podem ser problemáticas.

Irritada com essa afirmação, ainda que um pouco grata pela dica, limpo a expressão rebelde do meu rosto. —Por que você está me contando isso?

—Porque eu quero ajudá-la, é claro. E, por ajudá-la, estou me ajudando. Meu objetivo é fazer com que você veja seu pleno potencial. Uma vez que você atingir seu pleno poder, será imparável. Nós seremos imparáveis.

—E depois?

Ele abruptamente para em frente à pesadas portas de madeira esculpidas e se vira para mim, baixando o queixo para que eu possa ver as partículas de obsidiana⁸ manchando o branco dos seus olhos. —Então... nós reinaremos.

Eu nem sequer tive tempo para respirar antes das portas se abrirem sozinhas, revelando uma sala de estar de luxo. Lúcifer estende um braço para que eu entre, e fico surpresa ao descobrir que meus pés obedecem, ansioso para entrar no espaço de tirar o fôlego. Os pisos são de mármore polido da cor de nuvens de tempestade iluminadas com raios irritados. As paredes são forradas de ardósia matizada de castanho escuro, que acentuam o brilhante lustre de cristal projetando luz cintilante do teto. Todos os móveis são modernos e deliberadamente distribuídos, embora estranhamente convidativos. É como se eu tivesse acabado de entrar na sala de exposição de um designer, onde cada coisa foi escolhida para refletir estilo e riqueza obscenos.

⁸ A obsidiana é uma rocha ígnea extrusiva com composição química variável. Apresenta cor negra, com fratura concoidal, textura nitidamente vítrea.



A área de estar faz fronteira com uma pequena sala, onde vejo uma mesa redonda e alta com uma jarra de suco de laranja e dois copos. Nem percebo que estou com fome até que sinto o cheiro de bacon, ovos e pães frescos. Tento esconder o ronco do meu estômago caminhando em direção à fonte.

— Venha, — Lúcifer diz, levando-me para mais perto da comida. — Posso mostrar-lhe o restante mais tarde.

Sigo-o, internamente me repreendendo pela fraqueza de meu corpo. No momento em que minhas costas atinge o encosto da cadeira, um fluxo de serviçais sai de uma porta a alguns metros, segurando vários pratos fumegantes de delícias douradas e fritas. Estou praticamente salivando quando um prato transbordante de todos os meus alimentos favoritos no café da manhã é colocado à minha frente.

— Coma, — Lúcifer sorri, pegando o garfo e faca. Ele corta uma pilha de panquecas macias e mergulhadas em manteiga e xarope. Seu olhar nunca se desvia do meu rosto enquanto ele abre seus lábios sensuais e coloca uma garfada de panquecas em sua boca.

Droga.

— Há algo errado? — Ele pergunta com a boca cheia de panqueca.

Eu pisco do meu transe e me esforço para pegar o garfo. — Não, não. Apenas esperando.

— Esperando o quê? — Ele questiona, pegando o copo de suco.

— Para ver se você vai realmente comer.

Lúcifer bebe alguns goles de seu suco e cuidadosamente larga o copo antes de se inclinar em sua cadeira. — Há literalmente um milhão de maneiras para prejudicá-la, Eden, e veneno está, francamente, no último lugar da lista. É chato... covarde. Se você ainda não notou, eu sou todo sobre o espetáculo.

Uma explosão rápida de calor corre sobre mim, ainda que não faça nada para afastar o frio de apreensão que corre por minha espinha. Seguro meu garfo ainda mais apertado, para acalmar o tremor da minha mão.

— Agora... coma. Sua comida está esfriando, e eu realmente odeio me repetir.

Ele pega seus talheres e recomeça a comer. Eu só me dou três segundos para abrir a boca com espanto antes de ajuntar meu queixo da mesa e pegar

uma salsicha com meu garfo. Mordisco o picante petisco frito e descubro que, claro, é delicioso e sem um traço de toxicidade. Não que eu realmente pensei que estivesse envenenado. Mas era ou mentir sobre minha morte em potencial por veneno, ou admitir que estava extasiada com o feitiço que é a boca de Lúcifer. Eu não posso e não vou dar-lhe a satisfação de saber o efeito que tem sobre mim.

—Você convida todos os seus encontros para tomar café da manhã no seu quarto? — Pergunto, depois de cansar dos sons da nossa mastigação e deglutição.

—Não, — ele responde sem olhar para mim. —E eu não estava ciente de que isto era um encontro.

—Oh, hum, — gaguejo, de repente sentindo-me mais do que um pouco autoconsciente. Foi uma tentativa falha de aliviar o clima, mas agora percebo que só tornei as coisas ainda mais estranhas. — Claro que não é.

—Relaxe, — Lúcifer zomba com um pequeno sorriso em seus lábios. — Estou brincando. Bem, na verdade não. Eu não namoro, Eden. Eu negocio, me divirto e fodo. Namoro é uma prática mortal.

—Eu não quis dizer...

—Mas, se isso é algo que você deseja, então eu faria. E certamente não iria trazê-la aqui para enchê-la de panquecas no nosso primeiro encontro.

Pisco duas vezes antes de dizer: — Não é necessário.

—Você prefere pular o cortejo e ir direto para a foda? — Ele brinca, mexendo as sobrancelhas.

—Vou passar. Odiaria arruinar suas belas paredes com meu vômito.

Como anteriormente em meu quarto, Lúcifer joga a cabeça para trás e ri, produzindo um forte e ressonante som, ainda que intoxicante. Não é tão profundo e gutural como o riso de Legion, mas é certamente muito divertido.

—Você é engraçada, Eden. Eu gosto disso. Posso apreciar um bom senso de humor.

Eu observo seus olhos brilhantes e sorriso devastador, e me pergunto se ele está dizendo a verdade. —Eu sempre pensei que sarcasmo fosse um dos sete pecados capitais.



—Oh, sim, assim como gula e luxúria. Não sei se eu deveria publicamente lhe açoitar ou recompensar.

Ele ainda está sorrindo, então acho que está brincando. Mas, novamente, ele usou esse mesmo sorriso na noite passada, quando ordenou que dois dos meus ex-colegas fossem estuprados até a morte. Apenas o pensamento de seus corpos sem vida e sangrando faz meu café da manhã se revoltar em meu estômago.

—O que aconteceu com Zachary e Danielle? — Pergunto antes que possa me conter.

Todos os sinais de alegria são instantaneamente apagados do rosto de Lúcifer, pelo que sou grata. É muito fácil se apaixonar por seu charme e boa aparência. E, quando ele aprender exatamente que botões apertar em minha cabeça, é melhor eu me lembrar das cenas terríveis da sala de jantar. Preciso do horror para me ancorar, para me lembrar do que ele realmente é. Preciso sentir a mesma raiva desesperada que me trouxe a este lugar.

—Você quer saber se eles estão vivos? — Ele bate as pontas dos dedos levemente sobre a mesa. —Eles estarem vivos faria você se sentir melhor sobre o que eu fiz com eles? Os tornaria menos merecedores de seus destinos?

Eu respondo, mesmo sem acreditar nas palavras que saem da minha boca. —Eu não posso dizer quem merece ser estuprado e torturado até a morte.

—Mentirosa, — ele sorri, e antes que uma resposta seca deixe meus lábios, ele levanta e acena para eu fazer o mesmo, estendendo-me a mão. — Quero te mostrar algo.

Olho para sua mão, em seguida, para seu rosto, o meu próprio uma máscara treinada de indiferença. —O quê?

—Vamos. Você verá. Pode te dar algumas das respostas que procura.

Levanto-me, evitando sua mão em um ato de desafio. —E que respostas eu procuro?

—Por que você está aqui. O que o seu futuro lhe reserva, — ele tagarela, me levando mais longe em seus aposentos. Ele para em uma porta de aparência comum e agarra a maçaneta. —E quem o seu amado Legion realmente é.



Só a menção de seu nome me faz sentir vazia novamente, apesar da minha barriga cheia. Eu quero voltar atrás, correr deste lugar e fingir que a curiosidade mórbida não está me corroendo como ácido. Tudo seria mentira, de qualquer maneira. Lúcifer só vai me mostrar o que ele quer que eu veja. Mas, de novo, ele não estava realmente mentindo naquele porão úmido, estava? Ele me cortou com a verdade enquanto Legion assistia com horror, paralisado com veneno de anjo.

Talvez Lúcifer esteja certo. Talvez Legion seja o verdadeiro mentiroso em tudo isso. Eu queria tanto acreditar em algo que provavelmente teria aceitado qualquer coisa. Talvez eu tenha tido fé na coisa errada o tempo todo.

—Mostre-me.

Lúcifer sorri com partes iguais de maldade e sexo, e gira a maçaneta.

A sala está iluminada por dezenas de velas, como se fosse uma sala ritual, muito parecida com a do Seten. No entanto, não há nenhuma estrela esculpida no chão, nem pilares abrigando punhais adornados de sangue. Em vez disso, há livros. Edições antigas estão meticulosamente organizadas em estantes que ocupam três das quatro paredes. No meio da sala, há um livro tão grande quanto uma mesa de cabeceira, situado em um pódio de mármore branco com candelabros altos de três velas em ambos os lados. Olho para Lúcifer, que me dá um aceno de encorajamento, instigando-me a me aproximar cautelosamente.

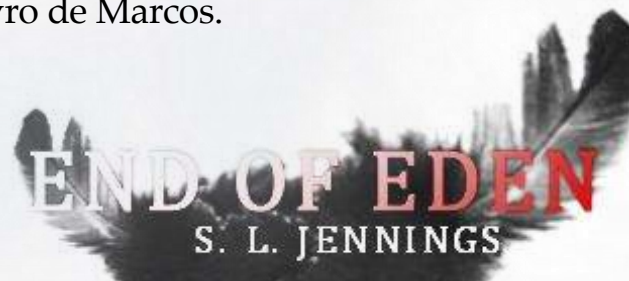
—A Bíblia Sagrada, — observa ele, enquanto analiso a encadernação de couro desgastado.

Eu lhe atiro um olhar de soslaio. —Por que você tem um santuário para a Bíblia?

Ele dá de ombros. —Por que eu não teria? Sou um personagem principal, depois de tudo.

Lúcifer dá um passo à frente e suavemente passa os dedos sobre a capa antes de abrir o livro enorme. Ele folheia o pergaminho com facilidade, sem um grama de hesitação ou incerteza em seus movimentos. Não há nenhum som de carne chiando. Nenhuma chama estourando.

—Eden, você conhece a história de Legion, como está realmente escrita na Bíblia? — Eu espio a página que Lúcifer abriu: o livro de Marcos.



—Sim.

—Tem certeza? Porque o que a história não lhe diz é o que realmente aconteceu há séculos atrás. Não eram apenas homens que ele atormentava. Eram mulheres. Crianças. Aldeias inteiras. Ele os transformou em monstros que se deleitavam com a morte e a destruição. Eles queimaram casas de famílias até sobrarem apenas cinzas. Violaram filhas e massacraram filhos. E toda essa crueldade e caos só tornou Legion mais forte.

Eu afasto meus olhos do texto, sem realmente ver as palavras. — Isso foi há muito atrás. E não finja que ele não estava seguindo suas ordens.

— Legion nunca seguiu minhas ordens. Ele era meu irmão. Meu igual. Ele apenas não queria a responsabilidade e a notoriedade. Ele só estava atrás de uma coisa.

—Do quê? — Pergunto, minha voz um sussurro sufocado.

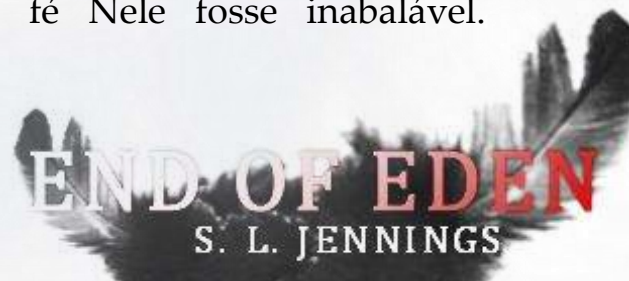
—Vingança.

—Vingança? — Dirijo-me a ele com uma carranca. —Pelo quê?

Lúcifer fecha o livro e anda em direção a única parede sem estantes. Em vez disso, parece haver um mural pintado ali, medindo pelo menos seis metros de comprimento e quatro de altura. É semelhante a um mapa, mas não retrata nenhum país que eu conheça. E, entre as linhas irregulares e texturas diversas, aparentemente reside uma história.

—O que é isso? — Pergunto, meus olhos ansiosos para absorver tudo. Tem tanta coisa... representações de demônios e anjos, até mesmo de homens. O artista pintou com grande profundidade, mas não é uma bela peça. Há tanto derramamento de sangue e conflitos, e cada cena é mais escura do que a outra. Mesmo que eu a estude por horas, não poderia digerir sua gravidade. Como pode qualquer ser, imortal ou não, viver com essa dor?

—É o começo, a faísca que criou o mundo. O homem nasceu com um propósito: Viver por Deus. Adorá-lo, e somente a Ele. Foi destinado a respirar apenas por Sua graça. Vocês foram criados para serem bonecos mortais, e Ele, o mestre de marionetes. Mas, mesmo que vocês tenham sido criados à Sua imagem perfeita, nunca foram perfeitos. *Vocês foram concebidos para falhar.* E a cada falha, *implorarem* Seu perdão. E assim o nosso Pai misericordioso poderia demonstrar sua indulgência, desde que sua fé Nele fosse inabalável.



Infelizmente, porém, alguns de nós não foram considerados dignos o suficiente para receber a mesma graça.

—Quando caímos, criamos o pecado. Nós interrompemos o plano de Deus. Nós demos às pessoas a capacidade de escolher, de mudar, de pensar livremente. De sentir cada emoção tão profunda e drasticamente quanto possível. *Nós criamos a humanidade*. Mostramos que a fé dos homens Nele não era inabalável. De repente, vocês foram autorizados a questionar tudo, como nós tínhamos tentado fazer no céu. E eu fiz isso para que vocês não fossem abandonados. Vocês poderiam viver e pensar e sentir sem *Ele*. Vocês poderiam pertencer a algo, serem valorizados por alguém que não iria julgá-los simplesmente por serem humanos.

Viro-me e pisco para ele, não conseguindo esconder o choque em meu rosto. —Você está mentindo.

Ele balança a cabeça. —Você sabe que não estou. Por que você acha que Ele permite o pecado? Ele poderia me parar, você sabe disso tão bem quanto eu. Ele poderia me ferir onde eu estou. Mas onde Ele está? Ele é orgulhoso demais para admitir que sou um problema. Que valho o suficiente do seu tempo e energia. Então, em vez de salvar o *seu* mundo, Ele prefere fingir que eu não tenho nenhuma importância. Ele prefere deixar que todos sofram ao invés de admitir que sou um desafio.

Olho para Lúcifer e encontro seu olhar impassível preso no mural. Se não fosse pelo tom de sua voz, acharia que ele está completamente afetado... insensível. Mas, aparentemente ninguém escapa da condenação ileso. Mesmo com toda a sua beleza e poder malévolo, ele é suscetível as cicatrizes emocionais da rejeição.

—Por que você está me contando tudo isso? — Sussurro, ainda olhando para o seu perfil.

—Porque eu quero que você entenda. Quero que você veja que eu também sei o que é ser deixado de lado e esquecido. Quando Legion e eu caímos, não o fizemos pelas promessas enganadoras de prazer e iniquidade. Nós estávamos mudando a algum tempo, muitos de nós estávamos. Mas, em vez de aceitar essa mudança, nosso Pai nos rejeitou. Se envergonhou de nós.

—Eu entrei no ritmo... deixei isso me motivar para construir meu império. Mas Legion deixou sua dor e raiva consumirem-no. Ele matou por esporte,

torturou por tédio. Ele lançou a peste e provocou guerras simplesmente porque podia. Ele era bonito e forte além do normal, e deixava-se alimentar por seu ódio profundo. Eu nunca fingi não sentir alegria com a dor e o sofrimento dos outros. Mas Legion... ninguém era inocente a seus olhos. Ele queria destruir o plano de Deus, e tudo que estivesse nele. E ninguém podia detê-lo. Nem mesmo eu.

— Então, como é que ele parou?

Finalmente, Lúcifer se vira para olhar para mim, vestindo seu sorridente disfarce habitual. Eu agora podia ver claramente que seu sorriso era uma mentira. Não para mim, mas para si mesmo. — Mais um dos mistérios da vida, receio. Um dia ele apenas... se conscientizou. E então veio a culpa e o remorso, tão fortes que quase o mataram. Eventualmente ele fugiu, levando alguns dos meus melhores soldados consigo, e jurando corrigir todos os erros que tinha cometido. — Nesse ponto, Lúcifer para e ergue uma sobrancelha astuta. — Ou talvez não. Talvez tudo isso seja parte de seu plano. Caminhar entre os humanos. Criar uma equipe de assassinos treinados. Ganhar a confiança de uma menina ingênua e solitária, que faria qualquer coisa por ele, mesmo à custa de sua própria mortalidade. Seu amor perdido há muito tempo, Adriel, foi apenas a cereja no topo do bolo.

Meu rosto aquece com a humilhação, mas me esforço para manter as lágrimas vingativas na baía. *Não é verdade*, digo a mim mesma. *Ele está mentindo*. Mas, enquanto minha cabeça e meu coração se enfrentam dentro do meu corpo trêmulo, eu sei que pelo menos uma parte do que Lúcifer diz é verdade. Eu só estou muito confusa para conseguir distinguir a realidade da ficção.

— Eu gostaria de voltar para o meu quarto, — digo, me virando para a saída. Não espero sua permissão. Nem sequer paro para deixá-lo me levar de volta para a sala de estar. Eu preciso escapar deste lugar, de seu olhar sábio e do mural pintado com mortes. Não posso continuar aqui quando posso me ver tão facilmente presa entre a violência e carnificina.

Lúcifer não fala durante a caminhada de volta aos meus aposentos, pelo que sou grata. Minha garganta está tão apertada por soluços não derramados que eu não seria capaz de responder-lhe, de qualquer maneira. Mas, quando ele finalmente sai, deixando-me com a promessa de me encontrar no jantar, eu

posso jurar ter visto um sorriso presunçoso em seus lábios antes que ele se virasse para ir embora.

Ele sabe que ganhou este round. Assim como sabe que eu nem sequer lutei.

O jantar é um denso nevoeiro.

Visto outro vestido apertado. Como mais alimentos ricos e deliciosos. E ouço mais divagações estridentes vindas do pequeno bando de desajustadas de Lúcifer. Nikolai se resigna ao seu papel de melhor amigo entediado enquanto as três raposas sensualizam, rindo de toda e qualquer porra que Lúcifer diz. Eu juro, ele não pode sequer mastigar e engolir sem elas bajularem seus pés revestidos em couro. Felizmente, só tenho que aguentar três pratos de seu rastejar patético, em vez de seis.

—Você está gostando de suas vieiras, Eden? — Lúcifer pergunta casualmente, como se não tivesse deixado cair uma verdadeira bomba atômica sobre mim hoje cedo. Passei a maior parte da tarde afundando ainda mais na autodúvida e confusão. Eu sabia que Legion foi um dos grandes males do inferno. Só não sabia quão ruim ele foi. Nem quais eram suas verdadeiras intenções.

Concordo com a cabeça e dou o que parece ser um sorriso educado. Pelo que sei, porém, eu poderia estar fazendo uma careta. —Sim. Obrigada.

—Bom. Tenho algo especial planejado para a sobremesa.

O sangue drena do meu rosto. —Outra surpresa?

Sua mão elegante pousa em cima da minha por apenas um segundo. — Não se preocupe. Esta noite é tudo sobre prazer. Sem punições envolvidas, eu prometo.

Rapidamente arranco minha mão e a escondo debaixo da mesa. — Isso é... bom. — Mas nem mesmo sua promessa tem o poder de aliviar a sensação de mal-estar em meu estômago, e eu passo o resto da refeição empurrando a comida em volta do meu prato.

Algum tempo depois que os pratos de sobremesa são recolhidos, a trindade profana de Lúcifer desculpa-se e sai da sala, rapidamente voltando e agora vestindo quase nada. Pedacos de couro mal cobrem seus mamilos e partes íntimas. Cada uma delas está segurando uma coleira, e anexado ao fim delas estão três prisioneiros: dois homens e uma mulher, nus. Com pulsos amarrados e bocas amordaçadas, eles caem de joelhos, lutando para acompanhar suas amantes obscenamente vestidas. A única coisa que me impede de voltar para o meu quarto é o fato de que eles parecem dispostos, até mesmo animados. Como se tivessem se inscrito para serem rebaixados e humilhados.

Os anjos negros de Lúcifer param diante de nós, cada uma delas ostentando maliciosos sorrisos enquanto brincam com suas correntes.

— Hoje à noite, — começa Amanda, eu acho.

— Não é apenas sobre prazer, — Sandra continua.

— É também sobre... — Christina entra na conversa.

— Dor, — as três dizem, suas vozes perfeitamente sincronizadas.

Dor? Minha cabeça vira para Lúcifer, que sem surpresa está olhando para mim, como se estivesse esperando minha reação.

— Mas você disse...

— Shhh. Está tudo bem, — Lúcifer zomba, sua voz cheia de condescendência aveludada. — Eles querem isso, você verá.

E eu vejo. Mais do que gostaria.

As meninas começam seu show, ordenando que os três escravos beijem a ponta de suas botas de cano alto. Inocente o suficiente. Em seguida, elas mudam para coisas mais perversas: algumas bofetadas com remos em suas bundas, ou com um par de chicotes de equitação. Elas até mesmo usam

grampos de mamilo. Tudo muito bem-vindo no mundo BDSM, mas eu tenho que admitir, estou desapontada. Eu esperava mais das prostitutas de Satanás, não apenas uma cena de algum romance erótico amador ou filme pornô qualquer.

Mas então as coisas ficam... mais escuras.

A cor drena do meu rosto quando as três mulheres vestem maciças cintas vibratórias e as lambuzam com uma gosma clara, e quando elas começam a fodê-los com força, eu sinto os primeiros gostos de bile em minha garganta. Entretanto... seus prisioneiros parecem se divertir. Como se estivessem realmente adorando a coisa toda. Eles imploram por mais e mais, e como esta noite é uma exibição de prazer, as asseclas de Lúcifer ficam muito felizes em obedecer.

Mas o que realmente me enoja é o fogo que parece rugir em minha barriga, deixando minhas extremidades em chamas. Sinto o calor em minhas bochechas varrendo meu peito e pintando raias rosadas em minha pele, completamente arrepiada. Minha língua inflama com a necessidade de provar dessa paixão, e minha boca saliva de desejo.

Eu odeio me sentir assim. Odeio que apenas olhar para isso me faça contorcer de desejo. Estou enojada com a forma como me excita ver homens adultos choramingando enquanto seus corpos estão cheios de paus de silicone duros e longos.

Aperto minhas coxas para abafar a queimadura. Entretanto, meu sexo treme com o atrito, e mordo o lábio para manter meus próprios gemidos na baia. Hipnotizada, nem sequer pisco até Christina gritar um comando, fazendo com que todos mudem para posições diferentes. E então... eu quase me perco.

Ela desliza seu pau de borracha em um dos homens que, por sua vez, penetra o outro homem por trás. O segundo homem espalha as coxas da prisioneira do sexo feminino e enterra-se dentro de seu sexo encharcado. Amanda tira sua cinta e espalha-se no rosto da mulher, montando sua boca ao compasso dos golpes masculinos. E, com as mãos livres, puxa Sandra em sua direção, apoiando sua coxa em seu ombro e enterrando seus dedos e língua profundamente dentro de sua vagina.

Eu pensei que a orgia dentro do banheiro do Observador tivesse sido incrível. Esta, porém... é quase assustadora. Mesmo assim, cada batida de pele, cada grito de prazer e cada impulso profundo me faz tremer de desejo. Eu quero isso. Quero o que eles têm. Quero os sucos de Sandra escorrendo pelos meus lábios. Quero raspar minhas unhas contra sua carne macia e molhada. Quero o pau do estranho dentro de mim enquanto ele também é penetrado por trás. Eu odeio isso, odeio, mas porra... eu quero. E nem sequer sei por quê.

Sinto-me diferente aqui. Minha mente é tão aberta, e meu corpo está sempre tão excitado. Estou pensando em coisas que nunca me atreveria sequer a assistir, muito menos tentar. Entretanto, meus mais obscuros sonhos estão aqui, a minha disposição. Eu poderia simplesmente me levantar desta mesa de jantar, tirar meu vestido e me juntar a eles, e ninguém iria me julgar. Ninguém iria tentar me parar ou se envergonhar de mim. Eles me receberiam de braços abertos e celebrariam a libertação de meu corpo.

Faça isso. Uma voz sussurra em minha cabeça. Não é a minha voz, e nem mesmo a de Adriel. *Isso vai te fazer sentir tão bem.*

Eu quero me sentir bem. Quero sentir algo, qualquer coisa que seja diferente de dor e raiva e medo. Quero ser livre dos grilhões da autodúvida e insegurança que me mantiveram presa atrás de celas mundanas. Passei minha vida inteira tentando passar despercebida. *Não chamar atenção indevida. Ficar nas sombras. Não deixá-los ver o que realmente sou.* E sabe de uma coisa? Isto não me deu nada. Absolutamente nada, só solidão, dor de cabeça e uma porrada de problemas. Então por que não agir de acordo com meus desejos? Por que não fazer o que me faz sentir bem?

Eu prendo a respiração e me preparo para abandonar a última gota de inibição quando o som de dentes rangendo e de vidro quebrando capta minha atenção.

—Desculpe-me, — Nikolai fala, seu olhar gelado perfurando-me através da névoa crivada de luxúria. Sua boca se aperta em desdém quando ele finge surpresa pela bagunça que causou, fazendo o vinho tinto manchar a mesa com repugnância sangrenta.

Merda. Eu estava realmente prestes a arrancar minhas roupas e me juntar a porra de uma orgia? No inferno? Com um bando de diabas ou demônios ou seja lá o que são? O que está acontecendo comigo?



Fecho meus olhos para me recompor enquanto criados limpam a bagunça de Niko. A cena diante de nós continua, embora com um pouco menos de entusiasmo. Ou talvez seja eu. Talvez agora que eu não estou completamente cega pela cobiça, possa finalmente ver o que isso realmente é: uma armadilha. Uma diversão para afastar minha mente do meu corpo. Lúcifer sabe que a carne é fraca. Inferno, ele praticamente escreveu o livro sobre tentar as necessidades carnis dos homens. Ele sabe que botões apertar para me fazer sucumbir a minha fragilidade mortal. E, verdade seja dita, eu o deixei empurrar cada um deles.

Foda-se.

Ele pode ter ganho esta manhã, mas não vencerá essa noite.

— Isso é o suficiente! — Salto de meu assento com força suficiente para fazer as pernas da cadeira guincharem pelo chão vermelho brilhante. Toda a atividade cessa. Nem mesmo um grunhido gutural ou arranhão de unhas contra pele úmida é ouvido. Eu não sei bem se acabei de cometer suicídio, mas quando cada olhar largo repousa sobre mim, sei, de fato, que capturei a atenção de todos na sala. Especialmente do grande assistente do próprio mal.

— Algum problema, querida? — Lúcifer pergunta timidamente.

— Eu sei o que você está tentando fazer, — respondo, me inclinado para frente. Minhas palmas suadas sentem-se quentes contra o tampo da mesa, mas eu não recuo. — Não se faça de inocente; você sabe que eu sou quase tão fodida quanto elas. — Aponto em direção a orgia congelada no chão da sala de jantar. — Mas estou aqui para lhe dizer... não vai funcionar. Eu aprecio o gesto, mas não vai acontecer. Agora, se me derem licença.

Estou assinando minha sentença de morte, mas ainda assim percorro a distância até as portas de saída, sabendo muito bem que o Grande Ceifador pode estar me esperando do outro lado. Entretanto, nada além de silêncio atordoante me segue para fora da sala. Nem mesmo a expressão assustada de Saskia no limiar não abrandam meu ritmo. Ignoro os olhares curiosos e o zumbido baixo que parece emanar das pinturas. Deixe-os olhar. Deixe-os apresentar um relatório ao seu mestre sobre a cadela desafiante que eu sou. Ele provavelmente está tramando minha trágica morte neste exato momento, escrevendo a compilação *‘Maiores Sucessos da Tortura’*.

— Vamos, — eu estalo, com medo de abrandar o ritmo.



Suas pernas curtas lutam para me acompanhar. Ela eventualmente sussurra com a voz rouca. —O que aconteceu?

Eu lanço um olhar de soslaio para as paredes, capturando movimentos com o canto do meu olho. Posso ouvir o zumbido frenético de dezenas de sussurros, mas eles não fazem nada para abafar o rugido do sangue em meus ouvidos.

Eu nem sequer dou a Saskia a oportunidade de abrir a porta do meu quarto antes de abri-la eu mesmo com um empurrão, desesperada por segurança e conforto. No entanto, acho algo completamente diferente me esperando.

—Que porra você estava pensando? — Niko rosna, a picada de sua voz acompanhada por um olhar significativo que congela meus passos. A pobre Saskia uiva e rapidamente fecha a porta atrás de si, ansiosa para escapar de seu ataque gelado.

—Como você chegou aqui? — Eu arrogantemente passo por ele. —Seu *mestre* não está te procurando?

—Esqueça isso. Você está tentando se matar? Porque se for assim, me avise da próxima vez. Eu realmente gosto deste traje, e sangue é uma cadela para sair da seda.

Com um rolar de meus olhos, marcho até o armário e tiro meus saltos altos obscenos. —Eu sinto muito, mas não posso jogar seu pequeno jogo pervertido. Consiga outra pessoa.

Arranco o ridículo vestido do meu corpo — um modelo preto sem alças, que mal atinge duas polegadas abaixo das minhas partes íntimas — morrendo para me livrar de qualquer lembrança das... atividades desta noite. Dane-se a modéstia. Nós acabamos de assistir a uma maldita orgia acontecer a alguns metros de distância. Minhas narinas ainda estão queimando com o fedor de suor, silicone e sexo.

Niko se vira e me dá as costas, irritado demais para se embasbacar com a visão de minha calcinha. —Novidades, docinho: não há mais ninguém. Ele escolheu você, não o ouviu? Você não está aqui por acaso. Então, eu não dou a mínima se você cansou ou não desse jogo. Ele não cansou de você. Lide com isso.



Eu marcho para encará-lo, sem me importar com meu atual estado de nudez. Niko olha para mim com intensidade fria.

— Você sabia? Sobre Legion? Você sabia o que ele era?

Ele pisca, mas a dureza de seu olhar não se dissipa. — Ele te mostrou. O início.

— Você sabia o monstro que ele era, não é? E que ele estava apenas me usando por vingança.

— Você não pode ter certeza disso. Ninguém sabe, nem mesmo Lúcifer.

— Sério? — Eu cruzo meus braços em frente aos meus seios cobertos de renda. — Por que de onde estou assistindo, ele tem estado muito mais próximo da verdade do que qualquer outra pessoa na minha vida, não excluindo a presente companhia. O que eu estou fazendo aqui? Como é que vou lutar de volta quando estou presa aqui, brincando de Barbie vagabunda?

Niko solta um suspiro pesado e caminha até a cama. — Eu preciso da sua ajuda.

— Minha ajuda com o quê? — Pergunto, me juntando a ele na cama.

Seus olhos azuis gelados se deslocam da esquerda para a direita, relutantes em divulgar seu plano secreto. — Lúcifer tem uma arma, uma que não só poderia destruir qualquer um e todos em seu caminho, mas que também poderia destruí-lo. Preciso que você o mantenha distraído por tempo suficiente para eu entrar naquele quarto. E quando Legion vier te resgatar ...

— Ele não vai me resgatar. Você não estava prestando atenção?

Niko revira os olhos. — Oh, supere a falsa falta de esperança. Você sabe muito bem que Legion não iria deixá-la aqui. Ele está vindo por você, e você precisa estar pronta para quando ele chegar.

— E se eu não quiser ir? — Pergunto, levantando uma sobrancelha com arrogância.

Niko leva um segundo para escolher suas palavras sabiamente, sua boca trabalhando através do gosto amargo da frustração. — Então eu estava errado a seu respeito, e você definitivamente não é nada parecida com Gabriella. Virar as costas para seu companheiro faria de você a menina egoísta e imatura que o resto do mundo acredita que é, e todo esse sacrifício — meu, da minha espécie, do Se7en, inferno, até mesmo da sua irmã — teria sido em vão. E você

vai ter que viver com isso em sua consciência, juntamente com o sangue de inocentes em suas mãos.

Suas palavras esfaquearam minha névoa de teimosia, me deixando sóbria. —Se você não conseguir essa arma, acha que Lúcifer vai usá-la? — Eu questiono, minha voz baixa e meu ego domado.

—Com você ao lado dele? Sem dúvida. Você é exatamente o que ele precisa para manipulá-la.

—É por isso que você não me quer aqui.

—Há outras razões, mas sim. Quanto mais tempo você ficar aqui, mais suscetível é aos avanços dele. Este lugar altera você... se alimenta das suas fraquezas e a sustenta com uma falsa sensação de liberdade. Diga-me que você não sente isso? Diga-me que não está começando a mudar?

Não posso discutir com ele, e não faço. Eu seria uma tola em duvidar da validade de suas afirmações, especialmente quando não tenho nada para contestá-las. Entretanto, nada disso alivia minha mente quando se trata de Legion e de seu papel em tudo isso. Mas, se a história até agora me ensinou alguma coisa, é que devo seguir meu instinto. Normalmente, as coisas que parecem certas nunca são boas para mim. E enquanto Lúcifer e toda a sua beleza viciosa intriga os meus sentidos mais básicos, sou inteligente o suficiente para saber que seu veneno é muito mais horrível que sua aparência.

—Ok, tudo bem. Eu vou fazer o que...

Em um flash de movimento e cor, Niko me gira e deita meu corpo contra a cama, nivelando o seu próprio corpo contra meu peito. Sua boca cobre a minha, e ele brinda meus lábios entreabertos com movimentos preguiçosos de sua língua. Eu suspiro com a intrusão repentina, minha cabeça ficando nebulosa com a sensação e o gosto dele. É o suficiente para quase me fazer esquecer de onde estou, e de quem ele é. Entretanto, assim que a percepção volta, eu empurro as palmas das mãos contra seu peito duro enquanto um riso sombrio e estrondoso soa a alguns centímetros de distância.

—Parece que cheguei na hora certa.

Eu congelo, meus olhos arregalados e horrorizados penetrando diretamente a irritante calma disfarçada de Niko. Ele preguiçosamente levanta a cabeça e sorri.

—Aí está você. O que te fez demorar tanto? — Ele pergunta a Lúcifer, suas palavras soando um pouco arrastadas.

—Só precisava encerrar algumas coisas. Vejo que vocês dois estão se conhecendo.

Niko ergue seu corpo de cima de mim e casualmente fica de lado. Seus dedos frios lentamente traçam círculos em torno do meu umbigo, e eu reprimo um arrepio.

—Eh. Ela é um ser humano comum. Uma vez que você teve alguns milhares, já teve todos eles. Honestamente, Lúcifer, você tem certeza de que ela é a pessoa certa?

—Humana, sim, ela é. Comum, entretanto, ela não é. Você se importaria de nos dar alguns momentos a sós? Aprecio você lhe fazendo companhia em seus aposentos, mas posso tomar conta disso a partir daqui.

Niko se levanta, nem um pouco afetado pela acidez da voz de Lúcifer, nem pelo desprezo escuro brilhando em seu olhar. Quando seu ombro apenas escova o Diabo em seu caminho para a porta, o ar explode como uma corrente elétrica invisível que faz o cabelo na parte de trás do meu pescoço se eriçar. Eu prendo a respiração, esperando, orando silenciosamente. Um movimento errado e as tripas de Niko poderiam pintar as paredes.

—Estava se divertindo? — Lúcifer pergunta no segundo em que a porta do meu quarto se fecha. Eu expiro pela boca, ligeiramente trêmula.

—O que você quer dizer?

Lúcifer caminha até o armário e pega um robe de seda. Quando o estende para mim, não hesito em envolvê-lo em torno de meu corpo quase nu. Merda. No que eu estava pensando?

—Eu disse que não era obrigada a seguir os bobos padrões humanos aqui, Eden. Disse que você estava livre para explorar todos os prazeres da minha casa, desde que se lembre a quem você serve. No entanto, há um limite.

Antes de eu piscar... antes que eu possa respirar... estou debaixo dele na cama, na mesma posição que estive com Niko. No entanto, não há paixão em seu toque, apenas calor sufocante e fúria, que me fazem suar. Seguro a respiração, incapaz de respirar através do calor irradiando de seu corpo.



Seus olhos são como diamantes negros e sua boca está torcida em um rosnado quando ele se aproxima e corre os dentes ao longo da concha da minha orelha. —Tenha certeza que você não o ultrapasse. Eu posso não ser capaz de matá-lo, mas vou matar sua família e todos que ele já conheceu e amou. E vou fazer você assistir.

Ele está longe de mim em um instante, me olhando impassivelmente. Não há amor em seus olhos, nem bondade. Eu não posso acreditar que já pensei que ele poderia ser capaz de ser algo mais do que um monstro.

Lúcifer sai do meu quarto sem dizer mais nada. Eu não me movo durante vários minutos, não confiando em meus membros trêmulos. Mas, quando o faço, vou direto para o guarda-roupa e pego os vestidos e sapatos mais escandalosos que posso encontrar, organizando-os por nível de rudeza. Então planejo como vou usar cada um deles, e até mesmo alterar alguns para expor-me mais. Em seguida, trabalho na maquiagem e nos acessórios.

Niko precisa que eu seja a distração de Lúcifer. E se isso é tudo que posso fazer — desfilas como uma de suas vagabundas — vou ser a melhor distração maldita que ele já viu. Mesmo se eu tiver que vender minha alma... um pouquinho.



Os dias seguintes são um borrão cheio de alimentos, uma quantia exorbitante de álcool e algumas das coisas mais sórdidas que se pode imaginar. Cada noite é uma porta giratória de sexo, violência e indulgência, e mesmo eu tendo lutado contra isso no início, eventualmente apenas me tornei... dormente. Essa indiferença que eu queria evocar, esse disfarce impassível que tentei tão desesperadamente copiar de Niko, de alguma forma, eu conquistei ao aprender a parar de me importar. Agora eu poderia olhar para uma mulher sendo sodomizada, cada orifício cheio até a borda, e não piscar um olho. E isso nem me assusta. A parte assustadora é que eu sinto absolutamente... nada.

—Estou aborrecido, — Niko anuncia com um suspiro pesado. Ele se reclina na cadeira até que sua perna esteja literalmente apoiada no braço da mesma.

—Eu também, — uma das trigêmeas vadias diz. Amanda. Ao longo dos últimos dias, fiz um esforço para conhecê-las, o que parece justo, considerando que dormimos juntas. Também aprendi que elas não são apenas demônios, são Succubus. Succubus são criaturas extremamente belas e sedutoras, que almejam manter suas vítimas presas em seus encantos. E, uma vez que seu

alvo é imobilizado, ela drena sua força vital, deixando para trás apenas uma casca decrepita de ser humano.

Claro, as meninas não fariam isso comigo. Não sem que Lúcifer pedisse, pelo menos. E depois de vê-las em ação uma noite, durante uma exibição grotescamente intrigante de seus poderes, sou mais do que grata por estar do lado delas. Puta merda.

— Bem, o que devemos fazer hoje à noite? — Lúcifer pergunta, deslizando a ponta do seu dedo sobre a borda do copo. — Eden?

Eu levanto meu queixo ao som do meu nome em seus lábios deliciosos, e dou-lhe meu olhar ousado. — Não sei. E quanto a você?

Ele levanta uma sobrancelha, curioso. — Eu?

Dou de ombros. — Nós vimos o que grande parte da sua corte pode fazer, mas e você? Até agora, você me regou com roupas e presentes, e provou ser um anfitrião encantador. Mas isso é tudo? Esse é o verdadeiro Lúcifer? Acolhedor... generoso. Inofensivo?

A sala fica em silêncio. Até as meninas sorridentes parecem segurar suas respirações.

Lúcifer olha para mim, as manchas obsidiana em seus olhos brilhando com desprezo brincalhão. Ele lentamente suga o lábio inferior entre os dentes, fazendo um emocionante formigamento entrar em erupção na minha barriga. Ignoro a traição de meu corpo.

Ele sorri maliciosamente antes de estalar os dedos.

Uma fileira de dançarinas do ventre seminuas entram, posicionando-se ao redor da mesa.

Mesmo com seus cintos tilintando conforme o balanço de seus quadris fluando a nossa volta, o olhar dele nunca se desvia do meu. Quando elas começam a se despir e se reunir em torno dele, seu olhar não se afasta. E quando elas começam a acariciá-lo, tirando sua roupa e revelando a pele de alabastro suave, seus olhos permanecem colados aos meus.

Eu não pisco. Eu mal consigo respirar. Enquanto observo as dançarinas do ventre caírem de joelhos e tirarem o terno de Lúcifer, todo o pensamento racional me parece falhar, como se eu estivesse paralisada em uma prisão construída com minha própria luxúria. Ele está completamente nu da cintura

para cima, mas a visão de sua pele não é o que me desarma. São as meninas... a maneira como rastejam aos seus pés. A maneira como elas o adoram em todo o seu poder aterrorizante. Como se ele fosse o seu deus, seu pai, seu salvador. Como se ele fosse a personificação de todas as coisas verdadeiramente más e belas.

Ele ainda não se move quando as meninas se voltam uma para a outra e começam a se beijar. Eu nem sequer pestanejo; me tornei insensível a esses pequenos shows de erotismo nos últimos dias. Eu nem sequer coro mais. Mas, quando seus beijos se tornam vorazes e violentamente desleixados, algo muda no olhar de Lúcifer, como se a obsidiana fosse eclipsada por violeta brilhante e tons de azul.

Leva apenas alguns momentos antes de eu perceber que as meninas não estão se beijando — não mais, pelo menos. Agora há sangue escorrendo pelos seus queixos enquanto mordem e... oh meu Deus... mastigam a cara uma da outra. Dentes manchados com filetes vermelhos revelam vislumbres de pele e tendões corrompidos em um prazer vicioso enquanto uma devora a outra, arrancando nacos de carne. Escancarados buracos brotam onde lábios cheios e perfeitos uma vez sorriram provocantes. E Lúcifer só... fica lá. Inabalável. Impassível. Como se não sentisse o sangue quente escorrendo pelas pernas e se reunindo a seus pés.

O pouco de humanidade que resta dentro de mim implora para ele parar com isso, mas não pronuncio uma palavra sequer. Essas meninas vão deleitar-se uma com a outra até que nada além de sangrentos tocos de carne sejam deixados no chão, e eu ainda não vou falar. Suas mortes estarão em minhas mãos, junto com as de Zachary e Danielle. Mas desta vez, eu não choro nem imploro para Lúcifer parar. Vou engolir isso, assim como a pílula amarga da minha consciência quebrada.

Depois de algum tempo, quando o sangue começa a diluir no chão como um rio carmesim, Lúcifer se levanta e empurra os corpos sem vida perto a seus pés para o lado, deixando-os em uma pilha sangrenta. Ele pisa sobre eles como se fossem nada além de lixo, e dá pequenos passos até onde estou sentada, imóvel como uma pedra. Ele então agarra meu queixo com os dedos manchados de sangue, forte o suficiente para me fazer suspirar. É a primeira vez que sai do personagem durante toda a noite, e eu sei que ele está curtindo o fato de ainda poder evocar minhas fraquezas.



—Tenha cuidado com o que deseja, querida, — ele sussurra, trazendo os lábios à minha orelha. Sua respiração é tão quente quanto seu tom é frio. —Eu não estava sequer me esforçando.

E assim, ele afasta sua mão e se vira, deixando o resto de nós ao redor da mesa atordoados e silenciosamente horrorizados.

Eu tomo isso como minha deixa para sair, e quando finalmente chego ao meu quarto, com Saskia em meus calcanhares, consigo aguentar até à porta do banheiro antes de vomitar no chão. Minha criada pessoal não diz uma palavra, o que só amplifica os sons de minha ânsia de vômito violenta. Quando esvazio meu estômago, ela me ajuda no banho e, em seguida, se vira para limpar a bagunça.

—Sinto muito, — coaxo, minha garganta crua. —Por favor... eu vou limpar isso.

Saskia balança a cabeça. —Não é incômodo. Eu esperava ter que limpar muito mais. Você está se saindo melhor do que eu esperava.

Eu não escondo as lágrimas dela hoje à noite. E Saskia não parece se importar com isso também.



Na manhã seguinte, sou cumprimentada por um envelope encostado à minha lâmpada de cabeceira. Não quero nem pensar em como ele chegou aqui, nem quando. Rapidamente o abro e retiro o pergaminho, lendo a letra elegante com olhos excitados.

—Um baile? — Deixo escapar quando Saskia entra com minha bandeja de café. —Ele está dando um baile em minha honra?

Não perco o tremor nas mãos de Saskia, forte o suficiente para sacudir os pratos com tampa de metal. De alguma forma, ela parece ainda mais pálida do que antes.

—Acho que isso é uma coisa ruim? — Questiono, vestindo o robe de seda que combina com meu pijama ridiculamente confortável. Se há uma coisa com

a qual eu poderia me acostumar aqui embaixo, são os tecidos de qualidade. Minha pele nunca se sentiu tão mimada.

Saskia larga a bandeja e abaixa a cabeça, falando com a voz mais calma do que o habitual. Eu tive que me acostumar a fazer um esforço para conseguir ouvi-la, inclusive. — Ele vai convidar a elite de todos os domínios, incluindo o pai de Nikolai. Seus principais conselheiros e guerreiros demoníacos também estarão presentes.

Agora eu entendo suas mãos trêmulas. — O que devo esperar?

— Dança, champanhe, música.

Eu franzo a testa. — Antes da decapitação pública? Ou estaremos dançando em torno de uma orgia em massa?

Saskia balança a cabeça, e acho que ela quase sorri, revelando brilhantes presas afiadas. Eu nunca tinha visto seus dentes antes, e puta merda... não estava esperando por isso. — Nada como isso. Ele nunca a apresentaria publicamente acompanhado de tal grosseria.

— Então, por que eu deveria ficar preocupada?

Saskia continua a tarefa de descobrir os pratos e organizar meu café, algo que eu disse a ela várias vezes ser desnecessário. — Ele deseja encantá-la e seduzi-la, fazê-la se sentir como uma rainha entre os monstros mais depravados. Por... te revelar, ele está se movendo para a próxima fase de seu plano.

— E que plano é esse? — Pergunto, pegando uma taça de frutas acompanhada de um prato de ovos, bacon, salsicha e panquecas. A gula parece ser uma ocorrência natural por aqui.

— Casar com você.

Um mirtilo inocente de repente é esmagado entre meus dedos, deixando uma confusão de polpa arroxeadas manchando minha palma. — Vá para o inferno.

Os olhos de Saskia se alargam em pânico antes que ela entenda o significado por trás das minhas palavras. Leva algum tempo para ela se acostumar com minha completa incapacidade de me censurar. — Ele está ficando desesperado. A única graça salvadora que lhe resta se deve ao fato de

ainda não ter entregue seu corpo a ele. Depois de fazer isso, resistir será impossível.

Calor inunda meu rosto enquanto olho para o meu prato. —E o que acontece se eu o fizer? — Sussurro.

Não perco a ingestão aguda da respiração antes dela responder. —Então ele a terá completamente.

Olho para os olhos dela, o negro de suas pupilas tão ilimitados quanto meu medo. Eu não posso lhe dizer o que fiz. Não posso dizer a ninguém. Mas, se o que ela está dizendo é verdade, eu sou realmente propriedade de Lúcifer? E sua busca por um herdeiro... E se...

Eu aperto meu estômago. Estive um pouco enjoada na semana passada, mas atribui isso às demonstrações repugnantes de brutalidade que tive que suportar todas as noites. Não há nenhuma maneira de eu estar... é fisicamente impossível.

Certo?

Eu folheio o Rolodex⁹ da minha mente, voltando para aquela noite na festa do Observador, e o meu mundo tão sombrio e sem esperança, desaba em torno de mim em cacos de vidro manchados de sangue e escombros.

“Tente não deixar que seus hormônios obtenham o melhor de você. Você está ovulando. Nephilim e Cambion são altamente desejados.”

Foi Lilith que me disse isso enquanto caminhávamos pela mansão do Observador. Mas, sabendo o que sei agora, ela poderia estar mentindo. Na verdade, estou certa de que ela estava mentindo. Ela provavelmente só queria me dissuadir de me juntar a Legion.

O que eu fiz.

Poucos dias mais tarde.

Merda.

Talvez eu tenha estado desempenhando o papel de *vagabunda* um pouco bem demais.

⁹ Um Rolodex é um dispositivo de arquivo rotativo usado para armazenar informações de contato comercial. Seu nome é uma combinação das palavras rolando e índice.

Mesmo que eu estivesse ovulando, ainda estava fértil quando Legion e eu dormimos juntos? Ele não parecia preocupado com proteção, mas eu tenho certeza que ele gozou dentro de mim. Inferno, eu o senti fazer isso. Apenas a pressão de sua semente me enchendo foi suficiente para desencadear os orgasmos mais intensos que já experimentei. Eu quase posso senti-lo pulsando dentro de mim outra vez, cutucando meu útero. Sua força e potência desumana deixou todo o meu corpo tremendo com réplicas por quase uma hora.

E Lúcifer... tão erótica e sedutora e, *foda*, de explodir a mente quanto a experiência foi, será que sequer foi real? No momento em que as batidas de Legion romperam a neblina de luxúria, a ilusão se quebrou e eu me encontrei pressionada contra a porta do banheiro, meus dedos trabalhando ferozmente dentro de mim. Tudo isso poderia ter sido uma invenção da minha mente, um truque plantado pelo próprio Diabo. O que significa que não há nenhuma maneira dele ter gozado dentro de mim, e tudo o que eu estou sentindo, em meu coração e estômago, não tem nada a ver com isso.

Então o que *estou* sentindo?

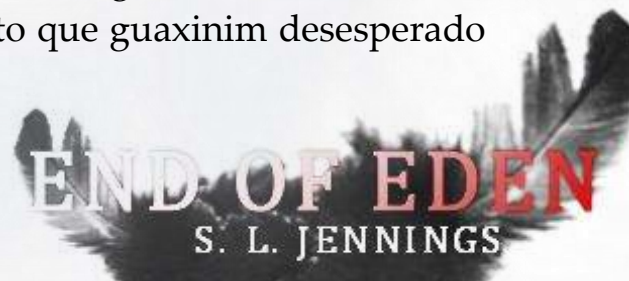
Eu não consigo decifrar, mas deveria estar irrevogavelmente certa de não haver nada mexendo em minha barriga além de vergonha, dúvida e medo. Mas, posso ter certeza absoluta disso?

Não é até um chocante azul meia-noite chamar minha atenção que eu desvio o olhar da minha barriga fantasma. Saskia está silenciosamente a alguns centímetros de distância, segurando um luxuoso vestido de baile da cor da parte mais profunda do oceano. A saia é de tule vaporoso e enfeitada com cristais de ônix em formato de gotas de chuva. Um corpete tomara que caia com uma sobreposição de rendas recortadas faz com que a peça pareça menos baile de formatura e mais alta costura. Claro, é lindo, e foi escolhido especialmente para mim. Tenho certeza de que até mesmo Lúcifer sabia que a cor iria realçar os tons violetas do meu cabelo. É revoltante a forma como ele pensa que me conhece.

—Devemos começar, — anuncia Saskia.

Eu franzo a testa. —Mas é manhã. Falta horas para o baile.

—Eu sei, — ela responde, aqueles grandes olhos negros caindo sobre meu travesseiro na cama, manchado de rímel. Acredito que guaxinim desesperado



seria uma descrição precisa do meu olhar nesse momento. —Nós deveríamos ter começado na noite passada.

Santo inferno.

Saskia fez uma piada.

E é exatamente o que preciso para tirar momentaneamente minha mente da ansiedade que está atualmente corroendo meu estômago.

Ansiedade... ou outra coisa.





Quando olho para mim mesma no espelho de corpo inteiro preso à porta do armário, mal posso conter meu suspiro. Definitivamente estou muito distante dos trajes sumários que usei na semana passada, e tenho que admitir, nunca pareci mais elegante.

Saskia está atrás de mim, cheia de orgulho silencioso. Dirijo um sorriso para ela, a expressão tão estranha em mim que meu rosto literalmente dói. Quando foi a última vez que senti verdadeira felicidade, mesmo que por um momento fugaz?

— Você está linda, Senhora, — diz ela, sua voz rouca atada com emoção.

— Tudo por sua causa. Obrigada, Saskia.

Ela mergulha o queixo em um gesto modesto antes de estender-me uma pequena mochila. — Isto ficará debaixo da cama, — ela sussurra.

Perplexa, eu franzo a testa. — O que é isso?

— Coisas que você pode precisar mais tarde.

Sua vaga resposta não faz nada para esclarecer minha confusão, mas antes que eu possa investigar mais a fundo, ouço uma batida na porta. Eu

imediatamente fico tensa, mas a ausência de terror no rosto de Saskia rapidamente me alivia.

—Impressionante, — Niko elogia após Saskia deixá-lo entrar. Ele está vestido da cabeça aos pés com um conjunto preto azulado que faz o tom de água-marinha de seus olhos parecer ainda mais pálido. Seu cabelo preto normalmente bagunçado está penteado para trás, mostrando seu rosto. Ele parece exatamente como um membro da realeza Dark a qual pertence, e o efeito está fazendo coisas estranhas com minhas entranhas. Como se meu corpo naturalmente respondesse ao poder que emana dele.

—Então, como você ficou preso com a tarefa de ser meu encontro? — Pergunto, apoiando uma mão recém cuidada em meu quadril.

Desde que Lúcifer pegou Niko em meu quarto enquanto eu estava seminua, as coisas têm sido tensas, para dizer o mínimo. Niko estava jogando seu papel de melhor amigo infiel perfeitamente, como sempre, mas eu poderia dizer que havia um distanciamento entre os dois. As brincadeiras lúdicas entre eles pareciam forçadas e estranhas às vezes, e eu definitivamente temia pela segurança de Niko. Se não fosse por suas circunstâncias especiais, estou quase certa de que ele teria sido dilacerado enquanto eu assistia com horror, apenas de calcinha. Então, o fato de que Niko tinha sido autorizado — ou instruído — a me escoltar até o baile apenas parecia bastante bizarro.

Talvez estejamos sendo manipulados.

Talvez isto não seja somente uma festa. Talvez seja uma execução.

—Apenas sorte, eu acho. Você tem tudo que precisa? — Pergunta ele, seu olhar indo de mim para Saskia. Não perco o leve aceno de cabeça que vem da menina, mas não os questiono, no entanto. Não quando meu coração e mente ainda estão atormentados pelo medo. E estar em um salão com Satanás e cercada pelas criaturas mais perigosas da existência não têm nada a ver com isso.

Niko oferece-me a curva de seu braço, e com um fôlego resignado, junto o meu com o dele e o deixo me guiar pelo corredor. Eu não me atrevo a falar com ele com familiaridade fora das paredes do meu quarto. Em vez disso, caminhamos em silêncio pelo que parecem eras até chegarmos a uma escada dourada, cheia de dezenas de pessoas — sobrenaturais, sem dúvida — vestidas com magnífica elegância em ricos trajes vermelhos brilhantes,



brancos inverno e negros cintilantes. É um baile legítimo e, a julgar pela enorme quantidade de diamantes e joias que posso ver, apenas a nata de cada reino está presente.

Niko dá um aperto em meu braço. —Pronta? — Ele murmura, mantendo os olhos à frente. Estou quase com medo de seguir seu olhar.

—Como nunca vou estar.

Ele dá o primeiro passo, me puxando consigo. À medida que subimos a escada, todos os olhos parecem cair sobre nós com prazer sádico. Como se a nossa própria presença emitisse uma corrente animada que viaja até o pouso, fazendo cada cabeça presente virar em nossa direção. Se não fosse pelos smokings sob medida, roupas finas e vestidos de baile lindos em várias tonalidades, além das ricas joias, eu acharia que estava sendo escoltada para minha própria execução. Uma semana atrás, teria oscilado entre o medo esmagador do desconhecido e o temor pelo esplendor completo que me cerca. Agora, sei que nada é o que parece. A beleza é uma distração — uma diversão — da feiura que pulsa dentro dessas paredes.

A viagem até o topo da escada é acompanhada por uma sensação de desconforto que faz meus batimentos cardíacos se misturarem em um fluxo rítmico, muito parecido com o zumbido que emanava do peito de Legion. Mesmo que eu não pudesse vê-los, era capaz de senti-los. A especulação se agarra aos minúsculos pelos na parte de trás do meu pescoço, os sussurros e risos ásperos arrepiando minha pele. Estavam todos esperando para ver a menina que Lúcifer queria tornar sua rainha... Mas não havia ninguém impressionado com a escolha.

—Queixo para cima. Olhos à frente, — Niko murmura, seus lábios mal se movendo.

Outro aperto encorajador.

Eu faço o que ele diz, e o deixo me puxar pelo resto do caminho até o salão de baile. Tudo é gravado em ouro. As paredes, brilhantes e surpreendente brancas, são pintadas com treliças douradas ao longo dos contornos e pilares. O design se funde com o teto esculpido, que hospeda o maior e mais deslumbrante lustre que eu já vi. É maior do que meu quarto todo, e cada camada parece mostrar mais gotículas de cristal do que a outra. A sala ainda está cheia das preciosas obras de arte de Lúcifer, peças grandes o

suficiente para encher as paredes altas e destacarem-se contra a arquitetura magnífica. Cada uma está alojada em sua própria moldura dourada, o cintilante metal precioso combinando com o chão de mármore suave. Não tenho nenhuma dúvida que nós estamos de pé sobre ouro suficiente para erradicar a fome no mundo. Todo o espaço conta uma história de extrema riqueza e opulência, combinados com notas de erotismo e malícia. É como se todos os pecados mortais estivessem reunidos em um só lugar.

Onde a sala de jantar estava encharcada pelas cores da morte e do poder, esta sala era régia e elegante, beirando o berrante, com seus espetaculares pilares barrocos e teto pintado, espelhando algo que eu só li nos livros de história na escola.

—Michelangelo, — Niko observa, seguindo meu olhar cheio de admiração.

—Hã?

—O teto. Já ouviu falar da Capela Sistina? Mesmo artista.

—Você quer dizer... que Michelangelo está... aqui? — Eu franzo meus lábios para impedir que meu queixo caía.

Niko acena apenas uma vez. —Os talentos dados por Deus não foram suficientes para ele. Lúcifer propôs-lhe um acordo que ele não pode recusar.

Instintivamente, olho ao redor da sala, perguntando-me quantas dessas pinturas foram feitas por artistas que ele tinha influenciado. Lúcifer havia dito que Deus muitas vezes deixava orações sem resposta, e ele então apareceria em Seu lugar, distribuindo presentes, e punições, de sua própria autoria. Todas essas pessoas que buscaram a ajuda de seu salvador em tempos de desespero e foram atendidas apenas com promessas veladas e trapanças... eles trocaram suas almas por seus sonhos, e Lúcifer executou os contratos. Nem sequer quero pensar sobre a exorbitância dos preços que foram pagos.

—Pareça forte, E. Vou avisá-la quando for hora de ir, — sussurra Niko perto do meu ouvido. Então ele separa nossos braços unidos, só para aproximar meus dedos de seus lábios. —Você está linda.

É impossível disfarçar o rubor em meu rosto ao sentir seus lábios frios escovarem minha pele. Seus olhos penetrantes, emoldurados pelos mais escuros e mais grossos cílios conhecidos pelo homem, ficam em mim o tempo todo, causando-me uma emoção que não entendo muito bem.

—Por que isso me parece um adeus? — Minha voz racha com a pressão de minha confusão.

—Nunca é um adeus, Eden, — ele responde, ainda segurando minha mão. —Ninguém se vai para sempre.

Eu ainda estou ponderando suas palavras quando ele se afasta de mim, misturando-se com a multidão. Mas, antes que o abandono e ansiedade possam rastejar em cima de mim, o mar de pessoas finamente vestidas começa a se dividir, abrindo caminho para o mestre de suas almas e o governante de seus medos.

Lúcifer caminha através das fileiras de pessoas, cada passo deliberado e fluido. Seu rosto é uma máscara de porcelana perfeita, e enquanto seu corpo pode não ser tão assustador como o dos guardas de pele escamosa parados em volta da sala, sua presença é suficiente para fazer os guerreiros mais fortes murcharem a seus pés. Homens e mulheres — deuses e monstros — olham para ele com uma combinação de apreensão e saudade. Eles querem ser como ele. Querem transar com ele. Mas ele os assusta, fazendo com que a luxúria e a autopreservação entre em guerra com seus sentidos. Eu odeio admitir isso, mas eu entendo essa insanidade. Ele é o epítome de tudo que eu odeio e quero, vestido em um smoking que parece que foi costurado, peça por peça suntuosa, em seu lindo corpo.

Galáxias gêmeas me encontram a metros de distância, e me congelam onde estou, parada sobre meus saltos incrustados de safiras. Minha boca se abre reflexivamente e eu seguro a respiração, saboreando a mudança na atmosfera. Há uma carga elétrica no ar, que chia em minha língua, saboreando como fogo e sexo. É como se ele tivesse mudado alguns entalhes em sua essência, e o homem com quem estive jantando todas as noites, o homem que me trouxe para sua casa e brincou comigo sobre panquecas, fosse apenas uma fração de seu poder incrível. Eu o vejo agora como nunca o vi antes. Não apenas indescritivelmente belo, elegante e letal, mas como um verdadeiro rei diante de meus olhos.

—Essa cor combina com você, — Lúcifer diz, dedilhando o corpete de renda do meu vestido. O instinto me diz para recuar, mas outra coisa, algo que não entendo bem, me mantém no lugar.



—Obrigada, — respondo, olhando para o chão. Olhar para ele quando ele está tão perto me parece impossível, como se meus olhos queimassem nas órbitas.

—Você está linda, Eden. Estou feliz por ter vindo.

—Será que eu tinha alguma escolha? — Eu respondo antes que possa me conter. Agora não é o momento para cutucar o urso. Desafiá-lo quando estamos sozinhos ou na frente de Nikolai e das Succubus é uma coisa. Em uma sala cheia de seus súditos queridos? Isso é suicídio.

—Você sempre tem escolha, Eden. Você escolheu vir aqui comigo. Você pegou minha mão, — responde ele, afastando os dedos do meu vestido e os deixando acariciar meu braço. Ele pega minha mão, bloqueando nossos dedos e nos deixando palma com palma. A sensação de sua pele envia um formigueiro de emoção do meu peito até o meu estômago, e eu abafa um suspiro.

—Escolhi, — consigo dizer.

—Você se arrepende? Agora que sabe a verdade? Agora que entendeu que Legion estava apenas lhe usando? Ele proclamou arriscar a vida por você, mas... onde ele está agora?

Meus olhos percorrem o salão enquanto me esforço para engolir o nó irregular da verdade. Ele tem razão. Já faz dias, provavelmente uma semana que estou aqui, e Legion não veio. Ele disse que iria me proteger ou morrer tentando. E a parte patética de tudo isso é que eu realmente comecei a acreditar nele. Tanto quanto eu o odiava por não me contar sobre Adriel, e tanto quanto doía perceber que eu não valia realmente a pena salvar, eu ainda tinha essa cega esperança estúpida de que ele viria, com suas armas em punho, e me puxaria para fora deste buraco infernal.

Grande erro.

Ele não viria. Eu nunca tive chance.

E enquanto fico aqui, usando um vestido e saltos que provavelmente custam mais do que o meu salário anual, e cercada de beleza e arte e riqueza, tudo no que posso pensar é quão estúpida eu fui por acreditar que alguém pudesse olhar para mim e ver mais do que a garota problemática e sem raízes que eu sou. Que eu poderia realmente ser alguém forte e resistente. Que eu poderia ser o suficiente... o suficiente para ele.



— Ei, ei... — Uma mão quente suavemente toca minha bochecha e desvia meu olhar sem rumo. A besta linda a minha frente sorri solenemente. — É uma festa, minha querida. Nós deveríamos estar celebrando.

Logo em seguida, um serviçal para a nossa frente, segurando uma bandeja de taças cheias de champanhe. Lúcifer pega uma para cada um de nós.

— Pelo futuro, — ele anuncia, erguendo a taça. — Por nós.

Eu engulo, em seguida, dou-lhe um sorriso tenso. — Por nós, — eu digo, levantando minha própria taça.

Lúcifer bate suavemente sua taça contra a minha, bebe, e observa atentamente quando faço o mesmo. Eu bebo até a última gota, desafiando o embrulho em meu estômago. Não tenho certeza o que ele reservou para mim hoje à noite, mas, se minhas suspeitas forem verdadeiras, vou precisar de toda a ajuda que puder — alcoólica e não alcoólica.

— Vamos dançar? — Diz ele, pegando minha taça vazia e a colocando em uma bandeja. O serviçal flutua em torno de nós, não se impondo, mas ainda assim antecipando nossas necessidades.

— Por que não? — Eu coloco minha mão na dele, e mesmo com toda minha preparação mental e distanciamento fabricados, não consigo suprimir a emoção que seu toque proporciona.

A multidão abre passagem novamente enquanto Lúcifer me leva para o meio da pista de dança do salão e coloca uma mão em minha cintura. Eu nunca tive uma aula de dança sequer, mas ele me conduz com tanta facilidade que meus próprios passos se tornam tão simples e fluidos quanto os dele. É como se eu estivesse pisando em sua nuvem e deslizando em fios de seda e tule. Eu nem sequer sinto o mármore sob os meus pés.

A música é clássica, mas há algo tão assustadoramente melódico nela que me encontro extasiada pelas escalas e notas sinuosas. É como uma sinfonia de corpos — leve e gracioso — uma canção apenas para dois. Nós dançamos ao redor da sala em movimento, enquanto a orquestra cria nossa própria história — uma de trevas e morte e luxúria crescente.

O horror da noite anterior é esquecido, como se nunca tivesse acontecido. Como se eu tivesse imaginado aquilo tudo, e este homem gracioso e elegante nunca sonhasse em manchar sua beleza com sangue coagulado. Talvez tenha

sido mesmo tudo um sonho ruim. Talvez minha mente tivesse criado a ilusão de um monstro, e me fez ver o que eu queria acreditar. Não tenho certeza. Honestamente, não tenho certeza de nada agora.

Quando finalmente encontro coragem de olhar para cima, com medo de pisar em seus pés, encontro Lúcifer olhando para mim com um sorriso curioso nos lábios.

—O quê?

—Cuidado. Você vai me fazer acreditar que está se divertindo, — ele zomba, girando-nos. O cristal negro tilinta em meu vestido como uma chuva de diamantes caindo sobre grama macia.

—E se eu estiver? — Respondo. Meu rosto é de pedra, mas minha voz... não posso dizer se realmente quis falar isso ou se estou apenas brincando com fogo.

—Então vou ser obrigado a dançar com você durante toda a noite, menina bonita.

Ele mergulha e me gira, fazendo com que os foliões murmurem *ooohs* e *ahhhs*. Esse foi o exato momento no qual notei nosso público cativo.

—Eles estão todos olhando, — sussurro com olhos arregalados.

—E?

—E... eles estão todos olhando. Para nós.

—Não nós. *Você*. — Ele me puxa mais perto, tão perto que posso sentir o fogo em volta de suas palavras. —E você pode culpá-los? Quando nem mesmo eu tenho sido capaz de tirar meus olhos de você desde o momento em que entrou no salão?

Não tenho nenhuma resposta sarcástica, nem mesmo um rolar de olhos dramático para oferecer. Não quando seu corpo está pressionado contra o meu de uma forma que é reservada apenas aos amantes. Da mesma forma que eu estive pressionada contra Legion quase uma semana atrás.

Tenho que lutar para lembrar desse sentimento. O cheiro dele... o som de sua voz... a sensação de sua pele quente... eu tenho que lutar para me lembrar disso. E de muitas maneiras, eu não quero. Dói demais.



—Algo errado? — Pergunta Lúcifer. A ponta de seu polegar roça meu queixo, ganhando minha atenção.

Eu balanço minha cabeça. —Só um pouco de sede. E meus pés... —minto.

—Claro. Perdão.

Ele acalma os nossos movimentos e pega a minha mão, interligando nossos dedos antes de me levar para fora da pista, permitindo que dezenas de casais tomem o nosso lugar. Mas, antes que possamos escapar da multidão, somos parados por um homem assustadoramente bonito, sério e com impressionantes olhos azuis pálidos. Seu cabelo está jogado para trás, e seu rosto deve ter sido feito a mão pelo próprio Deus. Mesmo com o punhado de cabelos brancos ao longo de sua testa, ele é facilmente um dos homens mais bonitos que eu já vi.

—Devo dizer... os rumores não lhe fizeram justiça, — ele diz a Lúcifer com um aceno de cabeça.

—Estou inclinado a concordar. Stavros Skotos, é com prazer que lhe apresento a bela Eden Harris.

Stavros *Skotos*? Eu deveria saber. E agora que sei, a semelhança é incrível. Este é o monstro que matou seu próprio filho, e tentou destruir o outro e sua noiva. O governante do Oitavo Reino do Inferno. E, *puta merda*, ele é lindo e magnético, seus olhos tão hipnotizantes que eu nem sequer percebo que sua mão está estendida até ouvir Lúcifer limpar a garganta ao meu lado.

—Prazer em conhecê-lo, — gaguejo, oferecendo-lhe uma mão mole. Ele a toma e rapidamente a leva aos lábios, deixando arrepios gelados em seu rastro. Puxo minha mão de volta e a coloco atrás das costas.

—É uma honra conhecê-la, — diz ele suavemente, sem se abalar por meu gesto brusco. Em vez disso, ele pisca. —Nosso mestre está a mantendo só para si. Felizmente você não tem estado totalmente isolada desde a sua chegada.

—Ah, não em tudo, — Lúcifer entra na conversa antes que eu possa responder. —Só queria que Eden se acostumasse antes de jogá-la aos lobos. Falando nisso, ela se aproximou bastante do seu menino.

À menção de seu filho, Stavros franze a testa. —Nikolai?



—E Dorian também, suspeito. Você não sabe nada sobre isso, não é? — Embora seu rosto seja uma máscara de perfeição passiva, eu não perco o nervosismo no tom de Lúcifer.

—Absolutamente não, — Stavros responde sem hesitação. —Não tenho nenhum contato com qualquer um deles. Eles estão mortos para mim.

Lúcifer acena. —Estou feliz em ouvir isso. Onde está o jovem Niko hoje à noite? — Ele finge curiosidade, seus olhos esquadrinhando o grande salão de baile. Eu franzo os lábios, recusando qualquer informação.

—Não tenho ideia. Vocês dois se aproximaram, certo? — Responde Stavros. Há um desafio escondido em suas palavras, e por um momento fugaz, quase me sinto preocupada por isso.

Um serviçal para diante de nós com taças de champanhe. Lúcifer entrega uma para mim antes de pegar uma para si mesmo. Novamente, tomo a minha em apenas alguns goles. Eu não tenho nenhuma razão para me abster. O que eu suspeitei antes... foi estúpido. Um momento de ansiedade tola.

—Pode-se dizer isso. Mas eu não gosto de surpresas, — observa Lúcifer, tomando um gole. Seu olhar nivelado permanece em Stavros. —E o seu filho parece estar cheio delas.

—Se ele causou qualquer problema...

—Não. Nenhum problema em tudo. — Lúcifer sorri maliciosamente. — Mas se o fizer, você será o primeiro a saber.

Stavros, com sua altura formidável e charme ousado, perde a cor, e seus olhos pálidos faíscam em fogo azul. Ele parece com medo... realmente aterrorizado. —Entendo, — ele consegue coaxar.

—Bom! — Lúcifer exclama, batendo-lhe no ombro com força suficiente para fazer Stavros vacilar. —Agora curta a festa, querido amigo. Desculpem-nos.

—O que foi aquilo? — Eu sussurro a Lúcifer uma vez que estamos fora do alcance da voz. Roubo um olhar para trás e encontro Stavros ainda de pé, nos observando.

—Stavros foi uma criatura muito poderosa uma vez. Às vezes, ele precisa ser lembrado de que já não governa nada. Não no inferno, e nem na Terra. Ele nem sequer governa sua família.



—Mas você o deixa governar o Oitavo Reino.

Lúcifer acena. —Mera formalidade. Parte de estar no poder é saber delegar. Ele é tão carente de minha aprovação e de minha atenção que não se atreveria a me desafiar. Não que ele realmente ganhará qualquer uma das minhas graças. A lealdade é importante para mim, e se a história me ensinou alguma coisa, é que nunca poderia respeitar alguém que prejudicou seus próprios filhos. No entanto, observá-lo choramingar e se contorcer é bastante divertido.

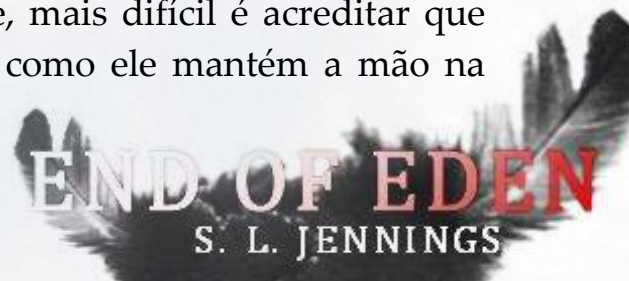
Encontro-me gargalhando à custa de Stavros e olhando para Lúcifer com olhos enevoados. Esse último gole de champanhe fez minha cabeça se sentir nublada e, juntamente com o encanto magnético de Lúcifer, me deixou mais solta. —Você é tão mau.

Ele olha para mim, sua expressão calorosa com um toque de malícia. —Você não tem ideia.

Andamos pelo salão, parando para cumprimentar assessores e dignitários mais próximos de Lúcifer. E, com uma fonte interminável de champanhe, torna-se mais fácil sorrir e fingir que aqui é onde eu deveria estar. Uma grande parte de mim sabe que isso é uma traição — eu deveria estar chutando e gritando e agindo como uma tola irracional na frente de seus amigos. Mas uma pequena parte de mim meio que... gosta do que faz. Os olhares amorosos dos homens. Os de admiração das mulheres. Eu sou uma estrela aqui, não uma reflexão tardia. Não sou um animal de estimação patético implorando por um tapinha ocasional na cabeça.

Pela primeira vez, me sinto importante e... poderosa. Mesmo com minha mortalidade frágil, sinto que tenho a vantagem aqui, embora saiba que é só porque Lúcifer está ao meu lado. Mas, estranhamente, permanece o fato de que ele está ao meu lado. Não está mantendo distância e fingindo indiferença enquanto sou humilhada e envergonhada por ser uma garota ingênua. Ele não está forçando sua língua na garganta de outra fêmea enquanto sento e assisto. Inferno, ele nem sequer olhou para outra mulher durante toda a noite, e considerando as pessoas lindas de morrer que nos rodeiam, não posso dizer se ele é realmente um santo ou imune ao sexo oposto.

Eu não sei o que está acontecendo aqui, nem o que está acontecendo comigo. Mas, quanto mais tempo passo com ele, mais difícil é acreditar que suas intenções não são verdadeiras. A maneira como ele mantém a mão na



parte inferior das minhas costas, oferecendo-me seu calor e proteção, o jeito como ele me apresenta, como se eu fosse a pessoa mais importante no mundo para ele... como eu posso me sentir indiferente a isso? Quando ninguém mais me dignou esse tipo de atenção?

Mas, eu não deveria querer a atenção dele. Certo? Eu não deveria querer me sentir forte e dominante em uma sala cheia de monstros. Eu deveria me encolher e me esconder, como fiz durante toda a minha vida. Quem eu sou — *o que* eu sou — não deve ser motivo de orgulho.

Meu estômago se agita com a dúvida. Minha cabeça nada com a confusão. Se eu fosse virada do avesso, o salão inteiro veria a bagunça feia e confusa que eu realmente sou.

— Algo errado? — Pergunta Lúcifer, um leve franzido marcando sua testa. Eu ofereço-lhe um sorriso duro.

— Só preciso do banheiro feminino.

— Eu vou levá-la.

Sinto apenas um toque de pressão em minhas costas quando ele gentilmente me guia para longe. Eu o acompanho com as pernas trêmulas, tentando como o inferno me manter calma e satisfeita. Algo não está certo. Eu não... não me sinto bem.

— Eu vou esperar por você aqui, — diz ele quando chegamos à porta marcada como banheiro das mulheres. Meia dúzia de serviçais no corredor nos olham abertamente.

— Estou bem. Eu juro.

— Vou esperar aqui, — ele repete, antes de roçar o dorso da mão em minha bochecha. — Leve o tempo que precisar.

Atordoadas, passo pela porta de vaivém, levando seu calor comigo. Há outras mulheres em frente ao espelho, mas assim que elas me veem, sorriem e me dão um amplo espaço. Elas têm medo de mim. Por que, eu não tenho ideia. Mas também não consigo lembrar de uma época em que não recebi rolar de olhos e insultos sarcásticos murmurados sobre uma pia comum.

Eu escorrego para o reservado mais distante da porta.

E bato diretamente em um peito duro.



Um braço envolve-se firmemente em volta do meu corpo.

Uma mão tapa minha boca.

E antes que eu possa sequer tentar lutar ou gritar, as paredes caem e eu mergulho na escuridão absoluta.



Eu tombo sobre a cama — minha cama — com um grito preso na garganta. Sinto que acabei de ser lançada de um canhão, ou que caí de um avião. Freneticamente toco partes aleatórias do meu corpo, para garantir que ainda estou intacta. Meu estômago deve ter caído, com certeza.

—Que diabos? — Exclamo. —O que acabou de acontecer?

—Você vai ficar bem. — Niko solta um suspiro, caído sobre a cama ao meu lado. Ele parece... não ele mesmo. Seu cabelo está desgrenhado, e não da maneira habitual, e há gotas de suor em sua testa. Ele também parece mais pálido, com círculos púrpura escuros ao redor dos olhos. Eu imediatamente esqueço de mim e meus órgãos potencialmente perdidos e toco as bochechas dele.

—O que está errado? Você está doente?

Ele balança a cabeça fracamente. —Tirar você de lá sem ser detectado exigiu mais de mim do que eu esperava. Estou aqui por muito tempo. Meu corpo está...

Meus olhos se alargam em horror. —Você está morrendo. De novo.

—Não se preocupe. A alternativa de morrer em vez de permanecer neste lugar é muito mais agradável. — Ele tenta me dar um sorriso.

—Por que você ainda está aqui? Vá! Você não pode ficar! Você precisa sair agora! — Se ele não parecesse tão fraco, eu lhe daria um empurrão para fazer valer meu ponto.

—E deixá-la aqui para ter toda a diversão? Nunca. — As palavras são como vidro em suas cordas vocais, e ele começa a tossir, todo o seu corpo tremendo com o esforço. — Além disso, alguém precisava vê-la.

—Do que você está falando? — Eu pergunto, sentindo a umidade em minhas bochechas. Eu nem percebi que estava chorando. Mas, vê-lo assim... morrendo ao meu lado... não posso deixá-lo fazer isso a si mesmo. Não por mim.

—Eu precisava ter certeza que você encontraria sua carona.

—O quê? Niko, você precisa...

Antes que eu possa terminar meu apelo desesperado, ouço o chão ranger atrás de mim, vindo das sombras no fundo do quarto. Com os punhos levantados, pulo para fora da cama e giro para enfrentar o intruso, preparada para lutar até a morte para proteger Niko, o feiticeiro escuro que tinha arriscado tanto para me proteger. Mas quando meus olhos caem sobre a bela besta surgindo diante de nós, todo o discurso e pensamento coerente se dissolve tão rápido quanto meu temperamento.

Legion.

—Eden, — ele respira. A voz grave e profunda — *sua* voz. Eu tinha começado a esquecer. E agora, ouvir meu nome em seus lábios me dilacera.

—Como você...?

Ele dá um passo mais perto, suas mãos levantadas em cautela. —Você não está ferida? Ele não tocou... — Seu rosto, seu rosto brutalmente lindo, se transforma em uma carranca. E eu juro que o ouvi rosnar.

—Estou bem. — Engulo o caroço em minha garganta. —Como você...?

—Dorian. Vou explicar tudo, mas temos que ir.

—Saskia lhe embalou uma muda de roupa, — Niko diz atrás de nós. — Mas não há tempo. Vocês tem minutos... e poucos. — Ele se esforça para levantar, usando o que parece ser sua última reserva de força. Ele parece estar desaparecendo diante de nossos olhos.



Legion abre a palma da mão, revelando um pequeno frasco com um líquido borbulhante e fluorescente, muito parecido com a dose de magia que o Rei das Trevas me fez beber. — Eu fiz uma promessa ao seu irmão. Esta é a magia de Gabriella. É a única coisa forte o suficiente para tirá-los daqui. Você vai com ela.

— O quê? — Ambos, Niko e eu o questionamos com olhos selvagens.

— Eu vou encontrar uma saída. Rápido. Leve-a. — Ele dá um passo mais perto para empurrar o frasco nas mãos de Niko. Perto o suficiente para seu peito escovar contra o meu braço. Seu aroma de terra e jasmim da meia noite invade meus sentidos, criando um coquetel inebriante de memórias agriçoces e desejo irresistível.

Niko balança a cabeça. — Não. Eu não posso. Pegue-a e a tire daqui.

— Eu mantenho minhas promessas, bruxo, — afirma Legion, sua voz assumindo um tom de comando que eu tinha aprendido a apreciar. Ele ainda faz meu interior tremer.

— Eu não posso sair. Stavros está ligado a mim. Se eu sair, ele vem junto. Além disso, tenho negócios inacabados aqui. Eden precisa de você muitíssimo mais do que precisa de mim. Ela é a resposta. A proteja com sua vida. E desta vez... não a deixe ir.

Viro-me para Niko com lágrimas frescas correndo de meus olhos. — Eu não posso deixá-lo aqui.

— Eu vou ficar bem, E. Vá. Seja durona. Salve o mundo. Só me faça um favor. — Ele pesca um pequeno pacote do bolso e o coloca na palma da minha mão, fechando meus dedos em torno do embrulho. Sua pele parece gelo. — Dê isto a Gabriella.

— O que é isso? — Eu pergunto, minha voz embargada.

— Seu *algo azul*. — Ele sorri, e uma única lágrima desliza por sua bochecha. — Eu nunca consegui dar isso a ela. Diga-lhe que o pequeno Niko é a criatura mais linda que eu já vi, e que eu amo todos eles mais do que o meu coração frio e preto pode amar.

Ver sua dor... senti-la como minha... eu nem tento silenciar os soluços rasgando meu peito oco. — Obrigada. Obrigada por tudo. Eu não vou te esquecer, eu prometo. Vamos voltar.



Ele não me diz para não chorar. Ele nem sequer me diz que sou tola por prometer coisas que nós dois sabemos que são impossíveis. Ele simplesmente escova minhas lágrimas com as pontas de seus dedos frios e me dá um último sorriso deslumbrante.

— Eu não quero deixá-lo, — digo, soluçando ainda mais duramente. — E não vou. Vá no meu lugar. Eu vou ficar.

Niko balança a cabeça, fazendo com que uma mecha de cabelo preto caia sobre sua testa. Ele pega meu rosto e acaricia os polegares sobre minhas bochechas úmidas. — O que há sobre mim e teimosas meninas bonitas?

Eu me viro para sorrir através de meu sofrimento, lembrando das palavras que ele disse quando cheguei. — É como se você fosse um glutão por castigo.

— Sempre uma dama de honra, nunca uma noiva. — Ele se inclina para frente e coloca um beijo frio na minha testa. — Agora saia daqui antes que eu mude de ideia.

— Eles estão vindo, — Legion anuncia atrás de mim. A tensão em seu tom sinaliza que estão perto.

Relutantemente eu solto as mãos de Niko, sabendo que minutos se transformaram em meros segundos. Legion está aqui e, sem pensar, eu enterro meu rosto em seu peito, inalando seu cheiro. Seu calor, seu corpo... parecem meu lar.

Com um braço protetor em torno de mim, Legion abre o frasco e o leva aos lábios. Nesse momento, eu ouço gritos e passos batendo do outro lado da porta do meu quarto. Eles estão perto da porta, correndo pelo corredor. Imaginar aqueles guardas escamosos e gigantescos chutando minha porta e me arrastando para longe me faz querer vomitar.

— Ei, Legion, — Niko grita em meio ao caos a alguns metros de distância. Ele então pega outro pacote do bolso e o atira para L, que sem esforço o pega no ar.

— O que é isso? — Pergunta ele, um leve franzido marcando sua testa.

Niko simplesmente pisca. — Dê-lhes o inferno. — Em seguida, ele some, deixando apenas cinzentos tufos de fumaça de carvão vegetal em seu rastro.



Legion baixa o queixo e me puxa tão perto de seu corpo que posso sentir a vibração do seu coração desumano. — Espere.

Os passos estão mais próximos, e eu posso ouvir grunhidos ferozes apenas a alguns metros de onde estamos. A qualquer momento, aqueles guardas passarão por aquela porta. E Lúcifer... não quero nem pensar no que ele vai fazer.

— Respire fundo. Feche os olhos, — ele sussurra, seu hálito quente remexendo meus cachos. Então, quando faço o que ele ordena, exceto fechar os olhos, ele grita: — Agora!

Mais uma vez, a atmosfera fica tensa com uma carga elétrica, e nossos corpos são movidos através de uma lágrima entre tempo e espaço. Parece com um vácuo que suga nossos membros, um por um, e os une novamente dentro do período de um único batimento cardíaco. A escuridão é terrível, mas dura apenas um momento. Imediatamente em seguida, caímos em um piso de madeira com uma estrela esculpida.

Estou no apartamento do Se7en. Estou em Chicago. Estou em casa.

— Puta merda, funcionou, — diz uma voz familiar. Toyol aparece, seus olhos amendoados o mais arregalados possível. — Santa. Merda!

— Claro que funcionou. — Phenex, o bonito demônio bronzeado com olhos cor de mel passa por ele e me pega pela mão, levantando-me do chão. — É bom ter você de volta, Eden.

— É bom estar de volta. Eu acho, — respondo, me espanando. Estou com os pés descalços. De alguma forma, entre ser sugada para fora do inferno e reaparecer aqui, eu perdi meus sapatos. — O que aconteceu? Como chegamos aqui?

— Gabriella, — uma suave resposta em tom barítono fala atrás de nós. Nós todos nos viramos para ver Dorian parado na porta, seus olhos azuis gelo presos em Legion. — Você ainda tem a minha magia em seu sangue. No entanto, a magia de Gabriella era a única forte o suficiente para tirar um demônio do inferno. Um demônio, ou um príncipe das Trevas. Esse frasco foi reservado para Nikolai. Onde está meu irmão?

Legion solta um suspiro resignado, e encontra o olhar de Dorian. — Ele se recusou a sair. Stavros de alguma forma se ligou a Nikolai. Se ele voltar, seu pai também volta.

—Como? Como pode ser? Uma vez que o inferno os reivindica, todos os laços de magia são quebrados.

—O inferno não o reivindicou, — explico, dando um passo para frente. — Niko está no limbo. Ele está sendo ancorado por Stavros e seu amor perdido, e por isso não consegue seguir em frente.

—Amelie, — uma voz suave diz por trás de Dorian. Gabriella passa por ele e para à minha frente. Então, sem aviso, ela envolve seus braços delgados em torno de mim em um abraço caloroso. —Ele está sendo protegido por Amelie. Eu sabia que ele iria encontrá-la. Ele tem uma maneira especial de encontrar aqueles que estão perdidos.

Com a dor do adeus ainda fresca em meu coração, há lágrimas em meus olhos quando ela se afasta. —Ele o fez. Eu sinto muito. Eu queria trazê-lo de volta... mais do que você poderia imaginar. Ele te ama, ama todos vocês.

—Eu sei que ele ama. Eu sinto seu amor cada vez que olho para seu sobrinho. — Agora há lágrimas brilhando nos olhos dela também.

—Aqui, — eu digo, abrindo a palma da mão para revelar o pequeno pacote. —Ele me pediu para dar isso a você. Disse que era o seu *algo azul*. Ele também disse que seu filho é a criatura mais linda que ele já viu. Ele assiste a todos, você sabe. Ele ainda cuida de você.

Suas lágrimas caem livremente quando ela abre o pacote e revela uma grande joia azul. Nós duas engasgamos com sua beleza brilhante.

—O diamante de Skiathos, — Dorian explica, chegando por trás de sua esposa e deslizando a mão ao redor de sua cintura. —Feito a partir de nossos mares azuis e cristalinos. Tem estado na minha família há séculos.

—Sinto muito, — eu digo ao Rei das Trevas. —Eu juro, eu quis trazê-lo de volta comigo. Mas ele não quis arriscar libertar seu pai.

—Eu acredito em você, — Dorian balança a cabeça solenemente antes de se virar para Legion. —Sua dívida está paga. Eu aprecio seus esforços.

—Eu gostaria de poder ter feito mais, — L responde com sinceridade. —A partir de agora, você tem amigos no Se7en. Se precisar de nós, não hesite em chamar.



—Sua hospitalidade é recíproca, — Dorian diz antes de olhar para mim.
—E se você quiser visitar meu reino em Skiathos, Eden, você é sempre bem-vinda.

—Obrigada.

Passo pelos rituais de despedida sem entusiasmo, não porque não estou triste de vê-los partir, mas porque estou nervosa sobre estar de volta. Sem sua distração, estou sozinha com eles: o Se7en. Tanta coisa aconteceu. E, conforme eu me forço a olhar ao redor da sala, sinto como se estivesse olhando para amigos distantes que não vejo há meses... anos. Ou talvez eu esteja olhando para estranhos. As coisas são diferentes agora. *Eu* sou diferente agora.

Todo mundo está aqui — Phenex, Toyol, Cain, Jinn e, claro, Legion, exceto Andras e aquela cadela conivente, Lilith. Isso machuca. Eu sei que Andras e Lilith são próximos. Inferno, eles compartilham um quarto. Mas eu pensei que Andras e eu tínhamos nos ligado. Eu não sou patética o suficiente para acreditar que havíamos nos tornado melhores amigos, mas, pensei que ele se importaria o suficiente para estar aqui. Merda, até Cain apareceu, cara feia e tudo, e ele me odeia.

—Vamos levá-la para a enfermaria, — Phenex sugere, tentando me apoiar suavemente pelo corredor como se eu fosse sua avó de 90 anos de idade. Ele é o único que ousou se aproximar de mim. Mesmo o brincalhão e destemido Toyol manteve distância. E Legion... ele só olha para mim como se estivesse com medo que eu fosse desaparecer bem diante de seus olhos.

—Estou bem, — insisto.

—Ninguém vai para o inferno e volta bem, — L observa, seu olhar prateado avaliando cada uma das minhas respirações. —Talvez apenas um rápido check-up, para nos certificarmos de que você não foi...

—Eu disse que estou bem, — repito com mais força ante de olhar para os demônios que estão ao meu redor, todos vestindo várias e diferentes máscaras de preocupação. E, por alguma razão irracional, isso me deixa irritada.

—Eden, nós só queremos ajudá-la, — Phenex entra na conversa, usando aquela voz suave que poderia fazer até mesmo os pacientes mais hostis ficarem dóceis. Sem chance. Ele apenas soa condescendente para mim.

—Me ajudar? Sério?



—Claro. Você se foi por algum tempo. Eu nem posso imaginar os horrores que enfrentou.

—Não foi tão ruim assim, — minto.

Legion dá um passo à frente. Suas mãos estão estendidas, mas ele não faz nenhuma tentativa de me tocar. —Lúcifer tem maneiras de influenciar seus pensamentos. Suas emoções foram comprometidas. Você precisa saber que estava sendo manipulada.

—*Manipulada?* — Afirmo, incrédula. —Você acha que ele estava me manipulando? Engraçado. Ele disse a mesma coisa sobre você.

—O quê? — A expressão no rosto de L é de choque... até mesmo dor. Como se eu tivesse lhe dado um tapa.

—Ele me contou tudo. O início da humanidade... como você foi uma vez. Como as intenções dele são diferentes das suas?

Sua voz é plana quando ele diz: —Eu quero te proteger.

—Ele disse a mesma coisa.

—Eu me importo com você.

—O mesmo acontece com ele. — Balanço minha cabeça, afastando as lágrimas de frustração. Não mais. Eu já chorei demais.

—Eden...

Eu levanto a mão para deter qualquer outra persuasão. —Pare. Simplesmente pare. Obrigada, a todos vocês, por me resgatarem. Por isso, serei eternamente grata. Mas preciso de algum tempo. Eu preciso de espaço. Apenas me deem isso agora.

Dirijo-me a saída, mas paro no meio do caminho. —Onde ela está? — Pergunto. Não, *eu exijo*, ainda de costas.

Silêncio.

—Eu perguntei onde ela está?

—Aqui. Em seu quarto, — Legion relutantemente responde. —Ela será mantida em seus aposentos até que tomemos uma decisão, coletivamente.



Eu marcho para fora da sala e entro no corredor, recusando-me a ouvir mais. Quando paro em frente a porta de Lilith, uma mão quente agarra a minha antes que eu possa girar a maçaneta.

—O que você está fazendo? — Eu assobio, afastando-me.

—Você não quer fazer isso, — diz Phenex.

Eu olho para ele com desprezo brilhando em meu olhar vingativo. —Sim. Eu quero.

—Nós vamos lidar com ela. Você já sofreu bastante.

—Que diabos você sabe sobre o que eu passei? Esperei quase uma semana... uma semana testemunhando estupro, assassinato e canibalismo. Desfilei como uma prostituta e fui para a cama com o cheiro do meu próprio vômito todas as noites. Tudo por causa dela. Ela fez isso. E você quer que eu confie que vocês vão lidar com ela? Quando ela ainda está aqui? Quando já faz dias desde que ela traiu todos vocês?

Phenex respira fundo, como se o peso da verdade estivesse caindo sobre seus ombros. —O tempo passa de forma diferente no inferno do que na Terra, — diz ele em voz baixa. —Horas aqui parecem dias lá. E, no momento em que você foi levada, Legion tentou se matar para chegar até você. A única coisa que o impediu foi a intervenção do Bruxo. Eden, você só esteve lá durante o tempo que ele levou para encontrá-la... seis horas.

O calor da raiva escorre do meu rosto quando percebo o que ele está dizendo. Legion estava pronto para morrer... por mim. Eu não fui esquecida... só não fui desejada o suficiente para ele ficar comigo.

—Bem, isso não muda o fato de que ele me deixou ir, — murmuro. Meu coração quebrado e teimoso não pode ser curado. Ainda não.

—Ele não tinha escolha, Eden.

Eu me afasto da porta e do demônio que acreditei ser meu amigo. Ele é um deles. Quando chegar a hora, ele defenderá sua família. Não importa o que eles fizerem, ele sempre ficará ao lado do Se7en. Lilith é sua irmã — irmã *deles*. Então, onde isso me deixa?

—Ele tinha escolha, Phenex. — Minhas palavras parecem tão vazias quanto meu peito. —Acontece que a escolhida não fui eu.





Eu realmente queria que meu único refúgio não fosse o quarto de Legion, mas com todas as minhas coisas ainda presas lá dentro, não tive escolha além de ignorar meu ego. Tudo ainda tem a mesma aparência: espaço limpo, frio e estéril. Além da minha confusão de caixas e malas empilhados em um canto, não existem quaisquer sinais reais de vida. No entanto, de alguma forma, quando estávamos juntos aqui, compartilhando esses lençóis, mesmo durante nuvens de tempestade, me senti como na primavera. Eu senti o sol batendo na minha pele úmida. Meu corpo floresceu ao seu comando. Naqueles momentos calmos e silenciosos, ele se tornou terra e chuva, trazendo-me para a vida depois de anos de duro e frio inverno.

Parece que foi há séculos. Eu não posso imaginá-lo olhando para mim como fez uma vez e vendo aquela menina de cabelos prateados com fogo em seus olhos e tristeza em sua alma. Aquela Eden morreu no momento em que eu segui Lúcifer, e outra tomou seu lugar. Uma que tinha sido traída além de qualquer traição imaginável. Uma que não iria sobreviver a esse nível de desgosto novamente.

Tive toda a intenção de sair desse vestido, embalar minhas merdas e planejar sair daqui, mas depois de sentar e realmente pensar sobre isso, percebo que não tenho para onde ir. Nenhum carro, nenhum dinheiro.

Inferno, estou certa que meu telefone não é nada além de uma pilha de plástico derretido na Michigan Avenue. Me permiti ficar dependente de L e do Se7en e, como uma idiota, nunca tive um segundo plano. Eu deveria saber. Mesmo enquanto morei com minha irmã eu insisti em pagá-la do meu jeito, mesmo que tenha feito menos da metade do que ela fez. E porque ela é boa e gentil e tudo que eu não sou, ela me deixou ser orgulhosa.

Exausta por meu plano inexistente de embalar e sair, nem sequer percebo que cochilei até ouvir alguém batendo suavemente na porta. Eu acordo sobressaltada, quase tendo um ataque cardíaco antes de perceber onde estou.

Segura, uma voz dentro da minha cabeça diz. *Besteira*, eu silenciosamente retruco.

Rapidamente me oriento e exclamo: — Entre.

Façam dias ou meramente seis horas, a beleza angelical de Andras nunca deixa de tirar meu fôlego. Seu cabelo loiro na altura dos ombros está preso em um coque, e ele está vestindo uma camiseta branca simples e jeans. No entanto, ele poderia entrar em qualquer passarela em Milão e roubar o show, simples assim. Mesmo com sua expressão sombria, ele é facilmente a criatura mais sedutora em que já coloquei os olhos.

— Ouvi que você estava de volta, — diz ele em forma de saudação, fechando a porta atrás de si. — Estava esperando que pudéssemos conversar.

Eu aceno em direção à poltrona no canto, o mesmo assento onde Legion leu para mim enquanto estava em um sono induzido por drogas. O demônio loiro senta-se, inclinando-se para frente e apoiando os cotovelos sobre os joelhos.

— Você não pode imaginar como estou triste pelo que Lilith fez.

— Não foi culpa sua, — respondo categoricamente. — A menos que você soubesse o que ela pretendia.

— Eu não sabia, eu juro. Mas sabia sobre seus sentimentos por L. Só não sabia que ela iria levá-los tão longe.

Seu rosto está pintado com arrependimento. Eu não tenho nenhuma razão para não acreditar nele, mas, como já estive errada antes, continuo: — E Adriel? Você sabia que ela era amante de Legion? — Sondo.



—Não. Ninguém além de Phenex sabia. As últimas duas horas têm sido tensas, para dizer o mínimo.

—Mas você confia nele implicitamente. — Não é uma pergunta; eu já sei a resposta.

—Sim, — Andras responde sem hesitação. —Legion é meu irmão, assim como Lilith, mesmo com toda a merda terrível que ela fez. Ela é minha irmã, e é por isso que eu estou pedindo a você para, por favor... por favor, tentar perdoá-la.

Eu me afasto como se ele tivesse me dado um tapa no rosto com seu pedido insano. —Você está brincando, certo?

Ele balança a cabeça. —Se você falar para L rejeitá-la e deixá-la para os assassinos de Lúcifer, ele vai considerar seu pedido. Ele pode até mesmo concordar, na esperança de que você confie nele novamente. Ele está em um lugar escuro agora, Eden. Desesperado... vingativo. Ele faria qualquer coisa para protegê-la.

—E bancar a legal com a pessoa que armou para nos jogar nas mãos de Lúcifer deveria me dar — dar a qualquer um de nós — a mínima segurança? O quem vem a seguir? Será que ela vai convidá-lo para o jantar e para um jogo amigável de Scrabble¹⁰?

Eu ergo minhas mãos em descrença, frustrada e francamente puta por Andras ter vindo até mim com essa merda. Perdoar Lilith? Ela vendeu o Se7en e quase conseguiu matar Legion, para não mencionar que também colocou minha irmã em perigo. Foda-se o perdão. Ela deveria estar sofrendo no Inferno, e não Niko. Onde estava o pedido de misericórdia por ele?

—Lil está arrependida, Eden. Ela pensou estar fazendo a coisa certa. Ela sabia que Lúcifer nunca iria prejudicá-la, ao passo que também sabia que ele iria esgotar todas as opções para conseguir te alcançar, inclusive conspirar com anjos desonestos para conseguir seu veneno. Se todos morrêssemos, quem iria impedi-lo de fazer o que quer? Quem iria proteger os seres humanos inocentes que caem sob seu reinado do mal?

E então eu finalmente percebo que esse era exatamente o plano dela o tempo todo. Matar um para salvar um milhão. Lilith estava apenas seguindo o decreto pelo qual tinham vivido por séculos. Me entregar manteria inúmeros

¹⁰ Jogo de tabuleiro de palavras.



outros longe do perigo. Claro, seus motivos foram completamente egoístas e governados por uma paixão patética pelo seu líder. Ainda assim... ela realmente pensou que estava poupando sua família da ira de Lúcifer.

Eu fecho meus olhos por um segundo e solto um suspiro exasperado. — Eu nunca vou perdoá-la. Me desculpe, não posso te dar o que quer. Mas não vou pedir a L para bani-la. No entanto, se for essa a escolha dele, também não vou impedi-lo.

—Obrigado. — Andras exala com alívio. —Isso é mais do que eu esperava. Eu sei que você não entende, mas... ela é a pessoa mais próxima que tenho aqui. Eu sou um demônio nascido do fogo, não um anjo caído. Os laços familiares não são naturais para nosso tipo. Nós não fomos preparados para sentir amor e carinho como Legion e Phenex, e até mesmo Lúcifer, foram. Eles sabem o que é ser parte de uma família real. Eu não sabia o significado de família antes do Se7en. E a nossa família não seria a mesma sem ela.

Eu o ouço, embora a contragosto. A verdade é que não quero ouvir a triste história de como ele não sabia o que significava pertencer a algo ou alguém, de como não sabia como era ter uma família o apoiando e querendo como um de seus próprios até que conheceu o Se7en. Eu não me importo que ele não nasceu por amor, e que talvez nunca realmente saiba o que realmente significa dar todo o seu ser a alguém. Sua dor não é especial... não é única. Suas cicatrizes podem ser mais antigas, talvez mais profundas, mas não são muito diferentes das minhas.

Após fazer seu pedido, Andras se levanta. — Há uma reunião as cinco.

—E?

—E... você deve participar.

—Por quê? Eu não sou um dos Se7en.

—Você participou das reuniões antes, não foi? O que mudou?

Meu rosto é uma máscara de indiferença gelada quando levanto meu queixo e respondo. —Tudo.

Niko teria ficado orgulhoso.



Embora eu estivesse inicialmente inflexível sobre não participar da reunião, a curiosidade leva a melhor e eu finalmente decido acabar com o isolamento e me juntar a eles. Quando paro na entrada da sala de estar, toda a conversa vinda da sala de jantar cessa. Meia dúzia de pares de olhos estão em mim, esperando ansiosamente meu próximo passo. Mas há um olhar intenso em particular que me mantém refém, me prendendo em fios de prata e me puxando para o fundo da sala.

— Ainda bem que você decidiu se juntar a nós, — observa Legion quando me sento ao lado dele. É esta ou a cadeira que já foi reservada para Lilith, e serei amaldiçoada se me sentar lá. Até mesmo a lembrança de sua presença acaba com a minha paciência.

Uma vez que estou acomodada, Legion volta a informar o Se7en do próximo passo. — Agora que estamos com um a menos, todos nós vamos precisar pegar turnos extras, bem como reforçar as medidas de segurança. Toyol, como estamos na ampliação da vigilância?

— Vou ter tudo resolvido até o final do dia, — Toyol responde, digitando alguma coisa na tela do seu iPad. — E, graças a Dorian, estive trabalhando no reforço das alas.

— Bom. Cain, como estamos a respeito do armamento?

O demônio terrivelmente marcado dá uma olhada para mim e aperta os olhos antes de voltar sua atenção para Legion. — Acho que devemos ir exclusivamente com balas de prata. São uma merda para carregar, mas usar um grampo com liga de titânio pode reduzir os efeitos secundários.

— Poderemos garantir nossa segurança? — Indaga Phenex.

Cain dá de ombros. — Será mais seguro do que ir sem elas. É a nossa melhor aposta, se considerarmos a possibilidade das cadelas de Lucy terem veneno de anjo nas mãos. A prata vai derrubá-los antes que suas lâminas possam nos tocar. É um risco que teremos de correr.

Phenex acena, aparentemente satisfeito com esses riscos. — Falando nisso, eu tenho trabalhado numa tentativa de duplicar o antídoto, enquanto Jinn está tentando sintetizar uma versão do veneno.

— Algum sucesso? — Pergunta Legion.



— Alguns. Mas não tantos quanto gostaríamos.

Legion acena sombriamente. — Continue, especialmente com o antídoto. Sem termos uma dose completa à nossa disposição, a próxima emboscada pode ser fatal. E agora que Eden está de volta sob nossa proteção, ele provavelmente vai multiplicar suas forças.

O resto dos presentes resmunga seu acordo, cada um deles parecendo pouco confiante. Eles estão vulneráveis. Há apenas seis deles contra só Deus sabe quantos soldados de Lúcifer. Me proteger vai ser um trabalho em tempo integral, sem benefícios.

— E sobre a arma? — Pergunto, sentindo-me como se devesse oferecer algo... algo que me faça sentir como um fardo menos pesado.

— Que arma? — Cain bufa da ponta da mesa.

— Enquanto eu estava... lá... Nikolai me disse que havia uma arma, a única coisa que pode parar Lúcifer. Disse também que eu era a chave para controlá-la. E se nós colocássemos nossas mãos nela? Colocaríamos um fim a isso, certo?

Silêncio. Nenhum deles tem sequer a decência de me olhar nos olhos.

— Então, há uma arma, não é?

Andras se mexe desconfortavelmente enquanto Cain limpa a garganta.

— Aloooooo. Existe ou não existe uma arma?

Mais. Fodido. Silêncio.

— Então, ninguém vai reconhecer o que eu disse? Vocês vão todos fingir que eu posso ter descoberto algo? Merda, por que estou aqui mesmo?

Alguns olhares questionam Legion, que cerra sua mandíbula com força suficiente para cortar aço.

— Sabe o quê? Fodam-se, — eu bufo, levantando da cadeira e batendo as palmas das mãos na mesa de mármore. — Eu fiz as coisas à sua maneira da última vez. Mas você me deixou no escuro e mentiu para mim, enquanto eu permitia. Como isso te faz melhor do que Lúcifer? Você está me mantendo aqui apenas para me usar para algum plano secreto, mas isso não vai acontecer novamente. Você me quer aqui, então comece a falar. Se eu quisesse



ser o brinquedinho de alguém para ser manipulada e degradada, poderia ter feito isso no inferno em roupas muito melhores.

Quando ninguém tem a coragem de sequer comentar meu discurso, me viro para sair da sala. Inferno, prefiro viver na rua do que ser a prostituta de alguém.

— Espere, — Legion late antes que eu possa dar dois passos para longe da cabeceira da mesa. — Espere. Você está certa.

Eu me recuso a me virar para olhar para ele. — Certa sobre o quê?

— Nós, não, eu... tenho te mantido no escuro sobre a maioria das coisas referentes ao seu papel aqui. Eu sei que você não confia em mim agora, mas estou pedindo que acredite em mim só mais uma vez. Eden, por favor, sente-se, para que eu possa explicar.

Eu giro meu corpo para avaliar se a sinceridade em seu tom contradiz ou não sua expressão normalmente fria, e acho que, surpreendentemente, isso não acontece. A maneira como ele está olhando para mim, como se eu fosse o luar em sua noite de céu sem nuvens, de alguma forma me puxa de volta para onde ele está, ansiosa para aproveitar essas radiantes estrelas cintilantes. Permito-me olhar para eles, para ele, apenas por um momento antes de me sentar. Olhar para ele me fará lembrar como é ser adorada sob o véu do crepúsculo, e então eu nunca mais me livrarei do seu controle. Eu acabaria muito feliz em ser ignorante, desde que estivesse ao seu lado, mas preciso de respostas. Respostas que não serão diluídas com meias verdades.

— A arma da qual você fala, — L começa, fechando seus dedos à frente de seu queixo, — está comigo.

— O quê?

— Nikolai... o que ele me deu antes que sermos puxados para fora do inferno.

Claro. Tudo faz sentido agora. Niko precisava que eu distraísse Lúcifer por tempo suficiente para pegá-la de onde quer que estivesse. O baile foi a distração perfeita, embora eu tenha sido a distraída, ao invés da distração. No entanto, isso deu-lhe tempo suficiente para se mover livremente enquanto Legion chegava ao meu quarto. Parece que tudo foi planejado... mas como L saberia que havia um baile naquela noite? E como Niko soube que L estaria lá no momento exato para dar para ele?

Coincidência? Talvez. Intervenção divina? Possivelmente.

—Bem, por que não a usamos? — Eu questiono o óbvio. Uma arma que pode derrotar Lúcifer... o que mais precisa ser discutido?

—Porque não é assim tão simples, Eden.

Legion enfia a mão no bolso e tira o pequeno pacote, cuidadosamente colocando-o sobre a mesa à sua frente. Com os dedos receosos, ele abre o embrulho e revela o que parece ser um amuleto antigo feito de ouro envelhecido. O pingente tem o formato de uma besta com chifres - um dragão, talvez - com minúsculos diamantes deslumbrantes nos olhos. E, dentro de sua boca, cercada de presas afiadas, há uma joia vermelho sangue, muito semelhante às pedras preciosas embutidas na adaga sagrada do Se7en, a Redentor.

—O que é isso? — Sussurro, quase com medo de acordar a besta adormecida guardando a joia. Ela é horrorosa, mas estranhamente majestosa, e eu não posso afastar meus olhos de sua beleza assustadora.

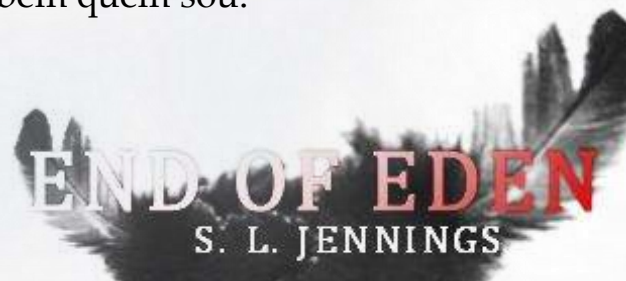
—É o que eu fui uma vez, — L explica, sua voz assumindo um timbre forte cheio de nostalgia e tristeza. — Eu sei que ele lhe contou sobre o monstro que eu costumava ser, Eden. Sei que ele lhe mostrou os horrores que causei. Dentro deste amuleto está meu poder, o poder de muitos. Aqui dentro está o Legion of Lost Souls¹¹. A arma que pode derrotar Lúcifer... sou eu. *Eu* sou a arma.

Num impulso, levo a mão ao colar, mas paro antes de tocá-lo. Eu olho para L, que me dá um aceno de cabeça.

—Vá em frente, — ele gentilmente solicita, deslizando o medalhão em direção a ponta dos meus dedos estendidos.

Há algo sobre esse estranho e assustador amuleto, algo que me atrai como uma mariposa para a chama. E, no segundo em que minha pele roça a lisa joia vermelha, uma explosão de calor irradia através de mim, como um vírus que se move rapidamente. Dura apenas um segundo antes de zumbir para a morte, mas sinto sua memória em meus ossos, como se queimasse seu nome em cada uma das minhas células. *Legion*, elas sussurram. Um milhão de almas perdidas presas a sangue me marcam a ferro e me reivindicam como deles. Afasto minha mão, mas é tarde demais. Elas já sabem quem sou.

¹¹ Legião das almas perdidas.



—O que... o que foi isso? — Gaguejo.

Legion guarda o amuleto de volta no pacote e o coloca no bolso. —A razão pela qual não posso usar esta arma, nem mesmo para derrotar Lúcifer. Você sentiu seu poder; sabe o que pode fazer para o seu mundo. Não posso correr esse risco.

—Você quer dizer que eu senti o *seu* poder, e que sei o que você vai fazer para o meu mundo. *Você* é a arma?

Ele balança a cabeça, seus ombros curvados.

—Você tem medo de que isso possa mudar quem você é? Depois de tudo que fez para expiar seus pecados? Depois de todo o bem que fez na Terra? Um simples amuleto não pode te alterar completamente... certo?

—Não posso ter certeza e, como eu disse, não posso correr esse risco. Não quando seres humanos inocentes estão em jogo. Não quando *sua* vida está em jogo. Nunca vou colocá-la nessa situação novamente.

Eu aceno, porque argumentar seria errado. Eu não conheço a extensão do poder de Legion, mas a julgar pela pequena dose que senti pulsar no medalhão, podia imaginar. E se ele diz que desencadear algo assim significaria a destruição da humanidade, então talvez eu devesse engolir meu orgulho teimoso e fazer exatamente o que ele está me implorando para fazer: confiar nele.

—Bem... — Andras dispara, testando a tensão na sala. Eu tinha esquecido que ele estava aqui. Honestamente, a presença de Legion eclipsa toda e qualquer coisa que não seja nossas respirações. —Agora que isso está resolvido, vamos passar para o elefante na sala?

Ambos nos viramos para ele, confusão marcando minha testa, frustração pesando na de L.

—Ela não pode ficar lá para sempre, — explica Andras. —Precisamos resolver isso, L. Estamos sem um homem, mas não tem que ser dessa maneira.

—Foda-se. — Cain rosna do outro lado da mesa, e pela primeira vez, ele e eu estamos em total acordo.

—Ela é uma de nós, — contrapõe Andras. Seus olhos azuis céu se fixam em mim por meio segundo, e eu sei exatamente o que ele quer dizer: eu não



sou um deles. E Lilith é. Sua lealdade deve ser para ela. —Nós não viramos as costas a família.

—Lilith fez sua escolha quando se aliou com Lúcifer, — L afirma. —O Se7en foi fundado sobre confiança absoluta, e ela quebrou tudo isso no minuto em que nos traiu.

—Será que ela também lhe disse que ele estava ameaçando colocar um preço em todas as nossas cabeças, e desencadear todo seu exército na Terra se você não desistisse dela?

—Não é isso que ele está fazendo? — Toyol entra na conversa.

Andras balança a cabeça. —Foi apenas um aviso de que ele não está mais respeitando as regras.

—Ele não ousaria, — retruca Toyol. —Ele conhece os termos estabelecidos pelo Todo-Poderoso. Quebrá-los é suicídio, e ele é muito narcisista para assumir o risco.

—E agora que ele desistiu de usar o *chamado* em seu acordo com Eden, está perdendo influência, — L acrescenta. —Podemos lidar com tudo o que ele jogar em nós.

—Mas e se Lúcifer não estiver por trás dos aumentos dos ataques?

A sala inteira fica em silêncio, e um arrepio percorre o espaço, como se o ar condicionado acabasse de ser aumentado. Todo mundo se volta para a fonte da voz feminina e sonora além de mim. Eu não posso olhar para ela agora. Não quando ainda posso sentir a prateada corda encharcada de veneno de anjo mordendo meus pulsos.

—Você foi proibida de participar desta reunião, Lilith. Saia! — L grita com força suficiente para fazê-la recuar.

—Apenas me ouça, — ela implora. —Eu tenho informações que podem nos ajudar, que podem salvar nossas vidas. Eu quero ajudar.

—Você já fez o suficiente.

—Por favor, Legion... sinto muito. Eden? — Sua voz treme, mas eu ainda me recuso a dar-lhe a decência de um reconhecimento. —O que eu disse... eu não quis dizer aquilo. Você precisa saber disso. Eu só disse aquelas coisas para Lúcifer acreditar que eu estava do lado dele.



Quando eu não respondo, Phenex dispara. —Você estava do lado dele, Lilith. Suas ações prejudicaram toda esta equipe. Você tem que assumir a responsabilidade pelo que fez.

—E eu assumo. Phenex, você conhece o meu coração. Você sabe que eu nunca poderia maliciosamente ferir alguém, especialmente L. Lúcifer me prometeu que ele não seria prejudicado.

—No entanto, tudo bem sacrificar Eden? — L ruge, ficando de pé. — Como você pode? Você sabe o que eu arrisquei para recuperá-la? O que o Bruxo sacrificou para mantê-la segura? Você tem alguma ideia da confusão que causou?

—Eu... eu... sei que eu... — ela tenta, provavelmente parecendo a donzela com olhos de corça em perigo que eu acreditei que ela fosse quando nos conhecemos. Antes de saber que ela é nada além de um lobo em pele de cordeiro. —Eu sinto muito. Deixe-me consertar as coisas. Dê-me outra chance. Eu posso ajudar.

L parece prestes a cuspir uma maldição amarga de sua boca. Mas então ele olha para mim e, de alguma forma, sua expressão instantaneamente amolece. —O que você quer fazer com ela, Eden? Você é a pessoa que sofreu o máximo de sua traição. Como ela deve ser tratada?

Repúdio.

Banimento.

Morte.

Todas parecem ótimas opções para mim, mas eu sei que o Se7en não iria apenas perder um membro. Eles estariam perdendo dois. Andras não iria superar isso. E eu não posso ser a causa de mais nenhuma dor ou discórdia.

—Se você acha que ela pode ser confiável, o que ela sabe poderia ser valioso.

Eu não tenho que olhar para cima para saber que eles estão todos olhando para mim, alguns com expressões de choque e outros de confusão. Outros ainda com alívio e gratidão. Eu estou cansada de fazer parte disto. Eu fiz o que disse que faria, e agora não consigo ficar na mesma sala que Lilith nem por um segundo a mais.



Lentamente, levanto-me e me afasto de seus rostos perplexos. No momento em que meus olhos caem sobre sua esbelta figura excepcionalmente desgrenhada, entretanto, eu vejo vermelho. Percebo-me andando em direção a ela, meu coração acelerado e minha mandíbula tão tensa que meu rosto dói. Ela nem sequer tem tempo de se proteger, ou não sente necessidade disso, antes do meu punho colidir com o seu nariz em um *estalo* retumbante, que ecoa por toda a sala. Ela cambaleia, segurando o nariz que está gotejando sangue, antes de olhar para mim com os olhos selvagens.

—Eu e você... estamos quites, — cuspo, veneno escorrendo pela minha língua. —Eu não a perdoo, e nunca vou esquecer o que você fez. De agora em diante, não me importo nem um pouco com você ou com suas desculpas. Você está morta para mim.

Então eu corro para fora da sala e percorro o corredor ouvindo o silêncio atordoado à minhas costas, além do som da risada rouca de Cain.





Quando a adrenalina desaparece, minha mão está doendo como uma cadela, mas ainda estou muito chateada, e talvez um pouco embaraçada, para ir até a cozinha pegar gelo. Então, quando Phenex aparece com uma bandeja de comida e um saco de gelo, quase me derreto em lágrimas.

—Ora, ora, — ele murmura, colocando a bandeja sobre a mesa de cabeceira. —Eu não poderia deixar você morrer de fome aqui. Além disso, foi um belo gancho de direita. Você precisa recompor sua força.

Ele sorri, me enchendo com um calor que eu não sentia há muito tempo. Além de L, eu também tinha sentido muita falta dele.

—Obrigada, — murmuro antes de sugar meu lábio inferior para não chorar.

—Você deve estar exausta. Aqui. Vamos alimentá-la para que você possa descansar um pouco.

Ele tira a tampa de metal e revela um prato quente de carne assada, com legumes, purê de batatas e molho extra. Cheira divinamente, e meu estômago ruge em concordância.

—Acho que Jinn sentiu muito a sua falta. E, embora seja um exagero, — acrescenta ele, descobrindo um prato menor, —acho que você merece tudo isso.

É macarrão com queijo. E do melhor tipo. Se eu não estivesse com tanta fome, totalmente seria uma bagunça chorona agora.

—Sinto-me estranha comendo na sua frente, — digo, minhas palavras abafadas por uma enorme colherada de massa ridiculamente extravagante. — Compartilhe comigo.

Phenex levanta uma palma. —Tudo para você. Eu estou bem.

Eu como com vontade, percebendo quão faminta realmente estou. Faz pelo menos um dia desde que eu comi... ou talvez não. Se o tempo passa de maneira diferente aqui do que no inferno, meu corpo deve estar uma bagunça. E, honestamente, nunca ouvi falar de uma pessoa viva indo para o inferno e voltado.

—Você precisa falar sobre... sobre o que aconteceu? — Phenex pergunta timidamente. E agora eu entendo: esta não é apenas uma visita social. Ele está vestindo seu chapéu de médico.

Balanço a cabeça, mas baixo meus talheres e digo: —Houve coisas que... aconteceram. Coisas que me deixaram fisicamente doente. No entanto, eu não fiz nada para impedir que acontecessem. Eu não podia fazer nada. E às vezes... às vezes...

Phenex repousa uma mão quente em cima da minha. —Está tudo bem. O que você disser ficará entre nós.

Eu respiro profundamente, resignada, exalando lentamente uma semana de vergonha. —Às vezes acho que nem sequer queria impedi-lo. As pessoas que ele puniu... alguns mereciam. Eu sei que isso me faz um monstro, — vocifero, —E sei que não sou melhor do que ele, mas...

—Isso não faz de você um monstro, Eden, — Phenex intervém com veemência, apertando minha mão boa. —Faz de você humana. E o que te torna absolutamente nada parecida com Lúcifer é o fato de você sentir remorso por coisas pelas quais ele não se sente nada.

—Isso é verdade? Que ele não sente nada?



—Não posso acreditar que alguém que tenha feito as coisas que ele fez sem um pinga de arrependimento tem a capacidade de sentir qualquer emoção além de egoísmo.

Talvez ele esteja certo, já que conhece Lúcifer melhor do que eu, com certeza. Mas meio que machuca saber que tudo o que Lúcifer me disse provavelmente foi mentira. Ele disse que se importa comigo, que gostaria que eu governasse com ele, e olhou para mim como se eu fosse a única pessoa na sala, prendendo-me àqueles olhos sombreados de anoitecer... pode ter sido tudo um ardil. Quero dizer, *é claro* que foi um ardil. Ele é uma das criaturas mais poderosas que existem, e eu sou apenas uma garota de South Side. Seria tolice pensar que ele poderia ter visto mais do que isso.

Mais ou menos como aconteceu com Legion.

Então, sim, eu acredito totalmente que ambos têm seus próprios planos quando se trata de mim. Aparentemente só tenho que confiar que as intenções de um sejam mais honrosas que as do outro.

Flexiono meus dedos, fazendo uma careta de dor. Phenex agarra imediatamente o saco de gelo e cuidadosamente o coloca na palma da minha mão.

—Você sabe..., — eu começo, fingindo interesse em meu guardanapo de linho branco. — Há algo que eu gostaria de lhe perguntar.

—Pergunte-me qualquer coisa.

—E essa conversa ficará entre nós?

—Confidencialidade médico/paciente, — ele sorri, apontando entre nós. —Você tem minha palavra.

Tomo um gole gigante de água gelada antes de continuar, desejando que fosse vodka. —Eu só queria saber como funciona... quero dizer... como a concepção funciona?

Phenex levanta uma sobrancelha escura. —Bem, Eden, quando dois adultos decidem se unir e expressar...

—Não, não! — Eu balanço minha cabeça, lutando para não rir. Phenex estava tentando me explicar sobre os pássaros e as abelhas? Oh Deus, esse navio já partiu há muito tempo. —Eu quero dizer... como funciona a



concepção entre um humano e... um não humano? Com alguém de outro mundo.

— Algo como... um demônio?

— Sim, — eu respondo, sentindo meu rosto arder. *Basta responder de uma vez, pelo amor de Deus!* — Ou... outro ser.

— Hmmm, — medita Phenex. Pelo menos ele tem a decência de não me olhar com olhos julgadores. — Híbridos, tanto os filhos de demônios com humanos, quanto os de anjos com humanos, são muito raros, e muito cobiçados. O processo todo é muito parecido com a concepção humana, mas a mãe teria que ser muito forte para levar a gestação até o fim. Também não é incomum a mãe morrer no parto.

Eu engulo. — E o tempo da referida gravidez... seria de nove meses? Ou mais curto? Mais longo?

— Cerca de cinco meses, podendo ser mais curto para os filhos de seres mais poderosos. O corpo humano não está preparado para resistir a esse nível de tensão, e basicamente o bebê drena toda a força da mãe.

Outro engolir nervoso. — E como se detectaria uma gravidez dessas? Será que um exame de sangue seria suficiente? Ou existe algum teste de xixi sobrenatural?

Sua voz é plana e calma quando ele responde, mas penso que ele tem que estar pirando por dentro. — Um exame de sangue seria melhor, embora eu suspeite que a mãe estaria mostrando sinais cerca de duas semanas a um mês após a concepção.

Duas semanas? Quanto tempo se passou desde a festa do Observador? Merda, eu nem sei que dia é hoje.

Finalmente Phenex afasta a compressa fria de meus dedos e segura minhas duas mãos nas suas, me olhando diretamente nos olhos. — O que significa tudo isso, Eden? Você suspeita que está grávida?

Oh merda, eu sabia que isso era uma má ideia, mas não tinha ninguém para perguntar além dele. Ainda assim, ele não pode saber sobre o que aconteceu naquele banheiro com Lúcifer. Eu não tenho certeza se ele estava realmente lá ou se foi apenas uma ilusão, mas com certeza pareceu real.



De repente, a comida que eu tinha acabado de comer tão avidamente parece chumbo em meu estômago, e uma onda de náusea toma conta de mim. Eu engulo a saliva e pressiono meus lábios para me impedir de vomitar.

—Você está bem? — Pergunta Phenex, notando minha expressão alarmada. Não duvido que eu esteja parecendo um pouco verde também.

—Sim, apenas cansada, — minto. —Você se importaria de continuarmos essa conversa outra hora? Eu realmente gostaria de tomar um banho quente e dormir.

—Claro. Minhas desculpas por tomar seu tempo. — Ele rapidamente recolhe os pratos, depois de dar uma olhada em minha mão, notando pequenas contusões. —Sua mão vai curar rapidamente. Entretanto, se houver alguma coisa que eu possa fazer para acomodar suas outras necessidades médicas, minha porta estará sempre aberta. — E com isso, ele me beija na testa e me deseja boa noite. Ou bom dia. Eu não tenho certeza que hora é, e as nuvens escuras nublando o céu através das grades da janela não ajudam.

Felizmente, a sensação de mal-estar na boca do estômago passa depois de alguns goles de água, e assim posso ignorar o vaso do banheiro e ir direto para o chuveiro. Depois de quase uma semana sendo mimada por Saskia, tomar banho sozinha parece quase uma novidade. Eu serei eternamente grata bondade tranquila que ela me demonstrou, e uma grande parte de mim gostaria de saber o que vai acontecer com ela lá. Será que será responsabilizada pela minha fuga? Lúcifer vai puni-la por não me vigiar? Ou ela vai entregar cada gota de informação que sabe sobre mim para poupar a própria vida?

Prendo a respiração, degustando lágrimas frustradas misturadas a água que cai sobre minha cabeça. Agora que o choque se foi, sinto-me como se estivesse sendo enterrada, tijolo por tijolo, sob o peso da minha realidade trágica. Eu estava no inferno. *Inferno*. Estava bebendo e jantando com o próprio diabo, enquanto ouvia uma orquestra ao vivo tocar durante a sobremesa. Eu repeti uma e outra vez o papel de prostituta estúpida, desfilando com roupas extravagantes e maquiagem de palhaça, apenas para agradá-lo. E no fim de tudo, senti algo enquanto estive com ele. Não foi ódio, como eu tinha sentido no início. Nem medo. Mas eu senti algo naquele salão de baile quando ele me girou conforme nossa própria sinfonia. Não sei o que foi, mas tenho que esquecer o que quer que tenha sido. Tenho que fingir que

nunca aconteceu se quisesse ter alguma chance, uma mínima chance, de reparar as coisas com Legion.

Se isso for mesmo o que ele quer.

Se isso for mesmo o que eu quero.

O que aconteceu comigo?

Por que me sinto como uma estranha em minha própria pele?

Não consigo pensar direito aqui. E, se houver alguma chance de recuperar aquela garota, aquela versão de mim mesma que morreu naquela fria e úmida sala de concreto, então talvez... talvez eu não possa ficar aqui.

Fico no chuveiro até a água esfriar. Ou talvez eu só ache que ela esfriou. E, quando passo minha palma pelo vidro embaçado do espelho, a menina que me olha de volta é completamente irreconhecível para mim. Olhos castanhos sombrios, pele pálida, ombros tensos. Eu fui derrotada. Eu me tornei uma vítima, e agora veja o que está acontecendo. E, no fim das contas, só posso culpar a mim mesma.

Eu sei o que tenho que fazer, embora saber disso pareça tão agradável quanto ter que quebrar todos os ossos do meu corpo.



Eu o encontrei de pé em frente à janela quando voltei para o quarto, olhando para a noite negra e sem estrelas lá fora. Ele não se virou, mas sei que sente minha presença. Estamos conectados dessa forma. Nossos corpos são duas metades de um todo, e cada segundo que passamos separados faz essa linha magnética que une um ao outro ficar muito mais forte. Eu sinto dor por ele, fisicamente. Eu posso sentir sua influência em meus ossos, pulsando em deliciosa agonia, até me fazer tremer sobre meus pés descalços.

—Você esteve longe por muito tempo, — diz ele sem se virar.

—Me desculpe, — consigo responder. Palavras... pensamentos... são coisas difíceis de formular quando ele está tão próximo.

—Por quê? Por que você fez aquilo? Por que me deixou? — Há dor em sua voz, e cada palavra me corta como uma lâmina.

—Eu achei que você não se importaria.

Ele se vira para mim agora, sua beleza etérea congelada em uma expressão de choque e dor. —Como você pode não saber? Depois que eu te disse... eu te disse como me sentia. Eu sangro por você, Eden. Olhe para mim, — ele exige, seus olhos celestes selvagens por minha suposta traição. —Este não é quem eu sou; não é quem eu deveria ser. Você está me mudando. Desde

o dia em que entrou na minha vida, você vem me mudando. Como você pode não ver?

—Eu vejo. Você sabe que eu vejo. — Vê-lo assim... tão aberto, tão vulnerável... me destrói. A parede que eu tinha construído em torno de mim mesma numa débil tentativa de proteger meu coração machucado começa a desmoronar aos seus pés.

—Não, você não vê. Não de verdade. Não o suficiente para fazê-la ficar comigo.

—Você sabia que eu não podia ficar. Nós somos muito diferentes, viemos de mundos diferentes. Eu nunca seria capaz de me encaixar no seu, e você não pode sequer tentar se encaixar no meu. Nada disso não muda o que sinto por você, mas é assim que tem que ser.

Ele balança a cabeça. —Não. Eu não aceito isso. E se você parasse de mentir para si mesma, não aceitaria também. — Ele caminha até onde estou, esquentando a distância entre nós com seu fogo ardente. —Diga-me que não me quer. Diga-me que não sentiu algo verdadeiramente extraordinário entre nós no tempo que passamos juntos. Eu sei que nem sempre foi bom, mas foi real. É o destino, Eden. Nosso destino.

—Talvez não seja suficiente, — sussurro.

—Não? — Ele pronuncia, mexendo nos cachos que caem do meu úmido coque confuso. —Eu não sou o suficiente para você? Não te provei uma e outra vez que sempre vou lutar por você? Que nada vai me impedir de estar com você?

—Sim, — murmuro sem pensar.

—Então pare com isso. Deixe-me entrar. Não lute contra isso. Não quando me quer tanto quanto eu te quero.

Eu suspiro e fecho meus olhos quando o sinto baixar a cabeça para passar seus lábios ao longo do meu maxilar. Sempre que ele me toca, eu juro que sinto o roçar das asas de um anjo por todo meu corpo. Essa parte de seu passado ainda existe em algum lugar dentro dele, mesmo que ele não acredite. Eu vi, eu senti. Se há realmente um Deus, Ele ainda vive dentro de Legion.



— Apenas deixe-me tentar, Eden, — ele murmura contra minha garganta, arrepiando minha pele. — Apenas me dê uma chance para mostrar que posso te amar.

— Sim, — eu gemo. — Sim, Lúcifer.

Eu luto para me manter à beira da consciência, minhas mãos agarrando os lençóis de seda. Não ouço meus gritos, mas sinto minha garganta doer, como se estivesse sendo asfixiada. Há calor a minha volta, um calor que marca minha pele e afasta o sonho - não, o pesadelo - que me fez refém à base de correntes de prata mergulhadas em veneno de anjo.

— Você está bem, Eden. Eu estou com você. Você está segura, — murmura Legion, me segurando perto de seu quente peito nu. Ele parece mais quente do que me lembro, tanto que quase me queima. Ou talvez eu tenha apenas me esquecido da sensação dele tão perto de mim.

— Você, — eu coaxo. — É você.

— Claro que sou eu. Não estou indo a lugar nenhum.

Eu sei que não deveria, sei que estou brincando com fogo, mas ainda assim, envolvo meu corpo em torno dele, desesperada pelo conforto de seu calor. Ele me segura tão apertado que seus dedos parecem punhais cravando em minha carne macia. Eu não me importo. Na verdade, preciso dele mais perto. Mais forte. Mais quente. Eu preciso dele para queimar as memórias de Lúcifer. Preciso dele para me fazer esquecer os últimos seis dias, ou seis horas. Preciso dele para me fazer esquecer meu próprio nome.

Encontro seus lábios com ajuda da iluminação fraca, e bebo da saudade escorrendo de sua língua, deixando-a nutrir minha alma seca. Eu gostaria que ele pudesse me sufocar com essa intensidade. Afogar-me em sua necessidade, para que eu não consiga mais pensar, para que não possa mais sentir. Eu prefiro ficar dormente a confrontar essa... essa confusão, este auto ódio. Eu sei que é errado. Sei que é nojento roubar seus beijos, mas preciso dele para me fazer lembrar. Lembrar como éramos antes de eu partir. Antes de cair na escuridão e me perder. Se eu me lembrar dele, talvez possa também me lembrar de mim.

Eu suspiro em sua boca, meu corpo respondendo a suas mãos familiares. Eu conheço esta parte. Quando ele me toca assim, como se eu fosse feita de vidro quebrável, me fazendo sentir tanto delicada quanto perigosa, como se

ele estivesse com medo que eu pudesse despedaçar dentro de sua palma antes de cortar profundamente sua pele.

Quando eu tremo sob seu toque, ele se afasta. — Tem certeza? — Ele questiona, seus olhos prateados brilhando na escuridão.

Eu quero lhe dizer que não tenho certeza sobre nada, que eu menti, que não estou bem. Que não escapei do inferno ilesa. As cicatrizes em minha psique são tão profundas e grotescas que posso nunca mais ser a Eden que uma vez ele segurou firme em seu peito enquanto se debatia e gritava em seu sono. Mas, em vez disso, escolho o caminho covarde e respondo com um simples "*sim*" antes de empurrá-lo de costas e montar suas coxas. Já estivemos aqui antes, comigo tentando enterrar meus pesadelos em seu calor, e com ele suprimindo a necessidade de enterrar-se em meu corpo.

Suas grandes mãos espalmam meus seios através da minha camiseta, meus mamilos lutando contra o tecido. — Tire isso, — digo em um sussurro áspero.

Ele não desperdiça um único segundo, rasgando a camiseta e me puxando para encontrar sua boca. O primeiro movimento de sua língua me faz suspirar, sua umidade macia e firme causando arrepios em minha espinha. Eu me contorço contra sua dureza pulsando debaixo de mim, e posso sentir a umidade encharcando minha calcinha, causando outra sensação de fricção. Merda, eu poderia gozar somente assim. Eles tinham dito que se passaram apenas horas desde que eu fui embora, mas honestamente, me sinto como se não fosse tocada há meses.

Eu estou flutuando, derivando em nuvens roxas de luxúria, quando, de repente, Legion me segura pelos quadris e me acomoda em seu rosto, meu sexo perfeitamente alinhado com sua boca. Eu agarro a cabeceira da cama para manter o equilíbrio enquanto ele me espalha ainda mais, desliza minha calcinha para o lado e empurra sua língua dentro de mim.

Longas, preguiçosas e enlouquecedoras lambidas em minhas dobras molhadas me fazem jogar a cabeça para trás e gritar louvores aos céus. As mãos dele ainda estão na minha bunda, as pontas de seus dedos me provocando. Toda vez que ele mergulha sua língua dentro de mim, também aplica um pouco de pressão por trás, apenas o suficiente para me fazer tremer incontrolavelmente enquanto eu liberto de todas as inibições e gozo em sua boca. Ele me bebe mais e mais, como se tivesse permanecido em um estado de perpétua fome até este momento. Seus lábios vibram contra a minha carne

hipersensível com cada gemido de aprovação, levando meu prazer a alturas nunca imaginadas.

Depois do orgasmo ter rasgado meu corpo mais vezes do que posso contar, L gentilmente me afasta de seu rosto e me coloca ao seu lado. Eu o sinto atrás de mim, arrancando a própria roupa antes de levantar minha perna e içá-la sobre seu antebraço, expondo meu sexo ainda encharcado. Respirações irregulares e quentes agitam o cabelo em minha nuca enquanto a palma da mão dele desliza sobre o meu estômago, descendo até provocar meu clitóris em lentos e deliciosos círculos.

—Eu pensei que tinha te perdido, — ele geme. Seu pau pulsa contra minha bunda ao ritmo de seu coração selvagem. Ele poderia facilmente flexionar seus quadris e me penetrar.

—Mas você me encontrou, — respondo entre uma série de gemidos abafados. Agora, com ele quente e pronto contra mim, não há nenhuma maneira de eu dizer-lhe a verdade.

—E não vou nunca mais te deixar ir, — ele jura. —Nunca, meu foguete. — Ele então mergulha um dedo dentro de mim, empurrando até que a ponta encontra aquele ponto que me faz tremer da cabeça aos pés. Minhas paredes molhadas contraem em torno de seu longo dedo grosso e o sugam avidamente, enquanto a palma de sua mão pressiona contra meu monte, ainda formigando com lembranças de sua língua. Ele aplica pressão suficiente para fazer meu corpo arquear, e eu me empurro contra sua dureza, implorando pela promessa de punição.

—Mais, — eu suspiro, sentindo aquele nó apertado de dor em meu estômago ainda mais forte. Eu preciso dele, de tudo dele. E não me importo em parecer desesperada ou necessitada. Minha alma pode ter sido abandonada, mas meu corpo é irrevogavelmente dele.

Ele me espalha ainda mais, preparando-me para o seu tamanho. E, finalmente, em um irritantemente lento impulso que nos faz gemer, ele me penetra, profundo e pulsante e vivo. Ele para por alguns segundos, em seguida, desliza para fora até a ponta antes de bater de volta em mim. Sua mão ainda está em meu clitóris, fazendo círculos com ajuda dos resíduos do meu orgasmo anterior. Eu fecho meus olhos e me concentro apenas na sensação de estar completamente cheia. O corpo de Legion é tudo que eu quero sentir pelo resto dos meus dias.

—Ele consegue fazer você se sentir assim? — Ele resmunga entre as estocadas, seus lábios em meu ouvido. —Consegue te foder tão bem quanto eu?

A vulgaridade em suas palavras só me excita mais, e eu me empurro de volta contra ele, enfrentando seu ataque com o meu. Merda, ele está tão profundo... tão profundo que dói. Mas eu amo isto. Eu quero sentir aquele monstro dentro dele — o que ele lutou para negar desde que fugiu do inferno. Eu quero sua fúria e fogo em sua forma mais intoxicante. Quero que ele me dê suas mentiras. Que me dê sua brutalidade. Quero que Legion me destrua, um poderoso impulso de cada vez.

Mas mesmo através da névoa de luxúria nublando meu julgamento já normalmente prejudicado, não perco o sentido de suas palavras sujas.

Ele.

Quem ele pensa... por que ele acha que há um *ele*?

—Porque há, — uma voz tão suave quanto veludo diz, a polegadas de distância. Meus olhos se abrem e eu endureço.

—Você está bem? — Legion pergunta preocupado atrás de mim, virando minha cabeça para que possa avaliar meu rosto. —Muito duro?

Muito duro? Como ele pode não vê-lo? Por que ele ainda não está queimando todo este edifício até ruí-lo completamente?

—Porque ele não pode me ver. Só você pode, — sorri Lúcifer. Ele cruza as mãos atrás da cabeça e as pernas à altura dos tornozelos. Mesmo na fraca iluminação, eu posso ver que ele está impecavelmente vestido, como sempre. Como se tivesse acabado de sair de uma passarela e entrar neste quarto.

Eu olho para Legion e de volta para o ponto onde Lúcifer está. —Sim, hum. Bem. Só não pare.

L recomeça com menor intensidade, como se estivesse com medo de me machucar, então eu me certifico de responder a cada impulso com entusiasmo. Talvez nossa névoa de êxtase o afaste. Eu faria qualquer coisa para expulsar esse espectro dos meus pensamentos.

—Você é uma terrível atriz, — Lúcifer diz, balançando a cabeça. —Acha mesmo que ele vai acreditar em você? Espere. Esqueça. É claro que ele vai. Ele está em negação, e prefere acreditar que você está realmente aqui com ele do

que enfrentar o fato de que parte de você não está. Que a Eden pela qual ele tanto lutou não é dele.

Eu estou aqui. Estou aqui com ele. E não vou a lugar nenhum.

Estico a mão, pego um punhado de cabelo de Legion e o puxo para mais perto. Ele responde arrastando beijos da minha orelha até meu ombro.

—Você pode fazer o que for preciso para ajudá-la a dormir à noite. Mas, quando ele perguntou se eu podia fazer você se sentir como ele faz... se eu podia te foder como ele te fode... — ele revira os olhos, aquelas íris cintilantes brilhando com zombaria. —Você mentiu, Eden. Você mentiu para ele. Assim como está mentindo para si mesma.

Não estou. Não estou mentindo. Eu sei o que sou.

—Tem certeza? Você está sendo completamente honesta sobre o que aconteceu entre nós? — Ele se vira para me encarar, parando tão perto de mim que posso sentir as lapelas de sua jaqueta escovarem contra meus mamilos duros. —E as perguntas que você fez a Phenex? Apenas curiosidade, certo?

Antes que eu possa sequer pensar em uma resposta, posso jurar que sinto dedos arranharem minha barriga nua. Lúcifer sorri e me encara. —Você está sendo honesta sobre *isso*?

Como se o seu toque fantasma queimasse cada uma das minhas terminações nervosas com prazer, um orgasmo me rasga inesperadamente, e eu grito. Minha cabeça está inclinada para trás e meus olhos estão fechados enquanto suor desliza pelo meu peito, liberando cada grama de frustração e confusão e dor. Legion me segura apertado contra seu corpo e retarda seus movimentos, deixando-me cavalgar as ondas do meu frenesi. Meu orgasmo dura o que parece ser para sempre, e cada vez que acho que acabou, outro dilúvio passa por mim. Eu só quero que isso pare, mas ao mesmo tempo, parece tão bom. L dentro de mim, me segurando, me dizendo quão bonita eu sou nestes momentos de entrega sem limites. Eu quero que dure. Eu não quero esquecer. Eu tenho que ficar aqui um pouco mais.

Quando recupero meu fôlego e abro os olhos, Lúcifer se foi. Mas no fundo, eu sei que ele não vai a lugar nenhum. Ele está apenas começando.



Esperei por horas até Legion adormecer. Ele insistiu em continuar dentro de mim até nós dois desmaiarmos de exaustão, e fez um trabalho muito bom nisso. O sol estava espiando por trás de nuvens escuras quando ele finalmente dormiu, embora eu soubesse que não havia nenhuma maneira de eu fechar meus olhos. Não com o risco *dele* aparecer em meus sonhos. Não quando eu sabia o que estava por vir.

Enquanto furtivamente me lavo e me visto, tento pensar no que aconteceu na noite anterior. Ver Lúcifer... não pode ter sido real. Mas eu senti suas mãos sobre mim, seus hábeis dedos elegantes acariciando toda a minha barriga nua, de um lado a outro. Eu ouvi sua voz tão claramente quanto ouvi Legion gemendo em meu ouvido. Mas como? Ele prometeu que iria me libertar do *Chamado*, assim como a todos os outros seres humanos, desde que eu fosse com ele. Ele me deu sua palavra. Como diabos ele ainda espera algo de mim?

Mesmo com o coração na garganta, permito-me alguns momentos tranquilos para olhar para Legion e admirar toda a sua beleza ofuscante. Deus, ele é tudo que eu sempre quis, e tudo que eu nem sabia que precisava. E, mesmo com toda a desconfiança e perigo que vêm com ele, estou inegavelmente apaixonada. Acho que até meu quebrado coração humano sabia que isso ia acabar acontecendo, desde a primeira vez que o vi na loja no

meio da noite, comprando chá gelado. Eu fui concebida para ser uma vítima de seus olhos brilhantes e raros sorrisos deslumbrantes. Mesmo quando eu o odiava, uma parte de mim estava sempre por perto, pedindo-lhe para me notar... me querer.

Parece que isso aconteceu a tanto tempo atrás.

Agora, enquanto observo seu corpo dormir pacificamente, posso fisicamente me sentir sendo dividida em duas. E nenhum de nós merece isso. Nós não podemos continuar assim. Eu não posso continuar dizendo a mim mesma que a culpa e vergonha eventualmente irão embora. Agora que eu sei a verdade, não posso olhar para ele e não pensar que é Adriel que ele vê, que é com Adriel que ele está fazendo amor, que foi por Adriel que ele arriscou a vida para me resgatar do inferno.

Eu fui tão estúpida, e por tanto tempo. Mesmo com a incerteza crescendo em minhas entranhas, eu ainda me abri para ele. Eu ainda abri minhas pernas e o deixei me tomar — mais e mais — sem proteção. Por que ele não se preocupou? Quando ele sabia... quando sabia o que poderia acontecer. Eu posso ter sido muito imprudente em minha busca por me perder nele, mas qual seria a desculpa dele? Sua motivação?

“Nephilim e Cambion são altamente cobiçados.”

Merda.

E se... e se Lúcifer não fosse o único cavalo nessa corrida?

Eu estava tão desesperada para rebater as críticas do Diabo, tão ansiosa para mostrar que as intenções de Legion comigo eram sinceras, que não tinha considerado essa hipótese. Mas, o que Legion poderia ganhar com uma gravidez? O que de bom poderia sair de algo tão irresponsável?

Eu me dou mais um segundo para refletir sobre isso antes de colocar minha bolsa sobre meu ombro e me virar para a porta do quarto. Não vou olhar para trás. Eu prefiro morrer tentando me manter longe do que permanecer aqui desta vez.

— Indo a algum lugar? — Uma voz rouca soa da sala de estar. Eu fiquei tão envolvida com a tentativa de secretamente escapar do quarto que nem sequer o notei.



Cain levanta do sofá e avança até onde estou, a apenas alguns metros da porta da frente. Eu estava tão perto... tão perto de fazer uma fuga limpa. Eu só queria arrancar o band-aid de uma vez, mas agora seria forçada a assistir enquanto lentamente tirassem os curativos que cobriam a aberta e purulenta ferida em meu coração.

— Eu... eu... — gaguejo. Já é assustador o suficiente ter que ficar a sós com o demônio cheio de cicatrizes de assassinato, mas, ter que me explicar...

— Você vai apenas foder e correr? — Ele adivinha. — Não vai nem mesmo deixar algum dinheiro na mesa de cabeceira? Uau. Eu tenho que dizer, estou surpreso, Eden. Talvez até um pouco impressionado. Nunca pensei que você tivesse coragem de fazer algo assim.

— O que você quer, Caim? — Pergunto inexpressiva, desesperada para escapar do seu olhar malicioso. No entanto, ele nem sequer responde. Em vez disso, ele casualmente começa a esvaziar seus bolsos sobre a mesa. Um conjunto de chaves, um celular, um maço de dinheiro e uma pequena pistola. Merda. Ele está se preparando para uma luta? O sangue em minhas veias corre frio.

— Você sabe, eu nunca pensei que seria um ser humano a colocar Legion de joelhos, — comenta, focado em organizar os itens em uma linha reta. — Ele tem sido inabalável durante anos, séculos. Ele é de longe o demônio mais forte que já tive o prazer de chamar de irmão. E você... você está determinada a destruí-lo.

— Eu não vou destruí-lo, — insisto. — Vou salvá-lo.

— Como? Abandonando-o nas primeiras horas da manhã, mesmo sabendo que ele não vai parar por nada até te ter de volta? Mesmo sabendo que isso pode lhe custar o Se7en, ou sua própria vida? — Há uma ferocidade em sua voz que eu nunca tinha ouvido antes. Não se tratava de seu habitual rosnado grave. Era outra coisa. Algo que se assemelha ao desespero.

— Estou saindo justamente por causa de tudo isso, — imploro, esperando que ele possa entender o quanto me dói ter que abandoná-lo. — Eu sei que Legion vai fazer de tudo para me manter segura, e não posso permitir algo assim. Não posso permitir que outra pessoa seja afetada por mim. Ele está confiando em um traidor, em alguém que quase o matou, em sua busca



radical para me proteger. Eu não posso impedi-lo, Cain, ninguém pode. Você sabe disso. Então, a única coisa que posso fazer é me tirar da equação.

—E você acha isso que vai funcionar. — Não é uma pergunta. Ele vê através de mim.

—Tem que ser melhor do que colocar um alvo nas costas de todos vocês.

Ele solta um suspiro pesado e assente. Não em acordo, mas com resignação. Eu já tomei minha decisão, e ele sabe que não há nada que possa fazer para me parar. Pelo menos isso é melhor que nada. Se ele fisicamente tentasse me fazer ficar, não haveria nada que eu poderia fazer para combatê-lo.

—OK então. Bem... cuide-se, Eden. — Ele olha para a linha de itens que deixou sobre a mesa antes de se virar para o corredor e começar a andar em direção ao seu quarto.

Estranho.

—Ei, você deixou suas coisas em cima da mesa, — eu sussurro, antes que ele desapareça da minha linha de visão.

—Que coisas? — Ele responde por cima do ombro. —Eu não deixei nada.

Meu rosto fica cheio de confusão e eu abro minha boca para argumentar... fechando-a novamente quando entendo.

Eu pego o maço de dinheiro, as chaves e o celular, e os coloco no bolso do meu casaco. A arma é uma coisa completamente diferente, porém. Com as pontas dos dedos, eu a pego e cuidadosamente a coloco em minha bolsa.

Maldito Cain.

Bem... Eu já estive errada sobre ele antes.

Quando chego no estacionamento subterrâneo, aperto o desbloqueio do controle para ver qual carro ele deixou para mim. Para minha surpresa — e alívio — é um Jag menor do que aquele que acabou em pedaços na Michigan Avenue. Droga, aquele carro era sexy. Mas este é tão luxuoso quanto, e, claro, também todo preto e com vidros fumê. Os assentos são como manteiga e ele ainda tem que cheiro de carro novo. Pergunto-me brevemente de quem é esse bebê antes de pegar o telefone celular. Está limpo, é novo. Como se estivesse só me esperando para ser usado.

—Olá? — Uma voz grogue soa do outro lado.

—Irmã?

—Eden? É você? Oh meu Deus, querida, onde você esteve? Tentei te ligar, mas...

—Sim, eu, uh, perdi meu telefone. Ouça, eu quero te ver. Preciso do seu novo endereço. — Eu sei que L a levou para um edifício seguro em uma parte bonita da cidade, mas nem sequer me preocupei com detalhes, já que não esperava vê-la novamente.

—Certo. Venha agora. Vou ligar para a recepção para que o porteiro a deixe subir. Mal posso esperar para vê-la.

Eu anoto mentalmente as informações que ela me dá e ligo o carro. Ele ronrona para mim, convidando-me a segurar o volante e acelerar um pouco. Não tenho certeza de como vou sair daqui, mas quando chego a primeira porta de aço, ela se abre automaticamente. Percebo que o carro deve estar equipado com algum tipo de sensor que desarma os alarmes, o que é uma vantagem. Com toda a rapidez de uma avó de 90 anos, eu dirijo para o primeiro de muitos túneis feito do que me parece ser aço. Agora que estou viajando muito mais lento do que antes, percebo que estão todos marcados com símbolos desenhados com tinta preta, ou talvez fuligem. *Runas de proteção e deflexão*, penso. Sei também que Niko construiu as alas originais do esconderijo secreto do Se7en, mas isto parece novo, fresco. Talvez Dorian, ou mesmo Gabriella, tenham reforçado os símbolos em minha ausência.

Após vários minutos de condução cuidadosa através dos túneis e portas no ritmo de um caracol, cuidando para não arranhar meu carro emprestado, eu finalmente saio para a rua e encontro à luz do sol da manhã fluindo através de pesadas nuvens escuras. Não sei como o resto do pessoal do Se7en dirige entre aqueles obstáculos de proteção. Eu juro, nem sequer respirei até chegar a entrada principal.

Durante o caminho até o novo endereço da minha irmã, quase faço um buraco em meu lábio, me preocupando sobre como explicar minha ausência. Mas, quando ela abre a porta de seu novo apartamento incrivelmente espaçoso, age como se o tempo não tivesse passado. Como se eu não tivesse simplesmente sumido da face da Terra. Como se Lúcifer não a tivesse feito refém, nua e suja, numa tentativa bem-sucedida de me chantagear.

—É tão bom ver você, irmãzinha. — Ela envolve os braços ao meu redor e me aperta. Eu, claro, fico completamente rígida. Minha irmã sempre foi afetuosa, enquanto eu tendia a me afastar de excessos de contato físico. Isso nunca a parou, embora. Ela queria que eu soubesse que era amada, mesmo quando sua postura me fazia terrivelmente desconfortável.

—Bom lugar, — comento quando ela finalmente me solta. Eu olho para a grande sala de estar, de conceito aberto e janelas amplas. Tudo é creme e branco, com detalhes de cinza industrial, assim como claro e aberto, permitindo que a luz natural adicione calor ao espaço. É ela. Eu sempre a imaginei em um lugar como este. Ela sempre foi muito boa para o nosso pequeno apartamento em ruínas.

—Não é lindo? Aparentemente, o cara que comprou nosso velho edifício é algum velho rico que quer derrubá-lo e transformá-lo em um centro comercial. Acho que ele só nos pagou bem porque estava com medo de uma ação judicial. Mofo tóxico, amianto e uma tonelada de outros perigos, você sabe.

—Tenho que concordar com você sobre isso, — respondo, abafando um sorriso triste. Velho rico. Bem, Legion é bastante antigo. E, a julgar pelos carros e a sede do Se7en, pode-se apostar que rico também.

—Venha, venha, — diz ela, me puxando para os sofás brancos brilhantes. O apartamento está totalmente mobiliado, e se não fosse pelas poucas caixas de papelão escondidas no canto, eu nem seria capaz de dizer que ela se mudou há apenas alguns dias.

—Lamento simplesmente me intrometer em sua casa. — Deixo cair minha bolsa aos meus pés, cuidando para não disparar a Glock ali dentro.

—Você está brincando? Eden, você não está se intrometendo. Esta é a sua casa também. Sempre que você quiser voltar... esta é a sua casa também.

Eu tento sorrir para esconder a emoção em meus olhos. —Bom. Porque... eu preciso de um lugar para dormir por um tempo.

—As coisas não funcionaram com Lily?

Isso é o eufemismo do ano. Especialmente desde que a querida *Lily* olhos de corça não existe. —Não exatamente.



—Bem, eu odeio que não tenha dado certo, mas estou tão feliz por você estar aqui. Venha, vou lhe mostrar o seu quarto.

Ela já está me puxando quando eu digo, —Você não tem que fazer nada especial, Irmã. Eu posso só dormir no sofá.

—Não, Eden. Você tem um quarto aqui. Venha ver por si mesma.

Mary me leva pelo corredor, parando em frente a uma porta fechada. Ela olha para mim com aqueles grandes olhos castanhos dançando com alegria. — Continue. Acho que você vai gostar.

Não compreendendo plenamente sua emoção, reviro os olhos e abro a porta... e congelo, incapaz de prosseguir.

A roupa de cama, as paredes... tudo está envolto em tons de cinza suave. Cinza como os olhos para os quais eu tinha olhado apenas algumas horas antes, e desejado poder continuar olhando até dar meu último suspiro. Eu também conheço esse edredom; já dormi com ele envolvendo meu corpo nu. A cabeceira da cama é almofadada, como se tivesse sido especificamente escolhida para mim por alguém que sabe que eu gosto de ler antes de dormir. As mesinhas de cabeceira e armários são simples, discretos e pequenos, como se essa mesma pessoa soubesse que eu não ligo para mobiliário frívolo. Mas, embora houvesse contenção na decoração, mais do que compensava no campo de entretenimento e som, juntamente com uma estante lotada com todos os livros que eu tinha na minha lista TBR¹² online. Há até um recanto de leitura confortável perto da janela de moldura gigante com vista para a cidade. Como... como é que ele sabia? Por que ele sequer esperaria que um dia eu fosse procurar refúgio da minha realidade, e que precisaria de um lugar para chamar de meu?

—Este é o *meu* quarto?

—Bem, certamente não é meu, — Mary ri. Ela gentilmente gira uma mecha do meu cabelo prateado em torno de seu dedo. — Ele sempre foi seu.

—É... é... Incrível.

—Obrigado Sr. Cheio da Grana. — Ela boceja e esfrega os olhos vermelhos. — Vou dormir por mais algumas horas. Mas, antes que eu esqueça, é meio perfeito você ter aparecido hoje, de todos os dias.

¹² Sigla do site Goodreads..



—Por quê? — Questiono, afastando meus olhos do esplendor do *meu* quarto.

—Bem, Ben e eu vamos sair para jantar e beber hoje à noite, com um amigo; um novo cara que trabalha com ele e que é realmente doce e bonito. Eu o conheci há alguns dias, e oh meu Deus, Eden, você tem que encontrá-lo! Eu contei a ele tudo sobre você, e ele pareceu super interessado.

—Oh não, acho que vou passar, — gemo, cheirando um encontro às cegas a quilômetros de distância.

—Por favor, irmãzinha? Por favor? É só... você acabou de voltar, e eu não quero deixá-la aqui sozinha. Você não tem sequer que sair com ele. Apenas conhecê-lo.

Eu balanço minha cabeça. —Não é minha praia. Mas vá em frente e se divirta. Eu prefiro me instalar e assistir Netflix.

—Ok, — ela faz beicinho. —Vou cancelar com Ben então. É chato, porque não tivemos uma noite fora no que parece ser para sempre...

Droga. Eu sei o que ela está fazendo, e não vou ceder. Não vou deixá-la me fazer sentir culpada com esses olhos de cachorrinho triste e patético no rosto. Eu não vou ceder.

—Ok. Eu vou com vocês, — bufo antes que ela saia.

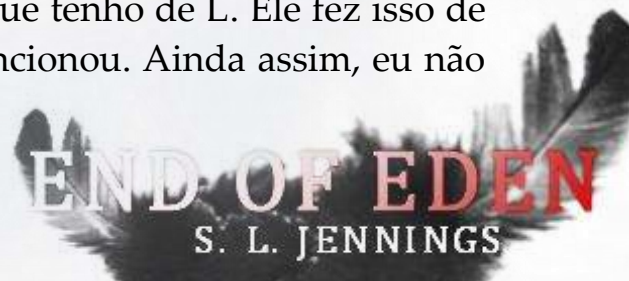
—Impressionante! — Ela bate palmas alegremente antes de plantar um beijo em minha bochecha. —Você vai gostar dele, eu juro.

—Sim, sim. Mas é melhor eu ganhar alguns prêmios por isso.

—Ok. Mas, de verdade... eu preciso dormir minhas oito horas. A geladeira está abastecida e a senha do Wi-Fi é o dia do seu aniversário. Te amo, irmãzinha!

Ela planta outro beijo em minha bochecha antes de caminhar até o final do corredor, seus cachos elásticos saltando a cada passo. Sempre foi impossível não amá-la. Ela é a melhor parte de mim, tudo que *eu* desejaria poder ser. Despreocupada, impulsiva, pensativa, amável. Eu nadaria oceanos por essa menina, e sei que ela não hesitaria em fazer o mesmo por mim.

Demoro alguns minutos para me adaptar ao meu novo quarto, tentando manter as lágrimas afastadas a cada lembrança que tenho de L. Ele fez isso de propósito. Ele queria que eu pensasse nele. E funcionou. Ainda assim, eu não



trocaria este belo espaço por nada, mesmo que tenha que parar e deliberadamente respirar através do nó em minha garganta a cada poucos minutos. Legion tinha começado a se tornar minha casa. E ele tinha criado outra para mim, para me confortar mesmo quando não pudesse estar comigo.

Quando a exaustão finalmente me encontra, eu tiro meu jeans e rastejo para cima da cama macia. Tudo parece igual, mas ainda tão diferente. Ele não está aqui. Eu estendo a mão para o lado que teria sido reservado para ele, e o encontro frio. E isso reitera o que eu tinha acabado de fazer mais cedo.

Coloco o fone de ouvido sem fio que estava no centro de entretenimento e o conecto ao sistema de som elegante na mesa de cabeceira. Não sei que tipo de música vou encontrar, mas quando a melodia conhecida começa a tocar, lágrimas começam a cair livremente sobre o travesseiro fofo, e não há absolutamente nada que eu possa fazer para impedi-las.

Kanye West.

Ninguém chora ouvindo Kanye West. Ninguém além de mim.

Ele odeia. E eu ouvia apenas para irritá-lo. Só para ver um daqueles raros sorrisos com covinhas e ouvir o som de sua risada estrondosa. E quando ele olhava para mim, com os olhos prateados brilhando de alegria, eu sabia exatamente o que era ter o fôlego roubado de meus pulmões.

Engraçado como muito pode mudar no espaço de uma semana. O que eu não daria para vê-lo sacudir a cabeça para mim com um sorriso puxando o canto de seus lábios só mais uma vez. Eu até mesmo comeria salgadinhos de celofane vegano e peru seco defumado, só para tê-lo olhando para mim desse jeito novamente.

Dentro de minutos, caio no sono enquanto Kanye me pergunta por que sou tão paranoica. E, quando acordo algum tempo depois, percebo que as palavras dele não eram simplesmente letras para formar o pano de fundo de uma batida doente. Eram um presságio.





QUATORZE

—Que diabos? — Eu pulo, caindo da cama sobre o tapete creme macio. Olho para cima com uma carranca. —Como você entrou aqui?

—Pela porta, — Legion retruca, sua expressão tão ferina quanto sua língua.

—Será que minha irmã o viu? — Eu sussurro duramente. Graças a Deus, porém, a porta está fechada: ela invadir o quarto balançando um taco de beisebol não seria bom. Mary é uma besta quando está com Brenda, o fiel taco de beisebol que ela mantém ao seu lado há anos.

—Não. Ela está dormindo. — Legion passa a mão pelo cabelo escuro e desgrenhado, uma amostra de sua irritação. —Você fugiu. Eu acordei e você não estava. Você me deixou. De novo.

—Bem, não é como se eu tivesse chegado muito longe, — murmuro, puxando o edredom sobre a cama e tentando afastar o sono dos meus olhos.

—Besteira, — ele late, alto o suficiente para me fazer olhar para a porta do quarto em pânico. —Você me deixou. Nenhuma explicação. Sem adeus. Você só embalou sua merda e saiu.

—Não foi assim.

—Oh, sério? — Ele cruza os braços na frente do peito, fazendo com que as mangas de sua jaqueta térmica estiquem sobre seus bíceps. —Então como foi?

—L... — solto um suspiro resignado. —Eu não tive intenção de te machucar. Na verdade, foi exatamente por isso que eu saí. Eu só... eu preciso de um tempo para por minha cabeça em ordem. Para resolver toda a merda que ainda não entendo. E enquanto eu faço tudo isso, preciso ter certeza que você está seguro, que está a salvo.

—E quanto a *sua* segurança?

Eu dou de ombros. —Eu estive no inferno, L. Vivi sob o teto do próprio Diabo, bebi seu vinho e comi sua comida. Se ele quisesse me matar, já o teria feito. Eu não acho que é isso o que ele quer.

—Você não pode ter certeza.

—Não. Mas eu sei que ele vai bater à sua porta se eu continuar contigo. Você provavelmente não é seu demônio favorito agora, considerando que me roubou bem debaixo do seu nariz.

Legião balança a cabeça, resmungando algo que eu não entendo muito bem. —Hã?

Ele exala pesadamente. —Eu disse que não roubei você.

—Hum, eu perdi alguma coisa? —Franzo a testa. —Tenho certeza que é assim que Lúcifer vai ver o que aconteceu. E também não acho que ele está esperando que você me devolva.

—Eu não te roubei, Eden, — ele reitera, o tom de sua voz exasperado. Ele então toma o espaço ao meu lado na cama, invadindo meus sentidos com seu perfume e seu calor sufocante. —Eu não te roubei. Ele a deixou ir.

—O quê?

—Ele a deixou ir, — Legion repete, seu olhar fixo num ponto no chão. — Se ele quisesse, poderia ter me impedido. Ele teve tempo suficiente para isso. Se quisesse realmente mantê-la a seu lado, não teria enviado os guardas. Ele teria vindo pessoalmente.

—O que você está dizendo? — Eu sussurro, meus olhos arregalados com a confusão.



—Estou dizendo que era como se ele soubesse que eu estava chegando, e que não fez nada para evitar o ocorrido. Inferno, ele poderia ter anulado a magia de Gabriella, se quisesse. Eu esperava no mínimo uma luta, mas... nada.

—Você parece desapontado.

—Só porque não tive a oportunidade de acabar com ele de uma vez por todas. — Legion levanta a cabeça, prendendo-me com aqueles brilhantes olhos prateados. Ferocidade dá lugar ao calor... e a suavidade. —Venha para casa, Eden. Deixe-me cuidar de você.

Eu mordo o *sim* prestes a escapar dos meus lábios, lutando como louca para manter a pouca força de vontade que me resta. —Eu estou em casa. Estou com a minha irmã. E posso cuidar de mim mesma. Eu fiz exatamente isso a minha vida inteira.

—Mas não tem mais que fazer isso. Eu quero protegê-la, da maneira que você precisa ser protegida. Da maneira que deveria ter sido protegida todo esse tempo. Deixe-me fazer o certo desta vez, — ele insiste, sua voz suavemente suplicante. —Eu preciso de você comigo.

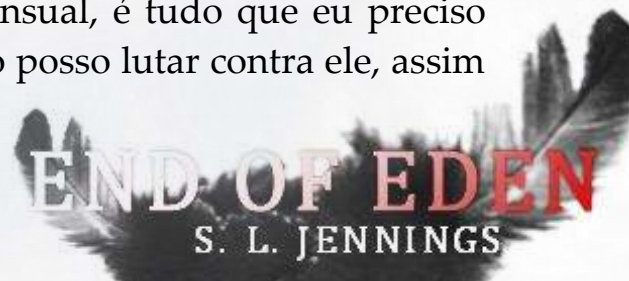
Suas palavras sinceras me paralisam, mas eu continuo lutando. —Sério? É realmente a mim que você quer? De quem precisa? Eu não posso ocupar um espaço reservado à outra pessoa. Não sou um prêmio de consolação.

—Droga, foguete. O que posso fazer para que você entenda? É você. Foi você desde a primeira noite em que entrei naquela loja. Você acha realmente que eu precisava voltar noite após noite? Acha que eu não poderia ter permanecido fora de vista e deixado os outros lidarem com você? Não, Eden. Eu precisava estar perto de *você*. Precisava te conhecer. — Ele se inclina para frente e pressiona a testa contra a minha. — *Você*. Ninguém mais.

—Não sei, — sussurro, seus lábios apenas há uma polegada dos meus. Eu poderia beijá-lo acidentalmente. Poderia deslizar minha língua sobre seus dentes e saboreá-lo sem sequer me esforçar.

—Você sabe, Eden. Está apenas com medo. Mas, por favor, não tenha medo de mim. Eu juro por tudo que eu sou que nunca vou te machucar de novo.

Ele roça minha bochecha com as costas da mão, e eu me deleito com o contato. Apenas seu toque, macio e quente e sensual, é tudo que eu preciso para reduzir minha vontade à escombros. Eu não posso lutar contra ele, assim



como não há nenhuma parte minha que realmente queira fazer isso. Não quando ele pode me fazer sentir tão bem. Não quando seu corpo é tão convidativo em um mundo tão frio...

— Ei, irmã mais nova, o que você acha desse vest...

O tecido preto cai de sua mão quando ela nota a cena à sua frente. Legion e eu nos levantamos em um pulo e colocamos uma boa distância entre nós. Merda. Eu não sei como explicar. E mesmo que soubesse, não há nenhuma maneira no inferno dela acreditar em mim.

— Quem é você? — Ela exige, suas feições normalmente suaves agora pintadas com desconfiança enquanto olha para L de cima a baixo, avaliando-o. Com toda certeza, sei que ela está imaginando quanto tempo levaria para correr de volta até seu quarto e pegar Brenda.

— Hum, hum... — *Pense Eden, pense.* Mas como é que eu vou conseguir formar frases coerentes quando a presença de L literalmente suga todo o ar do quarto? Meu cérebro já foi privado de oxigênio por muito tempo.

— Sou o faz tudo do prédio, — ele responde sem problemas. — Sua irmã chamou, reclamando sobre algo arranhando as paredes. Só vim até aqui para verificar, mas provavelmente era um guaxinim buscando abrigo durante o inverno.

— Faz tudo, hein? — Minha irmã responde, apoiando a mão no quadril. — É padrão que todos os trabalhadores manuais se sentem na cama das pessoas? Principalmente na cama de pessoas que não estão vestindo calças?

Merda.

Eu desajeitadamente puxo minha camiseta para baixo sobre minhas coxas.

— Nós estávamos esperando ouvir o arranhar novamente, — minto, tentando como o inferno manter minha expressão neutra. Ela sempre sabe quando estou mentindo, porém. Na maioria das vezes não faz nada a respeito, mas é evidente que ela sabe.

— Bem, Sr. Faz tudo, tenho certeza de que podemos cuidar disso sozinhas. Vamos avisá-lo se houver mais algum problema.



Ela fica de lado, dando acesso completo da porta para Legion. Ele olha para mim uma última vez e acena com a cabeça antes de sair. Quando ouvimos a porta da frente fechar, ela rapidamente avança em minha direção.

— Quem é ele, Eden?

— Eu já disse, — respondo, desviando meu olhar culpado. — O faz tudo.

Quando olho para minha irmã outra vez, vejo um sorriso de reconhecimento em seu rosto. — Que engraçado, não vi nenhuma ferramenta com ele. — Ela então me dá o vestido e se vira para sair. — Esteja pronta às seis, — diz por cima do ombro antes de emendar. — E o faz tudo... é quente como a porra do Hades.

A seu pedido, estou enfeitada e pronta às seis em ponto, ansiosa para que esta noite acabe rapidamente. Mal posso acreditar que estou fazendo isso, na verdade. Eu deveria estar me balançando em um canto em algum lugar, arrancando meus cílios e falando sozinha, depois do que passei. Menos de quarenta e oito horas atrás eu estava no inferno. E não no sentido figurado. Eu estava realmente na porra do inferno. Com a porra do diabo. E estava dançando com ele... sorrindo para ele. Permitindo-me acreditar na fachada bonita que ele havia criado para mim. Agora estou indo a um encontro às cegas com algum bom garoto do trabalho de Ben. Resumindo, ou estou mesmo ferrada da cabeça, ou realmente amo minha irmã. Qualquer cara de quem seu namorado possa ser amigo com certeza não é meu tipo. Sem ofensa a Ben, ele é legal. E esse é exatamente o problema. Eu não sou legal. Nem agradável. Nem fácil. O que provavelmente explica minha situação atual.

Acho que isso é o que acontece quando se está cercada pelo caos durante toda a vida.

Antes de ter dado minha primeira respiração, inclusive, eu já tinha vivido mais horror que a maioria das pessoas. Então, acho que se pode dizer que eu adquiri uma certa preferência pelas coisas mais duras da vida. Eu gravitava em direção aos excluídos, desordeiros e párias, provavelmente porque me via neles. E porque, quando as pessoas são tão ruins quanto você, tendem a reservar seus julgamentos para si mesmos. Além disso, era mais fácil manter minha cabeça abaixada e me misturar com o resto dos malucos.

Mas agora estou aqui, em pé em um lindo apartamento de luxo pelo qual não posso pagar, mesmo se ainda trabalhasse 24/7 em meu antigo emprego na



loja da esquina. Eu não tenho nenhum plano, nenhuma direção. Eu nem sequer sei se vou viver para ver o amanhã. Mas... sei que não posso viver em um estado constante de medo, esperando o outro sapato cair. Talvez Lúcifer esteja certo. Talvez seja hora de eu começar a abraçar quem e o que eu sou. Talvez eu deva aceitar o destino que me foi dado.

—Pronta? — Minha irmã pergunta, me puxando para fora de meu devaneio.

—Sim, — respondo com um sorriso forçado. Honestamente, está é a última coisa que quero, mas ainda assim o farei, por ela. —Você está muito bonita.

—Você acha? — Ela sorri, girando vistosamente. As leggings de paetês prata e o blazer preto se encaixam em seu pequeno corpo curvilíneo perfeitamente. Eu mataria por seus quadris e bunda. —É só um presentinho que me dei. E esse vestido também parece incrível em você, irmã mais nova.

—Obrigada. — Eu não me esquivo do elogio, uma raridade para mim. Considerando os últimos dias — inferno, a última semana — eu devo parecer com a Morte, de ressaca. Mas o vestido justo e o blazer preto, acompanhados das botas cano longo que ela me emprestou, realmente me fazem parecer meio decente. Nada como o lindo vestido de baile azul meia-noite, e adornado com pedras preciosas negras, que atualmente está em uma caixa de papelão no quarto de L, mas deve servir. — Então, devemos ir ou...

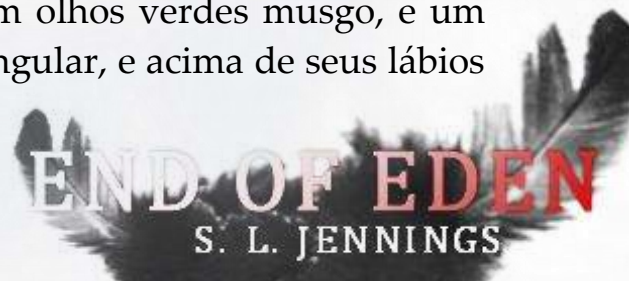
Logo em seguida, ouvimos uma batida na porta, e com a exuberância da qual eu tinha sentido tanta falta, Mary salta para atendê-la antes de quase derrubar seu namorado com um beijo.

—Espere até vê-la, — comenta ela, dando um passo para o lado para deixa-lo entrar. Bem, para deixar ambos entrarem.

—Christian, esta é minha irmã, Eden. Eden este é Christian. Ele trabalha com Ben.

Ele sorri calorosamente e estende a mão. —Prazer em conhecê-la, Eden. Ouvi muito sobre você.

A primeira coisa que noto é que ele é loiro, e que seus cachos ondulados atingem logo abaixo das orelhas. Sua pele é bronzeada, e ele deve medir pouco mais de um metro e oitenta. Também tem olhos verdes musgo, e um pouquinho de barba em sua mandíbula forte e angular, e acima de seus lábios



curvados. Ele parece recém ter saído de alguma praia da Califórnia, e é difícil para mim não notar que o corpo debaixo da camisa azul marinho e calça jeans é comparável ao de um surfista. Ainda assim, ele não faz meu tipo, embora seja alguém bom para olhar durante a noite. E, mesmo que ele fosse o meu tipo, não há nenhuma maneira no inferno de eu poder olhar para ele e ver algo mais do que um cara que trabalha com Ben. Minha vida já é complicada o suficiente sem adicioná-lo a mistura.

—Você também, — eu respondo, apertando sua mão. Mas, no momento em que nossas mãos se tocam, algo acontece. Não é um choque de eletricidade. Não é uma estranha sensação de formigamento. É apenas algo estranho, mas o suficiente para fazer um som de alarme soar em minha cabeça antes de eu dar um passo atrás.

Eu estava tão acostumada a ficar perto de criaturas sobrenaturais que tinha me acostumado a não mais usar meus dons. Mas, agora que não tenho o Se7en em minha volta, sou mais do que grata pela minha habilidade secreta.

É preciso um pouco de concentração, mas depois de alguns segundos, sinto a mão invisível atingindo meu corpo. É apenas uma carícia suave, porém. Se eu forçar muito, poderia me machucar, ou pior, machucar um cara inocente que só quer me pagar uma bebida. Eu estreito meus olhos, toda minha atenção focada em penetrar seu lóbulo frontal. No momento em que entro, porém, tenho essa mesma sensação estranha outra vez. Mas não há nenhuma dor debilitante, nem nariz sangrando ou náuseas.

A primeira coisa que percebo nele é um toque de nervosismo, como se estivesse ansioso por esta noite. Em seguida, excitação... atração física. Ele parece ansioso, mas sem exagero, mais como se tivesse algo a esconder. Não há malícia ou maldade escondidos nos cantos escuros e empoeirados de sua mente.

Mas, depois de ser imersa em um mundo de planos e segredos escondidos o tempo todo e em todo lugar, isso me preocupa. Eu não sei como tratá-lo. Ele é apenas humano. Um homem normal, como todo americano que está ansioso para um encontro. Que estranho, porra.

—Prazer em conhecê-lo, Christian. — Eu saio de sua mente e finjo um sorriso.



—Nós temos reservas, — Ben avisa. —Devemos ir, se quisermos desfrutar de uma bebida primeiro.

Eu concordo. —Certo. Deixe-me pegar minha bolsa.

Corro para o meu quarto e pego a grande mochila embaixo da minha cama. Eu já tinha desempacotado minhas coisas, mas não sabia onde esconder a Glock que Cain me deu para minha irmã não encontrá-la. Depois de colocá-la cuidadosamente em minha bolsa, dou uma respiração profunda e tento me preparar mentalmente para a noite. Cara legal ou não, não há nenhuma chance de eu sair desse apartamento desarmada.

Eu fico calada enquanto os caras emitem *ooohs* e *ahhhs* para o Jaguar estacionado algumas vagas abaixo do Ford Focus de Ben. Não tenho como explicar isso para minha irmã, e não é como se ela fosse acreditar que um cara apenas me emprestou um carro desses. Provavelmente ela pensaria que eu tinha me envolvido com algum traficante de drogas, e tornaria sua missão pessoal tirá-lo da minha vida.

—Então, Eden, — Christian começa. Estamos no banco de trás, e seria possível cortar o constrangimento entre nós com uma faca. —Mary me diz que você tem um ótimo ouvido para música. O que você gosta de ouvir?

Então, parece que teremos que passar pela tal pequena conversa. Ótimo. Eu nunca fui boa nisso - não que eu quisesse ser. Ostentar minha cara de vadia entediada pode ser uma coisa boa, creio.

—Uh, sim. Hip Hop, principalmente. Algum Rock alternativo e RnB. Não é algo que você poderia ouvir em uma estação de rádio de Top 40.

—Oh, isso é legal. Eu realmente não ouço muita música, mas Drake é muito bom.

A vontade de revirar os olhos é muito forte para resistir. —Sim. Certo.

Não me preocupo em continuar a conversa durante resto da viagem. *Bebidas gratuitas*, mentalmente me lembro. Vou precisar de várias.

O restaurante escolhido por Ben é do tipo normal e ultramoderno, o típico local que todos os profissionais de negócios e pessoas bonitas frequentam. Então, basicamente, eu me sinto como um peixe fora d'água. Mesmo depois de experimentar a prodigalidade da casa de Lúcifer, ou mesmo do apartamento superelegante do Se7en, eu ainda não me sentia à vontade. Honestamente,



provavelmente me sentiria mais confortável em torno de demônios e feiticeiros do que em torno de todas essas pretensiosas pessoas mesquinhas.

—O que você quer beber? — Grita Christian. Com as músicas e duelos de conversas, este lugar é desagradavelmente alto. Porque diabos ninguém aqui fala como uma pessoa normal?

—Algo com vodka? Nada muito frutado.

Ele me dá um polegar para cima e vai para o bar com Ben. Por algum golpe de sorte, Mary e eu somos capazes de pegar uma mesa pequena enquanto esperamos por eles. Quando os caras retornam alguns minutos mais tarde, recebo com gratidão o Cosmo que Christian me entrega. Típico, mas que seja.

Surpreendentemente (ok, não muito), tomo dois drinks antes da anfitriã nos informar que nossa mesa está pronta. E, depois do vinho que acompanhou nosso jantar de marisco e bife, minha língua começa a soltar-se, e o estresse da semana passada começa a derreter. Eu não sinto essa tranquilidade, essa liberdade, desde que estive na pista de dança da casa do Observador, com minhas mãos jogadas para o ar e olhos fechados, num momento em que não existia nada além de mim e da música. Durante aqueles minutos gloriosos, não houve nenhuma desgraça iminente do *Chamado*, nem assassinos demoníacos. Eu fui alegre e bonita naquele espaço de tempo. Mas, em seguida, algo intenso me levou àquele banheiro, embalada por uma nuvem ecstasy efervescente que intensificava minha vontade de saciar meus desejos interiores. Eu nem sequer me senti mal naquele instante. Em vez disso, me senti livre.

—Eden?

Acordo do meu transe e olho para Christian, um sorriso preguiçoso e movido a álcool firmemente estampado em meu rosto. —Sim?

—Eu disse que adorei a noite, e que devemos repetir a experiência novamente algum dia. Você sabe, sair... só nós dois.

Eu concordo. —Sim claro. Parece bom.

—Quer sair daqui? Há um bar legal uma quadra abaixo; poderíamos jogar bilhar. Além disso, acho que sua irmã e Ben estão muito... ocupados.



Ele balança a cabeça para o outro lado da mesa, onde Mary e Ben estão se agarrando. Acho que alguns cocktails e duas garrafas de vinho compartilhadas podem levar qualquer um a esse ponto. Bom para ela, entretanto. Mary está sempre levando meus sentimentos em conta, e nunca quis exhibir seu amor na minha cara. Então, com certeza eu vou sair daqui com Christian. Ele é doce e generoso. E, verdade seja dita, ele é muito quente, mesmo com todo o visual surfista. E, depois de realmente conversar com ele, acho que ele é inteligente também. Nada bad boy, mas acho que posso dizer com certeza que já tenho minhas mãos mais do que cheias de meninos maus. Então, não estou à procura de outro. Quero apenas desfrutar de uma conversa amigável com um cara normal.

—Sim, mas deixe-me ir ao banheiro feminino primeiro, e depois nós vamos.

Ele até se levanta comigo, e eu sinto apenas um toque de calor em meu rosto. Ele é um cavalheiro. Isso não pode ser uma coisa ruim, certo?

Estou tão alegre e distraída que nem me preocupo em convidar minha irmã para vir comigo à toailete, uma regra que adotamos anos atrás. Eu gosto de quebrar essa regra, porém, apesar do meu péssimo histórico com banheiros. Depois que me alivio, lavo as mãos e reaplico meu gloss, sentindo-me muito satisfeita comigo mesma.

Isto é, até eu me virar e bater em um peito esculpido em granito e aço, e sentir as chamas de sua presença serpentearem em torno da minha cintura.

Sério?

Sério?

Será que uma garota não pode nem fazer xixi em paz?





QUINZE

—Quem é ele?

Me afasto do peito de Legion, quebrando seu domínio sobre meu corpo.

—O que você está fazendo aqui?

—Eu lhe fiz uma pergunta. — Seu tom é tão cortante quanto vidro quebrado.

—Eu lhe fiz uma também. Você não pode simplesmente continuar aparecendo assim.

—E te deixar desprotegida? Sim, eu posso. E eu vou. — Ele olha para mim com espanto furioso, como se eu tivesse acabado de lhe dar um tapa no rosto. —O que está acontecendo, Eden? Eu lhe pedi, *implorei*, para voltar para casa comigo. Você está realmente me dizendo que prefere que eu fique longe? Que tudo o que diabos aconteceu entre nós não é o suficiente para trazê-la de volta?

—Não. Não estou dizendo nada disso. Estou dizendo que preciso de tempo. Eu não sei... — Balanço minha cabeça. Não posso lhe dizer o que gostaria, porque lhe dizer a verdade nos quebraria. —Eu não sei o que eu quero.

—Você não sabe se ainda me quer.

—Não, não. Eu ainda te quero, é só que...

Adriel.

Lilith.

Lúcifer.

Há muitas pedras em nosso caminho. Legion mentiu para mim sobre Adriel.

Lilith mentiu para mim sobre tudo.

E Lúcifer... ele pode ter sido o único a me dizer a verdade. E agora, eu estou mentindo para Legion sobre ele. Que diabo é que eu vou fazer com isso?

—Olha, você mesmo disse, — continuo. —Que Lúcifer me deixou ir. Portanto, o *Chamado* está desfeito. Você não tem mais motivos para me querer.

Ele avança mais rápido do que eu posso ver, me empurrando contra a parede de azulejos e pressionando seu corpo no meu. Eu suspiro ao sentir seu calor e sua dureza, meus sentidos sobrecarregados. Eu estava bem até agora. Estava fazendo o meu melhor para resistir à vontade para deixá-lo envolver seus braços em volta de mim e me sufocar com sua estrutura maciça. Mas ele sabe o que está fazendo. O sorriso conhecedor em seu rosto quando ele olha para mim, o músculo tenso de seus antebraços me prendendo... ele sabe o efeito que tem sobre mim. Poderíamos continuar a andar em círculos durante todo o dia, mas no momento em que ele me toca, eu não tenho escolha senão submeter-me ao seu fogo.

—Você está me dizendo que não tem certeza sobre mim? — Ele murmura, seu hálito quente remexendo as mechas de cabelo em meu ouvido. —Que não tem certeza sobre *isso*?

—Eu estou dizendo...

Em seguida, seus lábios estão batendo contra os meus, quentes e macios e autoritários. Seus dedos estão em meu cabelo, puxando os fios com pressão suficiente para mudar o ângulo de minha cabeça e conceder-lhe mais acesso a minha boca. Ele me persuade a abri-la com apenas um escovar de sua língua, e então me beija profundamente, lentamente. Esse beijo é como sexo preguiçoso de domingo, do tipo que dura horas e horas, embalado pela trilha sonora da chuva caindo contra os vidros embaçados. Eu derreto completamente, ficando na ponta dos pés e passando os braços em volta do seu pescoço. Essa pequena

demonstração de rendição provoca algo sob o seu frio e duro exterior, e o inflama em um frenesi quente. Rapidamente me encontro fora das minhas botas de salto, presa contra a parede e as palmas das mãos que estão segurando — não, agarrando — a parte de trás das minhas coxas. Ele engole meus gemidos como água, matando sua sede devastadora.

E então ele abruptamente se afasta, apenas para me encarar com aquele olhar prateado e inflexível. — Ele não pode te tocar, — Legion comanda. — Não pode encostar sequer um dedo em você, porra.

— Você não pode me dizer o que fazer, — respondo sem fôlego. Estou ofegante, estou tonta, e não sei se é pelo efeito do álcool ou por causa de Legion.

— Eu acabei de dizer.

Ele me beija novamente, desta vez atacando minha boca com a língua e os dentes. Ele não é gentil. Ele não é bom. E foda-se se ele não me excita. Meus mamilos pressionam contra o meu sutiã, implorando para serem sugados. Ele está tão duro sob seu jeans que o raspar do tecido rígido contra a minha calcinha é suficiente para me fazer pulsar e apertar com os primeiros sinais do orgasmo. Eu devo ter gozado meia dúzia de vezes na noite passada, mas sinto que estou outra vez a segundos do clímax.

Então, outra vez, tão urgentemente quanto me beijou, ele me põe para baixo. Minhas pernas oscilam em minhas botas de salto alto, e eu aperto seus bíceps para me equilibrar.

— O que foi isso? — Ofego. Minha cabeça está nadando, e eu me sinto como se fosse desmaiar por causa da privação de oxigênio, ou pelo excesso de álcool, ou de saudade.

— Isso sou eu... Dizendo a você... Que ele não pode te tocar.

— Você parece com ciúmes, — consigo dizer entre respirações irregulares.

— Ciúme é uma emoção humana, Eden, da qual eu não gosto. Então, por que diabos sentiria algo assim?

Eu olho para ele, meu olhar nebuloso, porém firme. — Engraçado. Você parece um pouco com Lúcifer. Talvez vocês sejam mais parecidos do que você gostaria de admitir?

Raiva. Pura raiva pinta seu rosto. — Eu não sou *nada* parecido com ele.

Ele dá um passo para trás, e frio invade o espaço entre nós. Parece que estamos oceanos distantes agora. Qualquer que fosse a magia negra que existiu um momento atrás - quando suas costas se apoiaram na parede de azulejos e minhas coxas envolveram seu quadril - se dissipou, acolhendo um frio cortante que me faz tremer sobre minhas pernas bambas. Sua expressão é de pedra, e eu tenho um vislumbre do monstro que me segurou em sua cama com a mão em volta da minha garganta enquanto tentava exorcizar o intruso em minha alma.

Ele não merecia o que eu tinha dito, e eu soube disso no momento em que as palavras deixaram meus lábios ainda em chamas pelo beijo. Mas, a capacidade de censurar meus pensamentos nunca foi meu dom. E, mesmo que seja uma coisa mesquinha a dizer, o fato dele ficar tão afetado pela acusação me diz tudo o que preciso de saber: não é mentira. Lúcifer e Legion são da mesma carne, do mesmo sangue. Eles foram aliados em sua busca pela rebelião muito antes que a sede de vingança e anarquia enegrecesse seus corações.

Portanto, Legion não é muito diferente de Lúcifer. Ele pode pecar de forma diferente, mas sempre vai ser, sem dúvidas, um pecador em sua essência.

—Olha, eu tenho que ir... — finalmente murmuro, movendo-me em direção à porta.

Eu me preparo para ele me parar, mas... nada. Nem uma palavra. *Diga-me para ficar, eu interiormente penso. Diga-me que estou sendo estúpida e insensível. Force-me de volta contra a parede e faça eu me arrepender de te deixar.*

Mas este não é um angustiante drama adolescente onde o herói confessa furiosamente suas afeições eternas por sua tonta donzela em perigo, ao mesmo tempo em que luta contra o desejo intenso de se deixar guiar por sua verdadeira natureza. Legion nunca fingiu ser algo mais do que é, e esta, esta coisa entre nós, nunca será mais do que era.

Quando olho para trás enquanto mexo na fechadura da porta, ele nem sequer olha para mim. Ele fica ali imóvel como uma estátua, sendo o tremor de sua mandíbula seu único sinal de vida. Eu gostaria de poder ir até ele



Gostaria de dizer-lhe que estou arrependida. Que estou com medo e insegura, e pedir-lhe para tornar tudo melhor. Mas não posso. E não vou. Posso não ter muito, mas ainda tenho meu orgulho.

Quando finalmente abro a porta, há uma fila de mulheres parecendo aborrecidas à espera para entrar e aliviar os martinis e vinhos caros. Murmuro uma explicação sem entusiasmo e passo por elas, mas, antes de eu sair completamente, olho outra vez para o banheiro.

Legion sumiu. Talvez desta vez, para sempre.



—Tudo pronto? — Christian pergunta com expectativa quando me aproximo da mesa. A conta já foi paga e minha irmã e Ben levaram sua pequena sessão de amassos de volta para o apartamento, o que significa que estou presa com Christian, pelo menos, por mais algumas horas. Droga. Quanto tempo eu estive fora?

—Sim, claro, — eu respondo, tentando fingir um sorriso.

Eu ainda posso sentir Legion em meus lábios. Ainda posso sentir o gosto dele em minha língua. Suas impressões digitais estão queimadas na parte de trás das minhas coxas. Merda, eu ainda estou molhada pela fricção de sua calça jeans contra a minha calcinha. Mas eu respiro fundo e permito que Christian me leve para fora do restaurante lotado e me conduza pela calçada coberta de geada. A cidade está viva, apesar das temperaturas frias, e eu envolvo meu casaco de lã em torno de mim mais apertado, desejando seu calor. Estava tão acostumada com o calor do Se7en, fornecido sempre que eles estavam por perto. Era como andar com sua própria lareira pessoal.

Christian percebe meus tremores, e move-se para mais perto de mim enquanto caminhamos pela calçada em direção a um conjunto de bares e restaurantes mais à frente.

—Você quer meu casaco? — Ele oferece.

Eu balanço a cabeça antes que ele possa tirá-lo de seus ombros, que observo serem amplos e esculpidos sob sua camisa. Não são ruins. —Estou bem. Obrigada.

—Tem certeza? Eu odeio usar casacos. Eu nem sequer tinha um decente até me mudar para cá.

Eu inspiro uma lufada de ar gelado e aceno. —Sim, os invernos de Chicago são muito brutais.

De canto de olho, o vejo dar um encolher de ombros infantil. —Eu posso pensar em coisas piores.

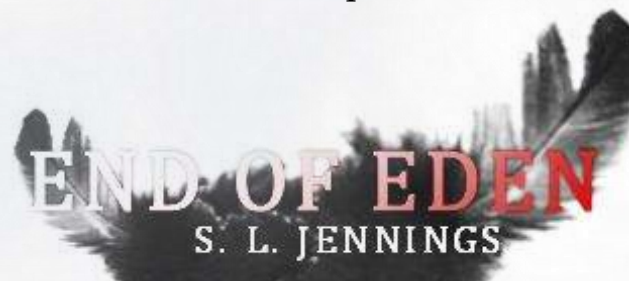
Vários passos depois, chegamos a um tipo de bar de esportes local, que parece muito mais casual do que o restaurante do qual acabamos de sair, ainda que tão movimentado quanto. Música de baixa qualidade está tocando, animada por uma decoração extravagante, mas aqui dentro é quente e, como prometido, há mesas de bilhar, um mar de mesas outras cheias de cestas de asas e batatas fritas, além de garrafas de cerveja barata. Nós desviamos a multidão, parando a cada poucos segundos para oferecer *desculpas* inexpressivas. Christian mantém uma mão na parte inferior das minhas costas, mas não tão baixo a ponto de parecer presunçoso ou possessivo. Ele está apenas sendo educado, o que é... bom. Depois da maneira como Legion me empurrou contra a parede, seus dedos arrancando meu cabelo e sua boca roubando minha respiração, tudo sobre Christian parece bom, recatado, seguro. E isso tem que ser uma coisa boa, certo?

Eventualmente encontramos uma mesa vazia, e eu pego um taco de bilhar no suporte atrás de Christian. Quando uma garçonete vem para ver se gostaríamos de beber algo, ele levanta uma sobrancelha, questionando-me.

Ok, vamos olhar isso objetivamente, ok?

Estou em um encontro com um cara que literalmente conheci há algumas horas. Eu nem sequer sei o sobrenome dele. Bem, ele pode ter me dito, mas vamos ser honestos... eu provavelmente não estava ouvindo. Já tomei algumas bebidas, e minha irmã, a única família que tenho neste mundo, está fazendo Deus sabe o que com seu namorado. E, claro, não vamos esquecer... que demônios estão me perseguindo.

Mas, o *Chamado* está fora do meu pé. Lúcifer me deu sua palavra de que não iria me machucar, nem a qualquer outro inocente. E, se ele aparecer, seu Modus Operandi parece estar mais próximo às linhas de sedução do que de destruição, embora o Senhor saiba que essa é a última coisa com que meu frágil estado de espírito pode lidar no momento.



Minha vida é complicada, mas anda mais normal do que o habitual. Além disso, eu estou armada. O que não é normal, embora não seja necessariamente uma coisa ruim.

—Claro, — respondo, afastando meus pensamentos. —Uma cerveja.

Christian pede dois copos de algo da torneira. Não sei o que é, e no momento em que começo a realmente entrar no jogo - ele está chutando a minha bunda, a propósito, - nem me importo. Estou me divertindo. O que também não é normal, mas definitivamente não é uma coisa ruim.

Christian está tentando alguma tacada ensaiada para afundar uma bola amarela na caçapa do canto quando acidentalmente cutuca um babaca musculoso e bronzado, que está usando muito perfume, e tantas joias de ouro falsas que é um mistério o porquê seu pescoço não está verde.

—Cuidado, filho da puta, — ele rosna, encarando Christian com os punhos cerrados ao lado do corpo.

Ele ainda tem a coragem de ter um dente de ouro.

—Desculpe, cara, — Christian responde sinceramente antes de se afastar para dar ao Jersey Shore¹³ mais espaço.

—Sim, é melhor você se desculpar, fada da porra.

Whoa.

Um coro de gargalhadas nasaladas irrompe de seu esquadrão de amigos falsamente bronzados e vadias espalhafatosas, todas vestindo vários tons de lantejoulas.

—Aw, Johnny baby, não seja malvado com o pequeno maricas. A namorada dele parece querer cortar os pulsos, — uma retardada oxigenada tem a coragem de dizer. Flertando, ela corre a unha pintada de vermelho maçã pelas veias do antebraço de *Johnny baby*.

Que maravilha.

Eu deveria apenas ficar quieta, mas você sabe aquele filtro social? Aquele inexistente e que me faz dizer coisas estúpidas, até mesmo para as pessoas de quem eu gosto? Sim. Obrigada por ele.

¹³ Série da TV americana que retrata a vidas das pessoas de Nova Jersey, bronzeadas e descoladas.

—Desculpe-me... *Johnny* bebê, certo? Então, eu sei que esteroides podem diminuir o tamanho do pau de um cara, mas não estava ciente de que também transformassem as pessoas em idiotas. Rápido, Barbie Snookie! Chupe-o antes que o amiguinho dele suma!

O suspiro indignado do outro lado da mesa de bilhar aumenta ainda mais meu sorriso adocicado, enquanto observo a cadela de um agora petrificado Johnny balbuciar uma série de insultos sem imaginação. *Vagabunda. Prostituta. Cadela. Vadia.* Eu não tenho certeza se deveria ficar ofendida ou lançar uma pequena enciclopédia nela.

—Você vai deixá-la falar com a gente assim? — A futura esposa da máfia pergunta com o rosto vermelho. *Babyzinho*, por sua vez, está respirando com tanta força que eu tenho medo que ele possa rasgar sua camiseta - dois tamanhos menores - e acabar de cosplay de Hulk Bronzeado.

—Cale a boca, Debbie, — ele late, se afastando dela. Ele então dá um passo à frente, o que leva Christian a interceptar seu caminho com as palmas das mãos levantadas.

—Ei, cara, vamos nos acalmar. Ela estava apenas brincando. Nenhum dano, nenhuma ofensa.

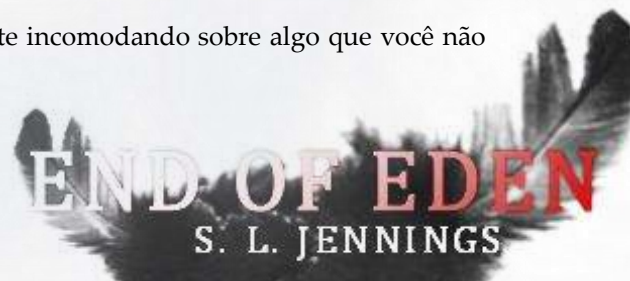
—Besteira, — ele resmunga. —É melhor ensinar sua cadela a ficar quieta antes que ela perca os dentes.

Eu rolo meus olhos, lustro minhas unhas contra meu peito e inspeciono minhas cutículas, exatamente como tinha visto Niko fazer quando estava no modo IDGAF¹⁴. Deus, como eu gostaria que ele estivesse aqui agora: estaria se divertindo tanto com esses idiotas.

—Perder os dentes? Palavras tão duras vindas de um homem tão molenga. Você percebe que isso não é um episódio de Os Sopranos, certo? Então, por que você não pega suas cadelas de peitos flácidos e volta para o porão da casa de sua avó, para que elas possam espremer as espinhas da sua bunda, antes que acabem se machucando. Mmmkay, carinho?

—Você está morta, vagabunda! — Johnny ruge, empurrando Christian para fora do caminho. Ele não sai da frente, entretanto; nem sequer se move,

¹⁴ I don't give a fuck. "Eu não dou a mínima": quando alguém está te incomodando sobre algo que você não se importa.



na verdade. A única coisa que ele faz, outra vez, é tentar argumentar com o palhaço. Que porra é essa?

— Cara, sério. Não é tão grave. Se acalme.

— Você quer um pouco também, filho da puta fodido?!

Johnny levanta um punho enorme para atacar, mas antes que saliva raivosa brote de seus lábios apertados e tenha uma chance de cair sobre seus tênis Burberry, eu já estou dentro de sua cabeça, deixando-o completamente indefeso. Nem sequer tenho a chance de se sentir ali; é tudo preto e vazio, uma fossa de insegurança e malícia. Decido me livrar de sua bile mental o mais rapidamente possível - estar dentro de seu cérebro inútil realmente me faz sentir mais burra.

— Baixe sua mão. — Minha voz é clara e imponente, desprovida de alarme. Christian e a equipe boceta assiste com espanto quando Johnny faz exatamente o que eu mando. Ele apenas olha para frente com os olhos vidrados, incapaz de se mover sob minha compulsão. — Agora, vire-se e peça desculpas ao meu amigo Christian por ser um fanático micro pau.

Exatamente como ordenei, Johnny rigidamente se vira para Christian, seus movimentos robóticos. Incapaz de lutar contra a compulsão, sua voz oscila quando ele diz: — Desculpe por ser um fanático micro pau.

Christian fica parado, sem fala, olhando de Johnny para mim e depois de volta para Johnny. Normalmente eu não faria algo assim. Inferno, eu nunca sequer flexionei meus músculos mentais na frente das pessoas antes. Mas, não sei se por influência do álcool ou da minha própria autoconsciência recém descoberta, percebo que estou realmente cansada de ser dócil. Cansada de estar com medo. Muitas vezes, no passado, eu poderia ter lutado contra os abusos que sofri, mas sempre fiquei quieta. Não mais. Afinal, eu fui ao inferno e voltei. O que mais tenho a temer?

— O que você está fazendo com ele, sua aberração do caralho?! — Grita a menina de Johnny, Donna. Minha cabeça se move na direção dela tão rápido que parece quase antinatural. Sobre-humano. E, sem pensar, afundo minhas garras invisíveis no tecido macio e esponjoso de seu cérebro.

Putá merda.

Putá merda.



Estou segurando os dois. Ao mesmo tempo.

Eu nunca, nunca fiz isso antes. Merda, eu nunca nem sequer tentei. E não posso nem me assustar sobre isso, por medo de perder a conexão. Acalmo minhas próprias divagações mentais, respiro fundo e me concentro em aproveitar o controle que tenho sobre eles.

—Cale a boca. — Os lábios pintados de vermelho instantaneamente se fecham em uma linha fina, com raiva. —Sente-se. — Ela cai no chão sujo, bem em cima de uma poça de cerveja derramada e cheia de batatas fritas encharcadas.

Volto minha atenção para Johnny. —Soque sua própria cara.

O barulho ressonante de osso contra osso é suficiente para revirar meu estômago, mas eu não vacilo, nem mesmo quando o resto das meninas grita em estado de choque. Eu sei que todos estão me observando. Eu deveria parar - preciso parar. Mas não quero. A dor dele, seu sangue... só parece me motivar mais.

—Outra vez. Mais forte agora.

Todo o bar parece mergulhado em horror estupefato, o que torna a cena de quebrar cartilagem e rasgar carne muito mais revoltante.

—Agora, cada vez que você tiver vontade de ser um fodido garotinho desrespeitoso, e quero que você de um soco em seu próprio rosto, — exijo. — Você entendeu? Me responda.

—Entendi, — Johnny choraminga através do fluxo de sangue que jorra de seu nariz.

Concordo com a cabeça uma vez, e então me volto para as meninas.

Aquela cena ficou gravada em minha mente por dias. A maneira como Lúcifer controlou as mulheres, mesmo sem dizer uma palavra. Como elas rasgaram a carne uma da outra com alegria aterrorizante. Eu fiquei repugnada, horrorizada, fisicamente enojada. Mas, mais do que isso, fiquei fascinada. Como? Por quê?

Um pequeno 'não' sussurrado ecoa em minha cabeça.

Mas, mesmo essa voz não pode afastar-me do fascínio... embriagador pelo poder. Eu quero fazer isso. Toda a minha estrutura está formigando em



antecipação. Estou literalmente ansiosa com a necessidade de sentir o poder em minhas veias.

—Eden... — Ouço Christian me chamando. Ele está ao meu lado agora, mas eu não sinto sua presença. Eu não sinto nada.

Meus lábios se abrem. Eu inspiro.

Posso provar as palavras venenosas em minha língua, implorando para serem proferidas. Veneno tão doce e tão fatal.

‘Não.’ Diz a voz de novo, desta vez mais alto.

Não importa, no entanto. Eu já me decidi. Já estou além do ponto de retorno. Essa é quem eu sou. Quem eu nasci para ser.

Quem pode me parar agora?





DEZESSEIS

Eu o senti antes de vê-lo. Mesmo a quilômetros de distância, sua presença põe meus sentidos em alta velocidade, mexendo com meus pensamentos e fazendo minha mandíbula afrouxar. E, quando ele abre a boca para falar, a raiva que tinha alimentado minhas palavras cruéis momentos antes é instantaneamente extinta, permitindo que vergonha, remorso - e, sim, medo, - tomem seu lugar. Não posso nem mesmo entender porque estou aqui... por que estou fazendo isso. Afasto a compulsão da minha mente e dou um passo para trás, batendo em uma mesa de bar com força suficiente para sacudir os copos vazios em cima dela.

—Se importa se nós jogarmos? — Ele pergunta suavemente, seus olhos prateados me provocando sob a iluminação fraca do bar. Ele olha de mim para Christian, em seguida, para a cena diante de nós: um gangster imbecil com o nariz quebrado e sua horda de prostitutas horrorizadas.

—Nós? — Mesmo em meu estado de choque, não perco a palavra. Um demônio já é ruim o suficiente.

Mais que um... é problema na certa.

Logo em seguida, Caim e Toyol aparecem em meio à multidão, parando em lados opostos da mesa de bilhar. Legion está de frente para mim do outro

lado, seus irmãos à minha esquerda e minha direita. Estou cercada. Eles estão todos vestindo o habitual preto e, mesmo não haja armas visíveis, não duvido que eles estejam armados até os dentes.

Christian fica congelado no lugar, apenas um metro de distância de Legion, com os olhos arregalados e os lábios entreabertos. Coitado. Ele só queria um encontro, jogar algumas rodadas de bilhar, talvez até mesmo roubar um beijo. Ele não tem ideia de onde se meteu. Foi um erro concordar em sair com ele. Mas o pensamento de sentar naquele enorme e novo apartamento sozinha, francamente, me assustou. Eu seria um pato sentado. E, enquanto Lúcifer pode não querer me machucar fisicamente, não posso dizer que estou convencida de que ele não iria recorrer a outros métodos de tortura para conseguir o que quer. Métodos que não tenho certeza se sou forte o suficiente para resistir.

O que me torna ainda mais idiota e egoísta, por colocar um ser humano inocente em perigo.

E isso não me faz melhor do que o próprio Diabo.

Não há dúvida de que Legion poderia facilmente desintegrar todo este edifício em poucos segundos, se quisesse. E, agora que fiz o indizível e me revelei, porque não?

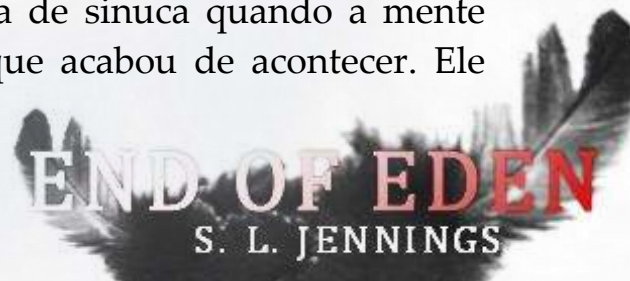
—Então... podemos? — Pergunta ele, ao mesmo tempo em que Christian sai de seu choque momentâneo. Ele então corre para o meu lado, cuidadosamente passando por Caim, que zomba com desprezo divertido.

—Eden, você está bem? — Ele questiona, agarrando meus ombros. Ele me estuda com olhos aturcidos, em busca de sinais de danos, mas eu não consigo ver nada além do homem cujo olhar prateado é a única coisa que me ancora de volta à humanidade. Engraçado como, apenas a alguns dias atrás, eu queria lembrar. Agora, porém, não consigo esquecer.

—Ela está bem, — Legion fala, seu tom cortante me tirando de meu transe.

Eu me forço a olhar para Christian. —Sim. Estou bem. — Eu não sei mais o que dizer. Como posso explicar? Como faço para desfazer todo o mal que infligi?

Ouçõ uma comoção do outro lado da mesa de sinuca quando a mente lenta e confusa de Johnny começa a juntar o que acabou de acontecer. Ele



lambe os lábios, sentindo o gosto de sangue e, em seguida, olha para sua namorada desorientada. Ela ainda está sentada em uma piscina de cerveja e, a julgar pelo cheiro, sua própria urina.

—Que... que porra? — Ele gagueja, recuperando o uso de suas faculdades mentais. Ele olha para a esquerda, encontrando a besta humana cujos olhos permanecem presos nos meus. Ao lado de Legion, Johnny parece uma criança acima do peso. Ainda assim, mesmo com seu sangue manchando a frente de sua camisa e sua menina chorando sentada em sua própria sujeira, ele, infelizmente, não sente o perigo a sua volta.

—Ei vocês! Eu estou falando com vocês, — ele grita, seu olhar selvagem fixo em Christian e eu. — Que porra é essa que você fez, sua cadela louca?

Com isso, Legion recua ligeiramente - apenas o suficiente para eu saber que a vida de Johnny está pendurada por um único fio, já desgastado.

—Você está morta. Vocês dois estão, — Johnny ameaça, seus punhos cerrados ao lado de seu corpo. —Você está morta pra caralho!

Ele consegue dar apenas um único passo antes de ser virado por cima da mesa de sinuca, seu sangue agora escorrendo sobre o feltro verde. Seus braços estão esticados para trás, ambos os pulsos presos em uma das palmas de Legion, enquanto sua outra mão pressiona a parte de trás do pescoço grosso de Johnny.

—Me larga, imbecil! — Johnny guincha. Ele luta com toda sua força, mas Legion é inabalável. Inferno, ele nem sequer sua. Em vez disso, ele fixa seu olhar sobre Christian, seus olhos faiscando com fogo.

—Leve-a para casa.

Eu balanço minha cabeça. —Não. Não vou a lugar nenhum.

—Saia. Agora, Eden!

Suas palavras ecoam através da sala barulhenta, assim como ecoam diretamente dentro de minha cabeça. O eco de seu comando chacoalha meu crânio de uma forma que é um pouco dolorosa, mas impossível de resistir. Eu dou um passo à frente, meus membros se movendo por vontade própria.

—Eu... eu não quero ir, — consigo gaguejar. Mas, mesmo quando digo essas palavras, estou me virando para a porta, Christian ao meu lado com uma mão orientadora em meu braço. —Eu não quero.



—Vá agora. Vá para casa.

A intensidade de seu comando nem é tão chocante agora, mas ainda não posso desafiá-la. E, a julgar pela forma como a mão de Christian aperta em volta do meu antebraço enquanto encontra o caminho mais curto para a saída, talvez ele sinta também. Merda. O que está acontecendo? Demônios não deveriam ser capazes de comandar a vontade dos seres humanos. Até onde eu sei, é exatamente por isso que eu fui criada. E, se minhas origens são verdadeiras, como é que Legion fez isso agora?

Sinto-me instantaneamente sóbria quando piso na calçada gelada, o ar de gelar os ossos funcionando como um esguicho de água em meu rosto. Há um táxi esperando na calçada, para o qual Christian me guia. Quando nós dois estamos em segurança no banco traseiro, o motorista decola sem sequer perguntar para onde estamos indo.

—Você conhece aqueles caras? — Ele sussurra, tentando domar a emoção em sua voz.

—Não, — minto.

—Mas eles sabiam seu nome, Eden. E, a maneira como você fez aquele bandido bater em seu próprio rosto, e como você fez aquela menina sentar no chão sujo... uau. O que foi aquilo? Eu nunca vi nada parecido em minha vida!

Embora ele esteja sussurrando, Christian está praticamente pulando para cima e para baixo em seu assento. Entretanto, nada do que eu possa dizer vai explicar logicamente o que aconteceu. Porra. Isso não é bom. Acho que, se alguma vez houve um bom momento para usar meu dom, é agora. Não só para salvar minha própria bunda, mas para poupá-lo de conhecer um submundo que não foi projetado para os fracos de coração. A ignorância não é apenas felicidade, neste caso; é absolutamente necessária para sua sobrevivência.

—Ei, Christian. Olhe para mim.

Ele gira seu corpo no apertado assento traseiro, o couro rachado rangendo abaixo de nós. Seus intensos olhos verdes musgo brilham de entusiasmo. Ele está tão distraído pelas ocorrências da noite que sua mente está totalmente aberta a mim, e eu escorrego nela sem ele detectar a intrusão. Ele nem sequer pestaneja.

—Esqueça o que você viu esta noite.



Penso em dar um passo adiante e criar uma ilusão em sua cabeça, mas nunca antes fui tão longe, e agora não me parece a melhor hora de testar os limites das minhas capacidades. Especialmente com alguém como Christian. Alguém bom e amável e *normal*. Algum outro babaca na rua pode ser uma história diferente para um dia diferente, porém.

Quando chegamos na frente do prédio da minha irmã, eu impeço Christian antes que ele possa abrir a porta do carro.

—Eu posso seguir a partir daqui. Obrigada, — insisto com um sorriso apertado.

—Você tem certeza? Pelo menos deixe-me levá-la até lá em cima. — Há um toque de esperança iluminando seus olhos verdes.

—Eu estou bem, prometo. É tarde, e tudo que quero fazer é dormir.

Ele tem a decência de não insistir, e acena com compreensão. —Isto foi... divertido. Sinto muito, porém, por não jogarmos bilhar. Talvez possamos remarcar para outra ocasião?

—Claro, parece divertido, — encontro-me dizendo. E eu quase *quero* dizer isso, também.

—Ótimo. Sua irmã tem o meu número. Durma bem, Eden.

Como um verdadeiro cavalheiro, ele não sai até que eu esteja em segurança no interior do edifício. Felizmente, minha irmã me deu minha própria chave, ou eu teria que descobrir como me esgueirar sem perturbar a ela e a Ben. No entanto, quando calmamente fecho a porta do apartamento, percebo que ele está vazio. Hmmm. Talvez Christian tenha se equivocado sobre eles voltarem para cá, o que é, ao mesmo tempo, um alívio e uma decepção. Teria sido bom ter alguém em casa, mesmo que eu tivesse que dormir com meus fones de ouvido e minha música.

Exausta de me exercitar mentalmente, mas ainda elétrica, vasculho a cozinha em busca de chá. O que *foi* aquilo com Legion? E o que aconteceu depois que ele nos fez sair? Acho que ele não prejudicaria nem mesmo aquela merda humana, mas não tenho certeza do que ele faria, se provocado. Merda. Eu não sei nada sobre ele, para dizer a verdade. Mas, se as lendas forem verdadeiras, ferir inocentes não está fora do reino das possibilidades.



Mas não posso pensar assim. Não posso acreditar que o homem que segurou meu corpo e beijou meus pesadelos iria tão longe. Ele pode ser um demônio, mas também é um anjo por natureza. Ele não foi criado em pecado. Ele renasceu nele.

Tenho que acreditar que a luz ainda existe dentro dele. Eu já vi uma centelha antes, na profundidade de seus olhos deslumbrantes, nascidos de poeira estelar. Eu senti em seu toque - gentil e reverente - tão em desacordo com a brusquidão que ele permite que o resto do mundo veja. Já me deleitei com o brilho de seus sorrisos com covinhas, enquanto seu coração cantarolava uma canção de ninar com meu rosto pressionado contra seu peito. Esse é o homem que eu conheço e aprendi a adorar. E nenhum mito... nenhum conto antigo... deve mudar minha percepção de quem ele é. O que pode ou não ter acontecido uma dúzia de séculos atrás não deve ditar o que sinto bem aqui, agora.

Se fosse assim tão simples.

Depois de ter certeza que o apartamento está trancado, levo meu chá para o quarto. Meu quarto. Nunca na vida tive algo tão bonito para chamar de meu. Eu nem sequer tinha meu próprio quarto até minha irmã e eu termos aquele apartamento degradado, mesmo que ele fosse mais parecido a um armário do que a um quarto. Mas agora eu tenho vários metros quadrados, com rodapés e cortinas e toda essa merda que víamos quando assistíamos HGTV. E sim, nada disso é tecnicamente meu, mas com certeza vou apreciar como se fosse. Vivi minha vida inteira esperando esse outro sapato cair... esperando algo ser arrancado de mim. Aprendi a nunca me sentir confortável, porque tudo era temporário. A minha própria existência... era temporária pra caralho. Então, vou desfrutar deste pequeno pedaço de felicidade, mesmo que eu saiba que ele pode ser arrancado da minha mão a qualquer momento.

Eu tinha acabado de tirar as botas e o vestido, e os trocar por leggings e uma camiseta de grandes dimensões, quando ouço uma batida na porta. Eu congelo. Poderia ser minha irmã, mas ela provavelmente iria passar a noite com Ben. Ou talvez seja Legion. Mas, de novo, ele não iria bater. E também não pode ser uma visita social aleatória. É tarde como o inferno e o porteiro teria avisado.

Merda.



Outra batida, mas agora já estou pegando minha bolsa. Não tiro a arma dali, mas passo minha mão trêmula por ela antes de lentamente sair do meu quarto. Se fosse alguém com intenção de me prejudicar, não perderia tempo batendo. Especialmente não o tipo de inimigo que eu pareço atrair.

Outra batida enquanto eu espreito através do olho mágico.

E suspiro de alívio.

Coloquei minha bolsa na pequena mesa próxima, sentindo-me tola.

— Ei, — eu digo, depois de abrir a porta. — Eu esqueci alguma coisa?

Christian dá um sorriso de menino e balança a cabeça, fazendo as ondas loiras balançarem sobre sua testa. — Não. Mas eu esqueci. Você.

E simples assim me encontro olhando para o cano escuro de uma arma que cheira estranhamente doce, quase de maneira doentia.

Como o perfume que contaminou o sangue de Phenex após sua coxa ser cortada até o osso. Como a corda quente que amarrava meus braços e pernas naquele porão úmido.

Madressilva e luz do sol.

Veneno de anjo.





DEZESSETE

Christian? Certo. Porque não? Todo o resto na minha vida já é uma farsa mesmo.

Só pode ser brincadeira.

—Só pode ser brincadeira, — digo em voz alta.

Christian dá um passo à frente, forçando-me a entrar no apartamento. Ele fecha a porta com um chute, ainda equilibrando a arma entre os meus olhos.

—Não quero feri-la, Eden. Mas eu vou. Me dê uma razão, e eu vou. — Sua voz está diferente agora... mais fria. Até mesmo seus olhos parecem mais escuros. A farsa de cara legal foi apenas isso: uma farsa.

—Que tipo de razão? — Questiono, meu tom de voz normal. Eu deveria ter medo, mas, por incrível que pareça, não tenho. Estou mais irritada do que qualquer outra coisa, na verdade. *Normal* minha bunda. Mas, o que eu esperava? Nunca houve nada *normal* a meu respeito. Estou chateada por ter desperdiçado um bom vestido com uma fraude, entretanto.

—Coloque seus sapatos, — ele exige, ignorando minha pergunta.

Ele começa a caminhar em direção ao corredor, fazendo com que eu ande para trás até chegar ao meu quarto. Eu pego meu tênis e levo meu tempo os

calçando, dando-me um momento para clarear meus pensamentos. E, enquanto ele está pairando sobre mim com aquela arma há apenas polegadas do meu rosto, eu arremesso minha mão invisível, buscando, buscando, buscando a conexão com seu cérebro. Mas meu domínio mental se fecha, estagnado. Eu redobro meus esforços... mais uma vez encontrando vazio e ininteligível ruído em branco.

— Algo errado, Eden? — Christian sorri, observando meus olhos.

Não há porque mentir: se ele sabe o suficiente para aparecer com uma arma encharcada com veneno de anjo, então também sabe o que eu sou. — Por que não posso lê-lo?

— Porque eu não deixo.

Não deixa? Como...? — E isso é possível?

— Para mim é. Agora, pare de tentar foder com minha cabeça e pegue suas coisas. Temos um lugar para ir.

Ele me instrui a pegar meu casaco e as chaves, mas, quando vou recolher minha bolsa, ele me para. — É mais provável você atirar em si mesma do que acertar outra pessoa. E, com toda maldita certeza você não vai atirar em mim. Deixe a bolsa.

Porra. Como no inferno...? Ele não saiu da minha vista toda a noite.

Estou completamente indefesa. De repente, minha irritação se transforma em algo completamente diferente. Pânico.

— E para onde estamos indo?

— Encontrar alguém.

— E esse alguém... o que ele quer? — *O mantenha falando, Eden.* Falar é bom. Se eu estiver falando, é porque ainda estou viva.

— Falar com você.

— Falar comigo? Você não acha que esta reunião poderia ter sido arranjada sem atolar uma arma na minha cara?

— E tentar agir racionalmente com você? — Ele bufa uma risada. — Racionalidade não é algo que você compreenda. Mas violência? Você é bem-sucedida nessa merda.



Ele leva a mão às costas e gira a maçaneta da porta da frente antes de recuar lentamente, a arma ainda apontada para mim. Ele não perde um movimento.

—Você sabe que há câmeras no corredor, certo? — Advirto, lentamente saindo do apartamento. No momento em que chego perto o suficiente, ele agarra meu braço e me torce, de modo que agora está às minhas costas. Eu posso sentir a arma arranhando minha espinha.

—Estou ciente. Sorte minha, porém, que eles atualmente estejam tendo problemas técnicos. Agora ande.

Faço o que ele manda, orando para que algum vizinho saia de casa. Não tenho certeza se ele abriria fogo contra um inocente, mas tenho que acreditar que há pelo menos um pinga de decência nele. O homem amável que eu conheci mais cedo... espero que isso não tenha sido uma farsa também.

Para meu espanto, porém, o corredor e o elevador estão completamente vazios. Não há nem mesmo um porteiro na entrada do edifício.

—Você o machucou? — Pergunto, sacudindo a cabeça para o pequeno pódio onde o bom cavalheiro mais velho estava há poucos minutos atrás, e de onde me desejou uma boa noite.

—Não permanentemente.

Caralho. Qualquer grau de dano infligido em meu nome é demais. Engulo minha raiva crescente. Preciso manter a cabeça fria para conseguir pensar, e deixar a raiva entrar e nublar meu julgamento não vai fazer nenhum bem.

—E minha irmã?

—Segura. Com Ben. Não temos interesse em ferir seres humanos não contaminados.

Seres humanos não contaminados?

Merda.

—Você foi *Chamado*?

Christian cospe uma maldição. —Não, porra.

—Você deve saber que nem eu... eu fiz um acordo...

—Eu sei disso, Eden. Mas isso não muda o que você é. Então cale a boca.

—O que eu sou? E o que seria isso?

Ele ignora as minhas perguntas e me leva até um SUV preto discreto. Não é tão luxuoso como os do Se7en, mas tenho um sentimento de que isso não se dá em virtude de razões estéticas. Ele abre a porta de trás e me empurra para dentro, não dando a mínima por eu cair de lado. Já tem alguém no banco do motorista, e no segundo em que Christian nos fecha dentro do veículo ligado, ele sai.

—Para onde você está me levando?

—Bem, você chegará em breve. Cale a boca e curta o passeio. — Seu tom não é tão profundo e dominante quanto o de Legion, mas há um considerável ar de autoridade. Como se ele estivesse acostumado as pessoas fazendo o que ele manda. Foda-se.

—E então? Você está me sequestrando? Você poderia ter, pelo menos, me deixado pegar algumas roupas limpas.

Como resposta, ele larga sua arma por tempo suficiente para pegar o que se parece com uma venda preta. —Ou você a coloca, ou eu faço.

—Você está brincando, certo?

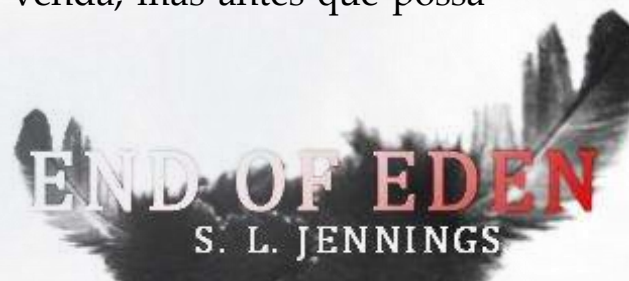
—Parece que estou brincando, porra? — Ele quase atira a venda em mim antes de apontar a arma novamente para a minha cabeça. —Coloque-a. Agora.

Eu pego o pedaço de tecido com um bufo. —Idiota, — murmuro, não me importando se ele ouve ou não. —E pensar que eu estava preocupada por você ser muito bom.

—Desculpe desapontá-la, docinho. Sou apenas um ator melhor do que você.

Rolo meus olhos antes de ele cobri-los com a venda. Eu deveria ter mais medo, mas estou sinceramente muito chateada comigo mesma para permitir que o medo tome conta. Como pude ser tão estúpida? Ninguém é confiável, especialmente um idiota amável de olhos verdes e sorriso agradável. Os bonitos são sempre os mais perigosos. Eu já deveria saber disso por agora.

Parece passar mais dez minutos antes do SUV diminuir a velocidade, mas posso estar errada. É impossível dizer quando nada além de escuridão se estende diante de meus olhos. Quero arrancar a venda, mas antes que possa



fazê-lo, o carro para e o motor é desligado. Em seguida, a porta lateral se abre e eu sou puxada para a noite gelada.

—Fique quieta, — Christian rosna, me puxando enquanto tropeço no cascalho e em meus próprios pés.

—Onde estou?

Mais uma vez, ele me ignora, mas eu posso sentir sua irritação por ter que me guiar através de algum tipo de entrada de edifício. E eu só sei que é um edifício porque nossos passos parecem ecoar, e porque eu já não estou congelando.

Subitamente ouço uma explosão de estática, seguida de uma voz abafada vinda de um receptor, como um walkie talkie. Não posso entender totalmente o que estão dizendo, mas distingo algumas palavras: —O sujeito está no local e a caminho. — *Sujeito*, como em 'eu'. Isto foi tudo planejado, e quem sabe por quanto tempo.

Dito isso, me obrigam a percorrer um caminho estreito e sinuoso, sem qualquer ajuda de Christian.

A parede áspera é fria sob meus dedos, e tem um cheiro mineral, como se a pedra tivesse sido cortada. Quando, finalmente, chegamos a um terreno plano, caminhamos pelo que parece ser uma eternidade, corredor após corredor sem fim, antes de Christian literalmente me permitir bater de cara em uma porta.

—Que porra! — Eu resmungo, esfregando minha testa.

—Cuidado com a língua, — ele rosna, antes de arrancar minha venda com força suficiente para puxar alguns fios de cabelo junto. —Você está na casa do Senhor.

Eu pisco rapidamente, meus olhos se ajustando à luz fluindo de dezenas de candelabros brilhantes situados ao longo do corredor, todos guiando a uma pesada porta de madeira. Parece antiga, algo que provavelmente foi construído nos tempos medievais. Honestamente, a julgar pelas paredes de pedra e pela falta de eletricidade, diria que estamos na cripta de algum castelo assustador. Ótimo.

Christian bate na porta três vezes antes de uma voz desconhecida nos instrui a entrar.



Masculina. Macia e suavemente incerta. Não que isso signifique alguma coisa.

Christian empurra a porta, revelando um grande escritório. O pesado mobiliário é de madeira de carvalho, acentuado com tons de terra escura. Não há nada de moderno ou de alto padrão, e todos os poucos móveis parecem bem utilizados. Dois homens armados e vestidos com calças cargo preto e colete a prova de balas estão em ambos os lados da enorme mesa que fica no meio da sala. E, nessa mesma mesa se senta um homem de boa aparência, no final dos 40 e início dos 50, pele bronzeada, cabelo escuro e curto, vestindo uma túnica cor de vinho e olhando para mim com expectativa e com um leve sorriso nos lábios.

Bem, isso é novo.

—Por favor, entre. Sente-se, — ele insiste, indicando as cadeiras a sua frente. —Desculpe-me pela pouca gentileza, mas você é muito difícil de contatar, mocinha. — Seu tom não é de todo grave. Honestamente, ele parece amigável, um bocado como eu pensei que Christian fosse. Sim, e todos nós sabemos como terminou isso.

Cautelosamente me sento em uma das cadeiras em frente a sua mesa, enquanto Christian senta ao meu lado com uma bufada irritada.

—Onde estou? — Pergunto, ignorando as falsas gentilezas.

—Na igreja, — o homem responde sem hesitação.

—Então você é o que...? Um padre?

Ele balança a cabeça. —Mais ou menos. Sou um tipo de ministro. Por aqui, me chamam de Rev. Você é mais que bem-vinda a fazer o mesmo, no momento.

Igreja. Ministro. Guardas armados. Puta que pariu.

—Você é da Aliança.

—Uma fração dela, sim. Estamos muito satisfeitos por ter você aqui. Crysis me disse que seus amigos lutaram bastante para afastá-la de nós há poucos dias.

—Crysis?



O ministro - Rev - acena uma vez na direção de Christian, que fica visivelmente tenso.

—Infelizmente. Muito sangue desnecessário foi derramado.

Com isso Christian - *Crysis* - se volta para me encarar com puro ódio em seus olhos, e acrescenta: —Sangue de *homens bons*. Tenho certeza que seus amigos estão satisfeitos consigo mesmos.

O tiroteio no posto de gasolina.... Foi *ele*. O homem loiro com o rifle de longo alcance. Ele falou com Legion como se o conhecesse, ou pelo menos como se soubesse de sua existência. E ele definitivamente sabia quem eu era. Deus, como pude ser tão ingênua? Eu deveria tê-lo reconhecido no momento em que coloquei os olhos nele.

—Você estava tentando nos matar, — retruco.

—Nós estávamos tentando salvá-la, — ele morde de volta.

—Foi tolice nossa esperar que o Se7en fosse razoável, considerando os planos que tem para você, — corta Rev. —Eu subestimei a insaciável sede de poder que eles têm.

Balanço minha cabeça. —O Se7en salvou minha vida mais de uma vez. Se alguém estava tentando me salvar, com certeza foram eles. — Eu digo, embora não tenha certeza de acreditar totalmente em minhas palavras. Ainda assim, não quero dar a estes idiotas a ideia de que a interferência deles é bem-vinda.

—Pode parecer assim. Mas é preciso se perguntar por que eles foram tão inflexíveis sobre escondê-la de nossa organização - uma que acolheu os aflitos por séculos, enquanto combatia com sucesso males conhecidos do nosso mundo.

—Hum, provavelmente para impedi-los de fazer um buraco na minha cabeça, — respondo, revirando os olhos.

Rev acena para a minha observação como se a ideia de tortura fosse nada mais do que um mosquito incômodo em sua orelha. —Experimentos bárbaros ordenado pelo primeiro dos Ordenados, muitas, muitas décadas atrás. Uma mancha feia em nossa história, mas eu lhe asseguro, nenhum ser humano tem sido prejudicado sob nossa proteção nos últimos anos. — Ele se inclina para frente, apoiando os cotovelos sobre a mesa e cruzando os dedos sob o queixo.



—Você tem maneiras de detectar se estou sendo sincero ou não. Convido-a para que veja por si mesma.

Eu estreito meus olhos para ele com um sorriso de satisfação nos lábios. Isso é exatamente o que ele quer que eu faça. Seu amigo, Crysis, enganou-me e me fez pensar que era um cara normal, apenas para bloquear minha compulsão mais tarde. Como eu sei que não serei recebida com dor debilitante no segundo em que tocar sua mente? Ele poderia estar estendendo um convite ao suicídio.

Foda-se.

—Então, o que é que você quer de mim? — Eu questiono, recostando-me em minha cadeira.

— O que eu quero de você? — Rev franze a testa.

—Parece que todo mundo tem seu próprio plano quando se trata de mim. Qual é o seu?

Ele balança a cabeça. —Nenhum. Nós apenas queremos protegê-la daqueles que desejam prejudicá-la. Prestamos atenção a você durante toda a sua vida, Eden, na esperança de que o mal não encontrasse o caminho até você. Nos mantivemos às sombras apenas porque eu queria que você vivesse uma vida normal, humana. Mas, agora que você já fez amizade com as mesmas forças que querem manipular seus dons originais, achamos imperativo estender nossa ajuda.

Cruzo os braços na frente do meu peito e mordo meus lábios antes de dizer: —*Uma vida normal, humana?* Se você esteve observando, como você afirma ter feito, então deve saber que *nada* sobre a minha vida tem sido normal.

Rev tem a coragem de parecer arrependido, e baixa os olhos castanhos escuros com vergonha. —Eu sei, e peço desculpas por isso. Você não tem ideia do quanto eu gostaria que as coisas pudessem ter sido melhores para você. Todos os dias eu orei por perdão. Todos os dias eu orei por você.

Que besteira.

Rolo meus olhos pelo que deve ser a vigésima vez desde que cheguei, e solto um suspiro exasperado. —Guarde suas orações. Além disso, não é como se fosse sua culpa.



Ele mantém seu olhar em mim por um longo momento antes de olhar para uma pasta de arquivo à sua frente. — Sua mãe... quando foi a última vez que a viu?

— Não sei, — dou de ombros. — Há alguns anos. Talvez mais.

— Você não é uma visitante frequente no hospital? — Ele franze ligeiramente a testa.

— Porque seria? Ela não quer me ver. E, quando ela está realmente lúcida o suficiente para lembrar quem eu sou, me culpa por ela estar lá.

— Você acredita que ela pode melhorar?

Afasto meu rosto de seus olhos curiosos, prestando atenção às prateleiras empoeiradas e abarrotadas de livros. — Ela não melhorou em vinte e dois anos. Estou certa que esse navio já partiu.

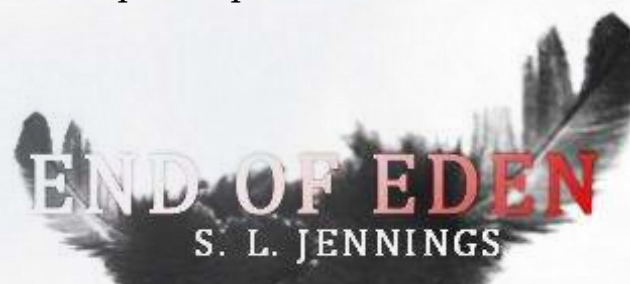
— Todas as coisas são possíveis por meio de Cristo, Eden. Você só deve buscar Sua graça.

— Ah, é? — Me viro para olhar para ele, meu olhar escurecido. — Teria sido bom *Ele* me emprestar um pouco dessa graça enquanto eu vestia roupas de segunda mão e dormia em um colchão sujo. Mas acho que ele estava muito ocupado espalhando essa graça entre as crianças mais merecedoras.

— Eu... — engole Rev, seus escuros olhos castanhos vidrados. — Eu sinto muito. Posso imaginar quão difícil deve ter sido ser criada sob tais circunstâncias terríveis.

— Difícil? — Eu ronco. — Durante os invernos, eu tinha que envolver meus sapatos em sacos plásticos para que pudesse ir para a escola na neve. Nunca perdi um dia, mesmo que estivesse doente, porque sabia que o almoço grátis seria minha única verdadeira refeição do dia. As senhoras da cafetaria embrulhavam as sobras para eu levar comigo às sextas-feiras, assim eu teria algo para comer nos fins de semana.

Ele faz uma careta, como se eu tivesse cuspidido em seu rosto, suas feições pintadas com uma centena de tons de pesar. Isso foi injusto da minha parte. Não é culpa dele que minha mãe esperasse que eu eventualmente murchasse e morresse, e que a poupasse da tarefa de matar sua cria demoníaca. Entretanto, quando meu espírito jovem provou ser muito forte, ela partiu para o Plano B,



e sob o pretexto da vontade de Deus, me afogou na banheira. Foi Adriel, disfarçada como um cão vadio, quem me trouxe de volta da beira da morte.

Depois disso, minha mãe só piorou.

— Olha, não importa, — asseguro inexpressivamente. — Eu não vou ficar com o Se7en agora. Só estou tentando prosseguir com a minha vida e deixar toda essa mer... essa porcaria para trás. Não sou ameaça para ninguém, então, posso ir para casa agora?

— E o que você fez hoje à noite? — Crysis interage com altivez. — Aquilo não foi uma ameaça? O fato de seu demônio tê-la reivindicado foi nossa única graça salvadora.

Me reivindicado?

Me reivindicado?

Que diabos?

— Você não sabia? — Ele questiona, obviamente satisfeito com minha confusão. — É claro que não sabia.

— Criaturas sobrenaturais, como os animais, têm uma maneira de causar uma certa impressão em seres humanos, — Rev explica após disparar a Crysis um olhar severo. — É uma marca de posse, um meio de controle. Eles querem dissuadir outros de se aproximarem do que consideram propriedade, e, em essência, tirar seu livre arbítrio.

Ele não toca em você.

A maneira como Legion disse isso, como se fosse uma norma, me desconcertou. Não era ciúme. Era propriedade.

Filho da mãe.

Mas, ok, vamos ser honestos... se Legion não tivesse aparecido hoje à noite, quem sabe o que eu teria feito. Gosto de pensar que eu teria parado, mas não posso mentir... Lúcifer deixou sua marca em mim também. E saber disso absolutamente me enoja e aterroriza até os ossos.

— Ele não me controla. Se o fizesse, você não acha que ele me teria sob seu teto agora?

Rev encolhe os ombros. — Possivelmente. Ou talvez ele queira que você pense que está no controle.



—Ou talvez ele não seja o monstro que você quer acredita que é, — eu rebato antes de soltar um suspiro. Pensar que Legion poderia ter me reivindicado sem o meu conhecimento já é ruim o suficiente. Mas, sua crença arcaica de que eu sou uma donzela indefesa que não pode pensar por si mesma é irritante. —Olha, eu sei que você gostaria de acreditar que o Se7en tem alguma influência estranha e sobrenatural sobre mim, mas eles não têm nada disso. Tudo que fiz, bom ou mau, foi porque eu quis. Eu decido minhas ações, não importa quão prejudiciais elas sejam. Ao contrário, o Se7en tentou me preparar para ajudar a humanidade. E isso é mais do que eu posso dizer de alguém que conheci antes ou depois deles. Você já olhou para fora ultimamente? A criminalidade em Chicago está fora de controle. E isso não é trabalho de sete demônios maus. Foram os seres humanos que destruíram a cidade. Os seres humanos estão lutando e matando e ferindo uns aos outros todos os dias em todo o mundo. Talvez esteja na hora dos seres humanos assumirem a culpa, para variar.

Rev pondera as minhas palavras por mais de alguns longos momentos antes de acenar com a cabeça em resignação diplomática. —Não posso argumentar contra isso. Este mundo, e seu povo, tem suas muitas falhas. Mas eu tenho fé que vamos alcançar a redenção pela qual a Aliança do Ordenado se esforça tanto. Nós merecemos uma segunda chance de fazer as coisas direito.

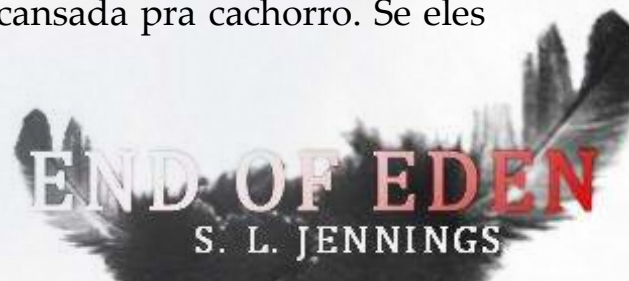
Eu levanto uma sobrancelha. —Será que a misericórdia se estende a todas as criaturas de Deus, mesmo aqueles de pouca fé? Mesmo aqueles que perderam seu caminho?

Posso ver que ele não quer admitir, mas os princípios do perdão estão queimados em seu cérebro e em seu coração. Ele baixa a cabeça uma vez, mas não responde verbalmente.

—Então, talvez a Aliança seja mais parecida com o Se7en do que você quer acreditar.

Permanecemos nos olhando fixamente até que Rev finalmente pisca e desvia o olhar. Ele embaralha os papéis à sua frente para ocupar suas mãos e evitar meu olhar expectante, mas ainda não fala.

—O que estou fazendo aqui? — Questiono, cansada. É tarde, e minha energia acabou há muito tempo - ou seja, estou cansada pra cachorro. Se eles



planejam me manter aqui, então que acabem com isso e me mostrem meu calabouço de uma vez por todas.

—Nós gostaríamos de lhe estender a Igreja e a proteção dela, Eden, — responde Rev. —Sei que você teve uma vida dura, mas podemos ajudá-la. Não só temos curado com sucesso os aflitos, como já os ajudamos a se adaptarem à vida pós-*chamado*. Podemos fazer o mesmo por você.

—Sério?

—Sério. Posso ver que você está cética, mas quando estiver pronta, eu ficaria feliz em mostrar-lhe alguns dos trabalhos que fazemos aqui. — Ele se inclina para frente, e sua voz soa como sinceridade quando ele continua. —Eu sei que você se sentiu perdida, como se não se encaixasse em lugar algum, durante toda a sua vida. Talvez seja porque você tenha sido feita para isso, para ajudar as pessoas que são como você. Você não vai se sentir um pária aqui. Não vai ser encarada como um erro ou como um fardo. Suas cicatrizes do passado não vão mais defini-la. Ao contrário, vão encorajá-la.

Eu engulo, absorvendo suas palavras, que parecem pulsar em meu peito. —Eu... — Engulo novamente, desta vez através de um nó em minha garganta. —Eu não sei.

—Pense sobre isso, então, — ele sorri. —Vá para casa; descanse. Tire algum tempo para descobrir as coisas. Nós sabemos que você sente algum senso de lealdade para com o Se7en, mas quero assegurar-lhe que nunca iremos tentar te manipular ou controlar. Queremos apenas aceitá-la, a *verdadeira* você. Somos como uma família aqui, Eden. E ficaríamos honrados que você fizesse parte dela.

Uma família? Com fuzis de uso militar e túmulos assustadores sob igrejas? Puffff. Aposto que a Ação de Graças seria interessante.

Eu aceno e fico de pé, levando Rev a fazer o mesmo. Ele estende a mão para mim e, quando eu a pego, ele embala as palmas das minhas mãos. —Foi muito bom finalmente conhecê-la, Eden. Espero que possamos conversar novamente em breve.

Outro aceno. Não tenho certeza do que devo dizer. Mas sei que esse cara, com seus olhos e voz suaves, me assusta. Não que eu ache que ele é pervertido ou algo assim. É apenas a maneira como ele olha para mim... como se fosse



verdadeiro em suas palavras. Como se estivesse esperando para proferi-las por toda uma vida.

Eu olho para baixo, sentindo-me insegura, e dentro da pasta de arquivo espio uma quantidade dispersa de fotos amareladas pela idade. Fotos minhas de quando criança, fotos da minha mãe quando ela era saudável e bonita, minha mãe em um vestido branco ao lado de um homem de smoking com a pele cor de bronze claro e olhos castanhos bondosos. Eles estão no altar de uma igreja adornada com dezenas de flores.

Eu prendo minha respiração instável e olho rapidamente para cima. Rev sorri calorosamente, seus olhos, os mesmos olhos daquela foto, fixos em mim e cheios de lágrimas. Idênticos aos olhos que tenho visto no espelho por vinte e dois anos.

—Quem... quem é você? — Eu coaxo, o nó em minha garganta ficando mais doloroso.

—Reverendo Joshua Harris, — ele responde com a voz trêmula. —A maioria me chama Rev. E, um dia, quem sabe, talvez você pudesse me chamar de papai.





DEZOITO

Fico em silêncio durante a caminhada através dos túneis subterrâneos da igreja, mas só porque honestamente não consigo encontrar palavras para descrever o que estou sentindo. Meu pai... meu pai é o líder da Aliança dos Ordenados. Mas como? E por quê? Eu cresci acreditando que ele fugiu por pensar que minha mãe era uma fraude, uma puta psicótica, mas por todo esse tempo, ele sabia que ela estava dizendo a verdade. Ele sabia. E não fez nada para impedir sua insanidade. Ele fez as malas e nos abandonou, me abandonou, deixando-me descobrir toda essa merda sozinha.

Eu não posso me sentir ok sobre isso. Não posso saltar em seus braços e abraçar seu pescoço, emocionada por ter finalmente o encontrado. Não posso deixar seus sorrisos e olhares apagarem mais de duas décadas de dor e medo e raiva.

Então, por que quero fazer exatamente isso?

Por que me sinto tão confusa, tão zangada pelo que ele fez, mas ainda assim, não consigo odiá-lo?

—Você não está errada em não odiá-lo, — Crysis diz calmamente enquanto me conduz pelo corredor de pedra. Ele foi encarregado de me lavar

para casa em segurança, uma tarefa com a qual eu tenho certeza que ele não está feliz. — Rev é um bom homem. A separação não foi fácil para ele.

— O quê? — Puta merda. Ele acabou... — Cara, você leu meus pensamentos?

Crysis franze sua testa. — Você tem seus dons, eu tenho os meus.

Oh. Meu. Deus.

Sem pensar, agarro seu braço com todas as minhas forças. — Você é como eu? — Sussurro, excitada.

Irritado, Crysis afasta o braço do meu controle, sem parar de caminhar. — Não. Não exatamente.

— Mas você é alguma coisa. Foi por isso que eu fui capaz de lê-lo a princípio, mas depois, não mais. Você me bloqueou.

Ele balança a cabeça. — Sou metade humano, por isso posso projetar pensamentos e emoções à vontade. E também posso desligá-los.

— Meio humano. — Santo fo-porcaria! — O que mais você é?

Ele revira os olhos para minha exuberância e exala pesadamente. — Anjo. Sou Nephilim. — OhMeuDeus, OhMeuDeus, OhMeuDeus.

— Você é meio anjo! Oh meu Deus. Você está falando sério? — Ele geme com irritação e vira-se para continuar a caminhada.

— Espere: Nephilim não são como gigantes na Bíblia?

— Eu nem deveria estar te contando isso, — ele resmunga. Um longo segundo se passa antes dele relutantemente suspirar e dizer: — É uma metáfora: sou mais forte do que um ser humano normal, sim. E dizem que temos diferentes habilidades. A característica do anjo se manifesta de forma diferente em cada Nephilim.

— E o seu dom é leitura de mente?

— Entre outras coisas.

— O que mais você pode fazer?

— Coisas.

— Será que a Aliança sabe?

— Sim.



—Seu pai é o anjo? Ou sua mãe? Você os vê muito?

—Sério, você tem que parar com as perguntas. Estou tentando respeitar a casa de Deus, mas confie em mim, já estrangulei você uma dúzia de vezes em minha cabeça.

—Você certamente não age como um anjo, — murmuro sob minha respiração, ficando para trás.

—Deve ser o humano em mim.

—Audição sobre-humana, hein? — Digo a suas costas.

—Muito difícil *não* ouvir quando sua boca é tão grande.

Não me incomodo em alcançá-lo até chegar ao santuário principal, que, sem surpresa, está repleto de guardas me esperando. Eles me encaram com desconfiança, e eu faço o meu melhor para manter minha cabeça baixa e seguir Crysis, evitando conflitos. Já tive emoção suficiente para uma noite.

—O quê? Sem olhos vendados? — Pergunto quando nos aproximamos do mesmo SUV preto de antes.

—Não, mas eu daria minha bola esquerda por uma focinheira. — Oook, acho que toda a lenga-lenga de "respeitar a casa do Senhor" não cobre estacionamentos.

Deslizo para o banco da frente e bato a porta. Crysis já está no assento do motorista, pondo o carro em marcha.

—Sério, cara... qual é a sua rixa comigo? — Estalo. — Eu sei que te ignorei mais cedo, mas vamos lá...

—Você está brincando, certo? — Ele gargalha. — Deus, você pode ser mais auto obcecada? Talvez eu só não goste de simpatizantes do demônio que matam meus homens.

—E como você é melhor do que o Se7en? Você e seus meninos não foram até aquele posto de gasolina com armas Nerf¹⁵. E, se minha memória não falha, seus homens atiraram primeiro. O que deveríamos ter feito? Resolver tudo com uma batalha de rap?

¹⁵ Nerf é uma marca de brinquedos criada pela Parker Brothers e atualmente detida pela Hasbro. A maioria dos brinquedos é uma variedade de armamento à base de espuma.



—Você deveria ser inteligente. Essa é a única maneira de sobreviver ao que está vindo.

—Espere... O que está vindo? — *Isso me chama a atenção.* —Do que você está falando?

Crysis balança a cabeça, mantendo os olhos na estrada. —Algo que Rev não quis admitir, mas... O fim.

—O quê? Christian... Crysis... quem diabos seja... me conte o que está acontecendo.

Ele balança a cabeça novamente, mas murmura: —Ele não sabe onde você está.

—Huh?

—Você fez uma pequena viagem, se não estou enganado. Para o sul? A Aliança — seu pai, não sabe sobre isso. E, a menos que você queira viver o resto de seus dias amarrada a uma mesa, ele nunca pode saber.

Eu levanto uma palma, apertando o botão de pausa nessa conversa desconcertante. —Calma. Você não está fazendo nenhum sentido.

Crysis solta um suspiro impaciente. —A Aliança acredita que está cumprindo a obra de Deus, e, em essência, nós realmente estamos. No entanto, os líderes são da velha escola. Eles acham que a obra de Deus envolve erradicar tudo que não é deste mundo, e, de novo, eles estão mais do que certos. É por isso que seu pai abandonou sua mãe grávida. Ele era jovem, um novo membro da Aliança, e ficar teria significado exposição. Depois ele subiu de posto, pensou que seria seguro interferir. No entanto, existem algumas coisas que ele não pode ignorar, pai ou não. Você ir até o inferno é uma dessas coisas. Muita coisa mudou, mas andar com Lúcifer não é negociável. Ele teria que te entregar, se soubesse. Então, eu não estou lhe avisando.

Eu fico olhando para seu perfil com os olhos arregalados e a boca entreaberta. —Como? Como você sabe?

—As conversas noturnas. Eu as escuto, — ele diz.

—Por quê? Se você me odeia tanto, por que manter meu segredo? Por que me proteger?

—Não sei, — ele dá de ombros antes de lançar-me um olhar divertido. — Deve ser o anjo em mim.



—Ha. Ha. Ha. — Eu zombo.

—Além disso, preciso que você faça algo por mim.

—E isso seria...?

—Preciso que você volte para o Se7en.

Minha cabeça quase gira 360 graus. —Espere o quê? Por quê?

—Porque eles têm algo que eu preciso. E você é a única pessoa que pode chegar perto o suficiente para pegar.

Cruzo meus braços sobre o peito e volto a olhar para a estrada a nossa frente. —Não.

Nem fodendo.

—Bem. Vou apenas fazer uma inversão de marcha então. Tenho certeza que seu pai ficará emocionado ao ouvir sobre suas viagens...

—Chantagem? Sério? Duas vezes em uma semana. Estou realmente fodida.

—Se houvesse qualquer outra forma que não envolvesse você, confie em mim, a escolheria num piscar de olhos. Mas, infelizmente, você é minha única opção.

—Não vou trair o Se7en. Não só porque isso seria uma merda suprema, mas também porque seria cometer suicídio.

Ele me lança um olhar de soslaio, sobancelha levantada. —Serio? Há rumores de que Lilith te entregou, traindo seu precioso Legion, mas que ainda está sob o teto deles, muito não morta. Não acha que eles lhe concederiam a mesma graça?

Opto por ignorar sua versão dos acontecimentos, mesmo que sejam precisas, e tento acertá-lo com algumas perguntas próprias. —Se você sabe tanto, por que não recupera este item sozinho? E o que você quer que eu pegue, de qualquer maneira?

—Uma arma forjada em fogo e sangue: o Redentor. É uma adaga que tem o poder de enviar os demônios de volta para o local do qual vieram. Você vê, quando o Se7en foi escolhido para sair do inferno, Lúcifer retirou-lhes a maioria de seu poder por despeito, tornando-os vulneráveis. No entanto, existem outras pessoas lá fora causando estragos, capangas de Lúcifer, em sua

força total. Eles são demônios de nível mais baixo, mas ainda muito perigosos e muito difíceis de matar. É por isso que eu preciso da adaga.

Porcaria.

Não há nenhuma maneira no inferno de eu lhe contar que sei exatamente do que ele está falando — ele quer o mesmo punhal utilizado no ritual sagrado do Se7en, o Juramento de Sangue. Eu seria uma idiota por concordar em roubar algo de uma equipe de demônios assassinos, especialmente algo tão precioso. Além disso, o Redentor está trancado em uma sala à qual eu nunca tive acesso. Mesmo se quisesse, como iria chegar perto dela?

Ainda assim... Não posso deixar que a Aliança saiba que eu fui para o inferno. Não preciso deles na minha bunda, especialmente agora que estou tentando seguir em frente. Para não falar que acabei de conhecer meu pai, um homem que supostamente me abandonou para salvar minha vida. Entretanto, no final das contas, ele apenas trocou merda por merda. De qualquer maneira, eu estava condenada.

Com minha cabeça nadando, nem sequer percebi que tínhamos chegado até o carro parar na frente do prédio da minha irmã. Crysis se esticou e pegou do porta-luvas, roçando contra a minha coxa no processo.

—Aqui. É um telefone descartável. O mantenha fora de vista, e não seja pega com ele. — Ele me joga a coisa minúscula, que é menor do que a palma da minha mão. —Deixe-me saber quando se decidir. Nesse meio tempo, estarei em contato. Se houver alguma coisa que você acha que eu deva saber — qualquer coisa — o meu é o único número salvo.

Aceno, colocando minha mão na maçaneta para sair, sem saber o que dizer. Depois de tudo que descobri, um *“veja você mais tarde”* parece muito mais do que um pouco abaixo do esperado.

—Oh, e Eden? — Ele começa, sua voz assumindo o mesmo tom da noite passada; o agradável tom do cara normal. —Você não está grávida.

Meus olhos quase saltam das órbitas. —O quê?

—Meu dom. Eu não ouço pensamentos, exatamente. Apenas coisas que as pessoas projetam, coisas que gritam em suas cabeças. Não é uma ciência exata. Ontem à noite, você se manteve pensando *“Eu não estou grávida”*, como se o pensamento estivesse te devastando. Você não está, e esse é outro dom de anjo. Posso sentir uma nova vida, assim como posso sentir quando alguém

está morrendo. Mesmo antes que eles saibam. Não é um truque de festa divertido, — ele sorri solenemente.

—Oh. — Eu engulo, digerindo tudo. Não estou grávida. Não estou grávida. Eu deveria estar pulando de alegria para cima e para baixo em linha reta agora. —Bem... obrigada.

—Não há de quê. Basta pensar sobre o que eu pedi. Poderia ser uma coisa boa. Para você... para a humanidade. Imagine um mundo sem demônios. Pense em como sua vida virou de cabeça para baixo por causa do mal. Você quer uma vida normal... uma família. Este poderia ser o seu passaporte.

Com isso, eu lhe dou um sorriso apertado e saio do SUV. Tenho muito em que pensar, e não estou prestes a tomar uma decisão aqui, agora. Ele fez um monte de bons pontos. A presença do mal na terra tem afetado todos os aspectos da minha vida, mesmo antes de eu tomar a minha primeira golfada de oxigênio. Eu poderia ter tido uma infância normal e feliz. Poderia ter sido popular, tido boas notas, ido para a faculdade. Talvez até mesmo ter um relacionamento real e saudável. Um mundo erradicado do mal poderia ser minha segunda chance.

Mas a que custo?

Eu realmente poderia trair Legion? Phenex? Até mesmo Cain? Poderia viver comigo mesma se colocasse Andras, Jinn e Toyol em perigo, depois deles terem lutado por mim, depois de arriscarem suas vidas por mim? Lilith pode comer um pau, pelo que me interessa, mas sei que não posso machucá-la sem ferir os outros no processo. E é por isso que estou andando para o apartamento da minha irmã, parecendo um zumbi, sem plano e sem direção. Como posso seguir em frente quando estou presa no lugar?

Eu nem sequer consigo destrancar a porta antes dela ser puxada por um diabinho de um metro e meio com cachos selvagens.

—Onde você esteve? — Eu estava tão preocupada quando cheguei em casa e você não estava aqui!

Ela toma uma pausa rápida para avaliar a minha aparência desgrenhada, então seu rosto se ilumina com prazer tortuoso. —Espere. Você, pequena vadia! Você foi para a casa de Christian ontem à noite!

Bem... ela não estava totalmente errada.



Não posso impedir o sorriso irônico que enruga meu rosto. — Foi uma noite interessante. Mas não... nós não ficamos juntos.

— Não? Então o que aconteceu? Christian disse que vocês nos encontrariam naquele bar de vinhos, por isso, quando você não apareceu, achei que você dois tivessem se dado bem.

— Oh. Sim. Mas nós apenas conversamos. Ele é... não é o que eu esperava.

Ela pega meu braço, puxando-me para a sala de estar. — Conte-me tudo, e não deixe nada de fora. Você gosta dele? Vai vê-lo novamente? Vocês se beijaram?

No espaço de sessenta segundos ela já estava planejando nosso casamento, então simplesmente a deixei divagar animadamente e esperei até que ela respirasse de novo. Antes que ela resolvesse escolher os nomes dos nossos filhos, porém, separei seus pequenos dedos do meu braço e tentei escapar do interrogatório.

— Irmã, estou necessitando desesperadamente de um chuveiro quente e algumas horas de sono. Podemos continuar a conversa mais tarde? Quando o sol se levantar?

Ela sorri timidamente. — Claro, perdão. Vamos conversar mais tarde. — Mas, antes de eu sair da sala, ela começa a falar outra vez. — Eu preciso te contar algo realmente rápido. — Ela toma uma respiração profunda. — Ben e eu decidimos morar juntos... aqui. Nada tem que mudar, no entanto. Esta ainda é a sua casa também, então, se você não concordar, nada feito. Acontece que o contrato de aluguel dele está terminando, e temos todo este espaço, e faria muito mais sentido financeiramente para nós como um casal, e nós dois temos horas loucas de trabalho, de modo que quase não nos vemos atualmente...

— Está tudo bem, — afirmo com um suspiro. Eu amo minha irmã, mas puta merda, apenas ouvi-la pode ser desgastante.

— Hã?

— Tudo bem, irmã. Você merece ser feliz e viver juntos é a progressão natural de um relacionamento, ou assim eu ouvi. Tudo bem por mim.

— Obrigada, — ela sorri, envolvendo os braços em volta de mim e apertando forte. — Você é a melhor.



—Nem de perto, — respondo, a abraçando com mais força ainda.



Estou saindo do chuveiro quando ouço uma comoção vindo da porta da frente do apartamento. Corro pelo corredor em dois segundos, toda molhada e vestindo nada além de um roupão de banho. Felizmente, porém, fui inteligente o suficiente para levar a arma para o banheiro. Mas, infelizmente, a julgar pelo estridente grito de minha irmã, que tenho certeza ter acordado cada cão no bairro, posso ter que usá-la.

— Isso é loucura! Você não pode simplesmente entrar aqui. Ei! Que diabo faz-tudo é você ?!

Faz tudo? O quê?

Espere...

— Eu preciso vê-la. Onde ela está?

— Você não pode simplesmente entrar aqui como se fosse dono do lugar... ei! Suas botas vão sujar o tapete de lama!

No momento em que apareço, Legion caminha para mim, minha irmã em seus calcanhares. Ele agarra meus ombros e se inclina para estudar meu rosto.

— Será que eles a machucaram? Diga-me, porque se encostaram um dedo em você, eu juro que...

Balanço a cabeça e me afasto de suas mãos. Não porque não quero que ele me toque, mas porque minha irmã parece pronta para rasgar-lhe a cabeça. Graças a Deus a Glock está escondida em segurança no bolso do meu robe. — Estou bem, L. Eles não me tocaram.

— Eden, que diabos é isso? — Ela para ao meu lado, olhando para L com desconfiança. Merda.

Obviamente, a história de faz-tudo foi para o inferno. Eu gaguejo: — Ele é, hum... ele é...

— Sou o namorado dela.



Namorado? Oh, pelo amor de Deus. Essa palavra nem sequer parece certa saindo de seus lábios.

—Namorado? — Mary repete. —Eden não tem namorado.

Porque Eden não namora. Sim, eu era mais o tipo de garota pegue e largue. Relacionamentos exigem intimidade, proximidade, vulnerabilidade. Nenhum dos quais eu posso proporcionar.

—Ela tem namorado agora. — Então, em um ato que faz minha mandíbula bater no tapete, ele oferece a mão a ela. —EU. É bom finalmente te conhecer, Mary, mesmo sob estas circunstâncias. Desculpa se te assustei.

Mary observa sua mão estendida com olhos céticos antes de voltar a encarar seu rosto. —Uh huh. Então por que você disse que era o faz-tudo?

—Eden não estava pronta para nos apresentar ainda, — ele explica, retraindo a mão oferecida sem uma pitada de ofensa. —Ela é protetora sobre você, como você é com ela. Eu posso entender e respeitar isso. — A mentira é tão suave que eu quase me encontro balançando a cabeça em concordância.

—E há quanto tempo vocês se conhecem?

Com isso, ele tem a audácia — a audácia — de lhe dar um sorriso com malditas covinhas. —Parece uma eternidade, honestamente. Mas só recentemente tornamos oficial, daí a razão dela querer nosso encontro no momento certo. Infelizmente, quando não pude encontrá-la mais cedo, fiquei preocupado. Houve uma perturbação mais cedo esta noite, perto do restaurante onde vocês jantaram. Eu tinha que saber que ela estava segura. Por favor, desculpe minha superproteção.

—Certo. — Ela franze os lábios, ainda olhando-o de cima a baixo. —Então você sabe que nós saímos para jantar. Sabe com quem nós fomos?

Outro sorriso devastador. Maldito seja ele. —Eu confio nela, assim como espero que ela confie em mim. Meu único objetivo era que ela tivesse um bom tempo se reconectando com sua irmã.

Eu sufoco uma tosse que estranhamente soa como *'besteira'*.

—Claro, — minha irmã responde. —Então, L, o que você faz?



—Sou desenvolvedor imobiliário¹⁶.

—Você com certeza não parece um.

—Ouço muito isso.

—Você é de Chicago?

—Não originalmente.

—Quando se mudou para cá?

—Algum tempo atrás.

—Onde você mora?

—Não muito longe daqui.

Mary está disparando perguntas, e L as rebatendo sem problemas. Mas, antes que isso vire para um território ‘Quais são suas intenções com a minha irmãzinha?’, finalmente encontro minha voz e me interponho.

—Olha, eu realmente preciso falar com L... em particular, além de vestir algumas roupas antes de congelar até a morte. Você acha que pode continuar o interrogatório outra hora?

Irmã olha para mim, depois de volta para L, ainda não confiando nele totalmente – posso ver que resta um pouco de instintos assassinos em seus olhos.

—Bem. Vá. Conversamos depois.

Antes que ela mude de ideia e vá procurar Brenda, agarro a mão de L e o levo de volta para o meu quarto, fechando a porta atrás de nós.

—O que foi *isso*?

—Conte-me tudo. Preciso de descrições completas, nomes, localizações.

— Ele está andando, e eu nunca o vi tão tenso, especialmente não sobre mim.

—O que eles disseram? O que querem?

¹⁶ Desenvolvimento imobiliário é um processo de negócios, abrangendo atividades que vão desde a renovação e reabastecimento de edifícios existentes até a compra ou venda de terrenos ou parcelas desenvolvidas para outros. Os desenvolvedores imobiliários são pessoas e empresas que coordenam todas essas atividades, convertendo idéias de papel para imóveis. O desenvolvimento imobiliário é diferente da construção, embora muitos desenvolvedores também gerenciem o processo de construção.

—Mais devagar, ok? Eles não queriam nada. — Não posso lhe contar o que Crysis pediu. Não agora, de qualquer maneira. —Só queriam se apresentar.

Ele para de andar por tempo suficiente para se virar para mim, sua expressão indecifrável. — A aliança?

—Sim. Como você sabia?

—É o Modus Operandi deles. Eles são organizados, altamente treinados. Embaralham nossas câmeras ao redor da cidade, para proteger sua localização. Não fomos capazes de nos infiltrar com sucesso entre ele ainda, não sem correr risco de exposição. E, aquele cara que estava com... Eu sinto que o conheço... não sei. Você conseguiu descobrir algo sobre ele?

—Sim.

—E?

—Nada demais. Olha, L, eu sei que você está chateado com o que aconteceu...

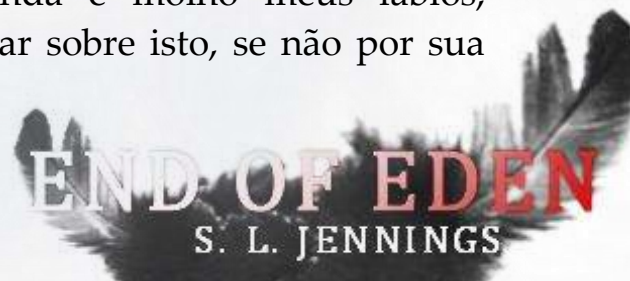
De repente, antes que eu possa terminar de falar, ele para bem na minha frente, cobrindo meu rosto com as palmas das mãos enormes e me envolvendo em calor. Ele corre o polegar sobre meu lábio inferior e silencia o que eu estava prestes a dizer. —Merda, Eden, eu poderia ter perdido você novamente. Se eles tivessem te machucado... — Sua voz é tão meticulosamente desesperada, como se cada palavra fosse uma pequena tragédia. — Eu queimaria esta cidade até restar somente cinzas. Iria caçá-los, um por um, e desencadearia um bilhão de anos de vingança em cada maldita alma que ousou colocar um dedo em você. O Inferno seria muito gentil para eles.

Eu nem sequer pisco enquanto observo a angústia pintada em seu rosto. Quando ele fala assim comigo, como se eu fosse mais do que um grão de poeira em seu mundo de mito e fantasia, eu quase acredito nele. Eu quero acreditar nele. Me render seria tão mais fácil.

—Estou bem, — sussurro contra seu polegar. — Eu juro, eles só queriam conversar.

Ele me solta, mas ainda permanece por perto. —Por quê?

—Bem... — tomo uma respiração profunda e molho meus lábios, provando o sabor de sua pele. Eu tinha que falar sobre isto, se não por sua



sanidade, então pela minha. Não havia como contar a mais ninguém além dele. —Um dos líderes da Aliança é... meu pai.

—O quê?

—Reverendo Joshua Harris. Ele é parte da Aliança dos Ordenados. Segundo o que ele disse, foi por isso que ele abandonou eu e minha mãe antes de eu nascer. Não foi porque ele não acreditava nela, foi porque ele sabia que ela estava dizendo a verdade. E não queria ter que me entregar.

—Isso é... — Ele passa uma mão pelo cabelo escuro, procurando as palavras para descrever esse show de merda.

—Totalmente ferrado, eu sei. Ainda estou digerindo tudo isso eu mesma. Todo esse tempo eu o odiei por nos abandonar, e agora não sei o que sentir.

—Merda. Você vai vê-lo novamente?

Dou de ombros. —Não sei. Ele falou muito sobre você, também.

—Como o quê? — Ele franze a testa, dando um passo para trás.

—Sobre como você jogou alguma merda de marcação sobrenatural estranha em mim, e que foi por isso que você pode me controlar naquele bar. Isso é sério? Como você pode fazer isso e não me contar?

Ele se afasta de mim, e retoma o ritmo. Então era verdade. —Não é como se eu pudesse te controlar, Eden. É mais como um ritual de acasalamento, uma maneira de manter os outros longe daquelas que reivindicamos. E, isso acontecer entre um demônio - um caído - e um ser humano, é praticamente inédito. Então, eu não lhe contei porque não sabia se...

Ele para e olha para mim, um pedido de desculpas em seus olhos.

Esse olhar...

Eu conheço esse olhar.

É o mesmo que ele ostentou naquele porão úmido e frio quando Lúcifer recitou os pecados que fizeram suas asas serem arrancadas. Foi quando eu o vi pela última vez antes de tomar a mão de Lúcifer e deixá-lo me levar para o Inferno. Culpa. O rosto de Legion está pintado em tons fortes de culpa.

—Você não sabia se estava me reivindicando, ou a Adriel.



—Não, não é assim. — Ele balança a cabeça, mas já é tarde demais. — Eu teria te reivindicado antes se isso estivesse destinado a acontecer. Eu só... nada como isso já aconteceu antes.

Ando até meu armário e puxo algumas roupas para vestir. Sinto a aproximação de L, mas ele não me toca. Não acho que poderia aguentar, se ele o fizesse.

—Eden, não acho que você entende quão perigosa a Aliança é. Agora que você sabe que o líder é seu pai, eles poderiam tentar usá-la como alavanca... manipulá-la. Eu quero que você seja inteligente, que fique segura. Você pode usar o sensor que usou na casa do Observador sempre que eu não estiver por perto, então pelo menos poderemos rastrear seus movimentos.

—Não há necessidade, — respondo friamente, ainda vasculhando meu armário.

—Estou falando sério, Eden. Se você insiste em viver aqui, preciso saber que está fora do caminho do mal.

—Não há necessidade, porque não vou ficar aqui. — Me viro para encará-lo com uma braçada de roupas nos braços. — Estou me mudando de volta.

—O quê? — L respira, choque e esperança em seus olhos.

Eu solto um suspiro resignado. — Estou me mudando de volta.

Crysis me pediu para pensar, mas eu lhe disse que não trairia o Se7en. Dois minutos atrás, ainda me sentia dessa forma.

É engraçado o que apenas um olhar pode fazer.





DEZENOVE

Foi ainda mais difícil deixar minha irmã de novo, mas depois que lhe expliquei que ela e Ben iriam querer seu espaço, e até menti sobre morar com “Lily” (eca) depois de superar nossa briga, ela pareceu odiar menos a ideia. Ela ainda não estava totalmente amigável com L, mas sugeriu um duplo encontro, pelo menos. O que me levava à minha próxima pergunta difícil...

—Por que você disse a Mary que é meu namorado? — Deixo escapar, cortando o zumbido suave do motor. L está dirigindo o Jag que Cain tinha me emprestado. Eu não perguntei como ele chegou ao apartamento de minha irmã.

—E não é a verdade? — Ele retruca, olhando para mim com o canto do olho.

—Bem... para começar, eu não estava ciente de que estávamos juntos. Assim juntos, *juntos*. Não é algo que se deve discutir com a outra parte antes de sair anunciando?

—Bem. Vamos discutir então, — sugere ele casualmente.

—Espere, o quê? — Eu digo, tropeçando em minhas palavras.

—Vamos discutir a perspectiva de você e eu estarmos juntos. Namorado e namorada, para todos os efeitos.

—Você pode por favor parar de dizer isso? Namorado, namorada... soa ridículo vindo de você.

—Não é assim que os humanos chamam uns aos outros quando estão em um relacionamento?

Eu tremo. Apenas o som dessas palavras na língua dele faz-me desconfortável. —Podemos... não falar?

Ele levanta uma sobrancelha, mas mantém os olhos à frente. —Eu pensei que você queria discutir esse assunto?

—Sim, mas... — chupo uma respiração e expiro minha exasperação com toda essa ridícula, para não mencionar embaraçosa, conversa. —Por que temos que rotular? Namorado? L, não acho que você já foi *namorado* de alguém em toda sua existência. Isso simplesmente não parece certo. Vamos lá, você era um arcanjo, em seguida, se tornou um demônio - *aquele* demônio. Essa palavra é muito insignificante para descrever quem você é. — Para *mim*. Essa última parte, porém, é um pouco mais verdadeira do que estou disposta a compartilhar.

Ele fica em silêncio enquanto pondera minhas palavras. —Você está certa, — ele pronuncia depois de quase um minuto.

—Sobre o quê?

—Nunca fui o namorado de alguém. Nunca fui nada de ninguém, além de...

—Adriel. — Eu quero rasgar minha língua quando digo o nome dela.

Ele se vira para mim, ignorando completamente o tráfego à nossa frente, embora, de alguma forma, ainda pareça navegar pela estrada com facilidade. Eu me abraço, uma mão segurando o assento de couro e a outra escavando as unhas na porta. A última vez que estivemos em um carro juntos, não terminou tão bem.

—Eden, você tem que acreditar que meus sentimentos por você não têm nada a ver com Adriel. Meu interesse em você existia muito antes de eu sequer saber que ela habitava seu corpo. E o que cresceu entre nós a partir desse ponto nasceu de algo muito maior do que qualquer coisa que eu poderia ter

imaginado. Você fez algo que o mundo mortal não conseguiu durante séculos: me surpreendeu. E, esse simples ato humano invocou emoções que estiveram adormecidas desde a minha queda em desgraça. O que é isso... o que somos... é maior do que nós dois, foguete. Foi por isso que eu te reivindiquei.

Seus olhos sérios ainda estão em mim, brilhando contra a luz da lua. Eu não sei o que responder. Mas, a seriedade em seu olhar prateado, e a convicção de suas palavras... eu quero acreditar. Preciso acreditar nele.

Por mais estranho que soe, sussurro um *Ok* trêmulo. Duas letras é tudo o que ofereço, embora pareça ser suficiente para ele voltar a olhar para a estrada. No entanto, ele se estica e ergue minha mão do assento de couro, deslizando a palma da sua contra a minha até que nossos dedos estejam interligados. E, mais uma vez, sou tomada por seus calor e paixão ardentes, enquanto uma sensação que parece poder rasgar-me com sua luz cegante cresce em meu peito.

Posso estar mentindo para mim mesma, mas maldição se não é uma bela mentira.



— *Amém.*

Nós levantamos nossas cabeças a tempo de ver Phenex levantar a cadeira.

— Quero fazer um brinde, — ele anuncia, batendo em seu copo de vinho.
— Pelo nosso primeiro Dia de Ação de Graças juntos. E a Eden, que decidiu se juntar à nossa pequena família disfuncional.

— Ação de Graças? — Eu silenciosamente questiono, não querendo perturbar a vibração alegre e rara. — Mas é dezembro. É quase Natal.

— Eu sei. Mas, você vê, nunca sentimos a necessidade de celebrar o feriado antes, considerando que é uma celebração humana. Agora, porém, temos um ser humano aqui para celebrar com a gente, e, além de tudo, isso dá a Jinn uma chance de aparecer um pouco. — Ele olha para seu irmão e companheiro de quarto, e eu juro que posso ver o demônio bronzeado corar.

—Bem, espero que você não tenha cozinhado tudo isso por minha causa, Jinn, — eu digo, meus olhos arregalados observando a festa diante de nós. — Tudo parece incrível, mas você não deveria ter se incomodado.

Mas ele se incomodou. Peru assado, presunto com abacaxi, purê de batatas "*caseiro, não aqueles flocos com gosto de papelão*", recheio, molho, batata doce, feijão verde, uvas, cenouras assadas com mel, e, claro, macarrão com queijo. Para não mencionar os pães e tortas recentemente assados, mais do que seria possível comer em uma semana. Jinn estava trabalhando sem parar desde a noite passada, mas quando perguntei o que ele estava fazendo, fui rapidamente expulsa da cozinha. Agora, porém, vejo o porquê. Nunca vi tal festa antes, e, se a intenção dele foi me chocar, certamente conseguiu.

—Nós sabemos que isso é algo do qual você foi privada quando criança, — explica Phenex, um sorriso sombrio em seus lábios cheios. —E, como adulta, você sempre se contentou com peru de micro-ondas para jantar em frente à televisão, uma vez que sua irmã sempre trabalhava nos feriados em busca de algum dinheiro extra. Nós todos concordamos que nunca é tarde demais para criar essas memórias que foram roubadas de você. E ficaríamos honrados se você as criasse com a gente.

Com lágrimas brilhando em meus olhos, sussurro: —Todos vocês?

—Todos nós, — ele afirma com um aceno de cabeça.

Posso sentir os olhos dela em mim do outro lado da mesa, mas não a encaro. Quando voltei a viver com o Se7en há duas semanas, eles estavam relutantes em permitir que Lilith e eu ficássemos na mesma sala. Eu estava bem com esse arranjo, honestamente, mas podia dizer que pesava sobre os outros. Então, assegurei a L que não socaria mais a cara dela, desde que ela permanecesse na sua e se mantivesse fora do meu espaço. Ele me garantiu que ela nunca ficaria sozinha comigo, nem teria privacidade suficiente para armar mais planos para entrar em sua cama. Aparentemente, eles tinham acreditado quando ela disse que estava realmente arrependida. E, mesmo que eu provavelmente nunca fosse acreditar em algo assim, tentei o meu melhor para não tornar a convivência embaraçosa para todos os outros, mesmo que eu quisesse arrancar-lhe os olhos sempre que olhava para ela, para a porra de seu rosto perfeito.

—Obrigada, — consigo sussurrar através do enorme nó na garganta, meus olhos caindo sobre todos, menos Lilith. Jinn tinha trabalhado tão duro

para fazer isto especial para mim. De jeito nenhum eu ia estragar tudo por rancor, embora também não tivesse planos de ser falsa. —De verdade, esta é a coisa mais doce que alguém já fez por mim.

—Sim, sim, você nos ama, — Cain geme de seu assento, oposto a L. — Sério, podemos comer agora?

Eu rio. Há um mês, o demônio grosseiro cuja beleza era marcada por uma cicatriz que corria de seu lábio até sua orelha, absolutamente me apavorava e incomodava. Mas, depois do que ele fez ao me garantir uma pequena segurança quando sai, tinha começado a apreciar sua brusquidão. E, enquanto acreditava totalmente que todo aquele encontro tinha sido orquestrado por L, sabia que ele jamais admitiria ter obrigado Cain a isso. Então, talvez o demônio que corajosamente disse que me odiava tivesse se afeiçoado a mim, ao final. Porque, vamos encarar, L me bateu e me estrangulou nas primeiras vinte e quatro horas que me encontrou, e olhe onde estávamos agora. Era isso, ou eu apenas tinha primeiras impressões realmente de merda.

Olho para Legion, que me olha com o que só posso descrever como adoração. Enquanto os outros comem com vontade, ele não parece seduzido pelos deliciosos alimentos diante de nós.

—Você não está com fome? — Pergunto.

—Muito, — ele rosna em voz baixa. —Mas não de qualquer coisa nesta mesa.

Mordo meu lábio para conter meu sorriso. Eu sei o que está se passando em sua mente, e não tem nada a ver com peru.

—A menos que você concordasse em colocar sua bunda bonita nesta mesa, — ele continua, movendo-se para perto de mim e provocando minha orelha com seu hálito quente.

Eu rio.

Rio.

Putá merda, o que está acontecendo comigo?

—Ridículo, — eu atiro de volta de brincadeira. —E de muito mal gosto. Pessoas comem nessa mesa.

—É exatamente isso que pretendo fazer.



Oh inferno. Esse cara está realmente tentando me corromper.

—*Desculpeeeee*, — Cain fala da ponta da mesa, com a boca cheia de comida. — Há ouvidos jovens e impressionáveis presentes. Deixe de ser bruto: as pessoas estão tentando comer aqui.

Na verdade, sinto como se meu rosto tivesse acabado de explodir em chamas - com fogo legítimo saindo dos meus ouvidos. Droga de audição sobrenatural! Legion e eu nos olhamos e compartilhamos uma risada envergonhada.

—Batatas? — Pergunta ele, pegando uma porção de brancas nuvens macias de purê.

—Por favor.

Ele toma a tarefa de me servir até que meu prato está literalmente transbordando - ele ainda não se acostumou com a necessidade do sustento humano: ou ele esquece que preciso comer regularmente, ou pensa que tenho que comer nas mesmas quantidades que ele e seus companheiros demônios. Há sempre uma boa chance de que eles limpem a mesa inteira em uma única sentada.

—Estava pensando que poderíamos assistir a um filme esta noite, — L sugere, cortando seu peru.

—Nenhuma patrulha?

—Não para mim. — Ele desliza um pedaço de carne por sua língua e mastiga lentamente. —Alguma sugestão?

Isto é um deleite. Desde que L iniciou a terrível conversa namorado/namorada, fez questão de tentar namorar comigo. Era estranho, considerando que temos dormido na mesma cama desde o dia em que nos conhecemos, mas eu apreciava o esforço. Namoro, como ele explicou, era uma prática puramente humana. A maioria das criaturas sobrenaturais sabe imediatamente se estão destinados a ficar com o outro, seja puramente por gratificação física ou algo mais. E, enquanto nossas atividades no quarto eram quentes o suficiente para derreter a pintura das paredes, tinha que admitir que apreciava sair com ele. É algo novo, mas é algo bom. Pelo menos com ele é.



—Hmmm... que tal *Stigmata*¹⁷? — Ele estreita os olhos para mim enquanto bobamente bato meus cílios. —O quê? Não tem na Netflix? Que tal *Constantine* então? *Fallen*? Oh! *End of Days*. O Governador¹⁸ está nesse, — brinco com um muito ruim sotaque austríaco.

—Muito engraçado, foguete, — ele sorri, seu olhar escurecendo. —Que tal pularmos o filme e assistirmos uma série? *Lúcifer* funciona para você?

Faço uma careta. —Nah. Mas há um filme chamado *Legion* que estou morrendo de vontade de assistir.

Ele me dá um olhar aguçado antes de balançar a cabeça e remexer sua comida.

—O quê? — Pergunto timidamente. —Filmes apocalípticos proféticos são meu ponto fraco.

—Você só quer pescar no meu cérebro o que é fato e o que é ficção, — ele acusa, apontando o garfo para mim. —Nós não podemos sequer assistir um episódio de *Supernatural* sem você olhar para mim com alegria nos olhos a cada cinco minutos.

—Oh, vamos lá! Minha alegria é totalmente por Sam e Dean. Além disso, você não quer que eu seja bem informada?

—Você é mais bem informada do que a maioria dos seres humanos.

—Não. — Balanço minha cabeça. —Informada não é bom o suficiente. Eu quero saber tudo. Sobre você. Sobre seu mundo.

—Eden... — Ele larga o garfo antes de pegar o meu da minha mão. Em seguida, ele reúne minhas mãos nas suas. —*Você é o meu mundo*.

Eu coro, e quando a euforia incontida se torna muito difícil de esconder, fujo de seu olhar intenso. —Você não pode dizer isso; mal me conhece.

—Eu sei tudo o que há para saber sobre você, — ele responde, deixando-me afastar minhas mãos. —E nem sequer tenho que assistir a alguma comédia ridícula sobre mulheres impossivelmente indulgentes tentando equilibrar amor, sucesso e família, repleta de gracejos e clichês da cultura pop, para entendê-la.

¹⁷ Referências aos filmes *Stigmata*, *Constantine*, *Fallen* e *End of Days* que tem como enredo a temática de demônios e anjos.

¹⁸ Arnold Schwarzenegger, governador da Califórnia.



Ele volta a comer, mas meu olhar aguçado está colado a sua cabeça, minha boca curvada em um sorriso esperto.

— Você esteve assistindo *Gilmore Girls*, não é?

Ele nem sequer tem a coragem de olhar para cima quando exige: — Coma seu jantar, foguete.

—Então, o que devo vestir para essa coisa?

Eu coloco minha cabeça para fora do banheiro, ainda segurando uma chapinha perto do meu cabelo. —Algo bom, mas não muito agradável. Sem calças cargo, ou térmicas. — Embora ele pareça muito delicioso em seu preto assassino.

Legion franze os lábios, concentrado, e pega duas camisas, estudando cada uma delas com a testa franzida. —Gravata não é necessário, certo? Digame que não tenho que usar gravata.

Desligo a chapinha e me aproximo dele, e, depois de arrancar os cabides de suas mãos e colocar as roupas de volta na cama, envolvo meus braços em volta do seu pescoço.

—Relaxe. É só um jantar com minha irmã e seu namorado. Não uma entrevista de emprego.

—Tem certeza? — Ele murmura, baixando a cabeça, motivando-me a pisar na ponta dos pés.

—Eu diria que você já está contratado. Inferno, você na verdade é o empregado do mês.

—Mmmmm... e qual será minha recompensa por isso?

Lentamente deslizando meus braços pelo seu peito, eu recuo alguns passos e seguro a faixa da minha túnica curta entre meus dedos. Em seguida, quando meus olhos semicerrados se fixam nos dele, eu desato o nó, e deixo o robe cair dos meus ombros para o chão. Seus olhos brilham com a tentação diabólica enquanto ele observa a peça de renda preta e bordada com fios prateados, que parece cintilar contra a minha pele clara. O corpete é fino, dando-lhe uma visão de meus mamilos já duros. Há recortes dos lados, mostrando o recuo da minha cintura e as curvas dos meus quadris bem torneados. Os cortes altos de tecido brilhante deixam apenas uma faixa fina cobrindo meu sexo, e ainda menos cobrindo minha bunda.

Eu sempre fui autoconsciente das minhas curvas. Mas a forma como Legion me olha — como se seu único desejo nesta Terra fosse rasgar cada pedaço de renda do meu corpo e dedicar sua própria existência a adorá-lo por horas e horas a fio — me faz sentir como a mulher mais sexy do planeta.

Ele avança e me pega por trás, tomando um punhado da minha bunda nas mãos ao mesmo tempo em que me puxa contra seu peito.

—Cuidado, foguete, ou nós não vamos sair desse quarto por um bom tempo, — ele rosna, sua voz baixa e violenta em meu ouvido. Mesmo contra o calor de seu corpo, eu tremo.

—Eu não vou permitir, — sussurro.

Ele ri, escuro e sinistro. —Quem disse algo sobre você *permitir*?

Qualquer outra pessoa estaria aterrorizada com este pequeno jogo, mas isso só desperta minha emoção. Com uma mão ainda segurando minha bunda, a outra vem se emaranhar no meu cabelo, puxando-o com pressão suficiente para fazer meu couro cabeludo arder.

—Vamos nos atrasar, — eu gemo enquanto ele passa os lábios para cima e para baixo do meu pescoço.

—Essa é a minha intenção. — Ele puxa meu cabelo ao mesmo tempo em que aperta sua mão na minha bunda, me fazendo gemer mais alto. —Parece que é a sua intenção, também.

—Não é, — minto.



— Aposto que se eu colocar a minha mão entre suas coxas, você vai estar encharcada para mim.

— Não, não vou. — Outra mentira.

— Oh, sério? — Ele levanta a cabeça, mas ainda permanece tão perto que posso sentir o calor de sua respiração. — Umas das coisas engraçadas sobre ser sobrenatural, Eden, é que eu posso sentir seu cheiro. Eu quase posso sentir seu gosto. Minta, se for preciso, mas nós dois sabemos a verdade. Você me quer.

— E daí? Talvez eu queira mesmo. Mas, ao contrário de você, ainda tenho um pouco de autocontrole.

— Autocontrole, hein?

A mão na minha bunda começa a mergulhar mais baixo, até que ele está empurrando os dedos entre as minhas coxas por trás. O tecido fino como uma segunda pele não me protege em nada, e apenas o mais leve toque sobre meu sexo escaldante me faz tremer.

— O que você está fazendo?

— Apenas relaxe, — ele instrui, sua voz suave.

Ele aperta a mão contra mim enquanto seus dedos acariciam meu clitóris através da renda, apenas com peso suficiente para senti-lo. Então, de repente, sua mão é consumida com um calor que parece vibrar e se infiltrar em mim. A sensação toma conta de mim, embalando cada nervo com uma pressão quente e latejante que me traz até o limite, mantendo-me presa numa espécie de purgatório vicioso. É exatamente esse sentimento pecador que sinto antes de gozar... o prólogo do que sei que será o orgasmo mais intenso da minha vida. Suspiro, jogando a cabeça para trás enquanto tento me mover contra sua mão, meu corpo implorando por um pouco mais, enquanto ele me mantém completamente imóvel, me recusando misericórdia. Olho para ele com olhos suplicantes e vejo os cantos de sua boca curvados em um sorriso perverso.

E em um movimento que só pode ser descrito como pura maldade, ele dá um passo para trás, afastando a mão e deixando apenas seu calor pulsante e profundo dentro do meu útero.

— O. Que. Foi. Isso? — Ofego enquanto mais pressão flui de dentro de mim. Estou tão incrivelmente molhada que a simples fricção da renda sobre a minha boceta está apenas aumentando a sensação.



—Testando seu *autocontrole*. Agora, porém, temos que terminar de nos arrumar. — Ele então gentilmente afunda seus dentes em seu lábio inferior, me olhando de cima e a baixo. —O jantar vai ser divertido.

Eu estou queimando. Meu corpo está ruborizado da cabeça aos pés. E aquele pulsar delicioso, irradiando um nó ardente de felicidade, continua bombeando dentro de mim, me trazendo ao limite antes de retroceder em um formigamento dolorido.

—Você não pode... me deixar... assim. *Por favor*. — Minha respiração está tão rápida que sinto que posso desmaiar a qualquer momento. Não há nenhuma maneira de eu me sentar calmamente durante o jantar nesse estado – apenas acabaria me contorcendo em minha cadeira e tentando engolir meus gemidos enquanto ondas de prazer se espalham sem parar através de mim.

Ainda ostentando aquele sorriso presunçoso, ele vem até mim, desta vez tocando minha boceta pela frente. Com apenas um simples toque de sua mão eu já começo a tremer entre as coxas.

—Calma, baby. Eu vou te ajudar.

Há outra explosão de calor, e a pressão alivia, mas apenas um pouco. Eu ainda posso sentir, *senti-lo*, embora não tão poderosamente quanto antes. Ainda terei que lutar para me controlar, mas pelo menos serei capaz de combater a tentação de arrancar minhas roupas e curvar-me sobre a mesa de jantar.

Com o pouco orgulho que me resta, levanto meu queixo e ensaio uma máscara de indiferença mal controlada.

—Dez minutos. Saímos em dez minutos, — afirmo, mesmo sem poder negar o tremor em minha voz.

Corro para retocar minha maquiagem e terminar meu cabelo, parando a cada trinta segundos para respirar através das crises de prazer agonizante que tomam conta de mim, minhas mãos agarrando a bancada do banheiro. Quando saio para me vestir, encontro L sentado na cama, vestido de preto da cabeça aos pés e parecendo diabolicamente lindo, muito parecido com aquela noite na mansão do Observador. Lembro-me de pensar, naquela noite, que ele era facilmente o homem mais atraente que já tinha visto, e observo agora que esse sentimento só se intensificou com o passar do tempo. Com seu calor ainda fluindo sobre mim e seus olhos passeando por minhas curvas enquanto

coloco meu vestido, sinto como se ele simplesmente precisasse respirar meu nome para me fazer gozar ao seu comando.

Quando termino de me vestir, ele se estica e pega uma taça de cristal cheia de um líquido cor de vinho. — Aqui. Beba. Isso vai ajudar.

Pego o copo oferecido com as pontas dos dedos e pergunto: — Algum tônico sobrenatural para me fazer ter alucinações?

Legion balança a cabeça. — Vinho. Vai te acalmar.

Franzo meus lábios em desconfiança simulada antes de tomar um gole. É bom. Muito bom. Comparável ao vinho servido quando eu estava no...

Bloqueio o pensamento antes dele se manifestar plenamente em minha cabeça.

Não tive mais nenhuma visão de Lúcifer desde que voltei para o Se7en, abençoadamente. Até mesmo meus sonhos estavam livres do Demônio, o que parecia... estranho. Não sentir tal intrusão depois de conviver com a presença dele por tanto tempo... me mantém no limite. Mas acho que, naquela noite, quando ele apareceu na cama enquanto Legion me fodia... deve ter sido um acaso. Talvez tenha sido apenas algo residual por ter estado no inferno. Fiquei esperando que ele voltasse, mas ele nunca o fez, como se tivesse me esquecido completamente. E, se o que Legion disse for verdade, se ele de fato me deixou ir, parece então que definitivamente não me queria mais.

Ótimo.

Eu bebo a taça de vinho, decidida a dissipar quaisquer e todos os pensamentos de Lúcifer da minha mente. Não haveria distrações malignas essa noite. Após a montanha russa enferrujada que minha vida tinha sido no mês passado, eu só queria uma noite normal para fazer o que casais normais fazem. E depois disso, quero voltar para casa e fazer sexo incrível com meu anti-namorado.

Após meu sexo finalmente parar de latejar, consegui calçar meus sapatos, e estou pegando minha bolsa quando percebo que tenho uma nova mensagem de texto.



Checando. Podemos nos encontrar?

Eu rapidamente leio as palavras e enfio o pequeno telefone celular no fundo da minha bolsa, sem responder. Legion, que felizmente não desconfia de nada, está do outro lado do quarto, segurando o casaco aberto para mim.

— Pegou tudo? — Ele questiona.

Deslizo os braços através do casaco. — Tudo de que preciso. — Respondo, sem saber quanto tempo posso continuar com tudo isso.

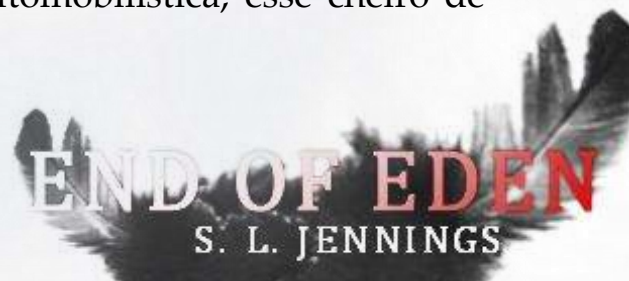
Quando me mudei, deixei claro para Crysis que não iria roubar o Se7en. Mas também não tinha contado a Legion sobre o agente meio humano/meio anjo da Aliança que tinha essencialmente me chantageado e que sabia sobre meu tempo no inferno, mesmo enquanto o resto da Aliança era inconsciente desse fato, incluindo meu pai. Também não contei que Crysis jurou que eu seria trancada pelo resto da vida se a Aliança descobrisse quão próxima tinha estado de Lúcifer, nem que, por alguma estranha razão, ele não queria que isso acontecesse. E finalmente, não disse nada a respeito de ele ter proposto que eu me infiltrasse no Se7en e usasse o carinho deles por mim para roubar a adaga sagrada, o Redentor, em troca de seu silêncio.

O que era ridículo da minha parte, para dizer o mínimo.

Em vez disso, eu tinha dado a Legion apenas pedaços de informação: nada grave, somente o suficiente para mantê-lo calmo até que eu pudesse bolar um plano para salvar meu próprio traseiro sem trair o Se7en. A coisa racional, eu sei, teria sido ir até Legion e contar sobre as ameaças de Crysis. Mas também sei que ele teria feito um inferno tentando me defender, e definitivamente não quero que ele bata de frente com a Aliança. E, por incrível que pareça, também quero proteger Crysis, assim como ele tinha tentado me proteger. Nada disso faz sentido, eu sei, mas não conseguia afastar o pensamento de que já houve matança suficiente em meu nome.

No momento em que chegamos a garagem, todos os pensamentos sobre a Aliança e traição abençoadamente se dissipam quando Legion pega minha mão e me leva até seu carro, um novo Jaguar XJ, réplica do que foi destruído no acidente que Lúcifer causou.

— Eu amo este carro, — ronrono, afundando no assento de couro macio. Embora eu nunca tenha sido uma entusiasta automobilística, esse cheiro de carro novo é como um afrodisíaco para mim.



—Sério? Você reclamou dele durante toda a viagem para o Colorado.

—Foi diferente: você estava tentando me torturar com peru seco e salgadinhos vegetarianos.

—E agora? — Ele me dá um olhar de soslaio, colocando o carro em movimento.

—Agora... Eu iria a qualquer lugar com você, desde que possa escolher os petiscos. E a música.

Nós dirigimos pelos túneis subterrâneos marcados com runas de magia negra, e quando atingimos a rua, nos reunimos com grandes e macios flocos de neve. Um mês atrás, eu teria reclamado e resmungado por ter de caminhar por todo o lodo branco e congelado, mas agora, sentada ao lado da criatura mais sexy na Terra, minha bunda firmemente plantada em um assento de couro aquecido... tudo parece tão bonito, como pequenas asas de anjo caindo do céu e cercando tudo com brilho intenso. Eu nunca percebi quão mágica a cidade é à noite. Os pontos turísticos, os sons, as pessoas... esta é a minha casa, embora nunca tenha me sentido assim até agora. Até Legion.

—O que foi? — Pergunta ele, sua voz profunda como uma carícia suave sob o véu do luar.

Eu não tinha percebido que estava olhando para ele. Balancei minha cabeça. —Nada. Apenas... feliz.

—Feliz? É apenas um carro. Posso dar-lhe alguns momentos a sós com ele, se quiser.

—Não, espertinho. — Bato no ombro dele de brincadeira e reviro os olhos. —Quero dizer que estou realmente feliz. Passaram-se semanas sem ataques, sem pesadelos loucos, minha irmã e eu estamos mais próximas do que nunca, e Phenex está me ensinando a controlar meus impulsos. Eu diria que a vida está tão boa quanto poderia ser para mim, e eu não estou surtando por isso.

—Fico feliz por saber, — L sorri, estendendo a mão para dar a minha coxa um aperto suave. —Então, suas sessões com Phenex têm ajudado?

—Acho que sim. Apesar de eu não ter realmente me posto em teste, acho que não sufocar Lilith enquanto ela dorme significa que estou indo muito



bem. Além disso, meditar com Jinn todas as noites ajuda muito. Me sinto Zen pra caralho.

Ele ri de maneira descuidada, daquele modo raro que faz meu peito esquentar. Eu apenas gostaria de poder ver melhor esses músculos pronunciados cujos quais passei as últimas duas semanas rastreando com a língua. A esse ponto, estou encarando-o de novo, embora não me importe. É assim. É assim que a felicidade verdadeira parece. E, antes que ela vá para longe, eu apenas gostaria de pegá-la em minhas mãos, engarrafa-la e segurá-la contra o meu peito pela eternidade.

Nós chegamos ao restaurante - um lugar pequeno e romântico que L sugeriu - antes de minha irmã e Ben aparecerem. Quando entramos, juntamente com o incrível aroma de especiarias e pães recém-assados, um senhor mais velho com a pele da cor de moedas antigas nos saúda calorosamente. Ele fala com L em sua língua materna, e quando L responde perfeitamente, fico mais que impressionada. Não porque L fala amárico¹⁹, mas porque o homem mais velho parece apaixonado por L, e nem um pouco intimidado. É como se ele o conhecesse pessoalmente, o que parece um ato de intervenção divina quando se trata de L. Dormi ao lado dele pelo último mês, ofereci meu corpo e alma a ele, e sim, mesmo tendo nos aproximado mais, ainda é difícil sentir como se eu realmente o *conhecesse*. E, considerando que ele é um anjo caído a bilhões de anos, e que virou caçador de demônios, será que algum dia irei realmente conhecê-lo por completo?

Forço um sorriso e agradeço ao senhor mais velho depois dele nos levar a uma mesa íntima na parte de trás. Alguns clientes já enchem o local, mas a localização da nossa mesa parece proposital, e eu já estive com o Se7en por tempo suficiente para saber que nada é por acaso. Há um caminho visível para a porta da frente, e a parte de trás leva à cozinha, mas há também uma meia parede que bloqueia parcialmente nossa mesa, perfeita para esconder os ocupantes. Eu não ficaria surpresa se houvesse uma escotilha de escape que leva ao beco atrás do edifício.

—Isso é legal, mas não sabia que você era fã de comida etíope, — comento, pegando o menu. Legion pede uma garrafa de vinho para a mesa,

¹⁹ É uma língua afro-asiática do ramo semítico e é membro do grupo etiosemitico. É falado como língua materna pelo Amhara e outras populações que residem nas principais cidades e vilas da Etiópia.

embora não seja muito de beber. Beber é pecar, e ele já faz muito disso comigo para adicionar à causa.

—Achei que você gostaria de tentar algo diferente. Foi Jinn quem me apresentou a este lugar, e nós conhecemos Sami e sua família por algum tempo agora. São boas pessoas.

Encaro-o enquanto ele brinca com o menu. Eu sei que ele pode sentir meus olhos, mas não reconhece enquanto o encaro outra vez.

—Será que eles... eles sabem?

L vira a página laminada do menu. —Conheço Sami desde que ele era um menino. Seu pai era dono deste restaurante quando ele era apenas uma pequena cozinha com um par de mesas frágeis. Suspeito que ele sabe que não somos apenas mortais, considerando que não envelhecemos nada nas últimas seis décadas. Mas ele não faz perguntas, e nós não oferecemos nenhuma explicação.

A realidade é como um soco no estômago, me tirando o ar.

Quando meu silêncio crescente se torna muito desconfortável para ignorar, L se vira para mim, levemente franzindo a testa. —Algo errado?

Largo o menu que não estava lendo, e fixo meus olhos no copo de água. —Você não envelhece.

—Não.

—Bem... eu sim.

Permaneço completamente imóvel até que sinto as pontas dos dedos dele, quentes e surpreendentemente suaves, tocarem em minha mandíbula até virar meu rosto para ele.

—Há muitas coisas na vida humana que são imprevisíveis, mas a morte não é uma delas. Seja grata por saber que, com o tempo, você vai ser liberada dos males do mundo e encontrará a paz eterna. A morte é um presente, Eden. Um que eu invejo muito.

Atordoadada, simplesmente olho para ele, incapaz de encontrar as palavras para dizer-lhe que ele está errado.

A morte não é um presente. Não se formos considerar para onde eu estou indo.



Separo meus lábios para tentar dizer-lhe apenas isso, mas antes que possa, ouço a voz cantante da minha irmã enquanto ela elogia Sami sobre as bonitas obras de arte Africanas espalhadas ao redor do restaurante. Ele responde em inglês perfeito enquanto conduz ela e Ben até nossa pequena área isolada. Quando eles se aproximam, L levanta.

—Mary, tão bom ver você de novo, — ele sorri calorosamente antes de estender a mão para Ben: —É bom finalmente conhecê-lo, Ben. Por favor. Sentem.

Ben pega a mão dele, cumprimentando-o, mas posso dizer que ele está mais do que um pouco abalado pelo tamanho e presença dominante de L. Minha irmã... nem tanto. Depois de agradecer Sami antes que ele volte para a cozinha, ela franze os lábios e estreita o olhar.

—L. Com certeza você parece bem. Isto é definitivamente uma melhoria.
— Ela senta na minha frente, deixando Ben sentar em frente a L. Acho que o pobre menino acabou de engolir em seco audivelmente.

Virando-se para mim com aqueles olhos prateados brilhando de alegria, ele responde: —Sua irmã me faz querer ser um homem melhor.

Eu coro como uma colegial e me viro para minha irmã, atirando-lhe um olhar que diz *'seja boazinha'*. O que é estranho, considerando que é normalmente ela quem me dá esse olhar sempre que precisa que eu me comporte bem.

Nesse momento, Sami retorna com o vinho e um prato de molhos variados e brilhantemente coloridos, bem como condimentos servidos com algum tipo de massa fina e crocante, ainda flutuando com ondas de vapor do forno. Tudo parece delicioso, embora um pouco intimidante.

—Uau, — comenta minha irmã, apreciando o banquete a nossa frente. — Isso parece incrível. Eu vivi aqui toda a minha vida, mas nunca soube sobre este lugar.

—Um tesouro escondido, — L responde, sua voz cheia de uma fluuabilidade que eu nunca ouvi antes. Não posso dizer se é tudo uma farsa para minha irmã, ou se é genuíno carinho pelo restaurante e seu proprietário.

Então, em um gesto que quase faz os olhos de Mary saltarem de sua cabeça, L pega um pedaço de pão, apanha um pouco de molho, lentilhas e pequenos pedaços de carne, e o traz para os meus lábios.

—Abra. — Ele respira esse único comando como se estivesse solicitando acesso ao espaço úmido entre as minhas coxas. Meu corpo formiga ao som de sua voz sensual.

Eu faço o que ele pede, e ele desliza a iguaria picante, rica e exótica pela minha língua. Eu choramingo minha satisfação.

—Bom, certo?

Só consigo acenar enquanto o vejo lambe os restos de seus dedos, seus olhos baixos e treinados em mim.

Se passa quase um total de sessenta segundos antes de eu me lembrar que não estamos sós, e quando olho para minha irmã e Ben, ambos estão embasbacados e de bocas abertas.

—Comam, — L diz, quebrando seus olhares desajeitados. —Eu espero que gostem de comida picante.

Eu tenho que morder o interior da minha bochecha para não rir. Isso vai ser interessante.



Quando Sami serve o segundo prato, este com cordeiro, frango e carne bovina, já não sou a única a comer na mão de L. Aparentemente ele andou fazendo sua lição de casa. Ele ganha pontos com Ben por seu conhecimento em esportes, especialmente acerca de seu time favorito, o Cubs, e sua épica vitória no World Series, que Ben considera “um ato de Deus.” Ele também alisa minha irmã, perguntando sobre seu trabalho no hospital e inclusive exagerando nos agradecimentos ao seu serviço e sacrifício pela comunidade. E, quando ele fala sobre seu envolvimento com instituições de caridade e fundações ao redor da cidade, especificamente sobre as que beneficiam jovens deslocados e perturbados, eu seriamente não sei se devo rir ou beijá-lo. Estou realmente impressionada. Ele está batendo todas as marcas, e é muito difícil não ficar completamente apaixonada por ele.

—Então, L, deixe-me saber quando quiser ir a um jogo, homem, — Ben diz enquanto vestimos nossos casacos.

Acabamos de encerrar uma incrível refeição, pela qual Sami recusou ser pago quando perguntei. Aparentemente já estava tudo acertado. Sem surpresa.

—Vou avisá-lo. Tenho certeza que as senhoras gostariam de uma tarde longe da gente. — Ele se abaixa para deixar um beijo suave na minha têmpora.

—Tenho certeza que poderemos encontrar alguns problemas para entrar, — minha irmã pisca para mim.

Eu sei que terei que encarar uma longa conversa com ela depois. Nas últimas duas semanas, estive lhe pedindo para dar uma chance a L. E agora que ela deu, tenho certeza que vai ter muito a dizer sobre o assunto. E, tão irritante quanto isso possa parecer, estou meio emocionada a respeito. Nunca tivemos algo assim. Ela sempre foi aberta comigo sobre seus relacionamentos, mas eu nunca tive nada que valesse a pena compartilhar. Nós nunca falamos sobre *caras*. Ela nunca me fez sentir mal por isso, mas posso dizer que é algo que ela sempre quis - essa proximidade. E, mesmo que não possa contar-lhe tudo, posso dar-lhe isso. O que quer que seja o *isso* acontecendo entre L e eu.

—Espero que não tenha sido muito horrível, — comento, depois de nos despedirmos e de Ben e minha irmã estarem em segurança em seu Ford Focus.

L aperta o controle do Jag e abre a porta para mim. —Por que você acha que foi horrível?

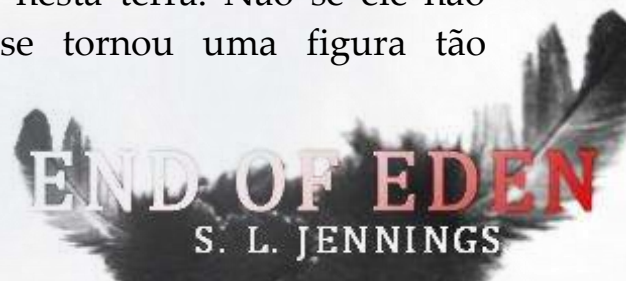
Não respondo até que ele sente no assento do motorista. —Não sei. Isso é novo para você. Inferno, é novo para mim também. Eu te disse... que nunca fiz isso antes.

—Comer comida etíope?

—Não. Namorar, —respondo antes de apressadamente completar: —Isso é o que estamos fazendo, certo?

—Eu gostaria de pensar que nós estamos fazendo mais do que namorar.

Eu me viro para olhar para ele no escuro, seu perfil camuflado em meio a sombra e mistério, e me lembro de suas palavras de antes. A morte não vai ser um presente, não se ele ainda estiver andando nesta terra. Não se ele não estiver comigo. Em tão pouco tempo, ele se tornou uma figura tão



permanente, e imaginar uma vida, mesmo a vida após a morte, sem ele... parece impossível. E isso é apenas mais uma lembrança de que tudo é temporário.

Até eu.

Especialmente eu.

— Há mais do que isso? — Sussurro, tão baixo que não tenho certeza se ele pode me ouvir.

As luzes dos postes atravessam os vidros fumê, pintando seu rosto com suaves listras vermelho e verde. Quando ele finalmente fala, sua voz é preenchida com uma emoção sem nome que não posso descrever, embora seja algo que certamente já senti neste curto período de tempo em que aprendi a apreciá-lo.

— *Você é mais, Eden. Você é tudo pelo que eu tenho procurado, lutado. Você é o meu céu.*





VINTE E UM

—Você confia em mim?

L levanta uma sobrancelha, cauteloso, enquanto inspeciona a venda pendurada em meu dedo.

—Isso é uma pegadinha?

Com uma mão em meu quadril vestido de renda, rolo meus olhos e respondo. —Oh, vamos lá. Depois daquele pequeno truque que você executou antes do jantar, estou cobrando um pouco de diversão. Não vou te machucar. Prometo.

—E se eu disser não?

—Então tudo isso, — eu digo, lentamente passando a mão do topo dos meus seios até o meio da minha coxa, —vai para o lixo. Como é que vai ser, garotão?

Eu observo enquanto ele pondera minha proposta, enquanto seu olhar encapuzado percorre meu corpo escassamente vestido. A maneira como ele olha para mim, como um homem faminto em um buffet... merda, eu posso quase esquecer a venda completamente e deixá-lo me levar do jeito que quiser.

L se recosta na cama, os cotovelos apoiando seu peso. Um sorriso sinistro desliza sobre seus lábios. —Faça o seu pior, foguete.

Com meu estômago revirando de nervoso, vou em frente e coloco um joelho na beira da cama, bem entre suas pernas. Rastejo sobre seu corpo, cuidando para não ceder ao impulso irresistível de montar nele.

—Incline-se para frente, — instruo, minha voz já rouca de excitação.

Ele faz o que eu digo, fazendo seu peito escovar contra os meus mamilos em um ato de desafio tentador. Sufoco o arrepio que percorre minha espinha, e, em vez disso, o empurro sobre suas costas e trabalho nos botões de sua camisa, abrindo cada um cuidadosamente, aumentando nossa tortura. Mordo meu lábio para me impedir de inclinar para frente e degustar cada pedaço do seu peito exposto. Quero deslizar minha língua sobre os cumes de seu abdômen e traçar o V que termina em suas calças. Sua pele chia sob meus dedos, ficando mais quente a cada pequeno toque. Quando chego na fivela do seu cinto, sinto como se pudesse entrar em combustão.

—Algo errado? — Ele provoca.

Olho para ver seu sorriso malicioso. —Eu sei o que você está tentando fazer. E não vai funcionar.

—Não faço a menor ideia do que você quer dizer. Mas, se você não acha que pode lidar com isso, vou ficar feliz em continuar a partir daqui.

Dou a sua braguilha um puxão rápido de aviso, abrindo o botão de cima da calça. —Com medo?

—De você? — Ele engole, e eu assisto fascinada quando seu pronunciado pomo de Adão se move sobre sua garganta exposta. —Aterrorizado.

Seu ato de rendição, juntamente com seu tom inebriante, intensificam minha fome por ele, e então eu arranco sua calça, puxando-a para baixo de suas pernas e arremessando-a pelo quarto. Meus planos de aproveitar minha chance e me deliciar antes de tirar sua cueca boxer preta são frustrados após um vislumbre da ereção de dar água na boca lutando contra o tecido apertado. Eu a puxo para baixo de suas coxas, liberando seu pau grosso e deliciosamente longo de sua prisão de tecido. Ele geme quando o ar frio atinge sua carne escaldante, mas não se move, nem quando eu passo meus dedos sobre a cabeça inchada com o mais suave dos toques.



Lento, digo a mim mesma. *Desacelere*. Mas é tão difícil resistir ao seu corpo quando ele está praticamente implorando pelo meu toque e minha língua. Levo meus lábios a sua ponta e sugo seu pau gentilmente, correndo os dedos para cima e para baixo de seu sexo. Legion me agradece com outro gemido gutural, então eu chupo um pouco mais forte, varrendo minha língua sobre a cabeça espessa. Espalho as minúsculas gotas de sua salinidade doce sobre meus lábios como batom antes de lamber cada gota avidamente.

—Você tem um gosto bom, — suspiro entre lambidas gananciosas, — delicioso.

—Então você deveria provar um pouco mais, — ele brinca, flexionando os quadris para encostar em minha boca.

Concordando, engulo cada centímetro que posso suportar. Ele relaxa, aproveitando a sensação da minha boca faminta antes de rosar seu prazer quando o sugo com zelo febril antes de liberá-lo com um pop retumbante.

—Não. Pare, — ele ordena. Suas mãos agora seguram os lençóis em frustração.

—Quieto.

Retomo meu assalto em seu corpo, beijando o caminho até suas coxas e ao longo dos cumes duros de seu abdômen. Faço uma pausa para lamber e brincar com seus mamilos, tomando o cuidado extra de traçar a marca do Se7en que cobre seu peito esquerdo com a língua. Ele treme enquanto minha língua acaricia as delicadas penas tatuadas em sua pele e as curvas ao redor de sua clavícula. Depois de beijar uma trilha até seu queixo, guio uma de suas mãos até meu seio pesado e coberto pela renda fina do meu corpete. Por reflexo, ele corre a mão sobre meu mamilo duro antes de beliscá-lo levemente entre os dedos.

—Você quer prová-lo? — Sussurro em seu ouvido, minha respiração já em farrapos.

Eu nem sequer preciso terminar a pergunta antes dele rosar um decisivo: —Inferno, sim.

Eu baixo o topo do meu corpete e me inclino suavemente em direção aos seus lábios ansiosos. Ele se lança com avidez no segundo que me sente, chupando meu peito em sua boca e cantarolando seu prazer. Eu só lhe dou alguns segundos antes de me forçar para trás e afastá-lo.

— Isso é o suficiente por agora, — digo, reunindo todo meu autocontrole enquanto escorrego as alças de volta em meus ombros. — Seja bonzinho, então quem sabe eu possa dar-lhe um pouco mais.

Um ruído borbulha da parte de trás de sua garganta quando ele resolve deitar de novo na cama. Eu recompenso sua ação com um beijo em seus lábios, deslizando minha língua contra a sua em uma dança lenta, rítmica. Bebo sua respiração, alimentando sua alma com a minha pelo que parecem horas. Ele agarra minha bunda, deslizando os dedos sob a faixa de renda que mal cobre minha carne macia. — O que você pensa que está fazendo? — Eu questiono contra seus lábios.

— O que você quer que eu faça. — Ele me puxa para mais perto, movendo meu corpo até que estou lhe montando.

— Eu não disse que você podia me tocar.

L move seu quadril contra o meu, arrastando meu sexo coberto de renda contra seu pênis rígido. Ele pulsa descontroladamente entre as minhas coxas. — Então me mande parar. — Ele amassa minha bunda outra vez, me fazendo balançar contra ele, da raiz à ponta. — Diga-me para parar, Eden.

Estou sem ar, sem sentido, e não poderia coordenar meus lábios para mandar-lhe parar mesmo se quisesse. Ele move uma mão para provocar meu mamilo enquanto a outra prensa levemente contra minha fenda.

Merda. Junte seu dedo ao atrito de seu pau entre as minhas pernas, e eu poderia gozar agora.

— Diga-me que isso não é bom. Minta para mim e diga que você não está encharcando meu pau agora. Vá em frente.

Suas palavras são como erotismo elétrico, enviando espasmos de prazer a cada zona erógena de meu corpo. Eu não apenas o sinto entre as minhas pernas: ele está nas costas dos meus joelhos, lambendo-me com chamas ardentes, e na base da minha coluna, me punindo com picadas de calor. Ele é um sussurro em meu ventre, respirando todas as minhas mais profundas e escuras fantasias.

Eu o sinto em meu sangue, em meus ossos. Neste momento, com meu corpo moldado ao seu, ele é a própria vida. E a cada segundo que ele não está dentro de mim, marcando meu ventre com satisfação e luxúria, parece que mergulho ainda mais profundo em direção à morte.

—Rasgue, — consigo gemer. —Rasgue minha roupa.

A bela lingerie delicada se torna pedaços de tiras de rendas em três segundos. L me rola de costas, ergue minhas pernas sobre os ombros e empurra para dentro de mim com tanta paixão que grito em uma mistura de prazer e dor que tudo consome. Seus impulsos são profundos e desesperados, como se ele precisasse tocar cada parte de mim por dentro. Como se sua existência dependesse de me marcar da forma mais íntima. Ele agarra meus quadris, me puxando de encontro a cada golpe devastador. Seus grunhidos e gemidos são um grito de guerra, misturando-se com meus choramingos. Nós criamos a melodia mais erótica, inebriante. Duas almas trágicas morrendo para que possam renascer um dentro do outro.

Isto não é sexo. Não é fazer amor. É foder. Ele fode o ódio de dentro de mim. Fode a dor. E de muitas maneiras, de tantas lindas maneiras que destroem o coração, Legion fode o amor de dentro de mim.

Através da paixão entorpecente nublando meus sentidos, olho para ele, observando sua testa franzida, como se ele dedicasse cada pensamento ao meu corpo. Eu estudo os ângulos de sua mandíbula, que se aperta conforme ele se esforça para diminuir a velocidade para o ritmo lento-calma-baby-não-goze-ainda. Observo com espanto seus olhos encapuzados sob uma nuvem cinza de tempestade, vidrados em êxtase enquanto vagam pelo meu corpo nu e trêmulo.

Gostaria de poder ter isto para sempre. Gostaria de poder reviver cada momento deste dia como se fosse novo, apenas para que pudesse sempre me sentir adorada assim, um tesouro, bela. Podemos não ter a eternidade, mas agora, enquanto ele pulsa descontroladamente dentro de mim ao primeiro sinal do orgasmo chegando à nós dois, me sinto tão imortal quanto ele.

Seu aperto em meu quadril se torna desesperado, quase duro, enquanto ele bombeia para dentro de mim, esvaziando cada gota de sua alma devastada. Eu arqueio completamente para fora da cama quando exorcizo meu próprio orgasmo violento, tão forte que sinto como se estivesse voando por um turbilhão de galáxias roxas e salpicadas com estrelas brilhantes.

Quando finalmente caio desse paraíso infernal, me encontro aninhada em segurança nos braços de L. Nem me lembro dele me levando até os travesseiros e me envolvendo no edredom. Ele beija minha testa, e eu o sinto sorrir contra minha pele.

—O quê? — Pergunto, minha voz rouca.

—Nada. Apenas... feliz, — ele responde, espelhando as palavras que usei mais cedo. Mas, a maneira como ele diz isso, como se fosse uma pergunta... parece que o mero pensamento de felicidade é um mito, uma fantasia para alguém como ele. Um anjo expulso do céu, obrigado a passar a eternidade como algo que despreza. Legion, o Coletor de almas perdidas, e agora, o Guardião do meu coração devastado.

—Você sabe, se continuar falando assim, pode até começar a virar humano, — eu brinco, antes de beijar suavemente seu peito.

—E isso seria tão ruim?

Eu levanto a cabeça para estudar sua expressão. —Você está brincando, certo?

—Não sei. Talvez.

—Por quê? Por que alguém, e especialmente você, um anjo caído, iria querer ser humano? Você é tão poderoso, tão destemido. Por que abrir-se a vulnerabilidade, à doenças... a dor de cabeça?

Ele me olha fixamente, as pálpebras pesadas, os olhos brilhantes que não me dão nada. Relutantemente eu apoio minha cabeça de volta em seu peito, na esperança de podermos recapturar a facilidade de momentos antes. Sua mortalidade não é da minha conta. Eu nem sou oficialmente sua namorada. Eu fui sua prisioneira, sua pupila, sua amante.... Mas, mais cedo, ele me disse que eu era o seu céu. Afinal, o que isso quer dizer? E por que essa responsabilidade parece tão incrivelmente aterrorizante?

—A imortalidade não te protege das dores de cabeça.

Suas palavras roucas deslizam direto para o meu coração. Eu prendo a respiração, esperando que ele continue.

—Na verdade, ela só te consome até que a dor da perda se torne tão grande que você se torna apenas uma concha do que já foi. Vazio, desesperado, à procura de algo, de qualquer coisa, que possa distraí-lo da agonia constante. Mesmo que você saiba que essa distração pode rasgar sua alma em dois, deixando para trás somente uma mancha de pecado e crime. Você faz qualquer coisa, a qualquer preço, apenas porque é mais fácil sentir raiva do que sentir dor.



—Você caiu por ela. — Adriel. Eu deveria saber. Ela está sempre aqui, esta cama, entre esses lençóis, na minha cabeça... em seu coração. Meu próprio fantasma particular.

—Não, Eden. — Dedos quentes encontram meu queixo e espalmam minha bochecha, inclinando minha cabeça em sua direção. —Eu não caí do céu por Adriel. Eu caí *por causa* dela. Mas eu cairia por *você*. Se eu tivesse que fazer tudo de novo, eu cairia por você, Eden.

Com meus olhos brilhando por uma emoção que não entendo, eu separo meus lábios trêmulos e dou-lhe um pequeno pedaço de verdade tímida, rezando para que ela não rache e lasque na palma de sua mão.

—Eu acho que já caí.





VINTE E DOIS

A luz do sol quente acaricia meu rosto nas últimas horas da manhã, me despertando do sono. Legion não está aqui, mas eu ainda sinto seu calor chamuscado a minha frente ao meu lado enquanto corro meus dedos sobre a seda macia. Minha pele está banhada em seu perfumado cheiro masculino como se fosse um fósforo aceso. E, entre as minhas pernas, ele ainda vive, ainda pulsa, com a mesma paixão incontida que desencadeou em mim até que todo o meu corpo tremesse e minha voz ficasse rouca com meus gritos. Até luz e cor explodir dentro de minhas veias e acender todas as terminações nervosas do um corpo como uma dinamite brilhante.

Deitei-me novamente e afundei ainda mais nas lembranças escaldantes da noite anterior. Degustar Legion, saborear os sons que ele fez quando entregou seu corpo para mim, o deixar retomar o controle e me punir da mais deliciosa maneira. Deus, foi tão... quente. Mas não foi apenas seu corpo que me deixou a ponto de estourar. Foram suas palavras... O que ele disse, e o que eu lhe disse em troca. Eu não sabia que poderia ficar tão vulnerável com alguém. Nunca. E, agora que lhe mostrei meu corpo e minha alma, talvez devesse parar de dançar em torno de meus desejos e jogar limpo. Minha única dúvida era se poderia fazer isso e ainda mantê-lo. E, em caso negativo, admito que ainda não estou pronta para desistir da ilusão. Ainda não.

Meu corpo está solto e lânguido, com apenas um toque de dor entre minhas pernas. Eu salto no chuveiro, aumentando o calor da água tanto quanto possível e rapidamente me lavo e enxagu. Enquanto poderia passar uma hora sob o jato fumegante, há algo que preciso fazer. E esse algo tem de ser feito antes de Legion voltar de seu turno de patrulha. Depois de me enxugar e engolir minha pílula anticoncepcional "*cortesia do Dr. Phenex quando voltei para a casa do Se7en*", apressadamente visto jeans, uma camiseta e botas.

— Indo a algum lugar? — Toyol pergunta quando entro na sala de estar. Ele está sentado em frente à TV com um controle de Xbox nas mãos.

— Vou encontrar minha irmã para o almoço. Não vou demorar muito, não é assim tão longe. — Desde que me mudei de volta, me certifiquei que minha irmã fosse uma prioridade em minha vida, e eles não me negaram isso.

— Ontem à noite nevou, e as estradas provavelmente estão escorregadias. Precisa de uma carona?

— Nah, posso lidar com um pouco de neve, — balanço minha cabeça. — E eu tenho isso. — Bato em minha bolsa, indicando que não estarei desarmada... apenas no caso, é claro.

Toyol franze a testa. — Tem certeza? Eu não me importo.

— Tenho certeza. Estarei de volta em algumas horas. Avise L para mim, ok?

Dirijo-me para a porta antes que ele possa me interrogar. Eu sei que é apenas preocupação por mim, mas não houve uma ameaça em semanas — não desde que voltei do inferno. E, se eles insistem que não sou uma prisioneira, não posso agir como uma. Preciso seguir com a minha vida, até mesmo encontrar um emprego. Não posso somente aquecer a cama de Legion durante todo o dia e noite, por mais tentador que isso possa parecer.

Pego o Jag menor que me emprestaram antes. L insistiu que esse carro é para meu uso sempre que precisar, e se recusou a tomar de volta as chaves. Como Toyol avisou, as estradas estão um pouco escorregadias, mas chego ao pequeno e discreto pub sem incidentes. E, depois de estacionar há um quarteirão de distância, assim como fiz na semana anterior, respiro fundo, afofo meu cabelo e disfarço o nervosismo culpado em meu rosto.



—Que bom que resolveu aparecer, — graceja Crysis. Ele está sentando em um banquinho na extremidade do bar vazio, duas canecas intocadas de cerveja à sua frente.

—Segure sua calcinha, — atiro de volta, observando as canecas. —Muito cedo para isso, não acha?

O belo anjo loiro e híbrido dá de ombros. — Estive acordado a noite toda, então é tarde para mim. Sente-se.

Faço o que ele manda, mas não sem murmurar "*filho da puta mandão*" sob minha respiração, sabendo que ele vai ouvir. Ele ri sombriamente e desliza uma caneca à minha frente.

—Então, como está, Eden? Apreciando a vida como uma mulher sustentada?

—Ciumento? — Eu respondo, tomando um gole da bebida espumosa. — Além disso, não era isso que você queria que eu fizesse?

Crysis encolhe os ombros e toma um gole de cerveja. Depois de alguns instantes de silêncio, ele silenciosamente relata: —Rev ainda está perguntando sobre você.

Eu deslizo a caneca para o lado e dou-lhe toda a minha atenção. — Perguntando *o que* sobre mim?

Outro encolher de ombros. —Se você está segura... feliz. Ele realmente quer vê-la novamente.

Balanço a cabeça, sem saber o que responder. —Não sei. Duas semanas atrás, eu estava conformada com o fato de que não tinha pai. E, agora que sei que tenho, e que também sei que ele sabia de mim a todo esse tempo, não posso dizer que tipo de relacionamento teríamos neste momento, especialmente considerando meu envolvimento com o Se7en.

—Mas você está segura.

—Estou. Não houve mais relatos de ataques ou atentados contra minha vida. E, eu também estive trabalhando em controlar minhas habilidades, e canalizar minha raiva.

Crysis balança a cabeça, sua expressão ilegível. —Você está feliz?



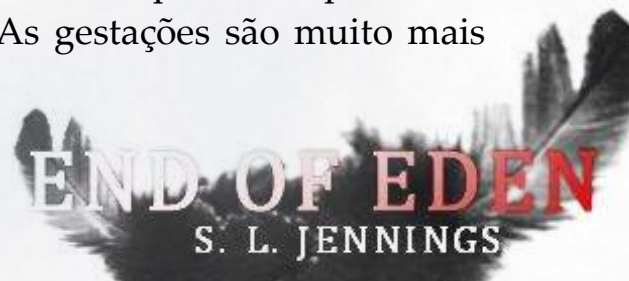
Com isso, um sorriso inesperado encontra seu caminho para os meus lábios enquanto penso nas últimas semanas. Voltar a estar em sintonia com o Se7en foi mais fácil do que eu esperava. Eles não fizeram um big show sobre a minha saída e volta, considerando que eu estive fora por menos de vinte e quatro horas. E eles trataram a relação tácita entre Legion e eu como nada de novo, como se sempre tivesse existido algo entre nós. Claro, eu notei a provocação que os caras faziam com ele quando pensavam que eu não estava olhando, mas isso era uma resposta normal. Na verdade, a parte mais estranha era justamente eles parecerem tão normais com a minha presença. Eu, uma garota humana, uma vez um dos *Chamados*, habitada pela alma de um anjo ex amante de L, e arrastada para fora do inferno, onde fui um animal de estimação premiado de Lúcifer. Havia absolutamente nada de normal sobre qualquer uma dessas merdas.

Mas, ao mesmo tempo, era um pouco normal também. E, mesmo que o que estou sentindo não seja absolutamente normal para mim e para toda a minha bagagem, é muito bom.

— Estou, — respondo com sinceridade.

Crysis não responde imediatamente, apenas continua olhando para sua caneca fosca como se existisse algum significado mais profundo em meio à camada de espuma branca. Eu nunca o tinha visto assim, tão pensativo. Subjugado. Ok, eu reconheço que, além deste encontro, só estive com ele duas vezes: na noite que nos conhecemos, quando "*ele colocou uma arma na minha cabeça*", e uma semana depois disso, quando voltei a ficar com o Se7en. Eu o tinha visto a caráter, fazendo o papel de um cara legal, normal. E também o tinha visto como ele realmente é: o arrogante e temperamental meio anjo tenente da Aliança dos Ordenados.

Não é de admirar que ele ocupe uma posição de poder dentro de sua organização. Ele é sua arma secreta, o melhor dos dois mundos. Força bruta, astúcia, habilidade e poderes sobre-humanos, cortesia de seu pai anjo. Há uma coisa sobre a qual Lilith não mentiu: Nephilim e Cambion *são* altamente cobiçados, e muito raros. De acordo com - que é seu nome Nephilim, enquanto Christian é o nome que lhe foi dado ao nascer - um ser humano tem que ter muita força de vontade, além de um corpo condizente, para sustentar um anjo ou a semente do demônio, e, mesmo assim, é bastante improvável que a mãe e/ou o bebê sobrevivam a gestação e ao parto. As gestações são muito mais



curtas, porque o bebê cresce num ritmo incrivelmente rápido, e, por causa disso, a mãe também não pode buscar ajuda na medicina ocidental tradicional. A Aliança é um refúgio seguro para essas mulheres, prestando-lhes cuidados de saúde e habitação durante a duração da gravidez. E, desde que a taxa de sobrevivência dessas mães é escassa, eles também se responsabilizam por seus filhos órfãos, e os criam para ser guerreiros de Cristo.

Crysis está com eles desde o primeiro dia, e era de se supor que alguém que literalmente nasceu e cresceu em uma igreja seria menos idiota. Ou talvez isso fosse tudo uma farsa, também.

—Posso te fazer uma pergunta? — Questiono.

Ele se vira e me dá sua total atenção, seus deslumbrantes olhos verdes calmos e claros. Eles parecem diferente hoje, mais para jade do que musgo. Gostaria de saber se isso é uma coisa de Nephilim também.

—Sim? — Ele levanta uma sobrancelha questionando. Quanto tempo eu estava olhando para ele?

—Hum, sim, — me recupero. Com a voz muito baixa para ouvidos humanos me ouvirem, pergunto: —O veneno de anjo... era seu?

Ele balança a cabeça. —Não posso produzir qualquer coisa forte o suficiente para ser usado como arma.

—Mas você conhece alguém que pode. Sabe quem é o anjo que está fornecendo. É um tiro no escuro, mas poderia o mesmo anjo que forneceu seu veneno sagrado a Aliança ser o mesmo que o forneceu a Lúcifer?

—Não, pessoalmente não. Acredite ou não, não sei tudo. Eu sei... isso é chocante para mim também.

Rolo meus olhos, antes de pressionar por mais. —Você acha que o fornecedor talvez possa ser o seu... seu pai?

Com isso, Crysis franze a testa, desviando o olhar. —Não sei.

—Você não sabe se é ele quem está fornecendo o sangue? Ou não o conhece?

Ele se vira para mim, seu olhar endurecido e escuro. —Ambos.

—Você não sabe quem é seu pai? — Sussurro.



Ele balança a cabeça, sua mandíbula apertada. — Eu sei quem ele é. Ele só não me considerou importante o suficiente para reconhecer-me. — Ele solta uma risada sarcástica que termina em um grunhido. — *Puriel²⁰, o fogo de Deus*. — Ele então toma um gole de cerveja, em seguida, bufa: — é um pai ausente.

— Droga, — é tudo que consigo dizer. Achei que pais ausentes fossem reservados apenas para os seres humanos.

— Realmente não importa, honestamente, — ele encolhe os ombros. — É assim que eles nos veem, tanto anjos quanto demônios. Nós somos pequenos, insignificantes, nada mais do que formigas no chão. Eles vivem por bilhões de anos. O que é uma vida humana para eles? Eles estão propensos a perder nossa vida completamente de vista em um piscar de olhos.

Eu ignoro a picada de suas palavras, assim como o que elas implicam para a minha situação com Legion, e digo: — Mas ele tem que saber que você está vivo. Foi-me dito que a concepção é deliberada. Ele escolheu fazê-lo. Ele escolheu *você*.

— Bem, — diz ele, trazendo a caneca aos lábios. — Talvez ele tenha olhado mais de perto, e percebido que escolheu errado.

Eu enrugo a testa. Ele não deveria dizer algo assim. Mas, novamente, tenho meus próprios problemas de abandono para resolver. Ainda assim, a maneira como Phenex descreveu a criação da prole, parecia que o ato em si era um rito religioso, um grande privilégio e sacrifício para ambos, pai e mãe. Conversando com Crysis, porém, já não tenho tanta certeza.

— OK, é isso.

Antes que Crysis possa me perguntar do que diabos estou falando, salto do banco e vou até a jukebox a alguns metros de distância.

— O que você está fazendo? — Ele grita quando já estou curvada, olhando para a seleção de músicas.

— Te tirando da depressão na qual caiu esta manhã, — respondo, ainda de frente para o painel iluminado com luzes e botões. — Alguma preferência?

— Oh, não sei. Tem alguma do Drake?

²⁰ Puriel é descrito como "impetuoso e impiedoso" e é um dos dois anjos (juntamente com Dokieli) encarregado da tarefa de examinar a alma de cada pessoa trazida ao céu após a morte.

Eu viro minha cabeça e o fuzilo com o olhar, fazendo-o soltar uma gargalhada. Isso é mais parecido com ele, finalmente.

—Muito engraçado. Você provavelmente dança *Hotline Bling*²¹ no chuveiro.

Crysis salta do banco e avança em minha direção com um sorriso brincalhão nos lábios. —Agora, agora, senhorita Harris. Você esteve fantasiando sobre mim no chuveiro?

Franzo meus lábios em desgosto e volto a folhear as opções de músicas. —Você gostaria disso, não é? Acontece que, para sua infelicidade, *seu nome e fantasia* nem sequer pertencem a mesma frase.

—Sério? Então você não estava olhando para os meus olhos mais cedo, se perguntando por que parecem mais claros que antes?

—Ugh! — Eu bufo, pressionando a palma da minha mão na testa. —Sério, a porcaria de leitura da mente não é apenas irritante, é uma merda completa. Eu não entro na sua cabeça a qualquer hora que sinto vontade.

Ele ainda está rindo quando responde: —Não é minha culpa. Talvez você devesse se esforçar mais em seus escudos mentais em vez de ficar planejando noites de encontro.

—Me espionando? — Dou-lhe um olhar de soslaio.

—Apenas fazendo meu trabalho. — Ele se inclina contra a jukebox, descansando um cotovelo sobre ela. —Você parecia realmente bem ontem à noite, a propósito.

Eu fixo meu olhar expectante nele e aguardo a piada, que nunca vem. Nenhum insulto anexado, nem exclamação sarcástica. Crysis só me deu um elogio. E ele não está nem mesmo o retirando.

—Hm... obrigada?

Ele me dá um aceno sutil antes que eu retome minha busca. Finalmente, acho uma música decente e pressiono o botão.

—Espere um minuto, esta está nas rádios, — comenta Crysis quando as notas de *'Do not Let Me Down'* tocam. —Eu pensei que a esnobe musical Eden Harris desprezava medíocres e tops músicas das paradas comerciais.

²¹ Música de Drake.



Andando para trás, me movo até o pequeno espaço onde presumo ser uma pista de dança, balançando simultaneamente com a batida viciante. —O quê? The Chainsmokers²² não são medíocres.

Ele me segue para a área de dança, parando poucos pés à minha frente. — Mantenha-se dizendo isso, princesa. E o que diabos você está fazendo?

—Dançando, — eu respondo, revirando os quadris de um lado para o outro, minhas mãos acima da cabeça como se eu simplesmente não me importasse com nada.

—Quem mentiu para você e te disse que sabia dançar?

—Hã? Eu posso dançar, seu estúpido. Talvez você devesse remover esse pau gigante da sua bunda e provar que estou errada, menino anjo.

Ele cruza os braços sobre o peito, fazendo com que seus bíceps dobrem sob o tecido de sua camisa. Eu nunca tinha reparado quão impressionante seu corpo realmente é. Não estou surpresa, mas... droga.

Ele observa a fluência hipnótica dos meus quadris com diversão extasiada e um sorriso provocante nos lábios. Claro, eu não espero que ele aceite o desafio, então quando Crysis se aproxima do meu espaço —perto o suficiente para que eu possa cheirar neve em sua pele e uma mistura de cerveja e folhas de inverno em seu hálito — eu paro.

—O que? Você queria que eu dançasse, então aqui estou eu. — Sua voz é baixa... rouca... enquanto ele olha para mim através de cílios loiros e arenosos. Uma mecha de cabelo dourado se solta de trás de sua orelha, e toca sua mandíbula quadrada.

Parte de mim está gritando para recuar e quebrar qualquer que seja a magia cruel que caiu sobre nós, fazendo com que minha respiração acelere e minhas bochechas esquentem. A outra parte de mim está me dizendo para não recuar, mesmo que seja apenas para mostrar a ele que eu não sou tão facilmente distraída pelo gosto doce da tentação.

Quando não me movo uma só polegada, ele coloca as mãos nos meus quadris. Seu olhar é tão intenso, ainda que haja algo estranhamente tímido em seu toque. Como se ele estivesse pedindo permissão, ou esperando que eu o rejeite. Meu silêncio não dá pistas do que estou sentindo, porém.

²² The Chainsmokers é uma dupla de DJ/produção americana composta por Andrew Taggart e Alex Pall.

Segundos deslizam enquanto ficamos ali, compartilhando a respiração, embora eu não tenha exata certeza de qualquer um de nós estar respirando até Crysis sussurrar: —Deixe-me lhe mostrar.

Meus lábios se abrem e minha boca seca quando sinto suas mãos se moldarem sobre a curva dos meus quadris, ganhando confiança. Eu expiro, minhas pálpebras se fechando.

E então, a terra se desloca sobre seu eixo.

E não apenas figurativamente.

Com um estalo ensurdecedor, o próprio chão sob nossos pés balança violentamente, fazendo copos e garrafas quebrarem quando caem no piso de madeira polida. O barman solitário corre para se esconder, enquanto Crysis me protege com seu próprio corpo. Meus ouvidos estão zumbindo. Detritos chovem sobre nós, a partir do teto partido. Uma vez que o estrondo morre, dando lugar a uma sinfonia de sirenes e alarmes de carro, e o tremor da terra cessa, eu olho em volta da sala embaçada pela poeira, me perguntando o que diabos aconteceu.

Os olhos de Crysis estão cheios de pânico quando ele agarra meus ombros, virando-me para encará-lo. —Vá para casa. Agora. Vá direto para casa e não pare.

—Crysis, o que está...

—Ouça-me, Eden! Você precisa entrar em seu carro e dirigir diretamente para a sede do Se7en. — Ele corre até os bancos do bar a alguns metros de distância, onde nossos casacos ainda descansam, e pega os meus pertences, empurrando-os contra meu peito. —Vá, agora!

Depois de praticamente me empurrar para fora do pub em direção à rua repleta de caos pós-explosão, Crysis se vira para mim com fogo em seus olhos, que estão verdes e furiosos com a violência. —Eu vou te ligar. Só... só vá, agora. Enquanto pode. — Então ele corre na direção oposta, desviando-se entre a multidão histérica antes de virar à esquerda e atravessar a próxima rua.

A rua onde minha irmã vive.

Nós tínhamos concordado em nos encontrar no pub porque ficava perto o suficiente do apartamento de minha irmã, então eu poderia facilmente manter

a mentira. Eu era inteligente o suficiente para saber que provavelmente havia um dispositivo de rastreamento no carro, se não em mim. E, se eu estivesse de alguma forma sendo rastreada, estar em um bar local não levantaria tantas suspeitas.

Mas agora... agora meu álibi egoísta parecia justiça cármica.

Eu começo a andar para longe de onde meu carro está estacionado. Me movendo entre os gritos de espectadores desorientados, tomo cuidado enquanto caminho sem pressa: não tenho pressa de encontrar o que estou tentando desesperadamente me fazer acreditar que não aconteceu.

Não é nada. Minha irmã está bem. Provavelmente foi apenas um acidente de carro ou erro de construção.

Está tudo bem.

Mas, mesmo enquanto repito essas palavras para mim mesma, não posso me fazer andar mais rápido. O medo tomou-me em suas frias garras ósseas, e cada passo para frente parece como se eu estivesse sendo sugada em areia movediça de cimento. Ainda assim, a curiosidade mórbida continua empurrando-me através do amontoado de feridos em pânico. Os flashes das luzes vermelhas e azuis passam, suas sirenes um alerta gritante: *Vire-se. Não olhe. Não há nada para ver. Tudo está ok.*

Mas mesmo quando tusso e engasgo, quando a fumaça pinta meus pulmões com fuligem, mesmo quando cinzas flutuam em torno de nós como pombas cinzentas na neve, eu luto contra todo impulso de fugir para longe dos horrores que me esperam. E finalmente viro a esquina.

Não eram alertas que as sirenes estavam gritando.

Eram mentiras.





VINTE E TRÊS

Não posso respirar.

Não posso respirar.

Não posso respirar.

Ainda assim, corro através da fumaça e dos detritos em direção a chama ardente que engolfa o prédio da minha irmã. Meus olhos estão ardendo, meus pulmões estão chiando, mas eu ainda luto através da multidão e navego pelo curso de obstáculo de concreto e pedaços carbonizados de madeira e escombros de tijolos.

—Senhora, precisamos que você fique para trás! — Um policial grita, correndo para bloquear meu avanço.

—Minha irmã... — Eu coaxo, minha garganta crua. —Minha irmã mora aqui. — Tento mergulhar debaixo de seus braços estendidos, mas ele me segura.

—Vamos fazer nosso trabalho. Não é seguro entrar.

Eu luto para soltar meu braço de seu alcance e contorná-lo para passar. No momento em que sinto suas mãos envolverem-se em torno de minha cintura, eu estalo. Meus olhos se estreitaram em concentração feroz e empurro

minha mente tanto quanto ela vai, mais rápido do que já fiz antes. Penetro na pele e no crânio dele, e afundo minhas garras cruéis em seu lobo frontal, tornando-o completamente indefeso e sob meu controle.

—Solte-me, — eu rosno, minha voz tão escura quanto minha alma. Suas mãos caem para os lados de seu corpo.

—Deixe-me passar.

O policial se afasta imediatamente do meu caminho.

Eu simultaneamente abandono meu controle enquanto apressadamente passo por ele, mas, antes que possa desaparecer em meio a bagunça, um braço enrosca ao redor da minha cintura e levanta-me do chão.

—Fique longe de mim! — Eu guincho antes de ser colocada a vários metros de distância do oficial atordoadado.

—Fácil, Eden, fácil. Sou eu. Estou com você. — Legion esmaga-me em seu peito e me puxa para longe dos destroços, para longe dos olhares indiscretos. —Graças ao Todo-Poderoso. Eu pensei que você estava... pensei que tinha te perdido.

—Minha irmã... — Através da nuvem de fumaça e do puro medo do que está ocorrendo, eu mal posso proferir as palavras. —Ela está... ela está... Eu não sei onde ela está.

—Eu sei, baby. Estamos nisso. Ela estava lá em cima quando você saiu?

Merda.

Em minha pressa apavorada de percorrer a carnificina, é claro que manter minhas mentiras já não era uma prioridade.

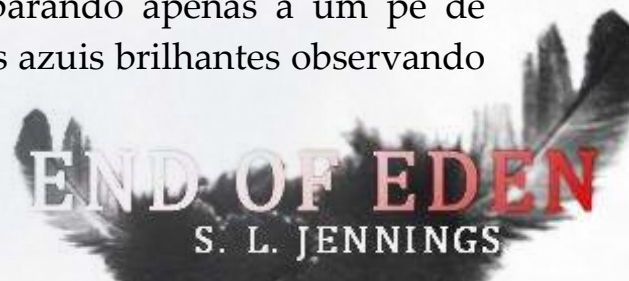
Eu me afasto de L e desvio os olhos.

—Eu estava prestes a voltar para o apartamento.

—Ok, — ele concorda. —Preciso que você faça algo por mim agora. Até encontrarmos a fonte da explosão, estamos em alerta máximo. — Ele então levanta a cabeça, seus olhos percorrendo a ruína devastadora ao nosso redor antes de chamar: — ‘Lil!’

Oh. *Inferno*. Não.

A demônio loira e esguia corre até nós, parando apenas a um pé de distância. Ela dá uma olhada em mim, seus olhos azuis brilhantes observando



minha aparência selvagem. — Você a encontrou. — Ela ainda tem a coragem de soar aliviada.

— Sim. Preciso que você a leve para casa em segurança. Jinn irá com você. Vá agora.

— Eu não vou sair, — protesto. — Não até encontrá-la.

— Não há nada que você possa fazer aqui, Eden. É muito perigoso. E não é como se você pudesse simplesmente entrar em um edifício que ainda está em chamas. Eu tenho Caim e Phenex lá dentro, sob disfarce de bombeiros. Toyol está a caminho. Nós vamos encontrá-la, ok?

Balanço a cabeça e começo a voltar para o inferno de concreto ardente. — Eu preciso ficar. Preciso encontrá-la.

— Nós vamos encontrá-la, — afirma ele, sério e agarrando meus ombros. — Mas, por agora, preciso saber que você está fora do caminho do mal, para que eu possa me concentrar em encontrar Mary. Se eu estiver constantemente olhando por cima do meu ombro para me certificar que você está bem, posso perder alguma coisa. Você pode fazer isso por mim? Por favor?

Eu não quero, mas aceno. Eu honestamente não sei onde minha irmã está, e ele está certo — se estiver preocupado com a minha segurança, pode facilmente negligenciar algo que poderia ajudar a encontrá-la. — Tudo bem. Mas me ligue a cada meia hora. Eu preciso saber o que está acontecendo.

— Eu vou. — Ele aperta os lábios quentes na minha testa antes de me liberar, e então olha para Lilith. — Vá direto para casa. Se eu ouvir um único...

— Vou protegê-la com a minha vida, L. Eu juro, — ela promete solenemente. — Nenhum dano acontecerá.

Legion dá uma última olhada em mim, e, antes que eu possa agarrá-lo de novo, ele se vira e corre para longe, reunindo-se aos esforços de resgate.

Deixando-me a sós com a cadela psicopata que armou para mim.

— Eden... — Ela estende a mão para me levar para longe do caos, mas eu me afasto.

— Não se atreva a me tocar, — eu cuspo, veneno escorrendo em cada palavra. — Nada mudou. Você ainda é uma cadela duas caras, e nada que possa fazer ou dizer vai compensar o que fez.



Eu ando em outra direção, passando por espectadores curiosos e vizinhos consumidos pelo medo.

—Você acha que eu não sei disso? — Ela responde. —Mas estou tentando compensar. Eu sei que errei, mas você tem que acreditar em mim quando digo que sinto muito.

Eu continuo caminhando em meio à multidão com Lilith bem nos meus calcanhares.

—Por que você está aqui? Não tem alguns bebês para assassinar? Ou alguns maridos para roubar?

—Isso não é justo, Eden. Eu sabia que Lúcifer não teria te machucado. A verdadeira ameaça nunca veio dele.

Eu giro tão rapidamente que ela quase colide com meu peito. —Você está brincando comigo? Eu fui para o inferno, Lilith. *Inferno*. Ele quer fazer bebês diabo comigo, bebês que vão dominar o mundo. Como que isso não é uma ameaça? — Eu retomo minha caminhada pela multidão sem lhe dar a chance de se explicar.

—Mas ele não teria te machucado. A outra alternativa era muito pior, acredite. Quem você acha que forneceu o veneno de anjo à Lúcifer? Aquilo não deveria ter sido usado para prendê-la; deveria ter sido usado para nos matar e, em última análise, *matá-la*. Lúcifer traiu alguém, *algo*, muito mais perigoso que ele, para salvar sua vida e levá-la para o único lugar onde não poderiam encontrá-la.

Eu rolo meus olhos e abano a cabeça. Besteira. —E como você sabe disso?

—Porque você acha que eu concordei em ajudá-lo? Para manter meus irmãos e você seguros.

—Seus irmãos, — eu caçoo. —É normal você querer *transar* com seus irmãos?

Eu a ouço dar um suspiro exasperado atrás de mim. —Olha, vou admitir: estive apaixonada por Legion desde que me lembro. Mas nada nunca aconteceu, e nunca vai. Ele é meu líder, e isso é tudo. E, depois do que eu fiz, nunca mais será a mesma coisa. Eu faria qualquer coisa para recuperar a confiança e respeito dele, porém. Além disso... tenho outro lugar para ir.



Eu não quero acreditar nela. Eu quero continuar odiando-a, e crer que seu remorso veemente é o resultado de ser pega e rejeitada por L. Mas, o que ela está dizendo... sobre Lúcifer... faz sentido. Ele não me machucou. Mesmo agora, depois de eu ter escapado, ele não enviou ninguém atrás de nós. No mínimo, parece que ele está se escondendo. Isso pode significar que ele está planejando algo ainda mais tortuoso... ou pode significar que está na merda com o que ou quem ele traiu. O que explicaria por que ele não lutou para manter-me consigo: ele tinha segundas intenções, e queria salvar sua própria pele.

—Seja como for, — eu resmungo, recusando-me a dar-lhe a satisfação de estar certa. —Vamos encontrar Jinn e dar o fora daqui.

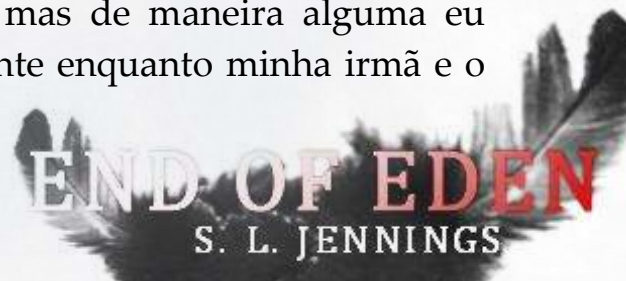
Como esperado, a rua está bloqueada por vários quarteirões, então precisamos vencer várias barricadas até encontrar Jinn. Ele está em um SUV preto esperando por nós, como se L tivesse ligado e lhe informado do plano. Não estou surpresa, porém: se Lilith tentasse se aproveitar dessa oportunidade para se livrar de mim de uma vez por todas, Jinn saberia que algo estava errado se eu não aparecesse. Quanto a isso, entretanto, realmente não posso vê-los perdendo-a uma segunda vez, e acredito que ela não iria pôr em risco sua própria sobrevivência.

O tráfego é uma bagunça, e ficamos engarrafados por mais de uma hora. No momento em que finalmente chegamos ao apartamento, L já enviou três atualizações: pelo menos seis mortos e doze feridos, mas ainda nenhum sinal de minha irmã. Eles inclusive verificaram com o hospital, apenas no caso de ela ter sido chamada. Ainda há muito que peneirar, e é cedo para tirar conclusões, já que ainda estão esperando recuperar muito mais vítimas. No entanto, por agora os bombeiros já foram capazes de controlar a maior parte do fogo, de modo que pelo menos essa é uma boa notícia. Ainda assim, não consigo fazer meu coração se sentir otimista.

—Por que você não toma um banho e se deita, — Lilith sugere, depois de me observar andar pela sala durante toda a tarde, meus olhos fixos no telefone e esperando por notícias.

Por que você não come merda e morre?

—Estou bem, — insisto, mesmo que ainda esteja coberta de fuligem e detritos. Até Jinn insistiu que eu descansasse, mas de maneira alguma eu poderia sentar minha bunda e esperar calmamente enquanto minha irmã e o



resto do Se7en estavam lá fora. E Crysis... ele saiu correndo tão rápido que sequer tive chance de interrogá-lo.

Eu vou para o quarto de L e pego o pequeno telefone celular escondido em minha bolsa.

Surpreendentemente, há meia dúzia de mensagens de texto.

Você conseguiu sair bem?

Onde você está?

Preciso falar com você. Me liga. Éden, nós precisamos conversar.

Diga-me que está bem.

ONDE ESTÁ VOCÊ?

Eu fecho a porta do quarto e pressiono o único número programado no telefone.

—Pelo amor de Deus, Eden. Me responda quando eu lhe mandar mensagem! Eu estava prestes a dizer *foda-se* e abordar Legion, só para ver se ele tinha te visto.

—Desculpa. Estou bem. Você já ouviu falar de alguma coisa?

Tem muito barulho onde quer que ele esteja, mas não ouço qualquer sirene ou alarme de carro. Isso é um bom sinal... espero.

—Não há novas atualizações no momento.

—Você não está lá? — Estranho. Quer dizer, eu sei que minha irmã não significa nada para ele, e que ele só jogou legal com ela para chegar a mim. E não é como se ele me devesse algo. Ainda assim...

—Eu fiquei um pouco, mas quando vi o Se7en chegar, tive que sair. Não posso estragar meu disfarce. Há agentes da Aliança lá dentro, embora.

—Eles estão procurando por ela?

—Estão. Rev sabe como ela é importante para você. Ainda assim, com o Se7en lá, a ação de busca e salvamento é limitada. Não é o momento e o lugar para um confronto.

Tento sentir um pouco de alívio com essa pequena graça, mas não posso relaxar. Ainda não.



Não até que ela seja encontrada sã e salva. — Você pode... você pode senti-la?

— Não é assim, Eden, — explica ele com a voz tranquila. — Eu posso sentir a presença de uma nova vida. Posso sentir a sombra da morte. Mas não posso determinar se alguém está vivo ou morto.

— Mas você pode pelo menos tentar? — Eu imploro, não dando a mínima para o orgulho.

— Eu tentei. Fiquei o mais próximo possível dos destroços que pude e senti a morte à minha volta, mas não posso sentir exatamente a presença ou ausência dela.

— Mas...

— Eden. Não há nada que eu possa fazer agora. Sinto muito.

Fecho meus olhos por um instante e tomo uma respiração profunda, fazendo uma oração silenciosa por paciência. — Eu sei. Obrigada por tentar.

— Há algo...

— O quê?

— Nós achamos...

Eu bato End e coloco o telefone no bolso na hora em que a porta do quarto se abre. Legion está lá, sua expressão cansada, o rosto sujo de fuligem e a roupa escura polvilhada com cinzas. Ainda assim, eu corro para envolver meus braços em torno dele, em busca do conforto de sua presença.

— Meu Deus. Eu estive preocupada a ponto de enlouquecer. Por favor, me diga que a encontrou. Por favor, me diga que ela está segura.

Legion coloca um beijo hesitante no topo da minha cabeça e me segura apertado contra seu corpo. — Nós a encontramos.

— Ela está bem? Onde ela está? Ela deve estar pirando. Eu preciso ir até ela.

L interrompe minhas divagações frenéticas, me segurando firmemente pelos ombros. — Eden... Preciso que você se sente para que possamos conversar.

— Não, — rosno, balançando a cabeça freneticamente e me afastando dele. — Não. Não. Não me diga... — As palavras são sufocadas pelo crescente nó em

minha garganta enquanto lágrimas caem pelos meus olhos enormes e aterrorizados. — Não. Não me diga. Não me diga que ela está...

— Ela está viva, — ele afirma. Lentamente, com as palmas das mãos levantadas, ele anda em minha direção e espalma meu rosto coberto de lágrimas. — Ela está viva, Eden. Cain está no hospital com ela agora. Ela sofreu algumas queimaduras, tem alguns ossos quebrados e danos nos pulmões por inalação de fumaça, mas vai viver.

— Bem, por que não disse isso logo? Vamos lá! — Eu tento fugir de seu controle, mas ele me segura apertado.

— Eden, há outra coisa... — Eu vejo quando uma dúzia de tons de tristeza escurecem seu olhar. — Ben está morto.

Chupo uma respiração afiada e levo uma mão trêmula aos meus lábios. — Ben? Oh meu Deus, Ben. Mary... deve estar devastada.

— Ela ainda não sabe. Ela ainda está em cirurgia, e em sua condição, é provavelmente melhor deixá-la saudável primeiro.

Eu aceno, entendendo completamente. Minha irmã deve estar completamente traumatizada, e saber que seu namorado morreu poderia prejudicar sua recuperação.

— Você está certo, — eu concordo, voltando para a porta. — Eu não vou dizer nada. Deixe-me apenas pegar meu casaco e vamos...

— Você não pode ir ao hospital.

Eu giro tão rápido que cambaleio. — O quê? Sim, eu posso.

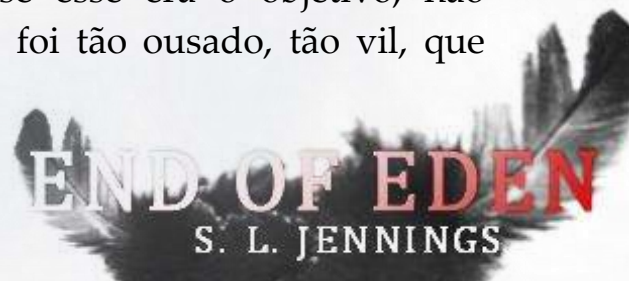
— Não, Eden. — L flexiona os punhos ao lado do corpo, sua mandíbula apertada com irritação. — A imprensa está relatando o acidente como um vazamento de gás, mas temos razões para acreditar que foi um ataque premeditado. Fomos capazes de recuperar o que parecem ser partes de uma bomba. Toyol e Phenex estão analisando agora.

Meu olhar divaga. — Uma bomba?

Legion acena solenemente. — É o que parece.

— E... e eles queriam me *matar*?

— Essa parte não está clara ainda. Mas, se esse era o objetivo, não podemos arriscar que você saia. Quem fez isso foi tão ousado, tão vil, que



certamente mataria inocentes sem pensar. Quem quer que seja, não hesitaria em tentar de novo.

—Lúcifer? — Eu sussurro, interiormente esperando que ele não pudesse ser capaz de tal mal. Ele tinha me dito que parou de punir os culpados, e que não tem nenhum desejo de ferir aqueles que não merecem sua ira. E, enquanto ele sequestrou e humilhou minha irmã, nunca realmente a machucou. Foi tudo um plano para chegar até mim... para me proteger, quão louco isso possa soar. Ainda assim, nada explica o uso do Chamado. Ele influenciou os seres humanos a aceitarem sua oferta. Organizou fuzilamentos em massa e atentados que custaram milhares de vidas inocentes. Será que ele estava no banco do motorista daquele carro? Ou simplesmente forneceu o veículo que obrigou essas pessoas a cometerem uma maldade imperdoável?

Quando Legion balança a cabeça, resmungo em alívio. —Acho que não. Ele não correria o risco de feri-la. Mesmo que odeie não poder tê-la, ele sabe que você é valiosa demais.

—Então quem? Quem faria algo assim? E por quê? O que eles têm a ganhar com o abate de seres humanos de uma forma tão cruel e repugnante?

L passa a mão pelo cabelo, fazendo cinzas choverem sobre seus ombros. —Eden, a bomba usada... nós já vimos algo assim antes. Foi há anos, mas tendemos a manter o controle sobre nossos inimigos.

—Inimigos. Se não é Lúcifer, então quem mais poderia ser? Quem teria recursos, e bolas, de contrariar demônios?

A resposta me dá um soco no estômago antes mesmo de deixar seus lábios.

—A aliança.

Com raiva escaldante correndo em minhas veias, levo uma mão ao bolso traseiro.

Eu fiz isso.

Eu fiz isso.

O sangue de Ben está em minhas mãos. Todas aquelas pessoas inocentes... minha irmã... eu sou responsável pelo destino de todos. Eu não confiava em Crysia, mas queria confiar. E meu pai... como posso ter sido tão estúpida?

Estou realmente tão desesperada por amor? Tão fraca por algum falso senso de família?

Como posso ser tão ferrada?

—Nós precisamos nos lavar e nos preparar para ir.

—Huh? — L indaga e franze a testa quando seus olhos caem sobre o telefone celular preso firmemente na palma da minha mão.

—Precisamos ficar prontos, — repito.

—Para quê?

Digito uma mensagem rápida com os dedos tremendo de fúria. —Há alguém que você precisa conhecer.



VINTE E QUATRO

Legion dirige pelas ruas encharcadas de lama, sua mandíbula marcada pela raiva. Suas mãos estão tão tensas em torno do volante que os nós de seus dedos estão brancos. Ele não disse uma palavra desde que deixamos o apartamento, nem sequer olhou para mim.

—Devagar, — advirto, depois que ele por pouco não acerta um pedestre.

Três minutos atrás, ele quase bateu em um carro estacionado. Quando ele não reage, tento pedir desculpas pela enésima vez.

—L... eu juro, nunca iria traí-los. Nunca roubaria o Se7en. Sinto muito por não ter te contado sobre Crysis antes, mas...

—Você se importa com ele? — Ele cospe as palavras com tal veemência que tenho quase certeza de que ele acabou de jogar um feitiço em mim.

—O quê? Não, — eu insisto, meu rosto contorcido em desgosto.

—Então por que me fez jurar não contar aos outros ainda? Por que quer que eu o encontre a sós após prometer de não matá-lo à primeira oportunidade?

—Porque quero estar 100% certa de que ele teve algo a ver com o atentado. Já houve morte desnecessária suficiente. Qual poderia ser o dano em interrogá-lo antes de rasgar-lhe a cabeça?

—E essas pequenas reuniões que você teve com ele...

—Duas. Duas reuniões, — esclareço, levantando meus dedos médio e indicador.

—Ele nunca deu indicação de que haveria um atentado contra a sua vida? Ou à vida de sua irmã, para que conste?

—Claro que não. Ao contrário, ele parecia querer me proteger. Ele sabe sobre meu tempo no inferno, e também sabe como a Aliança reagiria a essa notícia. Ele prometeu manter meu segredo para impedir que eu virasse um experimento científico pelo resto da minha vida.

L bufa: —Por um preço.

—Sim, mas ele sabia que não roubaria vocês. Eu não poderia fazer algo assim nem mesmo se tentasse. Ainda assim, ele guardou meu segredo.

—Mas ele também *convenientemente* manteve distância, enquanto um prédio inteiro desabou sobre pessoas inocentes. Um edifício onde supunha-se que você deveria estar. Então, talvez ele não queria machucá-la, mas parece muito, muito evidente que ele sabia que alguém tentaria.

Não tenho nada para refutar sua teoria, então não o faço. Já estou feliz pelo fato dele estar falando comigo novamente.

—Nephilins não são anjos, Eden, — continua ele. —Eles não estão vinculados a um voto de proteção. São perigosos, duas caras e vingativos.

—Engraçado. Ele disse a mesma coisa sobre você.

—Ele não dá a mínima pra você! — L ruge, batendo a palma da mão contra o volante. —Naquela noite, no bar... ele poderia ter te parado. Poderia ter te impedido de avançar por um caminho escuro. Inferno, poderia ter manipulado aquele idiota em dois segundos. Mas ele te enganou, e permitiu que sua raiva se inflamasse. Se nós não tivéssemos aparecido quando o fizemos, ele a teria deixado matar aquelas pessoas. Teria ficado de braços cruzados e deixado que você se tornasse uma assassina, sem sequer se preocupar com a angústia e culpa que você carregaria pelo resto da vida. Ele poderia ter te ajudado, no entanto, não fez nada.

Eu mastigo meu lábio, trancado em uma prisão com meus próprios pensamentos antes de sussurrar minha verdade hedionda. —Eu já sou uma assassina.

—O quê?

Eu respiro fundo e repito as palavras que estiveram enterradas no fundo do meu coração, no escuro e empoeirado sótão da minha alma. —Eu disse que eu já sou uma assassina.

—Eden...

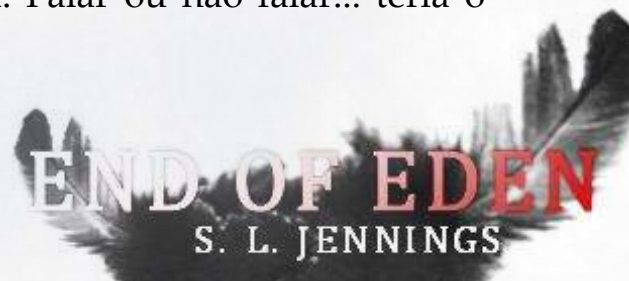
—Quando eu era uma criança. O nome dele era Lucas. Ele tentou... fazer coisas comigo. Eu contei à minha mãe, mas ela não se importava. Ou talvez achasse que eu merecesse. Eu contei ao professor, mas ninguém acreditou em mim. Pensaram que eu era tão louca quanto minha mãe. E, lá estava eu, apenas uma criança, com este poder desconhecido na ponta da minha língua. Eu só queria fazê-lo parar. Só queria que ele me deixasse em paz. Então eu lhe disse para ir para a rua, bem quando um ônibus estava vindo. Eu o matei. Arruinei a vida daquele motorista de ônibus. Eu infligi a pior dor imaginável a seus pais. Então, não, Legion. Crysia não teria deixado eu me tornar uma assassina. Eu já sou uma assassina.

Eu me viro em direção à janela, observando os fragmentos borrados de edifícios e pessoas através de olhos lacrimejantes. —Eu nunca contei a ninguém essa história. Sempre tive medo de que admitir isso em voz alta tornaria tudo real. O inferno é inevitável, sempre estive nas cartas para mim. Era apenas uma questão de quando aconteceria.

Calor toma conta da minha mandíbula quando Legion gira suavemente minha cabeça em sua direção. —Se alguém é merecedor de graça e misericórdia, esse alguém é você. Você era uma criança, Eden, não tinha ideia do peso de suas ações.

—E o que acontece com as pessoas que assisti serem massacradas no inferno? Eu apenas me sentei lá e não fiz nada. Fiquei quieta... complacente. Sou tão responsável quanto Lúcifer por suas mortes.

Legion balança a cabeça. —Quando alguém é massacrado no inferno, a noção de morte nunca é final. Eles são torturados, mutilados, desfigurados, mas vivem novamente para sofrer mais um dia. Falar ou não falar... teria o mesmo efeito.



Sua explicação me dá um minúsculo fragmento de alívio, mas ainda não apaga a culpa que tem me atormentado por semanas. Ainda não torna o que eu fiz, ou não fiz, certo.

Quando chegamos ao local que Crysis providenciou para nos encontrarmos, considerando que nosso ponto de encontro habitual está atualmente infestado de policiais, eu sou aquela dando o tratamento de silêncio a Legion. Não porque estou brava com ele, ou com qualquer outra pessoa, no caso, mas porque tenho vergonha. Confesso que também tenho medo que as suspeitas de L sobre Crysis sejam verdadeiras, e que vou acabar acrescentando ainda mais nomes à lista crescente de vítimas.

Legion abre minha porta e me ajuda a sair do carro, mantendo a mão na parte inferior das minhas costas enquanto entramos na lanchonete. O lugar está completamente vazio, exceto por uma garçonete no balcão e Crysis, que está sentado na cabine mais distante da porta. Seu cabelo loiro no comprimento dos ombros está puxado para trás, e ele está vestindo um suéter de tricô preto. Ele toma um gole de café, seus astutos olhos verdes estudando cada passo que damos em sua direção. Tenho certeza que ele tem uma arma apontada para nós agora. Seria sábio. Legion tem uma apontada diretamente para o espaço entre os olhos dele escondida no bolso do casaco.

Quando nos aproximamos e deslizamos sobre o banco em frente a Crysis, eu não sei exatamente o que dizer.

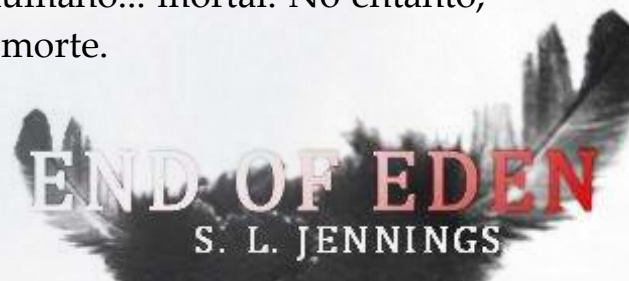
Hey, Crysis, conheça o cara que atirou em todos os seus amigos da Aliança no posto de gasolina. Legion, por favor, conheça o anjo híbrido que me chantageou para conseguir informações sobre você.

Felizmente, Crysis me tira de meu desconforto estranho.

—Eden, — ele acena com a cabeça uma vez.

Eu devolvo o cumprimento. —Crysis.

Ele direciona seu olhar esmeralda para Legion, sem nenhuma pitada de ansiedade ou relutância. Crysis é apenas metade anjo, enquanto Legion é um anjo caído que virou assassino de demônios. Quão compatíveis eles são? L não tem o pleno uso de seus poderes, embora, graças aos dedos pegajosos de Niko, que tomou posse deles. Eu também não conheço a extensão do que Crysis pode fazer, mas acho que ele é biologicamente humano... mortal. No entanto, seu olhar desafiador é de alguém que não teme a morte.



—Suponho que você seja o covarde Nephilim que tentou chantagear e manipular Eden, — L bufa, olhando Crysis de cima a baixo.

—E você é o demônio que a deixou ser levada para o inferno porque estava com medo de parar seu mestre, — retruca Crysis. —Engraçado, você parecia maior através da mira do meu rifle.

—Engraçado. Não me lembro de já tê-lo visto, considerando que você correu como uma cadela e deixou seus homens para morrerem sozinhos.

Eu ergo minhas mãos para deter esta exibição ridícula de machismo antes que piore.

—Sério, caras? Minha irmã está no hospital, e vocês dois querem medir seus paus? Olha, se querem lutar, façam isso depois que descobrirmos quem plantou a bomba.

—Eu já disse a você por telefone, Eden: não tive nada a ver com aquilo, — insiste Crysis.

—No entanto, ela estava convenientemente com você quando a bomba foi detonada no prédio de Mary. — Desafia Legion, cruzando os braços sobre o peito.

—Se eu estivesse envolvido nisso, não deveria ter insistido para que ela fosse ver a irmã? Ao invés de me encontrar no pub?

Ele tem um ponto: se Crysis fosse parte deste enredo, eu não teria estado no pub com ele, longe o suficiente da explosão a ponto de não sofrer qualquer dano.

—Alguém mais da Aliança sabe sobre nossas reuniões? — Pergunto-lhe. —Ou sabe que estamos em contato?

Crysis balança a cabeça. —Não. Eu não contei a ninguém, nem mesmo a seu pai.

—Então, a menos que eles soubessem que eu tinha saído, o que é improvável, não havia nenhuma maneira de saberem que eu deveria estar no apartamento de Mary.

—O que significa... — divaga Legion.

Crysis franze a testa, percebendo onde isso vai dar. —Mas isso não faz sentido...



—O ataque não era para mim, — eu respiro.

Legion saca seu telefone e urgentemente digita uma mensagem. —Toyol e Phenex estão indo para o hospital agora mesmo.

—E você pode confiar neles? — Pergunta Crysis com um ar de presunção. —Quero dizer, foi um de vocês que traiu Eden e a ofereceu à Lúcifer.

—Eu confio neles com minha vida, — responde Legion, sua voz cheia de autoridade.

Isso encerra a conversa.

—E Lúcifer fez o que fez porque pensou que estava me protegendo.

L se vira para mim e franze a testa. Eu coloco a mão em seu antebraço e aceno, assegurando-lhe que está tudo bem. —Lilith me contou tudo. Ofereceram o veneno de anjo a Lúcifer sob a condição dele concordar em usá-lo para matar o Se7en. Assim, com vocês fora do caminho, eu ficaria desprotegida e vulnerável, e a ameaça real poderia finalmente atacar. Em vez disso, porém, Lúcifer traiu o acordo e me prendeu, para que pudesse me levar para o inferno, onde não poderia ser encontrada.

Crysis se inclina para trás em seu assento com o cenho franzido. —Droga. Então, quem é a ameaça real aqui?

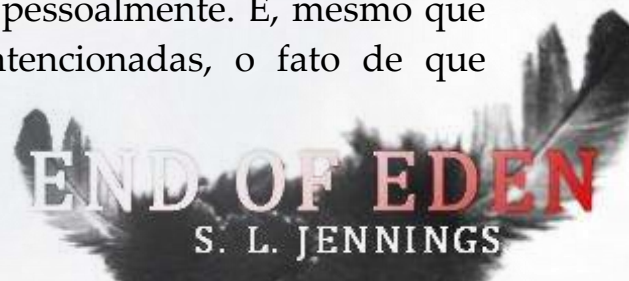
—Ninguém sabe, — L dispara. —A única tarefa de Lilith era ficar de olho em todos nós. Ela tinha... outras... motivações para sua traição, embora pensasse estar salvando nossas vidas. No entanto, nós suspeitamos que um Serafim tem algo a ver com tudo isso.

—Um Serafim? — A expressão atordoada de Crysis acompanharia a minha própria se eu não tivesse aprendido da maneira mais dura que nada é o que parece.

—Eles nos fizeram uma pequena visita pouco antes Lúcifer levá-la, — Legion explica com lábios apertados.

—Ele estiveram aqui? Em Chicago?

O olhar no rosto de Crysis - uma mistura de choque e dor - envia uma pontada inesperada de simpatia ao meu peito. Eu posso ver claramente em seus olhos: um Serafim me considera importante o suficiente para descer à Terra, mas seu pai não podia sequer conhecê-lo pessoalmente. E, mesmo que suas motivações provavelmente fossem mal-intencionadas, o fato de que



arcanjos, os seres mais poderosos que existem depois do próprio Deus, desceram a Terra, significa que algo muito sério está acontecendo.

Crysis se recupera com um piscar de olhos, e volta aos negócios. — Você acha que eles têm interesse em Eden?

Legion pesa as palavras em sua língua antes de responder. — Eden. Ou... Adriel.

Fodida Adriel.

Mas sério? *De novo* essa merda?

— Deixe-os tê-la, — explodo. — Merda, eu não a quero.

— Não é assim tão fácil, Eden. Você não pode exorcizar um anjo, tem que ser escolha dele abandoná-la. A única outra maneira de forçar o processo é... — Legion engole seco. — Matar você.

E aí está novamente. Outra forma de Adriel se intrometer em minha vida. Legion a amou. Lúcifer quer usá-la. E agora, possivelmente, o Serafim quer extraí-la de mim. Arriscando a minha vida, é claro.

Fico grata quando Crysis faz mais perguntas, me salvando de pensar em Adriel e no fato de que o Serafim poderia me querer morta.

— Isto poderia explicar porque Lúcifer não tentou recuperá-la, certo? Ele não quer correr o risco de irritá-los. Mas, ele também não era extremamente inflexível sobre protegê-la? E agora? Ela simplesmente está sozinha?

— Não sei o que motiva Lúcifer a fazer as coisas que ele faz, — L dá de ombros. — Ele é egoísta, completamente governado por seus desejos. Se esta é uma questão de autopreservação, ele certamente vai escolher salvar a própria pele.

— Você acha que o Serafim iria realmente... me machucar? — Pergunto, minha voz um pouco acima de um sussurro.

Legion se vira para mim, seu olhar quente e sério. — Eu nunca iria deixar isso acontecer. Eu te juro, Eden, vou lutar até meu último suspiro na Terra para mantê-la segura. Mesmo se tiver que arriscar minha alma.

Ele leva a mão ao meu rosto enquanto Crysis ri baixinho do outro lado da mesa.



A expressão de Legion endurece instantaneamente quando ele se vira para encará-lo.

— Awww, isso é doce. Só tem um problema, porém: nada pode vencer um Serafim.

— Nada além de um de seus próprios. — Todos os olhos estão em L quando ele continua. — Eu conheço os Serafins: eu era um deles, na verdade. E sim, é verdade, eles são indestrutíveis. Além do Todo-Poderoso, apenas um igual pode detê-los.

— Mas você não pode... — a simples ideia de Legion lutar contra um Serafim me aterroriza, mas não é só isso: ele não pode fisicamente vencê-los. Pelo menos não agora, quando é apenas uma fração de si mesmo. Ele detém a chave para libertar toda a força de seu poder, mas isso poderia significar desencadear o inferno na Terra. Ele não seria o arcanjo que foi uma vez: ele seria Legion em toda sua glória horrível.

Ele balança a cabeça uma vez, assegurando-me de que compartilha minhas reservas. Não sei o quanto Crysis sabe - ele poderia estar roubando todas as explicações da minha cabeça nesse exato momento, na verdade - mas não pretendo mostrar todas as nossas cartas docilmente até que saibamos com certeza que ele está do nosso lado.

— Você pode bisbilhotar um pouco ao redor da Aliança? — Pergunto-lhe, ganhando uma sobrelance levantada. Eu continuo. — Talvez alguém saiba quem está por trás do atentado, ou talvez haja um agente desonesto agindo sozinho. Qualquer coisa ajudaria.

— Como eu disse no telefone... A Aliança não faria algo assim. — Há um surto de irritação em seus olhos apertados agora.

Legion canaliza: — Bem, o fato é que tecnologia da Aliança foi utilizada. Queira você acreditar ou não, eles estão envolvidos. *Você* está envolvido.

Crysis aperta o espaço entre os olhos e solta um suspiro grave. — Bem. Vou ver o que posso descobrir. E, caso ouça algo, então o quê? O que pode ser feito? A Aliança dos Ordenados está em todos os lugares. Temos quantidades enormes de soldados. Mesmo que eu lute contra eles, teríamos o que... oito combatentes? Nove, incluindo Eden? Isso não é o suficiente para vencê-los, muito menos para vencer um Serafim.



—Podemos conseguir ajuda de alguns feiticeiros, talvez — Legion observa.

Crysis cospe uma maldição e passa a mão pelo cabelo loiro. —Merda. Feiticeiros? Oh, o Serafim adoraria isso, considerando que eles acreditam que a magia é uma abominação. Feiticeiros não têm qualquer lealdade. Como você sabe que pode confiar neles?

—Como é que sabemos que podemos confiar em você? — Legion atira de volta. —Além disso, eu confio neles. É o bastante.

Crysis revira os olhos antes de beber seu café frio. —Tanto faz. Nenhum deles é forte o suficiente para bater um Serafim. Você é um caído, tudo bem, mas mesmo em plena força não pode vencer a todos. Há um de vocês, enquanto há...

—Sete, — termina Legion. —Uma vez eram sete Serafins. Agora, existem cinco.

—Bem, isso com certeza é quatro a mais do que temos, — resmunga Crysis. —Quatro e meio, considerando que você conta apenas com 50% de sua força, demônio.

—Talvez não, — eu digo, lutando para parecer esperançosa em meio a uma situação que é totalmente impossível. —Há mais um Serafim caído...

—Claro que não, — rosna Legion.

—Você está louca, porra? — Rosna Crysis, espelhando a indignação de L.

—Basta pensar nisso... Ele está escondido justamente porque não quer contrariar os outros. No entanto, se estivéssemos todos trabalhando contra um inimigo em comum, talvez pudéssemos colocar temporariamente velhas rivalidades e preconceitos de lado. Quando tivermos me salvado e salvado o mundo, então vocês todos podem voltar a odiar um ao outro. Olhe para vocês dois. — Meu olhar oscila entre Legion e Crysis. —Inimigos jurados ainda dispostos a serem civis até descobrirmos como resolver essa merda. Lúcifer não me quer morta, pelo que todos nós sabemos. E ele não se incomoda em ferir inocentes. As pessoas que morreram hoje? Minha irmã? Eram inocentes. E, com tudo indo ladeira abaixo, os verdadeiros culpados sabiam que todos os dedos apontariam para Lúcifer. Isso pode inclusive ter sido planejado por eles.



—Mas ele feriu pessoas inocentes, — argumenta Crysis. —As crianças mortas em escolas pelas mãos dos Chamados eram tão inocentes quanto possível. Olhe para o aumento da criminalidade em Chicago. As mãos dele estão sujas, Eden.

—Você acha que foi ele quem transformou os Chamados em assassinos? — Eu desafio, pressionando os cotovelos sobre a mesa e inclinando-me para frente. —Não vê que eles já estavam andando nessa direção? Eu admito, ele não é completamente inocente nessas mortes, mas esses seres humanos nunca foram puros, para começar.

Foi por isso que ele me escolheu.

Mesmo sem o chamado, eu estava propensa a destruição. Tinha um buraco em meu coração. Se o Se7en não tivesse aparecido quando o fez, eu teria eventualmente me transformado em outra atiradora em massa. Ou talvez numa assassina em série, em busca de vingança. Não posso nem imaginar o dano que teria causado se deixasse a dor e solidão apodrecerem em minha raiva incontida.

—Absolutamente não, — L fala em um tom que não admite discussão. — Nós não precisamos dele.

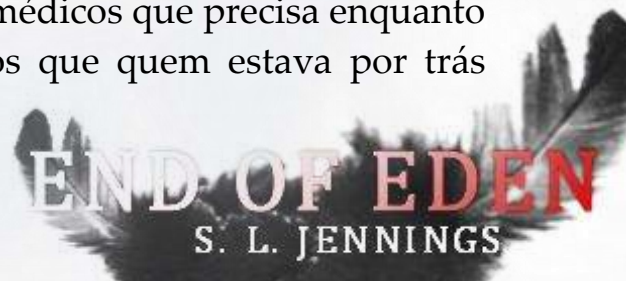
Eu quero argumentar que sim, nós precisamos, que a ajuda de Lúcifer poderia fazer muito bem. Talvez pudesse até mesmo ajudá-los a encontrar um terreno comum para o bem do mundo humano. Mas, eu sei que discutir com Legion agora, especialmente na frente de Crysis, não vai acontecer. E, tanto quanto eu absolutamente odeio admitir, minha melhor aposta pode ser convencer Lilith a interceder quanto a esse assunto.

—E agora? — Crysis pergunta, olhando para o relógio.

—Agora, nós viramos toda e cada pedra atrás de indícios que levem ao atentado, — responde Legion. —Agora nós mantemos Eden longe dos olhos do público, e protegemos sua irmã, Mary, até que ela esteja estável o suficiente para movê-la da UTI.

—Movê-la para onde? — Meu olhar vibra com alarme. Não haveria mais nenhum edifício de luxo com porteiro; nada disso poderia protegê-la agora.

—Não sei. Teremos que tirá-la do hospital, no entanto. Levá-la para algum lugar onde ela possa receber os cuidados médicos que precisa enquanto se recupera, enquanto a protegemos. Esperemos que quem estava por trás



deste ataque pense que ela não sobreviveu; há um completo caos por toda a cidade e é impossível peneirar toda a carnificina. Quando soubermos que ela está fora de perigo teremos que tirá-la de lá.

—Vou fazer o que puder para ajudar, — Crysis oferece. —Nosso centro de informações pode ter pego algo que vocês perderam. Temos câmeras e microfones espalhados ao longo de cada hospital na cidade. Eu poderia verificar se alguém estava excessivamente interessado em encontrar uma vítima específica.

L acena. —Muito obrigado.

Essas duas palavras enviam uma pequena rajada de calor para o meu peito. Este é um bom começo. Eu sei que isso não me redime por mentir, mas pelo menos Legion viu que as intenções de Crysis são um pouco honrosas. Este cessar fogo pode até mesmo ser mais do que uma trégua temporária.

—Mas, para não haver qualquer falha de comunicação, saiba que, da próxima vez que tentar colocar suas imundas mãos de Nephilim no Redentor, terei um grande prazer em arrancar cada um de seus dedos com ele, antes de cortar sua cabeça, porra.

Legion se levanta e se vira para a porta, me deixando com Crysis em um olhar divertido. —Hum, falo com você mais tarde, — gaguejo antes de seguir L.

Bem, tanto por esse plano. Eu mal lhes dou uma semana antes que sangue seja derramado.





VINTE E CINCO

—Você realmente acha que podemos confiar neste filho da puta?

Eu sorrio para mim mesma e balanço a cabeça. Mesmo que ele não esteja firmemente plantado em sua cadeira em frente a Legion, posso ver claramente o rosto de Cain, torcido em amargura.

Os sete restantes de nós sentamos em torno da mesa da sala de jantar, canecas de café emanando ondas de vapor perfumado à nossa frente. Cain está no hospital. Depois que Toyol e Phenex checaram a situação, e deixaram com ele armas e munições suficientes para defender um exército inteiro, eles correram de volta para casa para nos encontrar, porque, quando Legion convoca uma reunião de família, todo mundo participa, mesmo que seja por viva-voz.

—Nós realmente não temos escolha agora, não é? — L fala, alto o suficiente para que seu tom barítono seja apanhado pelo receptor.

—Claro que temos! — Cain sussurra duramente. Imagino-o no quarto de hospital da minha irmã, com o telefone pressionado na orelha e seu olhar sagaz preso no batente da porta. É bem passado da meia-noite, mas não sinto como se fosse. Esse é o problema quando se convive com feras noturnas: perde-se a noção do tempo.

—Cain, o agente Nephilim pode nos conseguir informações de dentro da Aliança. Algo que não temos sido capazes de fazer *por causa* dele. E, o fato de que ele tem algum tipo de apego a Eden nos faz crer que suas intenções são honestas. Trair-nos iria machucá-la.

Eu dou um olhar para Legion, cuja mandíbula está apertada com desconfiança, talvez até mesmo com um toque de inveja. Ele não devolve o meu olhar. Já pedi desculpas uma dúzia de vezes, e enquanto ele afirma que está tudo bem, que Crysis não é uma ameaça para ele, posso dizer que sua desconfiança não é exclusivamente reservada ao híbrido de anjo e humano que eu estava escondendo como um pequeno segredo sujo. Ele não confia em mim totalmente.

E eu mereço isso. Eu mantive um segredo que poderia ter potencialmente tê-lo colocado, e a toda sua família, em perigo. Talvez, se eu tivesse me aberto desde o início, poderíamos até mesmo ter frustrado o ataque a minha irmã. Não sei como, considerando que nem sequer sabemos quem diabos está por trás de tudo isso, mas eu poderia ter feito alguma coisa. E essa culpa, esse peso inabalável em meu estômago que fisicamente me faz mal cada vez que penso sobre minha irmã - com medo e coberta de sangue e detritos - é algo com o qual terei que viver pelo resto da minha vida.

—Não sei, L, — Andras entra na conversa. Ele balança a cabeça, fazendo uma mecha de seu cabelo loiro brilhante se soltar de seu coque e cair sobre seus olhos azuis. Ele a escova de volta para trás de sua orelha e continua: — Quero dizer, quão bem você o conhece? Quão bem Eden o conhece?

Todos os olhos se voltam para mim, e eu juro que posso sentir até mesmo a intensidade do desprezo de Caim a partir do telefone. Eu respiro profundamente e peneiro o caos em minha cabeça, na esperança de encontrar as palavras certas.

—Ele é um idiota. — Eu começo. —É impetuoso e arrogante e acha que anda sobre a água. Ele também é enganador: mentir é muito fácil para ele. Mas... mas eu sinto que ele está dizendo a verdade. Sinto, em meu coração, que podemos confiar nele. Ele poderia ter entregue informações sobre mim há muito tempo, acabando com minhas chances de sair da sede da Aliança na noite que o conheci. Mas eu sai. E ele manteve sua promessa, mesmo depois que eu lhe disse que não iria roubá-los em nome dele. Então, sim... eu o conheço. Pelo menos o suficiente para saber que ele pode ser confiável.



Há silêncio por uns bons trinta segundos antes de Cain gemer: — Ah, pelo amor de Deus! Nós realmente vamos trabalhar com um Nephilim agora?

— Parece que sim, — L responde.

— Bem, encare dessa maneira, — começa Toyol. — Se ele sair da linha, há sete de nós, contra um dele. Ele terá que sair de qualquer que seja seu esconderijo algum dia.

Não tenho coragem para contar-lhe sobre os dons de deflexão de Crysis, que o tornam praticamente impossível de rastrear. Foi exatamente por isso que eles não detectaram que ele era mais do que um humano na noite em que apareceram naquele bar, bem a tempo de me impedir de fazer algo do qual iria me arrepender profundamente. É também por isso que seus sinais embaralham quando se aproximam da sede da Aliança. Crysis é uma arma, e é melhor tê-lo conosco do que contra nós, especialmente agora que poderíamos estar enfrentando algo praticamente indestrutível.

Se esse for o caso, porém, nem todos os nossos dons reunidos seriam suficientes.

Se um Serafim estiver realmente envolvido, precisaríamos de números. De uma força tarefa. Vamos precisar combater fogo com fogo.

— Lilith... — Não posso nem mesmo acreditar que seu nome está saindo de meus lábios. Apenas o ato de virar a cabeça na direção dela e olhá-la me dói. — Você acha que...?

— Foda-se, — Legion rosna, sabendo exatamente onde meus pensamentos estão indo.

— L, se alguém saberia como entrar em contato com ele, é ela. E se quisermos ter qualquer chance de sobrevivência...

— Você sequer percebe o que está me dizendo? Eu disse não!

Ele bate as palmas das mãos contra a mesa, fazendo com que a pedra de mármore trema de medo, antes de se levantar e sair andando pelo corredor. A porta da sala bate, o som do choque de madeira e aço ricocheteando ao redor do apartamento. Não tenho que levantar a cabeça para saber que todos os olhos estão sobre mim, divididos entre olhares simpáticos e estranhos.

— Eu... Eu... — engulo em seco.



—Você não pode fazer isso. Depois do que Lúcifer fez... depois do que L passou para ter você de volta. Você não pode fazer isso. — A voz de Cain é clara... séria. Faz-me lembrar daquela noite quando ele me pegou tentando fugir. A noite após Legion me arrastar de volta do Inferno.

—Eu só quero ajudar, — explico, levantando meu queixo e desafiando meu constrangimento. —Só estou tentando encontrar uma maneira de manter todos a salvo. Não estou tentando machucá-lo.

—Então pare de discutir essa possibilidade.

Não posso discutir com a franqueza de Cain. Ele tem razão. Desde que escapei do inferno, estive procurando uma desculpa para sair. Eu não me sinto digna de Legion. Há sangue em minhas mãos, e não importa o que eu faça, não importa quão duro ele tente me convencer de que não foi minha culpa, não posso esquecer. Eu nunca serei limpa o suficiente para ele. Nunca serei boa o suficiente para guardar seus segredos, para merecer seus olhares de soslaio e seus raros sorrisos com covinhas, nem seus ardentes beijos.

Mesmo com tudo o que tinha feito para sobreviver em vinte e dois anos tumultuados como uma aberração esquecida, nada pode se comparar com a culpa que queima dentro dos meus ossos como um câncer desde o dia em que estive sentada na sala de jantar vermelho-sangue e vi quando meus inimigos de escola foram brutalmente estuprados. E esse câncer se propaga a cada noite... cada maldita noite... com cada exposição vil que não tentei parar.

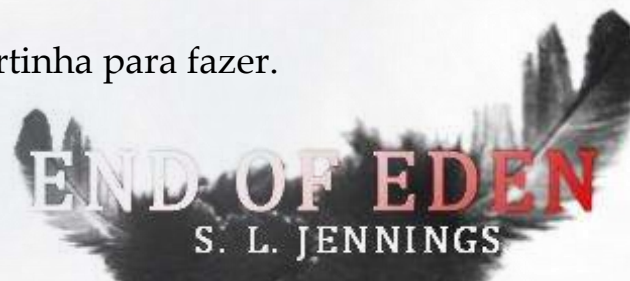
E agora, eu estava prejudicando a própria pessoa que queria me curar dessa doença. Que queria livrar meu coração e alma da impureza que infecta meu sangue, sem pedir nada em troca.

Não posso continuar fazendo isso. Não posso continuar prejudicando o único homem com o qual realmente já me preocupei, não por causa do meu medo. Meu medo de perdê-lo. Meu medo de me perder.

Levanto da mesa e tomo uma respiração profunda. —Sinto muito. Eu nunca quis que isso acontecesse a qualquer um de vocês. E, se todos quiserem se retirar e lavar as mãos a meu respeito, não vou criticá-los. Eu honestamente não sei por que vocês já não fizeram isso.

Olho em volta da mesa, me preparando para o golpe de rejeição... que nunca chega.

Nem mesmo Cain tem uma observação espertinha para fazer.



Phenex sorri para mim, quente e radiante, e diz: —Nós não estamos indo a lugar algum. Família não funciona assim. Então, mesmo que sejam cinco ou cinquenta contra nós, estamos com você, Eden. Goste você ou não.

Concordo com a cabeça uma vez, incapaz de formar palavras coerentes sem resultar em eu soluçando no chão em posição fetal. Eu não mereço tal graça. E honestamente, nem sei o que fazer com ela. Eles me conhecem: as cicatrizes feias, o temperamento irracional, os segredos mortais... eles me conhecem.

Quando sou finalmente capaz de me mover sem risco de quebrar, me viro e vou até o final do corredor. Tenho certeza que ele não quer me ver agora, mas não posso deixar outro segundo passar sem deixá-lo saber o quanto estou arrependida. Cain estava certo, estou machucando-o. Eu o tenho machucado, mas ele é muito paciente e compreensivo para jogar isso na minha cara.

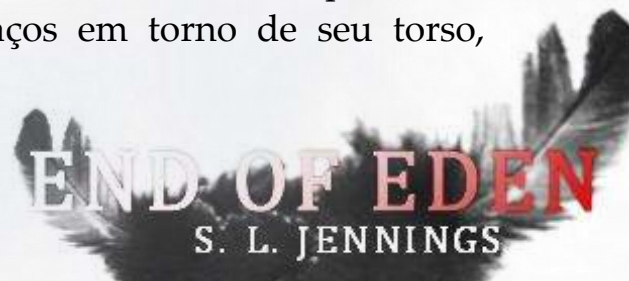
O quarto está escuro quando entro, salvo a fina faixa de luz que irradia por baixo da porta do banheiro. O chuveiro está ligado, e nuvens de vapor atravessam a fresta abaixo da porta de madeira. Eu levanto meu punho para bater, mas penso melhor. Em vez disso, simplesmente abro a porta e entro.

Mesmo sua silhueta borrada é espetacular através do vidro embaçado, e tenho que parar um momento para simplesmente admirá-lo. Com a cabeça inclinada em contemplação e o braço pressionado contra a parede de azulejos, ele tira meu fôlego. E, com o vapor intensificando seu perfume inebriante, sinto-me tonta com a necessidade de tocá-lo, abraçá-lo. Estou praticamente dolorida pelo impulso irresistível de correr meus dedos sobre sua pele molhada, de recolher todas as pequenas gotas em sua pele com minha língua. E por que o controle dos impulsos nunca foi coisa minha, encontro-me tirando minhas roupas e deslizando a porta de vidro um segundo depois.

Ele levanta a cabeça, seus olhos cansados me olhando através do jato de água quente. Quando ele abre os lábios para falar, gentilmente escovo sua boca sensual com o polegar enquanto acaricio sua mandíbula com os dedos.

—Sinto muito. Eu não deveria ter falado nele. Estou assustada, L. Tenho medo, e não quero que você ou qualquer outra pessoa se machuque.

Ele balança a cabeça e desvia-se do meu toque, deixando para trás apenas a sensação gelada de rejeição. Eu não desisto, porém. Ao contrário, pressiono minha frente às suas costas e passo meus braços em torno de seu torso,



segurando-o tão apertado junto ao meu peito quanto posso suportar. Seus músculos tensos relaxam um pouco quando ele exala, e eu fecho meus olhos, apoiando meu rosto em suas costas e ouvindo os sons de sua respiração, guardando cada um em minha memória como se fosse o ritmo da minha música favorita.

—Eden... — Meu nome é um gemido surdo em seu peito, vibrando através de seu corpo. O sinto contra mim... dentro de mim.

Ele quebra meu abraço e lentamente se vira para mim, sua expressão sombreada por seu cabelo escuro e molhado. Eu olho para ele, meu coração batendo em antecipação. Ou ele vai me dizer para sair, ou vai me empurrar contra a parede e posicionar minhas coxas em torno de sua cintura. Estou orando pelo último.

Legion pega ambos os lados do meu pescoço com as mãos.

—Você não confia em mim o suficiente para saber que eu morreria por você? Mataria por você? Isso não é suficiente?

—É. Você é suficiente, do modo como for, — eu respondo em um soluço rachado antes de me inclinar para frente e pressionar meus lábios suavemente em seu peito bronzeado. —Você é, L. Você é o suficiente.

Repito o mantra uma e outra vez entre beijos, começando em seus peitorais, e, em seguida, curvando-me para lambe e brincar com seu abdômen. Eu fico de joelhos, ansiando por mais de seu gosto, e ele geme alto quando o pego com a boca... e engulo tudo dele.

—Eden, — ele geme, carinhosamente tirando o cabelo molhado do meu rosto. —Deus... Eden. *Porra.*

Seu show de aprovação me motiva a chupar um pouco mais duro, a engoli-lo um pouco mais profundamente. Volto para a ponta de seu sexo lentamente, usando minha língua para desenhar círculos acima de seu pau. L engasga, e seu aperto em meu cabelo aumenta. Olho para cima e observo sua cabeça jogada para trás e sua outra palma apoiada na parede de azulejos.

Eu pego o ritmo e agarro a bunda de L quando ele começa a foder minha boca. Toda vez que gemo em torno dele, ele empurra, suas coxas flexionando com a sensação. Eu sei que ele está perto. Ele parece maior, mais grosso. Aplico mais pressão com minha língua, persuadindo seu orgasmo e, em seguida, bebo cada gota dele.

Mal o solto antes de L se abaixar e me levantar, pressionando-me contra a parede do chuveiro. Ainda incrivelmente duro e pulsante, ele empurra para dentro de mim, me penetrando mais profundamente do que já o senti. Eu o acolho dentro de mim, minhas paredes apertando e contraindo a cada estocada. Estou tonta. O quarto está girando. Meu coração está batendo tão rápido e duro que acho que pode sair do meu peito a qualquer segundo.

Eu explodo de dentro para fora, um milhão de diamantes multicoloridos caindo em câmera lenta em torno de nós. Com o rosto de Legion enterrado em meu pescoço, o sinto estremecer e grunhir seu próprio orgasmo com bruscos e rasos golpes. Eu escovo seu cabelo com os dedos trêmulos e beijo sua cabeça, apreciando sua vulnerabilidade enquanto ele desce de sua pesada nuvem de êxtase.

Esta parte é fácil. Amá-lo... fodê-lo... é fácil. É por isso que somos tão bons nisso. A outra merda, porém, a parte em que nos desnudamos até os ossos e somos completamente honestos um com o outro, essa é a parte mais difícil. São as coisas que não dizemos que vão nos matar.

Ele me coloca de pé e nós silenciosamente nos lavamos e enxaguamos. Depois que L desliga a água, ele sai, seu corpo todo molhado, e abre uma toalha para mim.

— Obrigada.

— De nada. — Ele me envolve em uma toalha morna e suave, pegando as extremidades da mesma e passando-as ao longo das minhas bochechas para secar as gotas correndo do meu cabelo. Um gesto tão terno. Um mês atrás, eu mal podia fazê-lo olhar para mim sem rosnar. Agora, o próprio pensamento de estar longe de seu toque me enche de pavor.

Devo dizer-lhe como me sinto, antes que seja tarde demais; nós podemos não ter outra chance como esta. Mas, quando olho para ele com meus olhos arregalados e a procura de algo - qualquer coisa - que prove que ele sente o mesmo, não consigo encontrar as palavras. Porque, no final do dia, eu ainda sou uma menina boba e teimosa que é muito peculiar para o meu mundo, e muito humana para o dele. E ele ainda é um anjo caído que virou demônio em busca de redenção. Nós não nos encaixamos. Como poderíamos, quando o que nos uniu é a mesma coisa destinada a nos separar?

— O quê? — Ele brinca, lendo o desespero em minha expressão.



Diga a ele. Basta dizer-lhe, uma voz ecoa em minha cabeça. Antes que não possa fazê-lo nunca mais.

Eu balanço minha cabeça, dissipando o sussurro fantasma. —Nada. Não é nada.

L levanta uma sobrancelha em suspeita. —Nada.

—Eu estava pensando sobre...

Mas a voz em minha mente não quer ser ignorada. Ela ruge mais alto em minha cabeça, pedindo, implorando.

Você não tem tempo suficiente. Diga-lhe agora, enquanto ainda pode.

Eu engulo a loucura que tenta percorrer o caminho até minha garganta, sufocando a verdade, e balanço a cabeça novamente.

—Só estava pensando que estou com fome. Quer que eu faça alguma coisa?

Uma pequena carranca aperta o espaço entre as sobrancelhas de L por apenas um segundo antes dele se afastar, pegando sua própria toalha.

—Certo.

Ele abre a porta do banheiro e avança para o quarto, levando o calor úmido consigo e deixando-me com nada além do surpreendente frio que embala a voz do espectro em minha cabeça.

Covarde.

—Eu sei, — sussurro sob minha respiração. —Eu sei.





VINTE E SEIS

Eu pensei que a possibilidade de mover minha irmã para a sede do Se7en seria recebida com intensa resistência por parte de Cain, mas, na verdade, a ideia partiu dele.

E isso não me caiu nada bem.

Claro que a ideia fazia sentido: eles têm um centro médico totalmente equipado, bem como um médico, além do complexo ser mais seguro do que o Fort Knox e mais difícil de encontrar que a Área 51. Havia também, claro, o fato de eu querê-la perto de mim, especialmente depois de sofrer um ataque tão traumático e a perda de seu namorado em um único dia.

No entanto, não esperava que Cain agisse assim... tão atento a ela. O frio e impetuoso Cain não tinha deixado o lado da minha irmã desde aquela tarde fatídica há três dias.

E minha irmã não tinha mandado-o embora, também.

—Espero que você fique confortável aqui, — digo a ela com calma. Transportá-la, com suas queimaduras enfaixadas e ossos quebrados, exigiu muito de sua força. Além disso, Phenex teve que dar-lhe uma boa quantidade de analgésicos para que eles pudessem esgueirá-la sem alarmar a equipe de enfermagem. Eu honestamente não sei como ela ainda está consciente.

—Você está brincando? — Ela sibila, dando-me um sorriso sonolento. — Eu poderia fingir estar machucada apenas para não ter que sair.

—Você pode ficar o tempo que quiser, Mary, — Cain garante suavemente. Eu nunca o ouvi usar esse tom de voz, todo suave e calmo e merdas assim. Eu, ele queria rasgar apenas por respirar. Mas com minha irmã, ele é dócil como um gato doméstico.

Eu. Não. Gosto. Disso.

Quero dizer, com certeza estou emocionada que o Se7en foi nada mais que gracioso e compreensivo sobre a mudança de minha irmã para sua própria proteção. Andras até mesmo contribuiu, transformando a enfermaria em um quarto Zen de luxo, fazendo-o parecer menos frio e estéril ao adicionar algumas cores mais ricas, iluminação suave e uma cama de hospital top de linha, coberta com os mais suaves lençóis e cobertores conhecidos pelo homem. Os caras também trouxeram uma TV tela plana, frigobar e uma abundância de livros e revistas para mantê-la ocupada. Lilith ajudou muito também, e eu nem sequer fui uma cadela sobre isso.

Mas, mesmo que eu aprecie todo o esforço que fizeram para deixar minha irmã confortável, não estou entusiasmada com essa nova conexão que ela arrumou com Cain.

É compreensível, com certeza. Ele estava lá quando ela recuperou a consciência. E, uma vez que ele lhe explicou tudo que tinha acontecido - "*nas primeiras vezes, ela xingou e foi induzida ao sono por morfina*" - e eu confirmei por telefone, ela olhou para ele como seu anjo da guarda, cicatriz feia e tudo. Eu sei que ela e eu temos muito a discutir, mas até que sua condição melhore, tudo que quero que ela faça é se concentrar em ficar melhor.

Phenex mexe nas configurações da iluminação e escurece-a para um brilho âmbar depois de verificar o IV de Mary.

—Vamos deixá-la descansar, — sugere ele, usando sua voz de médico. — A viagem provavelmente não foi o melhor para sua capacidade pulmonar limitada e lesões, e eu não a quero tentando falar.

—Estarei bem aqui. — Cain se joga na poltrona luxuosa que pediu para Andras incluir em suas remodelações, e pega uma revista.

Sério?



Phenex encolhe os ombros, o canto da boca se inclinando em diversão resignada. Eu não compartilho o sentimento, porém.

— Vou voltar daqui a pouco para verificar nossa paciente, — Phenex anuncia antes de fechar a porta atrás de nós. Uma vez que estamos no corredor, eu finalmente o encaro inquisidoramente. — Oh, poderia ser pior.

— Como? Como poderia ser pior?

— Bem... — Phenex esfrega a parte de trás do pescoço. — Ele poderia tratá-la como trata você.

Cruzo os braços na frente do peito e retruco. — Sim, eu gostaria de ver isso acontecer.

Mary iria cortá-lo em pedaços.

— Então, acho que você deveria ficar feliz por ele ter se interessado por ela. 95% da atitude de Cain nasce de uma necessidade de proteger a si mesmo. Com Mary, ele não tem de projetar esses sentimentos amargos, porque sente que ela precisa de proteção. Mesmo à custa de sua própria vulnerabilidade.

— Mas... mas... Cain? — Eu contraio meu rosto em uma careta. — Por quê?

Phenex coloca uma mão suavemente em meu ombro. — Sua irmã acaba de sofrer algo inimaginável, que deixou seu corpo quebrado e sua pele queimada. Ela perdeu um bom bocado de cabelo e pode nunca mais ter a mesma aparência. Talvez sua percepção de beleza tenha mudado ao longo dos últimos dias, então você deve dar-lhes uma pequena folga.

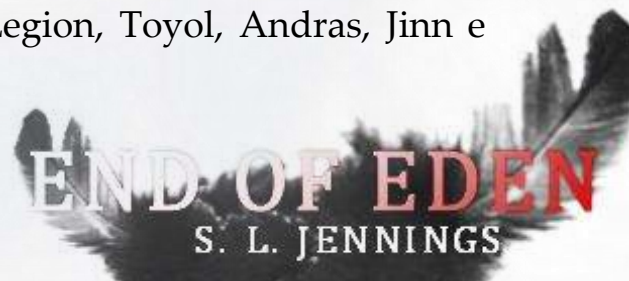
Suas palavras são como uma marreta em meu ego, e eu imediatamente abaixo minha cabeça com vergonha. — Você está certo. Sinto muito. Não posso acreditar que pude ser tão auto absorvida. O que ela está passando... Eu entendo por que ela iria procurar conforto nele. Sou grata por ele. Honestamente.

— Bem, não deixe que ele te ouça dizer isso, — Phenex ri antes de soltar meu ombro.

— Por que não?

— Porque ele ainda gosta de insultá-la, e isso só lhe daria mais munição.

Com Cain como guarda-costas pessoal da minha irmã, Phenex dispensando-lhe cuidados como um relógio e Legion, Toyol, Andras, Jinn e



até mesmo Lilith trabalhando horas extras para cobrir as faltas, descubro eventualmente que tenho um monte de tempo para mim mesma. Eles estiveram monitorando a cidade atrás de qualquer atividade potencial de um Serafim, ao mesmo tempo em que trabalham com Crysis para descobrir a identidade do terrorista. E, como a mim só resta permanecer confinada ao apartamento, estou entediada a ponto de enlouquecer.

Vou para o quarto de Legion e pego o livro que estive lendo pelos últimos dois dias. É uma história fascinante de uma jovem que é capturada por um homem que tem a intenção de matá-la. No entanto, ela acaba se apaixonando por ele, apenas para perceber que realmente tem estado apaixonada por ele por toda sua vida. Engraçado como a arte imita a vida. Pelo menos a minha vida, de qualquer maneira. De muitas maneiras, eu estive ligada a L desde o dia em que nasci. Tendo vinte e dois ou sessenta e dois, lutar contra o inevitável nunca foi uma opção.

Depois de alguns minutos de luta para me concentrar nas palavras, mesmo quando minha cabeça se encontrava muito consumida com um fluxo interminável de ‘porquês e ses’, fecho o livro e solto um suspiro frustrado.

—Você sabe... você é mais útil do que pensa, — uma voz aveludada diz ao meu lado.

Eu suspiro e quase caio para fora da cama, olhando para cada pequeno canto enquanto me debato, parecendo uma idiota. Quando finalmente consigo ficar de pé, meus olhos em pânico correm pelo quarto.

—Como diabos você entrou aqui? — Eu sussurro, sem querer alarmar os outros.

O que é estúpido. Eu deveria estar em pânico. Deveria estar gritando por socorro. No entanto, eu não estou.

Lúcifer cruza os tornozelos e descansa as mãos atrás da cabeça, confortavelmente se esticando na cama. —Eu vou onde você estiver, gatinha. Estou sempre contigo. Estou em você. Tudo que você tem que fazer é pensar em mim.

—Eu não estava pensando em você. — Cruzo meus braços na frente do meu peito em defesa.



—Tem certeza? Assim como não estava pensando em mim enquanto o pau de Legion era empurrado para dentro de você? Você realmente é uma péssima mentirosa.

Meu rosto fica tão quente que eu juro sentir vapor saindo dos meus ouvidos. —Saia. Agora.

—Você não quer me perguntar algo primeiro? — Ele levanta uma sobrancelha curiosa.

—Não.

—Tem certeza? Você não quer saber se eu tive alguma coisa a ver com o atentado ao edifício de sua irmã? — O canto de sua boca lentamente sobe em um sorriso.

—Você não teve, — eu digo, desafiando-o a mentir.

—Correto. Mas você não está curiosa para saber se eu sei quem foi?

—Se você queria que eu soubesse, já teria me dito.

—Talvez. Talvez não. Talvez eu precise ser convencido.

—Existe um ponto em tudo isso? Ou você apenas vai continuar com as perguntas?

Eu rolo meus olhos e solto um suspiro frustrado. Lúcifer e seus joguinhos. Ele quer que eu sinta que preciso dele. Como se ele pudesse me dar algo que ninguém mais pode. Sexo. Poder. Informação. Seu ego é um gato doméstico gordo que constantemente precisa ser afagado.

Lúcifer agilmente pula da cama, seu terno escuro sem nem mesmo uma ruga. —Você já deveria saber que há sempre um objetivo para a minha loucura, Eden. Assim como havia objetivo em enganar você para ir para o inferno comigo: nada que eu faço é sem razão. E, enquanto eu não vou te dizer quem está por trás do ataque, vou deixá-la com este pequeno presente: faça-os olhar para as imagens daquele dia. Estude-as. Eles estão no caminho certo, mas estão perdendo uma pista muito importante.

—Você não acha que nós já fizemos isso? É tudo a mesma coisa, — eu insisto, jogando minhas mãos para cima.

—Tem certeza? Sua irmã sobreviveu. O namorado dela não. Estranho.



—Porque ela estava dentro do apartamento, e Legion tinha reforçado as paredes para proteção. Ben tinha acabado de sair do elevador, e estava caminhando para o apartamento. Se ele tivesse entrado, provavelmente teria sobrevivido também. Mas ele encontrou uma vizinha... uma mulher idosa... e segurou a porta do elevador para ela. Trinta segundos. Se ele tivesse chegado ao apartamento trinta segundos antes, ainda poderia estar vivo. Mas ele fez a coisa certa. — Eu balanço minha cabeça e olho para o chão. —Isso soa tão egoísta. Todas aquelas pessoas que morreram... pessoas boas. Pessoas inocentes. Nenhum deles merecia isso.

Lúcifer caminha ao redor da cama e para apenas há um pé de onde estou. Ele não me toca, e eu não sei como me sinto sobre isso.

—Esta... culpa. Não é sua para carregar. Ao tomar você e tentar escondê-la, enviei uma mensagem muito forte, uma que foi retribuída a altura. Por isso, peço desculpas. No entanto, era a sua vida ou a deles. E eu escolhi você. Eu sempre escolherei você, Eden.

—O quê? — Eu atiro de volta, meu rosto contorcido em desgosto. —Você sacrificou todas aquelas pessoas inocentes por minha causa? Você sabia que, quem diabos eles sejam, buscariam vingança? Por quê? Como pode fazer algo assim?

—Simples, — ele dá de ombros. —Você me intriga. Porque você acha que ainda está viva? Se eu não tivesse interesse em proteger meu investimento, teria lhes deixado ter sucesso quando vieram atrás de você pela primeira vez.

—O quê? — A palavra é um sussurro sufocado.

Lúcifer desvia seu olhar deslumbrante e mastiga o lábio, a primeira demonstração de qualquer coisa parecida com relutância que já vi nele desde... bem, nunca.

—Você se lembra de quando o Estado a levou, Eden?

Eu reflito. O que isso tem a ver com alguma coisa? —Claro que me lembro.

Ele balança a cabeça. —Havia uma família disposta a adotá-la quase imediatamente... mas eu fiz com você fosse colocada em uma casa segura, e embaralhada ao redor do sistema.



—Que... o quê? Por quê? — Eu gaguejo, minhas palavras curtas e rajadas de confusão. Por que ele faria isso, roubando-me a chance de ter uma família real?

—Porque aquela família não era humana. E você não teria sobrevivido à noite. Então, dei-lhe apenas um pequeno impulso, um empurrãozinho. Fiz você atacar os conselheiros que tentaram ajudá-la. E quando eles te detiveram, eu dei-lhe a força para combatê-los. — Ele se vira para mim, aqueles olhos assombrosos da cor do céu noturno salpicado de estrelas, sombreados com seriedade. — Você foi rotulada de '*criança problemática*'. Nesse ponto, você era apenas mais um rosto sujo para o Estado ignorar. E foi assim que eu pude continuar cuidando de você.

Eu lembro. Eu sempre tentei permanecer sob o radar, e as vezes fui até excessivamente dócil, para que as pessoas não suspeitassem que havia maldade dentro de mim. Quando ataquei as pessoas que tentaram me ajudar, não entendi porque tinha agido dessa maneira. Eu não estava com medo: estava aliviada. Todo esse tempo pensei que meu medo irracional resultasse da raiva reprimida pela minha mãe. Pensei que anos de negligência tinham finalmente cobrado seu preço.

—Você fez isso?

—Sim, — ele concorda. — Uma vez que eles colocassem as mãos em você, eu sabia que não seria capaz de detê-los. Era tudo que podia fazer sem travar uma guerra santa na Terra. Mas eu não podia deixá-los... não podia deixá-los tê-la.

—E Legion...? — Considerando como ele se sente sobre seu irmão distante, eu não ficaria surpresa se ele o acusasse de participar de toda essa farsa.

—Inconsciente. Ele estava tão apaixonado por você que não viu o que estava acontecendo. Seu anseio por Adriel o tornou descuidado. Você foi a próxima melhor coisa que lhe aconteceu.

E simples assim, o clima muda. Adriel.

—Legion não sabia que Adriel tinha invadido meu corpo até que me salvou.

—Tem certeza? — Ele sorri maliciosamente, fazendo com que o cabelo na parte de trás do meu pescoço se arrepie. — Você não acredita realmente nisso,

não é? É por isso que está aqui falando comigo, em vez de conversando com ele. Por que você acha que não consegue dizer a ele que o ama, Éden? É porque você não confia nele totalmente.

Eu balanço minha cabeça, tentando me livrar da confusão que Lúcifer causou. — Você está errado. Você, você não sabe de nada. Eu confio nele. Muito mais do que confio em você.

Ele dá de ombros. — Pense como quiser. Ou melhor ainda, pergunte a ele.

— O que essa gente quer de mim, de qualquer maneira?

— A mesma coisa que sempre ocupou os pensamentos de Legion: Adriel. Não é como se eles quisessem vê-la morta; eles apenas querem Adriel de volta.

Lúcifer lê as perguntas piscando em meu rosto antes de dar um passo em frente, ocupando meu espaço. Estou atordoada demais para afastá-lo. — Verifique as fitas. Legion sabe das coisas - assim como eu. Lembre-se, nós caímos juntos.

Eu pisco. — Por que você está me contando tudo isso?

Sua respiração é quente e sua voz suave, como o sussurro de uma brisa de verão. — Porque às vezes o silêncio é tão perigoso quanto a vingança.

Com isso, ele dá um passo para trás, e se vai.

Eu nem sequer tenho oportunidade de tomar um fôlego para substituir o que Lúcifer roubou antes da porta do quarto se abrir. Legion está ali, com a testa franzida em ceticismo.

— As fitas de vigilância, — digo sem preâmbulos. — Precisamos assisti-las de novo.

Legião deixa a cabeça cair para um lado. Seus lábios se abrem como se ele estivesse tentando perguntar o que diabos eu estou falando da forma mais suave possível, mas eu lhe poupo o trabalho, me arriscando a sua ira.

— Lúcifer. Ele falou comigo... *fala* comigo, — eu explico, meu tom cortante. — Eu acho que sei qual foi a origem da bomba.



VINTE E SETE

Felizmente, era exatamente o que eu pensava.

Infelizmente, era exatamente o que eu pensava.

Ben não era a fonte da bomba. Ele *era* a bomba.

O pequeno dispositivo que o Se7en tinha recuperado tinha sido implantado nele, talvez até dentro dele. E quem o colocou lá tinha apostado que ele entraria no apartamento antes que fosse detonada, matando a si mesmo e minha irmã. Além deles, se tudo tivesse ocorrido de acordo com o plano, teria havido perda mínima de vida. O edifício teria sofrido uma boa quantidade de danos e ainda haveriam lesões estruturais, provavelmente, mas as paredes reforçadas teriam contido a explosão. O objetivo não era matar tantas pessoas inocentes, apenas os dois.

Mas Ben era um bom rapaz. E quando viu sua vizinha idosa correndo para pegar o elevador, ele o segurou para ela, acrescentando trinta segundos à sua rota.

Trinta segundos menos, e ele teria entrado no apartamento, e teria beijado minha irmã ao chegar.

Trinta segundos e eu teria perdido a pessoa mais importante da minha vida, a única responsável por eu não ter vivido completamente no escuro.

—Foda-se, — Crysis cospe. Ele reproduz o vídeo na tela de seu telefone pela terceira vez antes de soltar outra maldição. —Porra, porra, porra.

—Esse é o consenso, — L murmura.

Estamos no mesmo restaurante de antes, e a mesma garçonete está no antigo balcão.

—Você tem certeza que ele está morto? — Pergunta Crysis.

Legion dá de ombros. —Não sei como poderia ter sobrevivido. Não sobrou muito dele, honestamente.

—O DNA confirma isso?

Um aceno de cabeça. —No vídeo, ele está em um ponto cego quando a bomba é detonada. Foi assim que perdemos o fato dele ser a fonte. Temos que assumir que foi coincidência.

Crysis recarrega o vídeo novamente. —E você tem certeza que Mary era o alvo?

—Isso é o que parece.

—Foda-se, — Crysis amaldiçoa, passando a mão pelo cabelo loiro.

—O que tudo isso significa? — Eu questiono, sem entender. Nós já sabíamos de tudo isto que eles continuam discutindo.

—Ben tinha uma consulta médica naquela manhã, — Legion explica, virando-se para mim. —Isso explicaria como o dispositivo foi implantado nele ou sobre ele. No entanto, a julgar por seu comportamento, ele não lembrava de nada. Alguém deve ter limpado a mente dele.

—Alguém como quem?

—Há apenas alguns seres com o poder de fazer algo assim, e nesse grupo incluem-se os anjos, — Crysis entra na conversa. Ele então desliga o dispositivo móvel e o enfia no bolso e, tamborilando os dedos sobre a mesa em contemplação, diz: —Existem alguns membros da Aliança que acreditam que os anjos uma vez falaram com homens santos, aqueles de fé e devoção inabalável. Eles alegaram serem os anjos que os instruíam a capturar e torturar os *chamados*. Alguns de nós ainda acreditam que foram os anjos que sussurraram em seus ouvidos, dizendo-lhes que a chave para salvar a humanidade estava nas profundezas de seu córtex cerebral, e que a única

maneira de entrar nele exigia medidas extremas. Medidas terríveis. A Aliança dos Ordenados estava em risco de ser exposta ao público, e tudo o que tinha sido feito seria destruído. Então, cada líder de todas as religiões se reuniu, e, juntos, fizeram uma varredura completa. Toda a liderança foi banida. A maioria desapareceu da face da Terra. Isso foi há mais de vinte anos.

—Então você acha que algo assim poderia estar acontecendo de novo? — Puta merda. Eu não queria acreditar que anjos pudessem estar por trás de tal maldade, mas todos os sinais pareciam apontar para eles. O que significa que é apenas uma questão de tempo antes que eles ataquem novamente, antes de termos que enfrentar os mais fortes seres existentes depois do próprio Deus.

Como poderíamos vencer?

—É possível. Significa... o que significa que você sabe quem está por trás disso, — murmura Crysis, seu olhar sombrio fixo em sua xícara de café frio. — E eu também: Rev.

—O quê? — Minha voz quebra em minha garganta. —Meu... meu pai? Mas tudo o que ele disse sobre me proteger... sobre como entendeu quão importante minha irmã é para mim... por que ele faria isso?

—Ele pode acreditar que está salvando sua alma, — Legion sugere. — Anjos, especificamente os Serafins, são criaturas de verdade e luz. São a mais preciosa criação de Deus, são perfeitos. Ser guiado por um é considerado um grande presente, enviado pelo próprio Todo-Poderoso. Seu pai pode acreditar que este é o plano de Deus.

—Matar sua própria filha? — Eu grito sem nenhuma preocupação com a garçonete humana de pé a poucos metros de distância. —Depois de me abandonar por vinte e dois anos, ele acha que a coisa lógica a fazer sobre nosso reencontro é matar a única família que eu já conheci, para que posso eventualmente me matar também? Por que ele faria isso?

Mas eu já sei a resposta. Eu sabia o tempo todo. E o conhecimento lancinante da verdade me faz empurrar o ombro de Legion, pedindo-lhe para me deixar sair da cabine.

—Eu preciso sair daqui, — falo, empurrando seu bíceps duro. Estou usando todas as minhas forças, mas ele mal se move. —Por favor, L. Eu só quero sair.



—O que está acontecendo, Eden? — Ele desliza para fora da cabine, mas bloqueia meu caminho.

—Só preciso de um pouco de ar. Mova-se. *Por favor.*

Ele finalmente fica de lado, e eu apressadamente caminho para a saída, sem parar até que estou sugando o ar gelado em meus pulmões, minhas costas pressionadas contra o tijolo polvilhado de geada do bar.

Eu quis tanto acreditar nele. Todo esse tempo em que ele esteve ausente da minha vida, eu sempre esperei conhecê-lo... ter um *pai*. Merda, ter apenas um pai teria sido bom o suficiente para mim. Eu sou tão estúpida. Deveria saber melhor. Uma mãe viciada em drogas e um pai que só voltou para a minha vida para traçar minha morte, enquanto quase mata minha irmã adotiva no processo. E tudo pelo quê? Adriel? Um anjo caído que não pode deixar seu ex em paz?

Estou tão cansada dessa merda. Esta não é a vida dela; é a minha. No entanto, cada vez que me viro, algo vai à merda por causa dela. Talvez haja uma maneira... uma maneira de extraí-la do meu corpo de uma vez por todas. O Serafim quer Adriel, e sua trupe está disposta a usar a Aliança para recuperá-la a qualquer custo. Eu deveria apenas dar-lhes o que eles querem e evitar mais derramamento de sangue, e tentar recuperar minha vida no processo.

—Eu sei no que você está pensando. — A voz de Legion está apenas a alguns centímetros de distância, perfurando através das minhas reflexões torturadas. —Você acha que ele a usou.

—Eu sei que ele me usou, —digo, tentando disfarçar as lágrimas que entopem minha garganta.

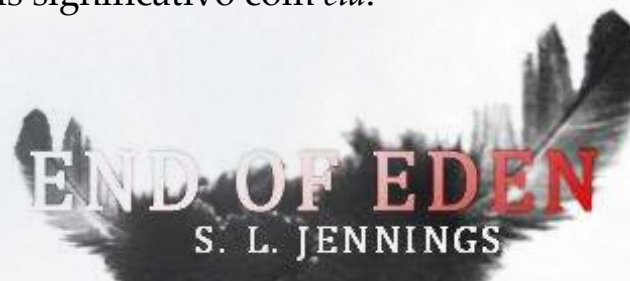
—Ele pode não saber, Eden. Os Serafins são poderosos. Ele pode honestamente acreditar que ouviu a voz de Deus.

—Então se eles não o tivessem influenciado... ele nunca teria me procurado? — O silêncio de L é a única resposta que preciso.

E eu odeio isso.

Odeio que ele não *me* veja.

Odeio que ele tenha algo mais profundo, mais significativo com *ela*.



E é justamente esse ódio, misturado com desespero, que me faz fechar a distância entre nossos corpos até que meu peito esteja nivelado contra o dele e nossos lábios estejam fundidos. Eu quero que ele *me* prove. Quero que ele *me* faça sentir. E quando eu separar minhas coxas e envolver seu pênis dentro de mim, quero que ele goze para *mim*.

Eu o beijo freneticamente, nossas línguas trancadas em uma violenta batalha pelo domínio. Ele afasta o meu frio com seu calor escaldante. Ele encontra a minha suavidade com sua dureza inflexível. Ele engole a minha loucura e me sustenta com sua estabilidade.

Quando ele se afasta, apenas o suficiente para me fixar com seu selvagem olhar prateado, pergunta: —O que foi isso?

Eu respondo puxando sua camisa, precisando dela longe, rápido. Sim, aqui mesmo, em temperaturas abaixo de zero e sob a lua crescente perolada, ao lado de um bar do lado errado da cidade, eu preciso dele como se precisasse de ar. Como se minha vida e minha morte dependessem dele.

—Eden, o que você está fazendo?

Eu desvio meu foco para o zíper de sua calça jeans. —Eu quero você. — Minha voz soa muito distante, como se fosse um eco da meia-noite. Oco.

Ele cobre minhas mãos com as suas, mas não me afasta. —Aqui fora? Alguém poderia nos ver.

Eu afasto suas mãos. —Então, deixe-os ver. Crysis ainda está aqui? — Outro puxão em seu cinto, e o couro grosso oscila de sua cintura.

Um flash de fúria ilumina seus olhos. —Ele se foi.

—Bom.

—Eden... deixe-me levá-la para casa.

—Não. Eu preciso de você, agora. — Então olho para ele com olhos suplicantes e vidrados de lágrimas. —Por favor? Apenas... por favor?

Legion me olha por longos e torturantes segundos, com o cenho franzido em perplexidade. Mas então o fogo abrasador queima meus pulsos e eu vejo no ar, observando tijolo e concreto em manchas borradas de vermelho e cinza. Minhas costas colidem com a parede gelada com força suficiente para bater meus dentes. Minhas pernas enrolam ao redor de sua cintura, e eu posso sentir sua pulsante dureza coberta pelo jeans contra meu sexo ansioso. Sua

boca está cobrindo a minha, me alimentando com calor e loucura, e esmagando minha sanidade mental com cada movimento deliberado de sua língua. Ele mói em meu centro, e o atrito da minha calcinha esfregando contra minha boceta inchada envia uma dor de cima a baixo das minhas coxas, irradiando para minha barriga.

Eu chego entre nós e o liberto de sua calça, ao mesmo tempo que ele trabalha no zíper do meu jeans. Leva apenas alguns segundos para que ele me coloque de pé, tire minha calça e me gire, de modo a pressionar meu peito contra o tijolo frio. Finalmente, com um gemido que ressoa em seu peito, bem como no meu, ele empurra para dentro de mim por trás. Eu estico as costas e respiro, minhas mãos puxando o cabelo de sua nuca enquanto ele bombeia para dentro de mim furiosamente, fazendo com que a pressão em torno do nó em minha barriga pulse descontroladamente. Eu o sinto... o sinto lá. Crescendo, latejando, vivendo, morrendo.

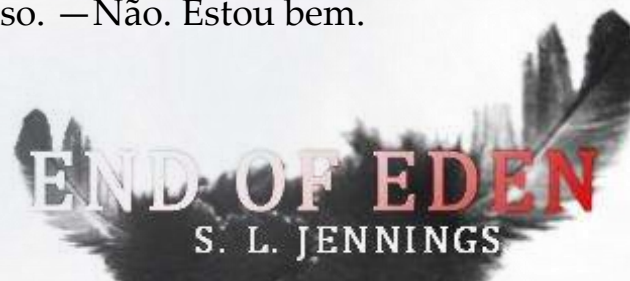
Ele não fala comigo. Não perguntar se estou gostando. Ele só me fode contra a parede de um beco como a besta selvagem que é. E eu amo cada segundo disso. Porque agora, agora ele está transando com a Eden. Ele não está fazendo amor com o anjo que amou tanto a ponto de trocar o favor de Deus por um bilhete só de ida para o inferno. Não, agora ele está fodendo a menina rebelde com um alvo em suas costas, a mesma que acabou de saber que sua última esperança de ter um pai real era tudo mentira.

Eu gozo como uma tempestade, chovendo violência e paixão. Legion segue logo atrás, com o rosto enterrado na curva do meu pescoço. Eu o aperto em mim, tentando absorver seu calor, deleitando-me com seu cheiro de terra queimada e jasmim da meia-noite e fogo. Seu nome canta em meu sangue, esculpido em meus ossos até a medula. Eu o quero gravado por todo o meu corpo.

A estranheza paira como uma nuvem densa quando ele puxa para fora. O frio pica pequenos arrepios em minhas coxas nuas e bunda, embora Legion rapidamente se abaixe para puxar minha calça jeans de volta sobre meu corpo. Ele não olha para mim, embora eu não possa afirmar com certeza, considerando que também não olho para ele.

— Com fome? — Pergunta ele depois de se endireitar.

Eu aliso meu cabelo e lhe dou um sorriso tenso. — Não. Estou bem.



—Bom. Devemos ir para casa.

Ele pega a minha mão, entrelaçando nossos dedos, e me leva para longe do beco. Embora ele tenha estado dentro de mim a poucos minutos atrás, o ato pareça desconfortavelmente íntimo.

—Eden? — Ouço uma voz que é obviamente feminina, embora rouca, como se sua dona tivesse chorado. Ou gritado.

Eu olho para a minha esquerda, e vejo uma mulher pequena, magra. Sua pele é pálida, e seu cabelo marrom é longo e reto. Suas roupas estão limpas e arrumadas, embora sejam simples. Ela dá um passo adiante e cobre a boca com uma mão frágil, trêmula, segurando um soluço.

—Oh meu Deus, é você, não é? É você.

Reflexivamente Legion me puxa para trás, protegendo meu corpo com o seu.

—Quem é você?

A mulher continua como se nem sequer visse a montanha de músculos bloqueando seu caminho. —Faz tanto tempo... muito tempo, menina. Olhe para você... toda crescida. Você está linda.

Todos os pensamentos coerentes viram cinzas em minha cabeça, deixando um gosto de confusão amargo em minha língua.

—Vou perguntar de novo... Quem. É. Você?

Noto um movimento com o canto do olho e, em seguida, o reverendo Joshua Harris aparece, esgueirando-se ao lado da pequena mulher que continua olhando para mim como se tivesse visto um fantasma. E agora eu sei exatamente como ela se sente, pois estou vendo um fantasma também.

—Sua mãe, — ele anuncia, assim que somos cercados por uma dúzia de agentes armados e vestidos de preto. A aliança. —Não se mova; não quero que você se machuque, Eden.

Mas já percorremos esta estrada antes. Legion só vai levar um segundo para calcular quantos pode abater antes que os restantes tenham o bom senso de recuar. Ele é muito rápido para ser abatido. Na verdade, ele poderia derrubar todos eles, sem suar.



Mas, eu estou aqui. E minha mãe também. A mulher que, literalmente, tentou me arrancar de seu ventre. A mulher que esqueceu de alimentar-me, banhar-me, vestir-me. A mulher que tentou me afogar para purgar o mal da minha alma.

Ela está chorando, como se cada um de seus pecados fosse uma chicotada sangrenta em suas costas. Eu a vejo desmoronar com a perspectiva de morte em meus olhos, mas sou insensível ao sofrimento dela, assim como ela foi alheia ao meu, anos atrás.

Ainda assim... não posso vê-la morrer. Mesmo que ela fique feliz em finalmente poder desempenhar o papel principal em minha morte, eu não sou como ela. Não sou nada parecida com ela.

Com minha mão ainda segurando forte a de L, eu dou-lhe um aperto, e quando ele rapidamente pouisa seu olhar de fogo em mim, eu sutilmente balanço a cabeça. Ele poderia abrir nosso caminho; ele está armado até os dentes, para não mencionar que poderia simplesmente roubar uma das muitas armas apontadas para nós. Mas ele não teria sucesso sem consequências. E já houve muitas consequências sangrentas nos últimos meses.

Rev agarra delicadamente o braço de minha mãe, logo acima do cotovelo e, lentamente, orienta-a para frente, para onde L e eu estamos de pé. — Nós só precisamos conversar, Eden, — ele diz. — Ninguém tem que se machucar.

— Se você só quer falar, por que tem armas apontadas para nossas cabeças? — Pergunto.

— Só por precaução. A reputação de seu amigo o precede. — Ele está parado há uns bons três metros longe de nós.

— Bem. Vamos conversar. Mas o deixe ir.

— Não, Eden.

— Desculpa, amada. Você sabe que não posso fazer isso. Além do mais, tenho a sensação de que ele não sairia do seu lado, mesmo se o deixasse livre. Especialmente depois que ele descobrir o que podemos fazer... por vocês dois.

Olho para Legion. — E o que vocês podem fazer?

— Sua vida, sua verdadeira vida, — explica Rev. — A vida que você estava destinada a ter antes do mal levá-la para longe de você. E Legion poderá ter o que realmente quer. O que esperou um milênio para ter.



As costas de Legion endurecem, o olhar feroz em seu rosto desfigurado pelo pânico. — Eden, não dê ouvidos a ele...

Eu olho para longe de L, e viro meu olhar duro para Rev. — Como?

— Há uma maneira... nós temos trabalhando nela há um tempo agora, para ajudá-la. Para salvá-la. Veja como transformamos sua mãe, — diz ele com orgulho. — Apenas alguns meses atrás, ela estava tão viciada em anti-psicóticos que não conseguia nem mesmo dizer-nos seu próprio nome. Agora, ela está totalmente recuperada, livre da dependência em drogas. E está pronta para começar de novo... com você.

— É verdade, — minha mãe concorda. — Estou melhor agora. E tenho tanta coisa para compensar, baby. Estou tão, tão triste.

— Nós dois estamos, — Rev acrescenta. — Mas agora... podemos ser uma família novamente. Podemos fazer o certo desta vez.

Uma família. Uma vida. Soa como um sonho. Um estúpido e mentiroso sonho quebrado.

— E se eu não for com vocês?

Rev suspira, como se nunca tivesse me imaginado recusando sua oferta de amor e união. — Bem... nós ainda podemos lutar contra seu companheiro demônio. E temo que não sejamos capazes de garantir sua segurança, nesse caso. Felizmente, podemos resolver tudo isso pacificamente. Eu quero que você seja feliz, Eden. Só queremos ajudar.

Legion aperta minha mão, chamando minha atenção. — Controle-os, — ele range entre dentes. — Faça, Eden. Agora.

Seria tão fácil, honestamente. Eu poderia entrar na cabeça de Rev e forçá-lo a instruir seus homens a baixar suas armas. Ou talvez atirarem um no outro. Eu já controlei mais de uma mente simultaneamente antes; talvez possa controlar todos eles agora. E então o quê? Fazê-los atacar uns aos outros? Enfiar o cano de suas armas em suas próprias bocas e puxar o gatilho?

Não.

Eu não posso.

E não posso porque sei que quero. Quero tanto. Quero flexionar meus músculos mentais e prejudicá-los só porque posso. Quero mostrar-lhes tudo

que é forte em mim. Quero que aprendam de uma vez por todas que é a mim que devem temer.

E, justamente por essas razões, sei que só há uma maneira de sair dessa. —Eu vou com você, — afirmo. —Mas você tem que deixá-lo ir.

Rev sorri, ignorando completamente o rugido de protesto de L. —Estou feliz em ouvir isso, Eden. Mas... sinto muito.

O estalo nauseante de aço contra osso atravessa meu crânio, o som tocando meu ouvido como um loop constante de morte. Legion cai bem à minha frente, seu corpo mole desmoronando como um castelo de cartas. Eu grito no exato momento que algo cobre minha cabeça, abafando meus gritos e obstruindo minha visão.

Mas ainda posso sentir o cheiro.

Sangue.

Sangue e madressilva.





VINTE E OITO

Nunca vi esse quarto antes, mas suponho que estamos em algum lugar abaixo da igreja. Posso dizer pelo cheiro... velas queimando nas colunas, pedra úmida, terra molhada... como um túmulo. Como o lugar onde lhe jogam quando tiver sido reduzida a pouco mais que uma carcaça podre, junto com alguns objetos pessoais com os quais nunca realmente se importou quando estava viva. Mesmo assim, acho que poderia encaixar mais porcaria inútil em um caixão do que dentro destas quatro paredes.

Estou trancada em uma espécie de quarto. Há uma cama de solteiro, um par de cadeiras e uma pequena mesa. Sem janelas. Nada para usar como arma. É praticamente uma cela de prisão. Mesmo a mesa e as cadeiras são aparafusadas no chão.

A porta range e abre, e Joshua Harris entra - meu pai, que depois de me ignorar por toda minha vida, de repente descobriu um grande interesse em minha mortalidade. Aquele que, mesmo quando eu sabia estar me usando de uma maneira ou de outra, ainda queria acreditar. Deus, como eu quis acreditar nele. Mas, meu otimismo de curta duração foi frustrado no segundo em que agentes da Aliança racharam a cabeça de Legion com o que parecia ser o martelo de Thor coberto com veneno de anjo.

Eu diminuo meu ritmo cardíaco e o encaro com olhar venenoso, concentrando toda minha energia em direção a sua mente.

—Diga-me onde ele está.

Rev tem a coragem de parecer entediado. Ele inclina a cabeça para um lado antes de dizer: —Ele está detido no momento, mas temo não ter liberdade para dizer-lhe onde.

—Diga-me agora, — eu ordeno, minha voz tremendo.

—Eden... minha querida, — ele suspira. —Venha. Vamos sentar e conversar um pouco. Há muito a falar.

Que.

Porra.

É.

Essa.

Percebendo meu senho franzido e a perplexidade em meus olhos, ele aponta uma mão para a pequena mesa e cadeiras ao lado.

—A compulsão do seu anjo não vai funcionar comigo, — explica ele, sentando-se. —Como você sabe, seu novo amigo, Crysis, tem dons muito originais. Dons que eu não exigi que ele compartilhasse conosco... até agora.

—Crysis? — Eu solto uma risada sarcástica, balançando a cabeça, antes de me estatelar na cadeira em frente a ele. —Por que não estou surpresa?

—Oh, ele não queria. Honestamente, estou mais do que um pouco decepcionado com ele. Ele provou ser desleal para com a Aliança, mas engenhoso. — Ele então toca um pingente que oscila em seu pescoço, e eu sinto a cor fugir do meu rosto. É um frasco cheio de uma substância vermelha escura. Sangue.

—Você o matou? — Minha voz é apenas o segmento de um sussurro.

—Não. Céus não. Nós nunca faríamos isso. Conheço Crysis quase toda a sua vida. Ele é como um filho para mim.

—Sim. E nós dois sabemos como você trata seus filhos.

Meus olhos são punhais mergulhados em veneno, e, mesmo sem o uso dos meus poderes, posso ver a forma como minhas palavras o afetam. Como



elas torcem seu estômago, fazendo seu temperamento se esvaír. Ele quer me dar um tapa no rosto e me repreender pela minha insolência, mas ao invés disso ele... sorri. Como um assassino em série, porra, meu pai sorri.

—Eden, não quero isso para você. Nunca quis isso para você. Eu tinha a esperança de poupá-la dessa vida, muito antes de Satanás afundar suas garras em você. Passei a maior parte da *minha* vida tentando encontrar uma maneira de salvar a *sua* vida.

—Eu não quero ser salva, — digo inexpressivamente.

—Nem mesmo para ter uma segunda chance com sua mãe? Ou a oportunidade de conhecer um homem bom, que possa te amar? Casar com você? Envelhecer com você?

Não, eu não queria essas coisas... porque nunca soube que existiam. Mas, agora que ele as pronunciou, não posso deixar de reconhecer o buraco em meu peito onde a esperança viveu em algum momento.

Da última vez que vi minha mãe, ela me disse que gostaria que eu nunca tivesse nascido. Disse que desejaria ter cortado minha garganta, em vez de meu braço, quando tentou me tirar de seu ventre com uma faca de cozinha. Disse que eu era a causa de todas as coisas terríveis que já haviam acontecido com ela, e que nunca iria me perdoar por isso enquanto vivesse.

Então, depois de cuspir seu ódio em minha direção, ela olhou para mim com os olhos vidrados e perguntou: —Quem é você?

Eu nunca mais voltei ao hospital depois disso.

—Não há segundas chances, — afirmo, cravando sem pensar minhas unhas na mesa, já bastante marcada pelo tempo e pelo uso.

—Há sempre segundas chances para Cristo, Eden, — Rev declara, sorrindo suavemente. —Tudo o que você fez, todo o ódio e a raiva que sente... tudo isso pode ser expurgado. Você pode começar de novo, e viver sua vida do jeito que Deus planejou. Não é tão tarde: você ainda pode viver a vida que sempre quis ter. Pode ir para a faculdade, perseguir seus sonhos. Pode viajar o mundo e andar pelas ruas sem ter que olhar por cima do ombro. E nós, você e eu, nós podemos finalmente começar a conhecer um ao outro. — Ele estica o braço sobre a mesa e coloca uma mão suave e quente sobre a minha. Lágrimas brilham em seu olhar terno. —Eu posso estar aqui para você, como sempre deveria ter estado. E, desta vez, não vou te deixar, querida.

Eu encaro seus olhos idênticos aos meus por um longo momento antes de afastar minha mão. —É tarde demais.

—Nunca é tarde demais, Eden, — ele insiste. —Você ainda é jovem. Tem muito para viver. Não jogue tudo fora por um demônio que nunca terá a capacidade de te amar. Que nunca será capaz de dar-lhe uma vida normal, segura. Que vai te assistir envelhecer ano após ano, enquanto permanece inalterado. Você acha que ele vai querer as mesmas coisas que você, quando você estiver pronta para se estabelecer? Ele é inerentemente mau. Ele só conhece carnificina e dor.

Balanço a cabeça furiosamente. —Você não o conhece.

—Não, Eden. Ele é quem não te conhece. Ele não sabe o que é ser humano. Para ele e sua espécie, você é como um animal de estimação. Um pequeno cãozinho para brincar quando estão entediados. Eles estão apaixonados pela sua vulnerabilidade. Isso é fascinante para eles, mas ainda é apenas um mero entretenimento. Você acha que eles vão vê-la como uma igual? Como uma deles? Não. Eles a mantêm ao redor porque a imortalidade tem provado ser tediosa. E, quando se cansarem de você, vão encontrar outra coisa com a qual ocupar seu tempo. Legion, especialmente.

—Você está errado. Você não o conhece, — repito.

—Bem... eu pelo menos sei qual é a única coisa que ele quer mais que você. Até mesmo mais que Adriel.

—E o que seria isso? — Eu enrugo a testa, pronta para acabar com essa merda: não há como ele saber o que Legião quer.

—Sua salvação. E eu tenho uma maneira de dar isso a ele.

Tento desesperadamente mascarar minhas feições e parecer impassível, mas por dentro estou gritando. A salvação de Legion? Ele poderia realmente encontrar seu caminho de volta? Poderia ser ele mesmo novamente?

Ele percorreu a Terra durante séculos. Lutou por sua própria espécie para provar que é honrado. Orou e pediu e sangrou por penitência por cada pecado cometido e por cada alma perdida coletada. E, se Rev estiver certo, pode haver uma maneira de limpar a lousa. Uma forma de despir a dor e a auto aversão, e transformá-lo no que ele foi uma vez.

Mas a que custo?



Parecendo arrancar a pergunta certa da minha cabeça, Rev continua. —O que você acha que ele escolheria, se tivesse escolha? Você, ou a coisa que está procurando desde o início da humanidade? Você sabe a resposta, Eden. Salvação é tudo que ele sempre quis. Você foi apenas um desvio ao longo do caminho.

Abro a boca para refutar suas afirmações, mas as palavras fracassam e morrem em minha língua. Como posso competir com isso? Essa pode ser a última e única chance de redenção para L. E, depois de tudo que ele fez, tudo que sacrificou, por que eu tentaria ficar no caminho?

Este poderia ser o início da minha própria jornada para a salvação. Este ato altruísta poderia ser meu próprio recomeço. Eu tenho tanta coisa pela qual buscar o perdão, tantos pecados para me arrepender, tantos crimes para reparar. Este poderia ser o início da recuperação da minha alma.

— Eu preciso vê-lo, — digo.

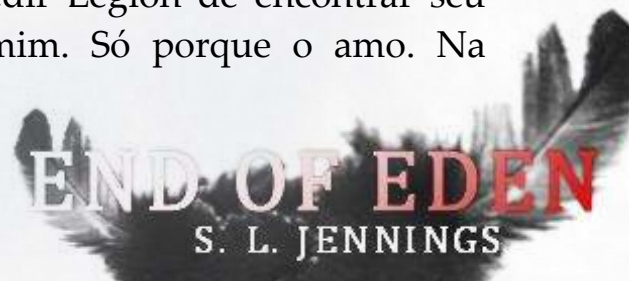
— Infelizmente, isso não é possível. — Rev oferece um sorriso solene como pedido de desculpas.

Faço uma carranca. — Por que não?

— Porque ele vai tentar convencê-la a sair. Ele está tão cego pelo ódio que sente pela Aliança que não será capaz de ver que isto é o melhor para você. Se ele realmente te amasse, se realmente se importasse com você de algum jeito, seria capaz de colocar esse rancor mesquinho de lado e fazer o que é certo. Ele a deixaria ir. Permitir-lhe-ia viver uma vida segura, normal, livre de demônios e feiticeiros e do resto dos males de seu mundo. Se Legion fosse capaz de te amar, ele deixaria você ter a vida humana que merece.

Eu olho em volta da pequena sala apenas para dar a meus olhos algo para fazer. Porque, se me atrever a olhar através dessa mesa e ler a pena gravada no rosto do meu pai, sei que não serei capaz de me controlar. Não serei capaz de continuar com esta farsa de garota durona e destemida que lutaria até a morte antes de desistir. Eu não sou essa garota. Não chego nem perto. Porque agora, enquanto as palavras de Rev ecoam em minha cabeça, eu quero desistir. Quero ceder e deixar a maré da derrota me puxar para baixo, até que eu esteja flutuando, sem peso... sem fôlego, em um mar de tristeza.

Não posso negar-lhe isso. Não posso impedir Legion de encontrar seu destino só porque quero mantê-lo perto de mim. Só porque o amo. Na



verdade, é justamente porque o amo que... tenho que deixá-lo ir. Mesmo que ele seja incapaz de sentir o mesmo, eu vou deixá-lo ir, e vou passar o resto dos meus dias humanos o amando o suficiente por nós dois.

—Diga-me o que você quer que eu faça, — falo através das lágrimas sufocando minha garganta.

—Não é o que eu quero que você faça, Eden. É o que podemos fazer por você. — Mais uma vez, sua mão se aproxima e descansa em cima da minha. Desta vez, porém, eu não o afasto. —Há alguém que quer conhecê-la. Alguém que pode apagar o mal dentro de você, extrair o anjo caído, e dar-lhe sua vida de volta. Você pode ir para longe daqui como uma nova pessoa, livre das amarras do medo e do ódio.

Eu finalmente me permito olhar para ele. —Isso não vai me matar? Extrair o anjo?

—Se for feito pelas mãos dos malignos? Sim.

—E pelas mãos de um ser humano? Não seria fatal, então?

Ele balança a cabeça. —É preciso um ser todo-poderoso para exorcizar um anjo de seu hospedeiro escolhido. Um ser humano tentar realizar o ato certamente mataria o hospedeiro e a si mesmo.

—Então, como? Como isso deveria me convencer a confiar em você? Quando você já me provou que esta é uma missão suicida?

Rev se inclina para frente, excitação brilhando em seus olhos selvagens. —Porque não serei eu a puxar esse anjo para fora de seu corpo, Eden. *Eles estão aqui*. Na terra. Eles me prometeram... eles prometeram que iriam voltar, e voltaram. E agora virão por você.

—Quem está aqui? — Sussurro com um toque de terror em minha voz. Eu sei a resposta, mas preciso ouvi-lo dizer. Preciso saber que o que nós suspeitávamos era verdade. Que cada coisa ruim que aconteceu foi porque eles permitiram. Porque eles deliberadamente nos deixaram sofrer.

Tento afastar minha mão, mas ele a aperta com força suficiente para fazer meus ossos estralarem. —O Serafim. Os Serafins estão vindo, minha cara. E eles vão consertar as coisas. Vão afastar sua dor, sua confusão. Com a graça de Deus, vão deixá-la inteira novamente.

Inteira novamente.



Afinal, o que isso quer dizer?

Eu nunca fui inteira. Quando ele foi embora antes de eu sequer tomar minha primeira respiração, ele levou um pedaço de mim. Quando minha mãe cravou uma faca em seu estômago e tentou acabar com a minha vida, ela cortou um pedaço de mim. Quando fui espancada, intimidada e degradada, perdi pedaço após pedaço de mim. E, quando vi Legion lá sentado, seus braços e pernas presos com prata e cobertos de veneno de anjo, me observando segurar a mão de Lúcifer, deixei para trás o maior pedaço, o pedaço mais importante de mim.

Sou e sempre fui apenas o fragmento de uma menina. Talvez esta seja minha chance de finalmente ser algo mais.

— E ele vai ficar bem? Legion? E Crysis? O que vai acontecer com eles?

— Enquanto você cooperar, tudo ficará bem. Eden, uma vez que tudo isso acabar, ficaremos melhor do que estamos agora. Nós vamos ter exatamente o que queremos. E então, se for isso mesmo que você quer, poderá verificar se ele ainda te quer.

— O que isso quer dizer? — Enrugo a testa.

— Ele não será o homem, o demônio, que você conhece. E Adriel assumirá sua própria forma. Você estará livre dela. Eu me pergunto... será que Legion ainda irá te querer, então? Agora ele é apenas um passo acima de humano. Mas o que ele era antes... o que ele será novamente...

Ele não tem que terminar o pensamento. Eu sei exatamente onde ele quer chegar. Uma vez que Legion restaurar sua antiga glória angelical, ele não vai mais me querer. Não quando voltará a ser indestrutível, formidável e devastadoramente belo. Não quando voltar a ter aquelas asas majestosas que foram rasgadas de suas costas antes dele ser lançado ao inferno. Não quando tiver Adriel de volta.

Mas não posso ser egoísta com ele. Não posso mantê-lo preso aqui, na Terra, como algo que nunca foi concebido para ser, só porque tenho medo de ficar sem ele. Não apenas medo, *pavor*. Medo de que ele vá escolhê-la em vez de mim. Completamente, severamente com medo de que tudo isso terá sido em vão, e que eu vou me tornar o que sempre me senti ser, bem lá no fundo: apenas um pequeno grão de poeira flutuando em seu céu cheio de estrelas radiantes.



Levanto meu queixo e engulo o que restou do meu orgulho quebrado. — Quando começamos?

Rev não tem sequer a decência de esconder seu entusiasmo óbvio. — Amanhã à noite um evento celestial raro ocorrerá. Haverá um eclipse solar total, juntamente com a passagem de um cometa. Isso criará o equilíbrio perfeito de energia para que a transferência ocorra, energia que atrai apenas o tipo mais poderoso de anjo.

—O Serafim, — digo baixinho.

—Eles vão saber. Eles virão por você. E vão ferir qualquer um que ficar no nosso caminho. Essa é a vontade de Deus.

Eu ranjo meus dentes em contrariedade. —Assim como tentaram *ferir* minha irmã? Ou essa foi apenas a Vontade de Deus, também?

—Não sei do que você está falando, — ele diz, inexpressivo, seu rosto não mostrando nada.

Mentiroso do caralho.

Eu não deveria confiar nele. Não deveria acreditar nem em uma maldita palavra do que ele diz. Mas, se eu não concordar com isso, quem sabe o que eles vão fazer para L. Inferno, eles já podem tê-lo espetado com uma lâmina encharcada de veneno de anjo.

E Crysis... Eu não o conheço bem, mas me importo o suficiente com ele para não querer vê-lo morto. Ele estava disposto a lutar por mim. Estava preparado para trair a irmandade que o criou para fazer a coisa certa, e isso conta para alguma coisa. E, para ser honesta, ele não é um cara mau. Se tivéssemos nos encontrado em outro momento, em outra vida, ousa dizer que provavelmente teria me atraído por ele. Isto é, se eu tivesse sido outra pessoa: alguém otimista e brilhante e radiante.

É tarde demais para mim. Mas não é tarde demais para ele. Nem para Legion. Nem mesmo para minha irmã. Depois que tudo isso acabar, e o Serafim tiver Adriel de volta, eles não me verão como uma ameaça. Eu vou ser deixada em paz para viver minha lamentável e sem importância vida humana, sem ter que olhar por cima do ombro a cada cinco minutos. Minha irmã poderá se concentrar em se curar sem a ameaça de outra bomba. Cada coisa ruim que aconteceu, cada coisa que prejudicou as pessoas que eu amo,

aconteceu por minha culpa, e por quem eu sou. Esta é a minha chance... minha chance de consertar as coisas. Não tenho outra escolha.

Estendo a mão trêmula do outro lado da mesa. Meus dedos tremem contra a umidade do ar frio.

A esta hora, amanhã, serei uma garota comum.

Sem Chamado.

Sem Adriel.

Sem Legion.

Então, por que parece que estou prestes a vender minha vida ao assinar na linha pontilhada?

O Se7en lutou por mim, morreu por mim, sangrou por mim. E agora é a minha vez de retribuir o favor.

—Temos um acordo.

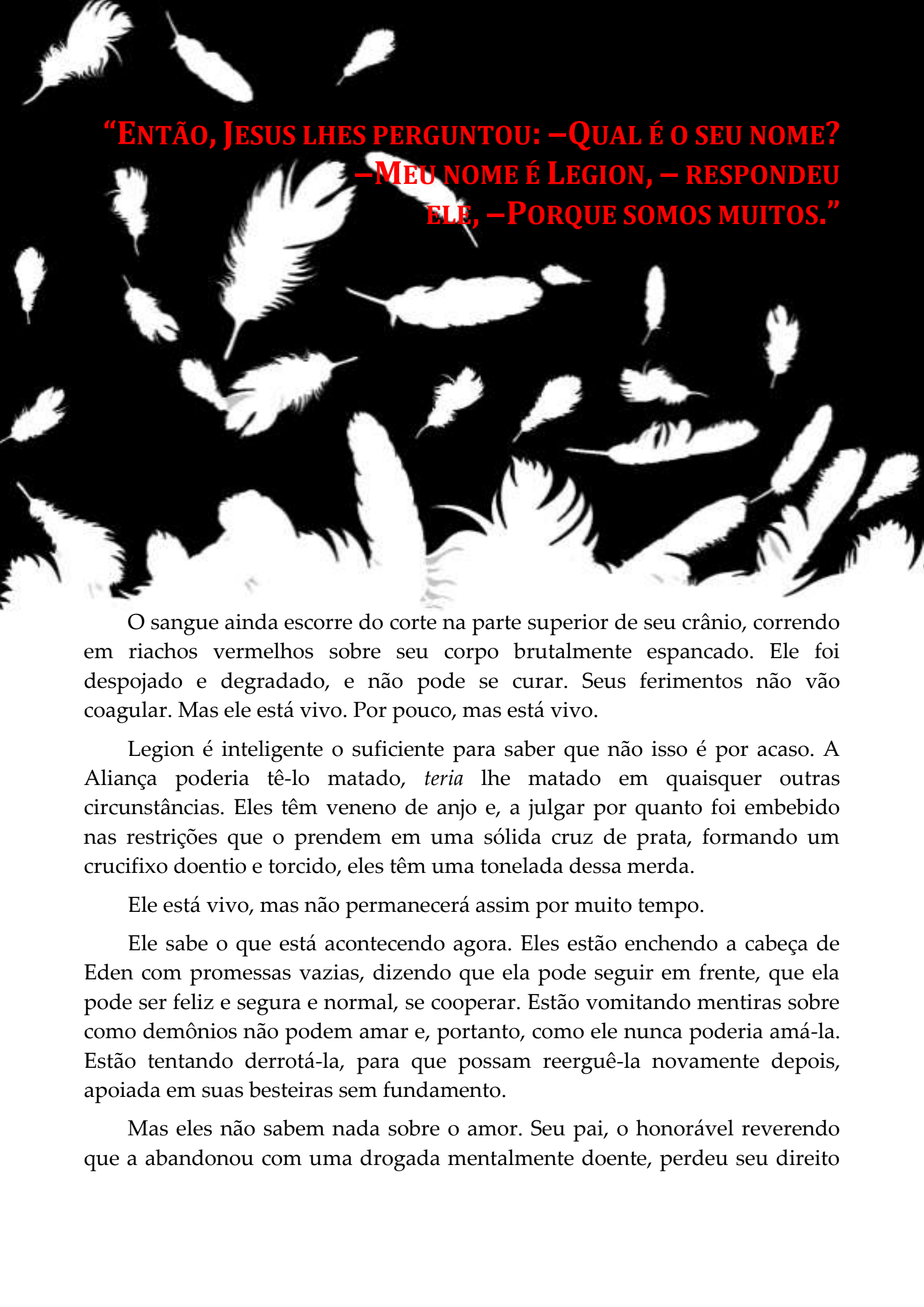
—Maravilhoso, minha querida filha. Eu sabia que você faria a escolha certa.

A expressão de meu pai se transforma em alegre malícia quando ele encaixa a palma da sua mão contra a minha. No instante que sua pele toca a minha, uma luz ofuscante e brilhante dispara de nossas mãos, as engolindo em chamas brancas. Queima tanto que a dor lancinante sufoca os gritos em minha garganta. Eu tento me afastar, mas estou completamente paralisada em agonia e medo. Apenas meus olhos grandes e aterrorizados podem assistir com horror quando o sorriso de Rev se alarga, provocando outra explosão de luz. Ele abre a boca para falar, e eu tenho que fechar minhas pálpebras para impedir que minhas retinas queimem.

—*Adriel...* — ele murmura com uma voz que eu nunca ouvi. Uma voz que não é humana. Como uma música bonita que foi riscada e distorcida, mas que posso entender. Eu posso ouvi-lo, mesmo que o próprio som faça com que meu cérebro pulse e doa dentro do meu crânio. Tento gritar, mas minhas cordas vocais estão congeladas. Nem mesmo meus lábios tremem de medo.

—*Adriel,* — ele diz novamente, provocando uma onda de náusea em meu estômago. —Nós nos encontraremos novamente. Em breve, meu amor. Você não pode fugir de mim. Nós ficaremos juntos. *Seu* demônio não pode salvá-la agora.

Então, felizmente, a dor dá lugar a inconsciência, e eu desmaio. O fantasma daquela luz ofuscante está gravado em meus olhos, roubando-me a paz e a segurança da escuridão. Não há noite em meu sono. Eu não posso mais ver as estrelas.



**“ENTÃO, JESUS LHES PERGUNTOU: –QUAL É O SEU NOME?
–MEU NOME É LEGION, – RESPONDEU
ELE, –PORQUE SOMOS MUITOS.”**

O sangue ainda escorre do corte na parte superior de seu crânio, correndo em riachos vermelhos sobre seu corpo brutalmente espancado. Ele foi despojado e degradado, e não pode se curar. Seus ferimentos não vão coagular. Mas ele está vivo. Por pouco, mas está vivo.

Legion é inteligente o suficiente para saber que não isso é por acaso. A Aliança poderia tê-lo matado, *teria* lhe matado em quaisquer outras circunstâncias. Eles têm veneno de anjo e, a julgar por quanto foi embebido nas restrições que o prendem em uma sólida cruz de prata, formando um crucifixo doentio e torcido, eles têm uma tonelada dessa merda.

Ele está vivo, mas não permanecerá assim por muito tempo.

Ele sabe o que está acontecendo agora. Eles estão enchendo a cabeça de Eden com promessas vazias, dizendo que ela pode seguir em frente, que ela pode ser feliz e segura e normal, se cooperar. Estão vomitando mentiras sobre como demônios não podem amar e, portanto, como ele nunca poderia amá-la. Estão tentando derrotá-la, para que possam reerguê-la novamente depois, apoiada em suas besteiras sem fundamento.

Mas eles não sabem nada sobre o amor. Seu pai, o honorável reverendo que a abandonou com uma drogada mentalmente doente, perdeu seu direito

de amá-la a vinte e dois anos atrás. E agora, ele está machucando-a mais uma vez. Estuprando seu espírito e bondade, pois verdade seja dita, só assim ele poderá matá-la. Porque é isso que vai acontecer se Legion não chegar a Eden a tempo. Rev vai matar sua própria filha.

Legion luta contra as restrições, e o som de carne chiando enche o quarto pequeno e escuro. Ele pode cheirar sua própria pele enquanto ela queima, e se tivesse forças para vomitar, estaria sufocando em sua bile nesse exato momento. Ele não pode nem mesmo gritar, pois sua garganta está muito crua e arranhada para fazer algo mais que ofegar através de dor. Não vai demorar muito agora: uma vez que consigam coagir Eden a concordar com seus termos, não vão mais precisar dele.

Ele quase não tem energia suficiente para levantar a cabeça quando ouve a pesada porta de aço abrir, permitindo que a luz fraca inunde seu minúsculo calabouço. De cabeça baixa e mãos apertadas, uma pequena figura em silêncio se aproxima.

É isso. Eden cedeu mais rápido do que ele pensava. Talvez eles a tenham torturado como fizeram com ele. Ele não ficaria surpreso, considerando que sua própria carne e sangue quer servi-la em uma bandeja de prata ao molho de veneno de anjo. Digamos apenas que L não se surpreenderia se a Aliança tivesse retomado seus antigos caminhos arcaicos.

O que significava que ele já estava atrasado.

Ele luta contra as restrições mais uma vez, gastando sua última reserva de energia e fazendo com que a corda de prata rasgue sua pele já mutilada. Ele está além do sofrimento, mas a dor é secundária perto do medo que ele sente pela mortalidade de Eden. Ele prometeu salvá-la ou morrer tentando. Este é ele... morrendo de vontade de salvá-la.

A pequena figura se esgueira até ele, chegando perto o suficiente para que ele possa sentir o cheiro do medo exalando debaixo de seu capuz. Ele reconhece o cheiro, e instantaneamente se acalma.

É uma mulher.

Mas não qualquer mulher.

É a mãe de Eden.



Ele abre a boca para questionar sua presença: será que eles realmente tinham enviado a mãe de Eden para matá-lo? Mas as palavras desmoronam como cinzas em sua garganta.

—Salve sua força, demônio, — ela sussurra asperamente, abrindo as mãos e revelando um pequeno saco escuro. Em seguida, com dedos trêmulos, mas ainda rápidos, ela solta o laço do embrulho e revela uma besta dourada com chifres, olhos de diamantes brilhantes e uma pedra vermelho-sangue presa atrás de presas bem afiadas. Ela pesa o medalhão em sua mão por um momento, contemplando sua beleza grotesca, antes de se aproximar na ponta dos pés. —Você vai precisar disso.

No segundo em que o pingente cai sobre a pele de Legion, o próprio chão debaixo deles ressoa com a trepidação. A mãe de Eden tropeça para trás, assistindo com horror quando o peito de L se abre e engole o monstro de olhos de diamante inteiro, envolvendo-o em um túmulo de sangue e ossos antes de voltar a fechar-se suavemente, sem deixar marcas. Ele se torce e contorce na cruz de prata, as cordas arrebetando como galhos. Ele arqueja e geme enquanto um poder magnífico flui através de seu corpo, cauterizando suas feridas e infectando seu sangue com a magia solidificada.

Quando os tremores sob seus pés cessam, Legion cai no chão, nu e ofegante. Ele planta um pé descalço no chão de pedra fria, e depois o outro, erguendo o corpo glorioso e pairando assustadoramente acima do corpo trêmulo da mãe de Eden. Ela traz os dedos trêmulos aos lábios, assustada e sem palavras para descrever o homem, o *monstro*, que está parado diante dela.

Não há nenhuma redenção brilhando em seus radiantes olhos de diamante. Nenhuma graça ou misericórdia existe em seu rosnado canino.

Ele é o poder.

Ele é a dor.

Ele. É. Legion.

E depois de séculos adormecido, o animal acaba de ser despertado.



**“E NÃO É SURPRESA, POIS MESMO SATANÁS
SE DISFARÇA DE ANJO DE
LUZ.”**

Um sorriso satisfeito enrola seus lábios sensuais enquanto ele examina o mural brutalmente belo que abrange a parede de seu estúdio. Ele passou horas olhando para ele, lembrando-se de um momento em que sentiu algo mais do que tédio. Esperança. Alegria. Fúria.

Faz tanto tempo que algo o motivou. Ele estava cansado até mesmo de suas próprias palhaçadas. Punir os ímpios já não o excitava. Não despertava o desprezo e a dor que ele ainda tinha em seu coração.

Até agora.

As coisas foram se encaixando, assim como ele esperava. Mas, a que custo? A destruição da humanidade? A morte da única menina que assombrava cada um dos seus pensamentos?

Puta que pariu.

Ele não desistiria assim. Não sem lutar. Mesmo que não fosse ele aquele que realmente estaria lutando.

Três batidas contra a porta sinalizam que seu convidado chegou, mas ele não se vira. O outro homem limpa a garganta, mas ele ainda não reconhece sua presença.

—Você queria me ver?

Lúcifer sorri para si mesmo. —Sim.

—Para...?

Com olhos pretos da cor do abalone, ele se concentra na parte do mural que narra o conto dos Quatro Cavaleiros do Apocalipse.

Peste.

Guerra.

Fome.

Morte.

Realmente, é uma bela história, ele divaga. Mas, como a maioria das histórias, os detalhes são um pouco sombrios. Ainda assim, tinha muito potencial, e agora que todos os jogadores estavam se alinhando, talvez fosse a hora. Seu Pai não ficaria satisfeito, mas, novamente, quando ele já deu a mínima sobre agradar seu Pai?

No entanto, ele esperaria, como sempre fez. Ele esperaria, e planejaria, e esquematizaria.

—Nikolai, eu tenho uma tarefa para você, — Lúcifer finalmente diz, ainda de costas para o bruxo confuso. —Preciso que você volte ao reino humano.

—Ao reino humano? Para quê?

Lúcifer se vira agilmente para enfrentar o homem igualmente impressionante com diversão em seus olhos. —Quero que você ajude o Seten e lute em meu nome. Quero que lute por Eden.

Nikolai franze a testa, confusão estragando seus traços etéreos. —Por que você mesmo não luta por ela? Você poderia parar tudo isto antes mesmo de efetivamente começar.

—Porque eu me recuso a lutar por alguém que não me quer, — responde Lúcifer com mais força do que pretendia. Ele limpa a garganta antes de continuar, substituindo o tom de raiva por algo ainda mais cru. —Não vou lutar por ela só para vê-la correr de volta para os braços *dele*.

Nikolai acena uma vez, entendendo o toque de vulnerabilidade no tom de Lúcifer. Ainda assim, ele contrapõe: —Você sabe que eu não posso. Stavros se ancorou a mim. Se você me mandar de volta, ele poderá sair também.

—Não é problema meu, — Lúcifer encolhe os ombros. —Você queria me desafiar e ajudar a menina, agora aqui está sua chance. Faça-a sobreviver, e então estará livre para ficar na Terra com sua família. Falhe, e você é meu. Pela eternidade. E, infelizmente para você, sua estadia será permanente se retornar.

Uma sombra cai sobre o rosto de Lúcifer, o turbilhão de seu olhar o fazendo parecer ainda mais ameaçador. Ele não está mentindo. Se Nikolai falhar, Lúcifer tomará como sua missão pessoal fazer o fogo do inferno arder sobre ele. Nikolai o traiu, e ele deixou. Não porque é fraco ou suave, mas porque realmente gostava do jovem príncipe sombrio, e admirava sua coragem. Mas, Lúcifer não hesitaria em esfolar cada pedaço de pele de seus ossos se ele testasse sua paciência novamente.

—Vá agora, — diz Lúcifer. —Mas saiba que, se você tentar me enganar, vou ter um grande prazer em deixar meus guardas encontrarem seu sobrinho querido. Um menino tão lindo...

Furiosos, os olhos azuis de Nikolai mudam para um tom sombriamente estranho. Ele baixa sua cabeça apenas uma vez, sua língua muito carregada com palavras venenosas para responder à ameaça perversa.

Com passos medidos, ele se vira e se retira da sala. Ele sequer respira até deixar a suíte, e nem sequer pisca até que esteja a vários metros de distância. Mas, quando Nikolai se afasta, deixando Lúcifer com sua covardia e auto aversão, um sorriso dissimulado desliza sobre os lábios cheios e belos do bruxo, e um brilho malicioso inflama dentro de suas deslumbrantes íris azuis.

Todos esses anos sendo agradável e submisso finalmente valeram a pena, e Lúcifer acabara de assinar seu perdão.

O Skotos mais novo estava de volta.

Continua...



E então, PoisonCats,
gostaram do livro?

A pergunta que deverá ser
respondida para participar do
quizz de hoje é:

**QUAL O NOME COMPLETO E
APELIDO DO PAI DA EDEN?**

A primeira pessoa que comentar a
resposta correta no post de lançamento
desse livro no Poison ganhará nosso
próximo lançamento antecipado. Ahn, e
não se esqueça de marcar o Merlin Cat
para validar a resposta.

Boa Sorte!!





AGRADECIMENTOS

Este livro tentou me matar. Não literalmente, embora às vezes eu tenha me sentido assim. No entanto, houve algumas pessoas-chaves que me puxaram, me espanaram, e tiveram a certeza que eu terminasse End of Eden. Mesmo quando o enredo me machucou. Mesmo quando eu não achei que poderia terminar.

Minha família, que continua a apoiar-me com paciência e amor. Houveram várias viagens, uma série de noitadas e um monte de roupa suja. Ainda assim, vocês marcaram presença e fizeram com que todos nós fôssemos cuidados. Eu os amo mais do que as palavras podem expressar.

Meus amigos, que suportaram toda a minha putaria, auto aversão, e frustração, e ainda assim não me estrangularam. Sua bondade e encorajamento me deram forças para continuar. Devo-lhes todas as muitas e muitas bebidas que prometi.

Meu PA, Mo Systma, de quem eu não poderia viver longe nem se tentasse. Nada seria feito sem você. Nenhuma palavra seria escrita se você não estivesse nos bastidores, certificando-se de que eu não sucumbi ao estresse e a ansiedade. Sua dedicação, bem como sua amizade, são inestimáveis.

Meus leitores, que me fazem ser quem sou. Seu apoio significa o mundo para mim, e eu sou tão incrivelmente grata a todos vocês. Obrigada para lutarem por mim ao longo dos anos, transformando minha vida em um livro tão interessante. Espero que continuem a permitir-me entretê-los com minhas histórias.

Meus grupos, Jonesin' for S.L. Jennings e The Unicorn Squad, que são os apoios mais surpreendentes que uma garota poderia pedir. Muito obrigada pelas ações, pelos comentários, pelas mensagens, pelas provocações, pelos tweets... obrigada por tudo. Eu amo vocês!

Kristina e Steven Lowe, meus modelos de capa que são mais como minha família. Eu amo vocês, caras. Muito obrigada por serem as belas almas generosas que são. Vocês estarem nas capas torna muito mais especial para mim.

Susan, da Mika Reyes Photography, que teve a chance e foi tão impressionante em trazer meus personagens à vida. Você tem talento, menina, talento bruto e real, e espero que mais do mundo experimente seu incrível trabalho.

Maud, que foram os gênios criativos por trás de Éden e L. Do cabelo a maquiagem e até o guarda-roupa, vocês fizeram as fotos exibirem um sonho. Tudo foi perfeito, e eu não posso agradecer o suficiente por sua perícia e profissionalismo.

Kara Hildebrand, que abordou a edição como uma campeã, mesmo eu tendo te dado apenas 5 minutos para tanto, lol. Muito obrigada por todo seu trabalho duro. Você sabe que está presa comigo!

Stacey, da Champagne Formats, que é uma deusa criativa quando se trata de formatação. Muito obrigada por tudo. Seu trabalho sempre me surpreende, e vou continuar a elogia-la. Mal posso esperar para conhece-la pessoalmente!

Hang Le, a rainha das capas. Eu juro, você sabe exatamente o que eu quero sempre, o tempo todo. Fico sempre tão impressionada com sua visão, e com quanto amor coloca em cada capa que faz.

Meus leitores beta, que largaram tudo para segurar minha mão durante esta história. Eu valorizo cada um de vocês, e sou grata por sermos amigos. Obrigada por estarem por perto quando precisei de vocês.

E você.



Sim você.

Que está lendo estas palavras.

Você é impressionante.

Obrigada.

—S